

HOJE.

CARLOS CHAGAS

"Assistiremos a uma minireforma ministerial, no começo do próximo ano, empreendida pelo Presidente João Figueiredo com o duplo objetivo de retificar algumas peças de sua equipe e, ao mesmo tempo, de dar ao PDS maior representação e responsabilidades de Governo". (página três)

ALBERTO DINES

"Menos de uma semana depois da viagem ao Chile, onde pretendia-se tirar o Pinochet do seu isolamento oferecendo-lhe um modelo mais brando, o Governo Figueiredo mostra face tão rigorosa quanto a de seu anfitrião de há pouco". (página dois).

FERNANDO MELO

"A melhor definição para Geni é que ela não luta pela liberdade, ela vive a liberdade. Esse é, sem dúvida, o espírito da música de Chico Buarque, Geni e o Zeppelin". (página dois)

ALFIO PONZI

"O brasileiro sempre foi dado às fugas. A compra e venda de esperança sempre foi gênero de primeira necessidade. No final dos anos vinte João Belo pontificava na Rua Maciel Pinheiro, com sua banca de bicho, e nos fundos funcionava uma linda roleta, onde as f...as mais respeitáveis trocavam dinheiro por fichas". (página dois).

Camucim:

Direito está com os agricultores



O secretário Geraldo Navarro visita Camucim e assegura direito aos trabalhadores rurais

Estado adotará expediente único a partir de amanhã

A partir de amanhã, todas as repartições públicas e autarquias estaduais passarão a adotar o expediente único, das 12 às 18 horas, obedecendo determinações do governador Tarcísio Burity, baixadas através de decreto divulgado na última sexta-feira.

Apenas os órgãos ligados à Segurança Pública, estabelecimentos de ensino e penitenciários, setor de saúde, atividades fiscais, serviços públicos essenciais e de campo não foram atingidos pelo decreto, mas o titular de cada uma dessas pastas recebeu ordens do chefe do Executivo no sentido de definir as respectivas jornadas de trabalho dos seus servidores.

O decreto, que tomou o número 8.746, estabelece, ainda, que os servidores da administração direta e autárquica, regidos pela CLT, ficarão sujeitos, provisoriamente, ao novo horário, até que seja definida, pelo Governo Federal, a jornada de trabalho relativa ao pessoal de igual categoria.

RACIONALIZAÇÃO

As medidas adotadas pelo governador, durante reunião realizada na Cinep, sexta-feira, da qual participaram todos os secretários, o segundo escalão do Governo e alguns representantes da classe política, objetivam racionalizar combustível e conter despesas outras. Amanhã mesmo, 300 dos 580 veículos oficiais serão recolhidos e isto vai proporcionar ao Estado uma economia de Cr\$ 42,2 milhões por ano, no mínimo, considerando-se que a despesa com combustível, consertos e peças, de janeiro a setembro, chegou a Cr\$ 35 milhões. Segundo informações do Governo, o Estado terá uma economia mensal de Cr\$ 3.520.000,00.

Os 300 veículos que serão recolhidos amanhã, vão ser alienados. Ficam em atividade apenas os automóveis de representação e de serviço, de Segurança Pública, de atendimento de emergência, de carga e militares, sendo que cada um terá uma cota diária de apenas 10 litros de gasolina.

Programa a bem do consumidor chega a Manaíra

A primeira unidade do Programa de Defesa do Consumidor, em Manaíra, estará em funcionamento no máximo até o dia 15 do próximo mês, em área que já está sendo devidamente preparada, com infraestrutura para o desenvolvimento normal das atividades.

O programa, que faz parte da política de abastecimento de gêneros alimentícios implantada pelo Governador Tarcísio Burity e executada pela Secretaria de Agricultura, através da Ceasa-Pb, permitirá, inicialmente, a organização de uma feira semanal em Manaíra, com duração de 4 horas, em ambiente supervisionado pela Ceasa e Sesur, de modo a evitar a afluência de comerciantes não credenciados, sob os quais não teria a Empresa qualquer ingerência no que diz respeito a preços e qualidade dos produtos.

Segundo o diretor-presidente da Ceasa-Pb, agrônomo Glaucio Siqueira de Brito, a empresa já conta com o equipamento necessário ao funcionamento desta primeira unidade do Prodec, aguardando apenas a conclusão das obras para que as atividades sejam iniciadas, proporcionando feiras semanais aos habitantes daquele importante bairro.

Exames começam na Paraíba com 449 candidatos

Começaram ontem em João Pessoa e Patos os Exames de Suplência Profissionalizante para os cursos de Auxiliar de Enfermagem, Eletrotécnica e Corretor de Imóveis, com a participação de 449 candidatos. Na Capital, os exames foram realizados na Escola Técnica Federal da Paraíba e em Patos no Colégio Estadual Pedro Aleixo.

Segundo o diretor adjunto do Ensino Supletivo, professor João Gomes da Costa, o número de participantes é considerado bom, uma vez que a procura de inscrições no Departamento se eleva dia a dia. As provas constaram de 30 a 50 quesitos, com uma redação apontada como excelente, de acordo com o pronunciamento de alguns candidatos.

Os cursos de Suplência Profissionalizante são coordenados pelo governo do Estado, através da Secretaria de Educação e Cultura. O calendário prevê para o dia 25 deste mês provas de Enfermagem em conhecimentos de Saúde Pública, Higiene e Profilaxia, técnica de Enfermagem Cirúrgica e Socorro de Urgência; dia 26, Ética e História da Enfermagem e Anatomia e Fisiologia Humanas. Em Patos, nos dias 6, 7, 9 e 11, as provas de Fundamentos de Enfermagem, inclusive para a capital.

CNBB acha que STF cumpriu o seu papel

"Essa foi a primeira vez que o Supremo Tribunal Federal concedeu uma liminar contra um ato do presidente da República. Este é o grande acontecimento em relação à suspensão da expulsão de padre Vito" considerou ontem o presidente interino da CNBB, D. Celso Queiroz.

D. Celso manifestou sua esperança que o STF ao julgar o pedido de habeas corpus em favor do padre Vito Miracópulo, não se atenha só à formalidade jurídica do processo de expulsão, mas entre no mérito. "Se eles apreciarem o mérito, ou seja, se julgarem se o padre Vito ou não nocivo ao país, tenho certeza que a resposta será: não é nocivo. Mas, se aterem apenas à formalidade jurídica, não sei qual poderá ser o resultado, porque o governo deve ter-se estruturado bastante bem na Lei, que é arbitrária".

O presidente interino da CNBB manifestou sua esperança em que o STF suspenda definitivamente o processo de expulsão do vigário italiano, pois acha que "a justiça enobreceria o Brasil se assim agisse" e que a imagem do país "cresceria, dessa forma na vista de toda a comunidade internacional".

Afirmando que não se encontrava ali para defesa dos interesses de nenhum grupo, mas para dar cumprimento a uma decisão judicial, o secretário da Segurança Pública, Geraldo Amorim Navarro esteve na última sexta-feira na Fazenda Camucim a fim de observar a área de conflito entre agricultores e proprietários.

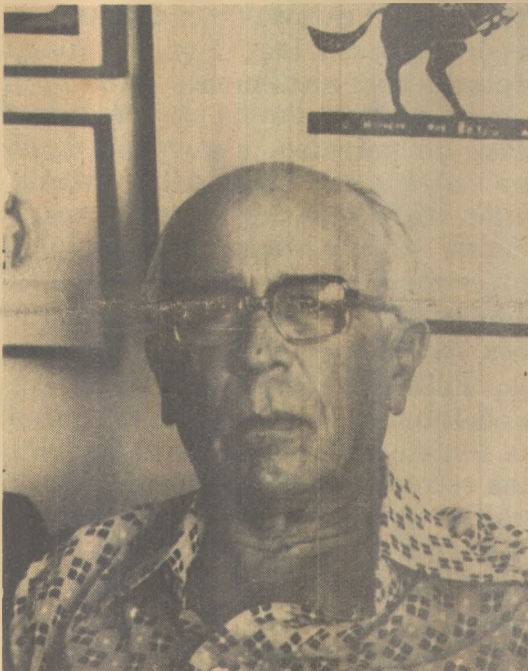
Geraldo Navarro foi recebido por mais de 50 agricultores, além do presidente da Fetag, sr. Alvaro Diniz e o advogado Júlio Cezar, ocasião em que relataram as divergências existentes naquela área.

Durante as quatro horas que lá permaneceu, o titular da SSP constatou que houve cerceamentos dos direitos dos agricultores: plantação de cana na área de litígio, bloqueio de uma estrada que é de uso público, e a presença de vigias.

"Logo que cheguei na área de conflitos encontrei uma atmosfera bastante adversa aos camponeses" - disse o secretário, determinando a imediata retirada das estacas que bloqueavam a estrada, além de abrir sindicância para apurar quem andou efetuando prisões ilegalmente em nome da polícia dentro da área de litígio.

Para o titular da SSP, "pelo o que eu pude perceber, os camponeses são ordeiros e desejosos para trabalharem, por isto determinei aos delegados de Pitimbu e Caaporã que só efetuem prisões com minha ordem expressa, a não ser em flagrante delito.

Os camponeses, após se reunirem com o secretário, ficaram satisfeitos e agradeceram as providências tomadas pela aquela autoridade. O titular da SSP, antes de sair, informou que está apenas aguardando solicitação judicial para intervir na área, com intuito de resguardar a decisão judiciária.



Aneurisma mata Etelvino Lins

Etelvino Lins morre aos 71 anos no Rio

Vitimado por um aneurisma, faleceu ontem no Rio de Janeiro, aos 71 anos, Etelvino Lins de Albuquerque, considerado como um dos mais expressivos nomes da política nacional nos últimos cinquenta anos. Foi governador de Pernambuco, constituinte e senador pelo seu Estado em 1964, um dos articuladores da solução parlamentarista de 1961 e fundador e integrante do Partido Social Democrático.

Nascido em Recife (PE) a 20 de novembro de 1908, Etelvino Lins iniciou sua vida pública em 1929, em meio a intensa campanha liberal de apoio as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa, aos quais dedicou um entusiástico discurso durante uma visita de estudantes pernambucanos ao Rio Grande do Sul.

Respondendo a saudação que lhe foi feita pelo aspirante da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Perachi Barcelos, Etelvino evitou a formalidade do mero agradecimento para dedicar-se, por mais de meia hora, a uma inflamada incitação a resistência armada diante dos insistentes rumores de que o governo se utilizaria de fraude na eleição. (Página 7)

Campeonato vai prosseguir hoje com três jogos

O Campeonato Paraibano prossegue hoje, com três jogos, sendo que dois decidirão os destinos de Botafogo e Treze, ambos ameaçados de ficarem de fora do quadrangular decisivo do segundo turno do certame estadual. Em função disso, boas arrecadações devem ser registradas.

Em Cabedelo o Botafogo joga com o Nacional, no estádio Francisco Figueiredo de Lima, e somente a vitória lhe interessa, para continuar aspirando a segunda vaga para o quadrangular. Aproveitando o movimento da praia, o torcedor botafoguense promete suplantear o estádio portuário.

No estádio Leonardo da Silveira, o Treze terá a missão de vencer o Santos e ainda torcer por um tropeço do Botafogo em Cabedelo, para poder continuar lutando pela classificação. (Esporte na página 11).



CORREIO DAS ARTES

Neste número, além de transcrever a carta que Ignácio de Loyola Brandão remeteu ao poeta paraibano Águia Mendes, o Correio publica poemas de Marcos Tavares, Rita Monteiro, Emano Menezes e Tereza Calvet. Na ficção, estão presentes Gustavo Porto e Marcos Wagner da Costa Agra. Artigos, ensaios e entrevista integram ainda esta edição do Correio das Artes.



REVISTA NACIONAL

Durante muitos anos um dos homens-chave da IBM, líder de sua classe empresarial, Haroldo Collares acaba de ser eleito presidente do Sindicato da Indústria Eletrônica do Rio. Em texto para a RN, ele se detém sobre a situação em que se encontra esse importante segmento da indústria. A RN publica também matéria sobre a moda do verão carioca: de volta da Europa, Marcos Merehi dá as dicas.

Dom Frágoso: a subversão contra a desordem Página 4

Pastoral de Belo Horizonte apoia Burity

A Comissão Pastoral de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte está solidária com o governador Tarcísio Burity devido às medidas que ele vem tomando para combater a violência policial na Paraíba.

A solidariedade foi manifestada em carta que o presidente da comissão, padre Miguel Elosúa Rojo, enviou ao governador, traduzindo a esperança com que a pastoral dos direitos humanos de Belo Horizonte vê a coragem do sr. Tarcísio Burity ao defender a lei e os direitos das pessoas.

A CARTA

Na íntegra, é a seguinte a carta enviada ao governador Tarcísio Burity pelo padre Miguel Elosúa Rojo:

"Quando seria tão fácil acomodar-se e fazer a vista grossa - como é a tônica de outras autoridades - vemos com esperança a coragem de V. Excia. em defender a lei e os direitos das pessoas.

"Queira receber, sr. governador, nosso apoio e solidariedade nesta hora difícil".

Estudante deve pagar crédito em tempo maior

O deputado Wilson Braga, em recente pronunciamento na Câmara Federal, sugeriu ao ministro da Educação e Cultura, professor Eduardo Portella, alterações na sistemática do Programa de Crédito Educativo, ao reconhecer que o mesmo não vêm alcançando plenamente os seus objetivos, tornando-se, em alguns casos, verdadeiro instrumento de tortura para os seus devedores.

Entre as alterações sugeridas, consta que o prazo de carência seja elevado para dois anos, após o início de atividades remuneradas, ou seja, o mutuário só inicie o pagamento depois de dois anos de empregado.

Braga também sugere que seja procedido estudo pelo Ministério de Educação e Cultura no sentido de ampliar o número de bolsas de estudo para universitário e criar programa específico para atender ao estudante de ensino superior carente. E ainda que os financiamentos através do Programa vencidos e os inadimplentes sejam transformados em bolsas de estudo não reembolsáveis. (Página 3).



A UNIÃO
FUNDADA POR ALVARO MACHADO

Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.

Tarcísio Burity

GOVERNO DÁ EXEMPLO

Se a conjuntura exige sacrifícios de cada um e de todos, se o governo diz a cada instante que é preciso haver economia de combustíveis, evidentemente é do próprio governo a obrigação maior de dar o primeiro exemplo. Sem ele próprio não reduzir o consumo de combustíveis, que autoridade moral teria para dirigir apelos ao povo nesse sentido?

O povo não aceita a filosofia do faça o que digo mas não faça o que faço. Se o governo diz que se deve economizar combustíveis, mas ele próprio não o faz, o que ele diz entra por um ouvido e sai pelo outro. Mas se o governo diz que se deve economizar combustíveis e é o primeiro a dar o exemplo, o povo se disporá a fazer também a sua parte.

Tem o governador Tarcísio Burity, por isso, a mais inteira autoridade para falar na colaboração do povo paraibano à política de economia de combustíveis. Com as medidas adotadas no âmbito do Poder Executivo, determinando a drástica redução da frota de veículos do Estado em 50%, o governador conquistou a confiança pública e tornou mais viável a adesão da comunidade a essa política.

Muitos serão os problemas que a administração vai enfrentar, na prática, com essa violenta redução da frota de veículos oficiais. Há setores que poderão ser afetados em seu ritmo de trabalho. O estudo de cada caso revelará as exceções necessárias. O que se quer não é comprometer o bom andamento da administração. Mas não há a menor dúvida de que, independentemente da crise do petróleo, o governo deveria implantar um sistema mais rígido de controle do uso de veículos oficiais. Excessos e abusos, em matéria de uso de veículo oficial, sempre houve em todos os governos. Há uma tendência para essas distorções se acentuarem, se não houver uma sistemática rígida de controle.

Foi muito bem pensada a idéia de se pleitear a colaboração do DNER, da Polícia Rodoviária, na fiscalização do trânsito de veículos do Estado nas estradas federais. Deseja o governador Tarcísio Burity que a Polícia Rodoviária fiscalize todos os carros do Estado, exigindo de seus motoristas a apresentação de autorização para estar circulando.

É muito comum verem-se carros oficiais circulando em sábados, domingos e feriados. Com essa fiscalização se poderá saber se essas viagens são realmente a serviço do Estado e estão devidamente autorizadas.

A opinião pública recebe com muito agrado medidas dessa natureza. Nenhum contribuinte fica satisfeito em ver o dinheiro do imposto que paga sendo esbanjado em uso indevido de carros oficiais.

A UNIÃO • Diretor Presidente: **Nathanael Alves** • Diretor Técnico: **Gonzaga Rodrigues** • Diretor Administrativo: **Elitônio Campos de Araújo** • Diretor Comercial: **Francisco Figueiredo** • Editor: **Agnaldo Almeida** • Secretário: **Arildo Almeida** • Chefe de Reportagem: **Lena Guimarães** • Redação: Rua João Amorim, 384 Fones: 221.1463 e 221.2277. • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, Km 03 - BR-101. Fone: 221.1220. Caixa Postal - 321 - Telex 832295 • SUCURSAS: **Campina Grande** - Rua Maciel Pinheiro, 320. Ed. Jabre - Fone - 321.3708 - **Cajazeiras** - Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone: 531.1574 - **Patos** - Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone: 421.2268 - **Guarabira** - Praça João Pessoa, 37 - Fone: 478 - **Sousa** - Rua André Avelino - nº 25 - Fone: 521.1219 - **Itaporanga** - Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 - **Catolé do Rocha** - Rua Manuel Pedro, 574.

Do Leitor

PUBLICIDADE

Sr. Editor:

O prefeito Damásio Franca gosta muito de publicidade. Aparece, quase diariamente, mostrando seu largo sorriso em fotografias na imprensa, abraçando pequenos servidores e se endeuando. No entanto, esquece que prometeu governar para os pobres, atender as reivindicações dos mais humildes e, ao que parece, seguirá o mesmo exemplo dos que o antecederam, colocando mais asfalto em avenidas já asfaltadas e deixando os buracos existentes nos bairros mais afastados do centro, aumentarem cada vez mais de tamanho.

Confesso que acreditei no Sr. Damásio. Ele vinha de experiências anteriores e por isso representava uma esperança no povo já descrente ante tantas decepções. Todavia, o prefeito mos-

trou que é igual aos outros e, vendo tal quadro, desconfio que tudo isto decorre de sua atual condição de nomeado, de homem que não conquistou o cargo através do voto e sim, graças ao apadrinhamento e as gestões de bastidores. Moro na Linha de Mandacarú. Aqui a sujeira continua e água só vemos quando chove. Apelos já foram feitos ao prefeito e ele, apesar das promessas, esqueceu que existimos.

Gostaria que publicasse essa carta, para que, ao lê-la, o sr. Damásio Franca se lembre que aqui existe um pedaço de João Pessoa, um pedaço que merece atenção e respeito.

Antonio Leite de Melo

Senhor editor:

A arca de volta

No reinado de Davi, um ambiente de sanguinolência, conturbação e desespero, em que não havia segurança. Os crimes e os criminosos se multiplicavam, trazendo os cidadãos em constante sobre-

falsas religiões, a idolatria, o baixo espiritismo levavam alguns menos esperançosos a dizer que: "Não há Deus". O próprio Davi buscava a presença de Deus em angustiadas orações, mas parecia-lhe que não havia resposta. A insatisfação, mesmo quando algumas vitórias militares eram alcançadas, era motivo de constantes indagações: "Senhor, até quando?". Alguns salmos de Davi deixaram de ser palavras de exaltação e gratidão a Deus, tornando-se impiedosos pedidos de vingança. Outros eram instâncias a Deus para que usasse a sua força em favor do seu povo.

Tudo, porém, continuava na mesma, até que alguém encontrou o remédio para aquela situação. "Tragam a Arca de volta". A Arca do Concerto, que por muitos anos estava ausente, sob cuja proteção Israel colhiera as mais entusiasmadas vitórias e que era o marco da presença de Deus no meio deles, foi por fim lembrada. E a sua volta era um desejo escondido no coração de cada um deles. Do povo, dos sacerdotes e dos príncipes.

Todos sabiam que sem poder de

Geni e Gabeira

A melhor definição para *Geni* é que ela "não luta pela liberdade, ela vive a liberdade". Esse é sem dúvida, o espírito da música de Chico Buarque, *Geni e o Zepelin*. Não sei se o leitor já tomou conhecimento que *Geni*, ambígua personagem que andou de boca em boca pelos quatro cantos do país, já suscitou discussões polêmicas.

A maior delas, tem relação com a peça teatral intitulada *Geni*, que a bailarina Marilena Ansaldi mostra no palco do Teatro Franco Zampari, em São Paulo, que está sendo comparada, por alguns, como a mesma *Boule de Suif* (Bola de Sebo) de que falava o genial escritor Guy de Maupassant.

No entanto, Chico Buarque nega que se tivesse inspirado no autor francês para criar *Geni*. Chico diz que conhece o livro de Maupassant, muito antes de compor *Geni*, e explica: "Embora não tenha adotado a obra como ponto de partida para criar as personagens da Ópera do Malandro. O zepelin da peça corresponde, sim, ao navio pirata que apareceu numa das canções da Ópe-

ra dos Três Vinténs, de Brecht; há ainda citações extraídas da peça original de John Gay, mas nada de Maupassant".

Não sei quando veremos aqui, em João Pessoa, o espetáculo *Geni*, que estreou nesta sexta-feira, em São Paulo. Mas é bom que saibamos logo que *Geni* é um ser que derruba tabus e provoca o poder, rompe com a ordem estabelecida, no que também representa a liberação do amor, do corpo e do sexo, como entende José Possi Neto, diretor geral da peça.

No mundo que estamos acostumados a viver, *Geni* é uma personagem utópica, desde que sua liberdade é total, não se sabendo se ela é homem-homem-mulher. De qualquer forma muitos gostariam de conhecer *Geni* na vida real. Ela personifica o desejo guardado, amoraçado de muitas pessoas presas por existências sociais,

Fernando Melo

Assaltos e Loterias

O brasileiro sempre foi dado às fugas. A compra e venda de esperanças sempre foi gênero de primeira necessidade. No final dos anos vinte João Belo pontificava na Rua Maciel Pinheiro, com sua banca de bicho e nos fundos funcionava uma linda roleta, onde as figuras mais respeitáveis trocavam dinheiro por fichas. Dona Júlia e Ascendino eram figuras simpáticas, recolhendo as notas dos bicheiros, num casarão ao lado do "Café Brasil", uma torrefação do pai do meu amigo Fernando Meneses. Aqueles jogadores eram admitidos na melhor sociedade, peças ponderáveis do doce mercado da ilusão, numa época em que o "crack" na bolsa de New York era o reflexo da depressão mundial. Foi aí que surgiu João Pessoa, mandão escorado na crença de que transformaria o impossível no cotidiano, com a simples colocação das peças nos seus devidos lugares, dentro do taboleiro do xadrez social. Fechou a roleta de João Belo, mandou proibir o jogo do bicho, que passou à clandestinidade, como antecipação da atitude de incautos conspiradores políticos, ainda hoje malhando em ferro frio. Tão certo de que sua condição de incorruptível lhe asseguraria a incolumidade, João Pessoa mergulhava em Pernambuco, para fazer comícios políticos - ó ironia do destino - contra a corrupção e a subversão. Julgava-se uma espécie de "Daniel na cova dos leões". Um dia destes, lembrou Miguel Seabra Fagundes, morcegara um trem lotado para assistir com outros estudantes, um comício em Vi-

ra dos Três Vinténs, de Brecht; há ainda citações extraídas da peça original de John Gay, mas nada de Maupassant".

Não sei quando veremos aqui, em João Pessoa, o espetáculo *Geni*, que estreou nesta sexta-feira, em São Paulo. Mas é bom que saibamos logo que *Geni* é um ser que derruba tabus e provoca o poder, rompe com a ordem estabelecida, no que também representa a liberação do amor, do corpo e do sexo, como entende José Possi Neto, diretor geral da peça.

No mundo que estamos acostumados a viver, *Geni* é uma personagem utópica, desde que sua liberdade é total, não se sabendo se ela é homem-homem-mulher. De qualquer forma muitos gostariam de conhecer *Geni* na vida real. Ela personifica o desejo guardado, amoraçado de muitas pessoas presas por existências sociais,

Daí entendermos a importância deste novo eco que estamos ouvindo ao longe, com suaves sons de liberdade, que se não transformar os atuais costumes da sociedade, pelo menos servirá de alento aos que não encontraram ainda uma satisfação de conviver com eles. Ainda não está proibido o direito de pensar, então pensemos.

Comemora-se neste atribulado outubro de 1980 o cinquentenário do movimento de 1930, com foros de revolução. Em caráter nacional criou-se a "Loteria Esportiva", com arrecadação acima de duzentos milhões de cruzeiros semanais. A quarta parte é distribuída em prêmios com os compradores de esperança. A necessidade de ajudar os pobres, as obras pias, de fazer assistência social, aos desamparados do sistema econômico vigente, além de alimentar os currais eleitorais nas favelas, fez surgir o "Loto". Um e outro jogos patrocinados pela "Caixa Econômica Federal", que a verve de Carlos Drummond de Andrade apelidou de "Caixalote", em magistral epigrama publicado no "Jornal do Brasil".

É que o mundo vive crise mais séria e mais profunda que a de 1929, agravada de guerras entre tribos "xiitas", "hititas", "sunitas", que fazem uma estranha autofagia, anulando a única riqueza material de que dispõem. O Brasil, indiscutivelmente, trabalha para sair do impasse, contanto que continue intocável a velha infra estrutura feudal. E enquanto as alternativas energéticas não se transformam em realidade, tome Loteria. A cada semana poderão nascer dois ou três novos ricos acendendo a chamada esperança no coração de modestos trabalhadores e até de impunes assaltantes à mão armada. As vezes vale a pena reter capítulos do Velho Testamento, para a gente situar-se melhor no tempo, antes de entrar no seu túnel.

Álfio Ponzi

Deus as vitórias não seriam alcançadas. E trataram com urgência de trazer a Arca, o símbolo da presença e do poder de Deus, e de colocá-la no seu devido lugar.

Parece que é tempo de trazermos a nossa arca de volta. De começarmos tudo de novo, de voltarmos ao princípio, dando lugar ao poder de Deus na Igreja. Tempo de deixarmos a nossa auto-suficiência, a nossa própria sabedoria, os nossos diplomas e voltarmos ao joelho.

É tempo de mensagens contundentes sobre a pureza e a santidade, a modestia e o respeito. Tempo de reverência e temor de Deus. E tempo de buscarmos incessantemente o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, as curas e as profecias. Tempo de convocar homens e mulheres, jovens e crianças, para reabrir os corações ao Senhor em novo concerto.

Tragam a arca de volta. E em trazendo-a, o pecado será derrotado e a Igreja será vitoriosa.

Miguel Vaz

Alberto Dines

Com Pinochet na bagagem

A expulsão do padre Miracapillo - seja por que recusou-se a rezar Missa pela Independência, seja pelas explicações que deu a esse respeito - reabre uma ferida que começava a sarar: as relações Governo e Igreja. O arquivamento da emenda constitucional que restabeleceria algumas prerrogativas para o Congresso por falta de quorum, por outro lado, desvenda o nível de intransigência e intocabilidade com que o Governo envolve suas intenções.

Assim, menos de uma semana depois da viagem ao Chile, onde pretendia-se tirar o Pinochet do seu isolamento oferecendo-lhe um modelo mais brando, o governo Figueiredo mostrava face tão rigorosa quanto a de seu anfitrião de há pouco. Evidentemente não se trata de osmose ou contágio mas de outra exibição da velha ambiguidade que envolve, desde seus primeiros vagidos, o processo de distensão.

A expulsão de Vito Miracapillo antecedida de uma esquisita manifestação dos usineiros de Ribeirão onde o pároco italiano exercia sua missão, dá bem uma idéia dos fluidos que deram alento à decisão governamental. O padre, para o Governo, era um agitador social e o episódio da Missa apenas um pretexto para desfazer-se de incômodo missionário.

O malicioso anúncio pela imprensa de que o deputado Siqueira Campos e o presidente da Câmara, Flávio Marçílio - dois dos mais inconvenientes obstáculos aos desígnios do Governo dentro de suas próprias hostes no uso das prerrogativas - estavam envolvidos, respectivamente em episódios de nepotismo e corrupção, dão idéia do grau de rancorosa determinação que está sendo levada a efeito a pacificação da cena política nacional.

Implacavelmente, por todos os meios a seu alcance, sem atentar para a moralidade e ética das suas ações, o Governo prossegue no seu projeto político. Quando a máquina de propaganda não consegue seus objetivos, utilizam-se elefantinas sutilezas que os veículos desta propaganda, por indolência ou mesmo má-fé, fingem ignorar.

Deste modo, o Brasil em pleno processo de democratização, para um desavisado observador assemelha-se a um país em pleno processo de endurecimento. Nesta ambiguidade despedaçam-se aqueles poucos espíritos que tentavam enxergar por trás da manha e matreirice palaciana alguma intenção positiva. O Governo vai perdendo, gradual e seguramente, o apoio de todas as forças que o apoiavam ou pareciam convergir para ele: a Igreja depois da trégua papal novamente crispou-se, os empresários percebendo as consequências paternalistas do exercício absoluto do poder, começam a articular-se para participar mais abertamente do processo político. O segmento mais pobre da população, infenso à propaganda e aos métodos políticos vigentes, preocupa-se apenas com a falta de feijão, o preço das passagens e o clima de insegurança - as pontas visíveis do "iceberg" autoritário.

Resta ao Governo a classe média, por falta de tradição esquerdista de valores e enfiada na continuação de privilégios, manipulada pelos governos estaduais. Mas em períodos de escassez, como o que agora experimentamos, é difícil estender benefícios e favores. Os sub-caudilhos enganados na tarefa de concretizar, seus próprios anelos e ambições, acabam por desperdiçar a máquina de favorecimento com a visão pessoa e, não, política.

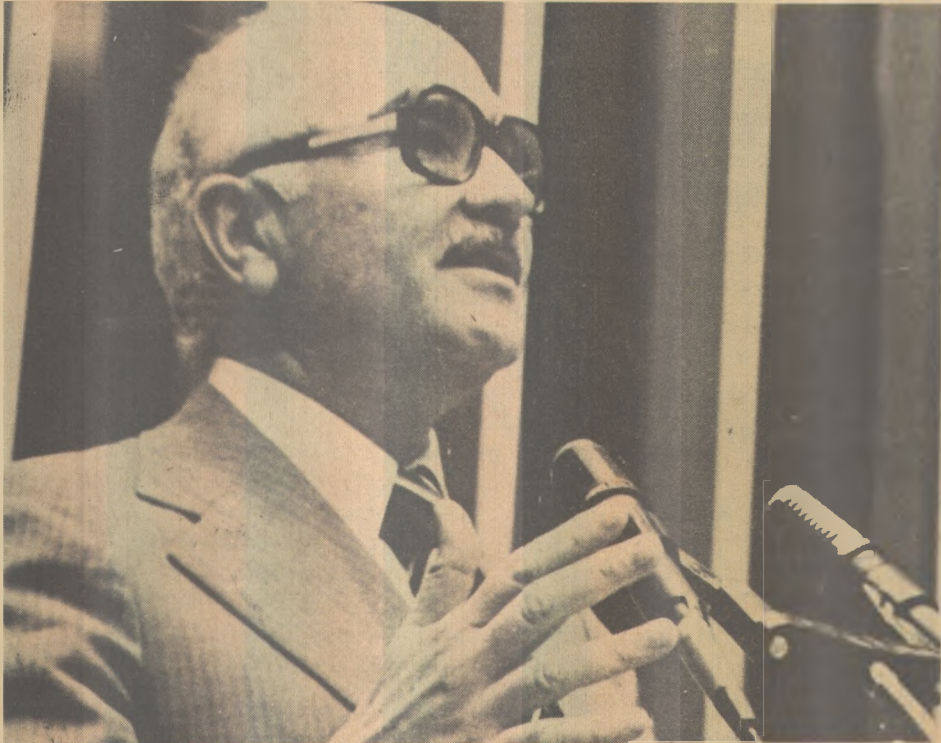
A modificação da lei salarial, medida socialmente justa, economicamente sã e politicamente aceitável, será mais um destes tiros pela culatra num sistema balístico desprovido de alças de mira e onde abundam projéteis sem direção. Nem os assalariados de mais de 20 salários convenceram-se das necessidades de entrar com sua quota de sacrifício para resolver a situação nacional, nem os que mantiveram intactos os benefícios das correções semestrais convenceram-se da proteção recebida.

Isola-se o esquema oficial na medida em que seu pragmatismo desvenda sua parca bagagem de valores. Quando estadistas carecem de carisma - hoje cada vez mais difícil de obter pela excessiva exposição a que são submetidos - apelam para grandes causas. Cruzadas necessitam de motivações, empenhos carecem de empuxos. Com seu desprezo absoluto por qualquer mensagem que ultrapasse a crosta de interesse material e seu desdém total pela conquista das consciências. O ente governamental exhibe seus solos de autoritarismo para audiências cada vez mais escassas e desencantadas.

Sua energia - usada apenas na direção da oposição política - tem poupado dos bolsões de antagonismos no seio militar. Mesmo que as punições aos executores e mentores do terrorismo já tenham sido processadas, como tudo leva a crer que aconteceu, o Governo sai do episódio com uma imagem pouco convincente e desgastada. Já a determinação aplicada contra a pornografia não lhe trouxe lucros políticos ou quantitativos, agredando uma minoria sem sequer despertar interesse na Igreja.

O Governo mostra seus dotes de astúcia para uma dupla de fantasmas Von Clausewitz e Maquiavel. Com mais classe porém igual sentido, Pinochet veio nas malas.

Crédito Educativo se transforma em um instrumento de "tortura"



Braga revela o alto percentual de inadimplência do programa

Milanez quer dar nome de Epitácio a estrada Pb-102

O deputado Fernando Milanez apresentou projeto-de-lei, denominando Rodovia Presidente Epitácio Pessoa, a estrada estadual PB-102, que liga o Município de Queimadas ao de Umbuzeiro.

Ao justificar o seu projeto, disse o parlamentar que "não fora expressa exigência regimental, certamente que seria dispensável qualquer justificativa à proposição que ora é submetida a consideração desta Casa Legislativa".

Com efeito, a denominação que se pretende dar à estrada estadual PB-102 - de Queimadas à Umbuzeiro - representa um pálido tributo da permanente admiração e reconhecimento do povo paraibano a um dos maiores varões da República em todos os tempos - Epitácio Pessoa - que para honra nossa nasceu no último dos referidos Municípios, ou seja, em Umbuzeiro, nos idos de 1865.

HISTÓRICO

Promotor público no interior de Pernambuco e da Paraíba, Secretário de governo deste Estado (1889/90), membro da Assembléia Constituinte (1890/1), convertida, depois, em Congresso ordinário (1891/3), passou daí, sucessivamente, por uma cátedra da Faculdade de Direito do Recife (1891/1898), ao Ministério da Justiça (1898/1901), à Procuradoria Geral da República e ao Supremo Tribunal Federal (1902/12), ao Senado Federal (1912/19), à chefia da delegação brasileira à Conferência de Paz em Versalhes (1918), à Presidência da República (1919/22), e novamente ao Senado, cujo mandato foi exercido durante alguns anos, concomitantemente às funções de Juiz da Corte Permanente de Justiça Internacional em Haia (1924/1930).

Pelo homem de caráter e de atitudes que ele foi, pelo parlamentar e jurista que marcou presença inconfundível no Congresso e na mais alta Corte de Justiça do país, pelo Chefe de Nação operoso e austero que serviu como poucos ao Nordeste como um todo e à sua terra natal em particular, Epitácio Pessoa jamais será esquecido servindo a sua vida e a sua obra como fontes de inspiração a todos quanto se dedicam verdadeiramente à construção de um Brasil desenvolvido e soberano.

Vale realçar, por fim, diz Fernando Milanez - que na homenagem consubstanciada no projeto-de-lei em tela, vai, também, a marca sentimental: o traçado da estrada PB-102 conduz diretamente ao exato local da dádiosa terra umbuzeirense onde nasceu o admirável estadista - o modesto e quase desabitado lugarejo "Barros" - onde certamente o Governo do Estado mandará erguer um marco que perpetue a memória do único nordestino que ocupou até hoje os três poderes da nação: o Legislativo, o Judiciário e o Executivo".

Jacob vai falar sobre Revolução

O ex-deputado e também ex-prefeito de Antenor Navarro, Jacob Frantz, integrará a representação paraibana ao Grande Seminário sobre a Revolução de 30, que se realizará na última semana do corrente mês em Brasília, através de iniciativa do deputado federal Marcondes Gadelha.

Ao lado de outras testemunhas sobre os acontecimentos de 30, na Paraíba, como Adhemar Vidal e Joaquim Inojosa, Jacob Frantz, que chegou à Paraíba em 1930, como voluntário das forças que combatiam o território livre de Princesa, razão por que logo sentou praça na Polícia, como sargento comissionado, oferecerá à Câmara dos Deputados seu depoimento sobre os acontecimentos de 30, na Paraíba.

ESPECIAL

Associando-se às atuais comemorações do Cinquentenário da Revolução de 30, na Paraíba, a Câmara Municipal de João Pessoa, realizará Sessão Especial, nesta quarta-feira, 22 do corrente.

Na oportunidade, e atendendo a sugestão partida do vereador Derivaldo Mendonça, o professor José Pedro Nicodemus proferirá conferência, enfocando os mais salientes aspectos gerais da Revolução de 30.

Em longo pronunciamento no último dia 10, na Câmara Federal, o deputado Wilson Braga após afirmar que o Programa de Crédito Educativo, criado pelo Governo Federal, tem a finalidade de promover oportunidade de acesso do estudante às escolas superiores, reconheceu que o mesmo não vem alcançando plenamente os seus objetivos, tornando-se, em alguns casos, verdadeiro instrumento de tortura para os seus devedores".

Tanto é assim que o percentual de inadimplência atingiu 54 por cento dos inscritos no Programa. Atualmente, desde que a Caixa Econômica Federal passou a utilizar os Cadastros do PIS e do PASEP, a fim de efetuar a cobrança aos inadimplentes, este percentual reduziu-se a 23 por cento. Também outros países que dispõem de programas de financiamentos aos estudantes, como os Estados Unidos, enfrentam o problema da inadimplência, por motivos semelhantes aos nossos. A propósito, o Governo norte-americano anunciou recentemente que pretende reformular o seu programa de crédito educativo, em virtude de a inadimplência haver atingido 19 por cento no total, e 46 por cento no caso de estudantes de escolas particulares.

SATURADO

Explica o parlamentar que os devedores alegam a saturação no mercado de trabalho e é baixo o nível de remuneração. "Também nos Estados Unidos o programa prevê carência de um ano para o início da amortização, mas os juros são de apenas 7 por cento contra 15 por cento em nosso país. Na Califórnia 20 por cento do total de pedidos de falência individual são de estudantes que receberam financiamento através do crédito educativo".

As modificações na sistemática do Programa, anunciadas pelo Ministério da Educação, que entre outras avaliava o nível intelectual do estudante e uma preferência por aqueles que estejam matriculados em "carreiras vivas", "gerou uma série de protestos, notadamente por parte das lideranças estudantis, que, entre outras coisas, sugerem a transformação do débito em bolsas de estudo não restituível, pois a maioria dos inadimplentes não têm condições de reembolsar o crédito recebido durante os estudos. Com relação ao critério de seleção de carreiras que seriam beneficiadas pelo Crédito, argumentam que o certo é garantir ao estudante o direito de optar pela profissão que lhe agrada. "Dar preferência a determinadas carreiras que garantem a restituição do empréstimo é defender o interesse da Caixa Econômica e não do estudante".

GRAVE RISCO

Evidentemente tal critério implica grave risco de direcionamento profissional, impedindo a vocação natural do estudante, que já sofre uma série de pressões sociais e incliná-lo no sentido de carreiras melhor remuneradas como Medicina e Engenharia. Observa-se, por exemplo, nos concursos vestibulares, percentuais altíssimos de candidatos aos cursos de Medicina e Engenharia, sabendo-se que, em muitos casos, a procura

decorre mais de pressões sócio-econômicas que de vocação dos candidatos.

Considera ainda Wilson Braga ser de melhor alvitre considerar as peculiaridades das carreiras e as condições do mercado de trabalho para modificar os prazos de carência e de amortização, "pois tal situação atenderia tanto aos interesses dos mutuários como dos financiadores. Vejamos, por exemplo, um estudante de Medicina que terminou o curso após seis anos de estudo. Ele terá que fazer mais dois anos de residência para se especializar e poder competir num mercado de trabalho já saturado, para uma profissão de maior procura nos concursos vestibulares. Ora, com o salário de residente, dificilmente poderá arcar com os custos da amortização do financiamento do Crédito Educativo. Quanto às demais carreiras, o prazo de carência impede, por exemplo, de o recém-formado ingressar em curso de pós-graduação, pois um ano após concluído o curso de formação iniciará o pagamento do financiamento recebido.

APARTES

Ao longo do seu minucioso pronunciamento, Wilson Braga concedeu aparte aos deputados Agassiz Almeida, Joacil Pereira, Carlos Sant'Ana, Evandro Ayres de Moura, Ruben Figueiró, Hugo Napoleão, Humberto Souto, Lúcia Viveiros e Edson Lobão. Todos foram solidários com o orador, oportunidade que manifestaram a iniciativa do parlamentar paraibano em trazer para o plenário tema de cunho nacional da maior significação social.

Concluindo, o deputado Wilson Braga disse estar convencido de que não faltarão "coragem e sensibilidade do sr. Ministro da Educação e Cultura, professor Eduardo Portella, para examinar o Programa de Crédito Educativo e considerar as peculiaridades de determinadas profissões e dos universitários brasileiros carentes. Nesse sentido e com o propósito de contribuir com o Ministro para o aperfeiçoamento do Programa de tão alto sentido social, é que lhe encaminho estas sugestões na certeza de que elas serão consideradas".

AS SUGESTÕES

O deputado Wilson Braga sugeriu ao Ministro da Educação e Cultura as seguintes alterações na sistemática do Programa do Crédito Educativo:

- a) que o prazo de carência seja elevado para dois anos, após o início de atividades remunerada, ou seja, o mutuário só inicie o pagamento depois de dois anos de empregado;
- b) que os juros de Crédito Educativo sejam reduzidos para 6 por cento ao ano;
- c) que seja procedido estudo pelo Ministério da Educação e Cultura no sentido de ampliar o número de bolsas de estudo para universitários e criar programa específico para atender ao estudante de ensino superior carente;
- d) que os financiamentos através do Programa de Crédito Educativo vencidos e os inadimplentes sejam transformados em bolsas de estudo não reembolsáveis".

CARLOS CHAGAS

Tentativa no social

Brasília - Mais importante do que saber quem vai sair e quem vai ficar é dar um mergulho sobre porque, ou para que, alguns entrarão no lugar de outros.

Pode parecer vídeo-tape, mas haverá que prestar atenção no desdobramento, como, também, nas motivações: assistimos a uma mini-reforma ministerial, no começo do próximo ano, empreendida pelo presidente João Figueiredo com o duplo objetivo de retificar algumas peças de sua equipe e, ao mesmo tempo, de dar ao PDS maior representação e responsabilidades de governo. Até aqui, nada demais, ou melhor, nenhuma novidade, mas a partir daqui, uma revelação significativa: convencido de que apesar de todos os esforços, a inflação custará a refluir, em prazo curto ou mesmo, médio, estaria o Chefe do Governo disposto a dar início, em 1981, a um processo de maiores realizações no campo social. Se o grande obstáculo erigido à frente da nação custará a ser contornado, porque não atacar desde já outros obstáculos, inclusive tão agudos quanto o primeiro? Se a maior realização social pretendida pela atual administração é o combate à inflação, como vários porta-vozes têm acentuado, nem por isso outras, paralelas, poderão esperar mais, sob pena de um desgaste global, do malogro completo e, em decorrência, de ampla derrota situacionista nas eleições de 1982. Assim, duas metas serão buscadas em função da reforma: dar maior participação ao PDS, para que se reforce e disponha de condições para bater as oposições e, também, desenvolver através de ministérios do PDS, atuais ou novos, intensa atividade no campo social. (Talvez, no momento oportuno, venha a ser necessário esclarecer a suas excelências que atividade social não é comparecer a banquetes e festas, nem organizá-los mas essa é outra história).

Seria a fórmula de Figueiredo romper o círculo de giz em que se encontra o governo, solução, aliás, sustentada por muitos de seus ministros. A inflação continua como o pior adversário, porém mais terrível do que a inflação sozinha é a inflação sem realizações sociais, ouve-se em muitos gabinetes situados na esplanada dos ministérios, ainda que, com cautela, nos gabinetes do Palácio do Planalto se continue ouvindo apenas a primeira metade da partitura.

A oportunidade para a alteração, ou melhor, para a recomposição, será o começo do próximo ano, quando o PDS se apresentará definitivamente estruturado como partido político e, ao mesmo tempo, quando a atual administração terá cumprido o primeiro dos três períodos em que foi dividida ao se iniciar.

INTERREGNO

Não se duvida muito, ainda que evidências e provas, só quando o presidente João Figueiredo quiser, que no bojo da anunciada mini-reforma ministerial do começo do próximo ano um dos substituídos será o ministro da Fazenda, Ernane Galveas. Com ele iria, no rumo de outras atividades, o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, mas tudo isso também não representa novidade, pois tem sido fartamente noticiado. A novidade, no caso, é que Langoni poderá ir primeiro do que Galveas, mas nunca antes de dezembro, menos ainda, nos próximos dias: acontece que os dez dias de férias que já começou a gozar o ministro Golbery do Couto e Silva, e que se estenderão até o final da próxima semana, estão servindo para tranquilizar muita gente. Mais, até, do que a viagem que no mesmo período está fazendo o ministro Delfim Neto, aos Estados Unidos, França e Japão...

ESSA, NÃO

Apesar de haver tomado da oposição diversas bandeiras, como a da revogação do AI-5, da anistia, da Reforma Partidária e da volta às eleições diretas de governador, resiste o governo em apropriar-se de mais uma, a da convocação de uma assembléia nacional constituinte. O ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, equaciona em outro figurino o problema da atualização e da reforma da atual constituição. Concorda que ela precisa ser revista, inclusive para que adquira o respaldo da legitimidade e da representatividade populares, bem como para se atualizar à realidade atual, mas recusa a hipótese dessas mutações serem promovidas através de uma constituinte. Esta, em seu julgamento, apenas se justifica em ocasiões críticas na vida das nações, após uma revolução ou a ruptura das estruturas de poder, quando, para chegar a novo poder transferi-lo por inteiro a um corpo representativo dos anseios gerais.

No caso presente, o Ministro da Justiça preconiza para o futuro Congresso, a ser eleito em 1982, uma tarefa constitucionalizante, decorrente do poder constituinte derivado que todos os Congressos possuem. Não aceita, sequer, a tese de que o novo Legislativo deveria funcionar, em seus primeiros seis meses, em 1983, como constituinte. Em meio aos seus trabalhos normais, isto sim, teria também a tarefa de rever toda a carta vigente, promovendo nela quantas e quais modificações pretendesse sua maioria, à exceção das duas realidades maiores, a federação e a república.

Para o governo, aceitar uma constituinte equivaleria a assistir o presidente João Figueiredo transmitindo todo o seu poder, ou melhor, abdicando dele - o que não é o caso e nem seria possível, com condições saísem vitoriosas no pleito de 82, por passe de mágica ou de prestidigitação, deixariam no dia seguinte de falar em assembléia nacional constituinte, pois ela exprimiria da mesma forma a revogação de seus mandatos recém-conquistados.

Carlos Chagas

CARDIOLOGIA

Diagnóstico precoce da doença das coronárias e medidas preventivas do infarto cardíaco — Controle da hipertensão arterial — Eletrocardiograma sob esforço (Ergometria) — Risco cirúrgico — Reabilitação pós-infarto e pós-cirurgia cardíaca — ECG à distância pelo telefone.

DR. GILVANDRO AZEVEDO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA
EX-ASSISTENTE CIENTÍFICO DO DEPT. DE CARDIOLOGIA - KLINIKUM CHARLOTTENBURG - UNIVERSIDADE DE BERLIM
PROF. ADJUNTO DE CARDIOLOGIA DA UFPA
EX-RESIDENTE DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UFPA
MEMBRO EFETIVO DA SOCI. BRAS. DE CARDIOLOGIA
MEMBRO DA SOC. DE CARDIOLOGIA DE WEST BERLIN

Atendimento diariamente com hora marcada no
INST. DO CORAÇÃO - Max. Figueiredo, 215 Fone 221-0289

Leia e assine
A UNIÃO

Quanto vale o seu imóvel?

A Câmara sabe.

A Câmara de Valores Imobiliários sabe porque possui um corpo técnico composto de engenheiro economista e corretores de imóveis, apto a realizar uma avaliação criteriosa da sua propriedade. São computados não apenas os valores físicos do imóvel, mas também a sua cotação de mercado. O laudo é devidamente registrado, sendo um documento oficializado

hipotecários, dissolução de sociedades, distratos reavaliação de ativo, inventários, partilha e sempre que houver necessidade de uma avaliação imobiliária. Câmara de Valores Imobiliários

VB
Palacete da Associação Comercial
Fone: 222-1445
João Pessoa - Pb.

merecido a confiança de empresas, autoridades, órgãos públicos e particulares na compra, venda e permuta de imóveis, empréstimos

CÂMARA DE VALORES IMOBILIÁRIOS DO ESTADO DA PARAÍBA

Central Imóveis e Filialidade

ENTREVISTA

Dom Fragofo:

Abertura política não atinge a Igreja

— Tenho a impressão de que a abertura política é mais uma concessão tática, que se fez para evitar maiores consequências. Para a Igreja, inclusive, parece que está sendo mais fechamento do que abertura — disse ontem Dom Antonio Fragofo, bispo de Cratêus, paraibano de Teixeira e cujo trabalho mereceu elogios do Prêmio Nobel da Paz, que o citou nominalmente, junto com Dom José Maria Pires.

Em entrevista exclusiva à A UNIÃO, Dom Fragofo relembra os seus encontros com Adolfo Perez Esquivel, o Nobel da Paz, e aborda temas que vão desde o Movimento pela Não Violência Ativa até à necessidade de uma reeleitura do Evangelho.

A entrevista, concedida na residência de seus pais, deixou particularmente feliz um assistente: o sr. José Fragofo, pai do entrevistado que, ao final, fez questão de agradecer.

Entrevista a Agnaldo Almeida e Luis Carlos de Souza



Dom Fragofo: A nossa subversão é contra a desordem estabelecida. É preciso fazer uma reeleitura do evangelho, aplicando-o ao sofrimento do povo.

Dom Fragofo, quem é Perez Esquivel?

Adolfo Perez Esquivel, é arquiteto, escritor, formado em escolas de belas artes e é professor universitário em Buenos Aires. É um homem que tempos atrás descobriu o sentido da mística de Gandhi, da não violência ativa, através da Arca, uma organização européia e há 6 anos atrás tivemos um encontro continental em Medellín. Nesse encontro continental a gente quis ter uma coordenação para o trabalho de paz justiça no continente, mas por meios não violentos. Então nós escolhemos a ele como coordenador. E ele, começou a viajar no continente todo. Esteve no Brasil, no Pólo Sul, na Venezuela, na Colômbia, na América Central e ele identificou áreas onde os mais marginalizados, são perseguidos, ou seja, índios expulsos de suas terras, camponeses perseguidos, estudantes perseguidos e, então, ele procurou divulgar e denunciar publicamente isso e, procurou mobilizar da parte dos vários países onde ele tinha amigos, denúncias contra essas injustiças. Isto, incomodou profundamente. Dizem que na Bolívia havia cerca de um metro e meio de documentos de denúncias de vários países que cometiam essas injustiças.

— O sr. acha que a escolha dele para Prêmio Nobel da Paz, tem alguma influência no relacionamento que o Estado Latino Americano tem com os setores progressistas da Igreja, que trabalham nessa mesma área de atuação?

— Não. Embora ele esteja ligado a Igreja como militante cristão consciente e lúcido, eu creio que o que mais revoltou os governos ditatoriais do continente, foi a denúncia do desrespeito aos direitos humanos nas áreas mais marginalizadas. Então essas denúncias, essa mobilização da opinião pública, faz muito mais medo, do que mobilizar armas para lutar.

Então, por causa disso, ele foi preso de uma primeira vez em Rio Bamba, quando há quatro anos atrás nós eramos 17 bispos de oito países reunidos em Rio Bamba, com sacerdotes e leigos, discutindo as experiências pastorais nossas diante da realidade do continente. Então ele estava lá e foi detido conosco e foi levado militarmente para a fronteira do Equador, jogado na Colômbia, sem nenhum documento. Ele, o filho dele, Leonardo, que é universitário e mais uns quatro sacerdotes colombianos foram expulsos também. E depois, nós iríamos ser expulsos também militarmente, mas como houve uma interferência da Conferência dos Bispos do Equador e também do Núncio Apostólico, nós fomos expulsos somente diplomaticamente. Então ele passou por essa experiência, voltou para a Argentina e continuou com as denúncias. Então o governo da Argentina se irritou muito e em 78, na hora em que ele ia tirar o Passaporte, para viajar para outro país, ele foi detido. Foi colocado em mais de um cárcere durante 15 meses, em cárceres políticos em Buenos Aires, que são cárceres muito violentos.

— Inclusive assim num processo parecido com aquele de Josep K. e ninguém sabe porque não é?

— Exatamente. Depois disso ele foi colocado em casa, houve interferência de muita gente, de todos os pontos do mundo chegaram telegramas. Então Videla, sem dar satisfações a ninguém o libertou para ficar em casa em prisão domiciliar e, vindo toda semana, fazendo uma longa viagem, para se apresentar à polícia e dizer: “Estou aqui”.

Nesta ocasião eu o visitei em Buenos Aires. Ele não pôde ir ao aeroporto comigo dia 6, porque estava fora da área assinalada. Depois foi libertado e viajou pela Europa a serviço da não-violência. Lá, ele pôde ter contatos com o Movimento Internacional pela Reconciliação que luta para mudar radicalmente a sociedade injusta, mas uma luta que não utiliza os meios de violência da sociedade injusta.

— Há setores, inclusive também dessa sociedade progressista latino-americana, da sociedade marginalizada latino-americana, inclusive intelectuais, que consideram essa luta não-violenta incapaz de transformar o quadro-latino-americano. Uma utopia, o que o senhor acha disso?

— Evidentemente o mundo inteiro está organizado em função da violência. Não apenas os 10 milhões de operários das fábricas de armas dos Estados Unidos, não é apenas os 500 bilhões de dólares que o ano passado as Nações Unidas destinaram para armas. E que todas as fábricas de brinquedos do mundo levam para os revólveres e para as armas. É que nós temos todos os meios de Comunicação difundindo o sensacional. Todos os cinemas são nessa linha. Um cinema que seja puro, que não tenha nada nesse sentido, é o cinema de arte e em geral é visto por pequeno público. Então, diante de um complo mundial, que não encontra publicidade no coração da gente — o coração diz assim: se uma pessoa me desmoralizou e eu não reajo na mesma altura eu fico desmoralizado. Então, meu coração vingativo me empurra para lá. Numa situação dessa, de complo mundial pela violência, parece que há necessidade que alguns grupos pequenos sejam radicais no seu compromisso com a luta pela justiça pela não violência. Porém, esses são chamados de utópicos exatamente por isso: utopia é um projeto que está distante de nós até o momento em que nós o assumamos e colocamos em prática. Se recusamos, ficamos atirando pedra e dizendo que é

utópico, então somos responsáveis por ele ser utópico.

A nível coletivo nós sabemos que a corrida do mundo é para o armamentismo. Nós sabemos que há pelo menos 16 toneladas de bombas prontinhas para cada cidadão do mundo. Todo mundo sabe que nos céus dos Estados Unidos, nos céus da Rússia há homens que estão sem dormir, constantemente vigilantes contra o inimigo. Num clima de terror, porque só as armas contam, só a beleza conta, é preciso ter pessoas capazes de uma utopia, que trabalhem pelo sonho, que se comprometam tanto pela humanidade, como sua dignidade que aceitam assim. Adolfo Perez é assim. Por isso Adolfo é um homem precioso do continente, mas o continente só reconhece as ditaduras militares, só reconhece as doutrinas de segurança nacional que desde que nós estamos em guerra declarada contra o adversário, ele está dentro de casa, nas linhas subversivas e que todo homem ou é meu amigo ou meu inimigo. Então essa posição da doutrina de segurança nacional está no continente. Os 34 mil oficiais dos Estados Maior do Continente, formados no Canal de Panamá, a serviço do continente, da doutrina de segurança nacional, são da linha violenta. Então Adolfo é um do grupo das várias experiências que acredita na não-violência.

— Num certo reconhecimento a essa causa?

— Exato. O que me dá profunda alegria, porque, como Dom José, eu também fiz opção pela não violência. Embora o meu coração seja como o de todo outro homem, capaz de vingança e de ódio. Mas eu quero lutar para que a não violência triunfe. Qual a sua opinião sobre a Cantata pra Alagamar?

— A minha opinião eu disse ao Kaplan e ao Solha. Eu disse a eles que foi um dos mais sérios esforços que vi para que a competência da Universidade, pudesse dar a serviço da causa da libertação dos oprimidos, na forma de uma Cantata, porque expressão literária nós já tínhamos, poética também. Mas nós não tínhamos ainda na forma de uma Cantata. De uma Cantata que podia ser escutada por pessoas de alto nível de cultura e de baixo nível. Para o baixo nível já se fala um pouco sobre isso, mas no alto nível, ninguém está muito interessado em saber a opressão que existe em Alagamar. E aquilo pôde espalhar pelo Brasil.

— O senhor acha uma nova interpretação do Evangelho fundamental, para o exercício da doutrinação, da catequese?

— Acho, nós chamamos com um nome pomposo que é conhecido no mundo: Teologia da Libertação. É um novo enfoque do processo histórico latino-americano, a partir do Evangelho. É uma reeleitura de toda a realidade latino-americana, que é competitiva, que é uma busca de libertação e tudo isso é feito a partir de uma reeleitura. Essa reeleitura com dois olhos: um olho que eu diria sócio-analítico, que utiliza os instrumentos científicos de análises e a experiência da inteligência humana. Para esse olho não precisa pedir a Deus, não precisa oração, não precisa pedir os sacramentos, não precisa pedir ao Papa nem a Igreja hierárquica, precisa pedir aos homens de ciência. O segundo olhar, é o olhar revelado por Deus, gratuitamente. O olhar da fé, para perceber uma dimensão que a inteligência sozinha não descobre. Então para esse se tem que usar a oração, na contemplação, na intimidade com Deus. A primeira coisa que vai mudar é o que eu diria o rosto da Igreja. A Igreja é um ser vivo, como toda instituição humana é um ser vivo, então tem um rosto, pelo qual ela aparece e é vista e se comunica. Esse rosto com facilidade fica cheio de rugas, fica envelhecido. Então, há necessidade de quando em quando de uma maquiagem e de profundidade, para que apareça com o rosto de jovem. Então essa renovação do rosto da Igreja nasce não das altas esferas, nasce sobretudo dos humildes, dos pequenos, dos fracos, que se reúnem na base sem pretensões e à luz do Evangelho ler sua realidade e vivem uma experiência nova. Nós chamamos um novo rosto de Igreja ou aquilo que alguns dizem Igreja popular, porque nasce do povo pela força do espírito. Isso é um dado novo.

— Qual a importância da juventude no movimento?

— Há duas coisas. Primeiro a pirâmide das idades da população que compõe o continente. Nós temos um continente dos mais jovens do mundo, onde mais da metade da população está de 21 anos para baixo. Então há um vigor todo jovem projetado para o amanhã, para a utopia, para a reconstrução, para o novo, para o inédito. Ele é projetado. Nós mais velhos é que somos projetados para o passado, para experiências já vividas. Então nesse sentido é um calor novo, que vêm dessa juventude e por isso a Igreja reunida nos seus 360 bispos, em Puebla o ano passado, fez uma opção também pelos jovens. Entre as propriedades está a opção pelos pobres, pela família, pelas comunidades de base e pelos jovens. Então a juventude pelo menos como preocupação teórica, tem uma grande importância. Agora a prática pastoral precisa vigiar, porque nós envelhecemos com muita facilidade e quando envelhecemos, nós bispos somos sempre velhos, nós nos defasamos. A juventude vai para um lado com suas aspirações e nós vamos para o outro, conservando as tradições. Então se a gente não se vigiar, faltará o diálogo e a prática pastoral não incorporada aquilo que teoricamente a gente afirmou.

— Além da repressão política, os setores pro-

gressistas sofrem repressão da oligarquia da Igreja?

— Existe. Mas o tipo de repressão seria o seguinte: Há um grupo de meus irmãos bispos, que me sinto muito solidário com eles, sou solidário com seus pecados e de todo mundo. Eu não sou melhor do que nenhum deles. Mas um grupo de meus irmãos bispos se sentem chamados em sua consciência, para conservar tudo aquilo que no passado já fez tantos santos, que deixou tanta importância. Então eles são conservadores, querem conservar os poderes, da Igreja, as categorias pastorais. E existe um grupo dizendo: não, nós somos vivos, o vivo é voltado para o amanhã, não para o ontem. Então nós queremos projetar para o amanhã sem ceder o passado, acolhendo o que há de melhor no passado e projetar para o amanhã. Então há um desencontro e diante desse desencontro, os conservadores, bem intencionados, consideram que os avançados estão saindo um pouco da norma, da tradição e então a repressão vem como desaconselhar, desestimular, negar sua bênção. Há uma repressão.

— Qual a sua opinião sobre o processo de expulsão do padre Vito?

— Eu considero o caso do padre Vito, apenas como um episódio numa história mais dolorosa, que é a lei do Estatuto dos Estrangeiros no Brasil.

— O senhor acha também que essa lei teve endereço certo contra a Igreja?

— Há duas coisas. Primeiro a lei em si e depois a hipótese que eu imagino. A lei em si ela coloca à disposição do governo brasileiro e das forças policiais brasileiras, um instrumento legal, extremamente perigoso e radical. Agora qual é o endereço? Bom, como hipótese eu não posso provar o que estou dizendo, eu não tenho conhecimento objetivo para provar o que estou dizendo, mas como hipótese já ventilada pelos outros e me parece que tem um certo fundamento, é que há uns 400 mil, pelo menos no Cone Sul, exilados para fugir da morte ou da tortura, das ditaduras militares dos seus países, e, que se refugiaram clandestinamente no Brasil e que não têm documentação. Então agora a polícia brasileira tem um instrumento legal, para entregá-los todos nas mãos dos torturadores — tome é um presente que nós lhe mandamos. Parece ser um dos endereços de mais graves consequências. Agora o segundo endereço é que a área mais ativa de intervenção junto ao povo do campo, junto aos índios, tem sido a Igreja, não é que ela seja melhor do que os outros, mas de fato ela tem uma intervenção e isso incomoda.

— Como a área progressista da Igreja vê os jovens que “curtem” tóxicos e que não dão valor à virgindade?

— Como todo bom médico quando encontra na sua área um foco de epidemia, ele pode tomar dois caminhos: um caminho é assistencial, isto é, ele vai combater os efeitos, atendendo caso por caso; ou pode tomar um caminho radical, ele identifica o foco e vai erradicá-lo. Eu creio que em face a juventude e o seu comportamento no mundo de hoje, nós da hierarquia da Igreja, podemos ter os dois comportamentos. Um comportamento, combater os desvios da juventude, claro o tóxico etc. Nesse ponto encontraríamos a cumplicidade organizada da força de repressão, onde existe muitos interessados em combater, embora no interior das forças de repressão, haja muitos que são líderes do tráfico, do comércio de tóxicos. Mas há o radical que não seria esse. Seria por que os jovens se interessam por isto? Dizia João XXIII, já velhinho que, por tudo que ele conheceu em toda a sua existência como Papa, as aspirações fundamentais da juventude são saudias. Por que se devia assim? É fruto de um mundo dos adultos. Eles encontraram um mundo dos adultos, povoado pelos adultos e este mundo é inaltético. Quem é que fabrica os filmes pornográficos e espalha na Escandinávia, na Europa e que estão chegando nos mótéis mais chiques do Brasil. Quem é que detém? Os adultos, por puro interesse comercial, sem dar a mínima bola para aquilo que são as aspirações fundamentais dos jovens.

— Os bispos progressistas são subversivos?

— As cidades pequeninhas do interior são pobres enriquecendo os ricos, é o subdesenvolvido desenvolvendo o desenvolvido, porque há uma certa esperança de um dia o desenvolvido salvar o subdesenvolvido. Então numa desordem dessa, que para minha visão de fé é uma blasfêmia, é uma injúria contra o coração de Deus, contra a dignidade da humanidade, numa situação dessa é muito natural que nós queiramos subverter ou destruir essa desordem, para que se faça uma sociedade que respeite a dignidade e os direitos do homem. Não podemos nos conciliar, não podemos coexistir em paz. Então por isso nós somos subversivos. Agora o que é chamado subversivo pela força de segurança? Aí é outra coisa e a esse tipo nós não somos subversivos. Subversivo para as forças de segurança são aqueles que estão contra a ordem estabelecida. Nós estamos contra a desordem estabelecida. Se a desordem estabelecida fosse ordem e não desordem, nós estaríamos inteiramente colaborando. É uma posição um pouco diferente.

— Que tipo de problemas, o senhor tem enfrentado em Cratêus? E sua visão sobre o Nordeste?

— A nossa proposta em Cratêus, coincide com a proposta de muitos dos meus irmãos bispos do Nordeste. A nossa proposta parte do nosso objetivo: nós não queremos apenas uma mudança conjuntural, fazer certas reformazinhas em alguns ór-

gãos que não funcionam bem, na realidade. Quem é reformista, se parece muito bem com o dono de uma oficina — que recebeu o carro que estava todo amassado por fora e as peças dentro desconjuntadas. O dono da oficina desamassou, emassou, juntou e pintou. Parecia um carro novo, mas não mudou nenhuma peça profunda no carro. É a mesma coisa o reformismo. Reformismo significa certos projetos do governo, que dão uma certa satisfação momentânea, como uma chupetinha para o povo, mas que não atinge, não modifica a estrutura, ou a raiz da situação. Nós queremos uma solução de raiz, que respeite o direito de todos, sobretudo dos mais pobres. Então nesse sentido nós queremos que a terra que Deus fez, para todos que dela precisam. Então eu vou usar uma pequena imagem sertaneja, que para nós tem muita significação e que pode ser que tenha para alguma pessoa que leia A UNIÃO. É a seguinte: uma mãe que tem dez filhos, vai completar 25 anos de casada e imaginou — sabe? Eu quero convidar os meus filhos para celebrar os dez juntos, essas 25 anos de casada. Eles estão separados, uns casados, outros um pouco distantes. Vou reunir todos. Então nesse dia ela passou a manhã toda na cozinha e preparou um bolo lindo. Fez com tanta ternura, ela pensava nos filhos. Ao meio dia colocou esse bolo em cima da mesa, reuniu os dez filhos em redor e disse: meus filhos eu fiz esse bolo para vocês. Nele eu coloquei todo o meu coração de mãe. Então o bolo é de vocês de modo que cada um tenha aquilo que precisa e cada um se sinta feliz. Esse era o projeto da mãe, a utopia da mãe. Ela se retirou. Os três mais velhos, tiraram três quartos do bolo e o que ficou não deu para os outros sete. Aí eles se sentiram infelizes com essa repartição do bolo e com medo da mãe ou com medo dos outros sete, sem restituir o projeto original da mãe, tiraram um pedacinho do que eles roubaram e mandaram como uma chupetinha para consolar os outros. Essa mãe aceita, porventura, se for mãe mesmo, esse processo? Parece que a única coisa que a mãe aceita é a redistribuição do bolo, como foi por ela imaginado. O bolo é a terra agrícola. Então parece que no Brasil, pelo menos, mais de 80% das terras férteis estão na mão de 5% dos proprietários. Então a divisão é muito pior do que a do bolo. Então agora qualquer tipo de paliativo de reforma agrária, nós não podemos aceitar. O que nós podemos aceitar é uma redistribuição do bolo de acordo com os planos originais de Deus. Todos têm aquilo de que precisam e todos se sentem felizes. Nessa linha, nossa proposta contraria a organização feudal já existente, a estrutura fundiária injusta que nós temos. Então aqueles que fizeram a base de seus privilégios com esse tipo de estrutura, eles nos consideram perigosos, como agitadores e então é inevitável que denunciem que delatam e que nos chamem de comunistas — a palavrinha que encontram para nos rotular.

— O Senhor acha que nós já podemos dividir a Igreja entre pastores de alma e pastores de homem?

— A linguagem tradicional da Igreja, de séculos, era os espíritos ou as almas, portanto a vida espiritual, a intimidade com Deus, a oração, o exame de consciência, os sacramentos. Então esta é a linguagem clássica da Igreja, que é utilizada hoje como um hábito, por um grande número de meus irmãos bispos. Então a esse título se considerava um pouco a matéria, isto é, todo o conjunto das relações humanas, políticas, econômicas, sociais, culturais etc. muito mais como sendo profanas, não era o sagrado, o espiritual. Então o profano manchava um pouco a gente. A gente tinha necessidade de um clima de espiritualidade, para se purificar, para se salvar. Essa visão dicotômica, ela predomina ainda em muita gente. No entanto a partir do Concílio sobretudo, se redescobriu que, não era esse o plano de Deus.

— De jeito que o marxismo pode ajudar na valorização da matéria, o senhor acha que a Igreja pode ajudar na evolução do marxismo?

— Sim e vou citar um fato. Este ano passado os bispos brasileiros convidaram uma equipe da pesada, para em Itaiti, nos ajudar a ler com objetividade de modo científico o marxismo, sem sectarismo de um lado ou do outro. Foi muito útil para nós. Depois disso nós contratamos essa equipe para esse ano nos ajudar em Gramsci e para o ano que vem. Nossa atitude é a seguinte: um cristão honesto, tem que respeitar a verdade que houver no outro. Seja de quem for, seja um inimigo. Então eu estive agora na Itália, em Roma e fui assistir a uns lançamentos de uns livros, num encontro que uma fundação fez, resultado de um encontro em que participamos o ano passado na Holanda, sobre as Igrejas e as novas estratégias políticas do continente, reunião de cristão e marxistas. Então na presidência do lançamento, estavam dois católicos e dois marxistas da cúpula do Partido Comunista Italiano. Então no fim de tudo me deram uma palavrinha e eu contei esse caso, que nós convidamos uma equipe da pesada para apresentar o marxismo de modo científico, sem sectarismos, por que achamos que um cristão honesto, tem que conhecer o marxismo. Então um dos líderes da cúpula do PC Italiano, achou maravilhoso e disse que ia convidar uma equipe da pesada da teologia da libertação para apresentar ao Partido Comunista Italiano. Então eu acho que pode haver uma mútua ajuda.

Agora na prática os Partidos Comunistas têm imposto um tal tipo de oligarquia totalitária, que impede a liberdade de opção e, aí não tem jeito.

— Comentou-se por aqui que o senhor não foi recebido pelo Papa, porque no momento não usava batina. Como realmente ocorreu o episódio?

— Nós os 60 bispos do Nordeste, fomos recebidos pelo Papa em audiência privada um a um. O Papa nos deu um tempo pequeno, porque eram dois dias para 60 bispos e ele tinha outras coisas a fazer. Então eu fui numa veste clerical normal, chamada Gleashmam. Agora como o hábito lá em Roma é a batina, quando eu entrei estranharam um pouco. O Papa apenas perguntou o seguinte: os bispos de língua brasileira não usam batina? Eu disse: Santo Padre lá quase ninguém. Eu fui honesto na resposta. Então o fato foi somente isso e nada mais. Ora o centro do encontro foi o seguinte: o Papa estava com um mapa do Ceará e lá estava Cratêus e ele perguntou qual era a situação do meu povo e eu disse: é a seca. Esse ano tudo que se produziu dá para dois meses e não há trabalho e os técnicos anunciam mais três anos de seca ainda e mais da metade da população ativa é obrigada a sair para o sul em condições péssimas, para trabalho duro, deixando a família com todas as consequências. Ele ficou impressionado e perguntou a vários bispos depois pela Seca. E, depois ele perguntou como eu ia de Evangelização e disse que nós trabalhamos em pequenas comunidades.

— Dom Fragofo, eu vi alguma coisa sobre um bispo norteamericano alertando a Igreja para fazer uma reavaliação do aborto. Como é que está essa situação?

— Você sabe que o grande tema desse Sínodo, foi a família e lá se discutiu o aborto, que é natural que se discuta. Então os bispos trazem não só o pensamento deles bispos, mas o que eles encontraram como mentalidade dos cristãos, e por isso apareceu uma diversidade de propostas lá dentro. Então os bispos juntos oferecerão subsídios ao Papa e o Papa poderá produzir depois um documento inspirado em todos os subsídios fornecidos. Então o problema do aborto, parece que fundamentalmente a Igreja deve atender ávida. Porque ela crê que desde o instante em que há união dos dois germes de vida, neste instante já há um ser humano e todo ser humano merece ter respeitado seu direito à vida e quanto mais indefeso, mais deve ser respeitado em direito.

— E a posição da ala progressista da Igreja em relação ao Planejamento Familiar?

— A posição é a seguinte que para mim é o pensamento geral de toda a Igreja: que o número de filhos que um casal tem, não deve ser decidido nem pela Igreja nem pelo Estado, mas pelo casal. Nós chamamos isso de paternidade e maternidade responsável. Agora para que os casais possam responder de um modo livre e consciente pelo número de filhos, é preciso que não sejam privados do pão de cada dia, da casa e de condições de saúde. Então se nós montamos uma sociedade injusta que concentra em poucas mãos a riqueza, marginaliza o resto, impede de ter filhos e diz: você é obrigado a planejar. Isso é uma injusta imposição aos pais.

— E a abertura política? O que significou para a Igreja?

— Minha opinião é totalmente reformável porque eu acompanho pouco o conjunto da realidade brasileira. Mas como eu vejo hoje, a anistia, que permitiu a volta ao país de muitas pessoas, que por posições pessoais de oposição foram afastadas, foi um ato de justiça importantíssimo. E a abertura no que se refere a permissão da livre expressão do pensamento, revelar o que havia de poder nas forças de segurança e seus métodos de tortura e repressão, representou uma grande contribuição. A possibilidade de se debater um pouco mais politicamente os assuntos, representou também um respeito ao direito que o cidadão brasileiro tem. Agora não se modificou a doutrina de Segurança Nacional, que vem inspirando 16 anos de regime. As forças de segurança estão intactas. Os quadros básicos são os mesmos de 64 para cá. Então nesse sentido a raiz da abertura não nos anima. Tenho a impressão de que ela é mais uma concessão tática, que se fez para se evitar maiores consequências. Agora para a Igreja, parece que está sendo mais fechamento do que abertura, porque a Igreja começou a se comprometer com os camponeses, coisa que no passado ela não fez, para defender seus direitos, porque eles não têm quem esteja do lado deles, assim como os índios também. E uma vez que a Igreja se comprometeu com eles, incomodou fortemente as oligarquias econômicas e políticas estabelecidas. E aí a repressão aparece, porque a Igreja se tornou inimiga.

CIDADE

CINAP - COMÉRCIO E INDÚSTRIA NORDESTINA DE ARTEFATOS DE PAPEL S/A
CGC. MF. nº 11.027.133/0001 - 78
CAPITAL SOCIAL AUTORIZADO Cr\$ 100.000.000,00
CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO Cr\$ 83.414.294,00

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Ficam convidados os senhores acionistas da CINAP - COMÉRCIO E INDÚSTRIA NORDESTINA DE ARTEFATOS DE PAPEL S/A, para se reunirem em Assembléia Geral Ordinária, que será realizada em sua sede social à Rua "A" nº 790, Distrito Industrial, nesta cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, às 10:00 (dez) horas do dia 30 de Outubro de 1980, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

A - Aumento do Capital Social Autorizado de Cr\$ 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros) para Cr\$ 180.000.000,00 (cento e oitenta milhões de cruzeiros);
B - Outros Assuntos de interesse da Sociedade.

João Pessoa (PB), 15 de Outubro de 1980.

ANTÔNIO CARLOS FERNANDES RÉGIS
Presidente do Conselho de Administração

15º BATALHÃO DE INFANTARIA

MOTORIZADO

AVISO IMPORTANTE

O SERVIÇO DE FISCALIZAÇÃO, IMPORTAÇÃO, DEPOSITO E TRÁFEGO (SFIDT) de produtos controlados pelo Ministério do Exército, na Guarnição de João Pessoa, avisa a todos os proprietários de lojas de armas e munições, pedreiras, empresas de vigilância ou similares, que utilizam produtos controlados pelo Ministério do Exército, e que ainda não estejam registrados neste Órgão, que compareçam na sede do 15º BI MTZ, à Av. Cruz das Armas 281, no período de 15 a 30 de outubro, no horário de 1300 às 1600 horas.

ESTADO DA PARAÍBA

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETORIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

NOTA:

A DIRETORIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, tendo em vista as notícias veiculadas no jornal "CORREIO DA PARAÍBA", edição do dia 16 do corrente ano, tendo como autor da denúncia o cidadão GILVAN DE BRITO, conforme informação exarada no Ofício datado do dia 16/10/80, do Diretor Superintendente daquele Órgão, torna público que já tomou todas as providências Administrativas necessárias, visando esclarecer os acontecimentos enfocados, devendo, ao final, caso se comprove a denúncia, aplicar aos responsáveis as penalidades que se fizerem cabíveis.

Baseado no seu tradicional passado, a DIRETORIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, tudo fará para salvaguardar o seu nome e tranquilizar os senhores pais e a sociedade pessoense de um modo geral.

A DIREÇÃO

Mais de 2 mil crianças vivem em creche da LBA

Duas mil, 106 crianças na idade de três meses a sete anos vivem atualmente em creches, distribuídas no Estado, incluídas no Programa Casulo da Legião Brasileira de Assistência, onde estão sendo aplicados neste ano a importância em cerca de 11 milhões e 200 mil cruzeiros.

As informações foram da coordenadora do Projeto Casulo na Paraíba, assistente social Maria de Lourdes Gonsioroski Mendes que anunciou um orçamento previsto de 1981 em torno de 19 milhões e 126 mil cruzeiros, porque é pensamento da Legião aumentar o número de creches no Estado da Paraíba.

Falando sobre os objetivos do Projeto Casulo, Maria de Lourdes disse que ele visa beneficiar os alunos pré-escolares em todos os aspectos de seu desenvolvimento, através de atendimento médico, odontológico, alimentar, educacional, pedagógico, jurídico e psico social. "É objetivo também do Projeto atingir as famílias dessas crianças, através de sua participação na U. O. C., como forças vivas do processo de mudança social".

Todas as Prefeituras ou entidade

filantrópicas que ainda não possuem convênio com o Projeto Casulo podem solicitá-lo desde que atendam a pré-escolares de zero a seis anos de idade em regime de externato.

A Legião Brasileira de Assistência colabora com as obras convenientes com a cooperação financeira e técnica, assessorando as entidades na elaboração dos projetos e assumindo a supervisão dos trabalhos. Na Paraíba 58 creches estão em pleno funcionamento, distribuídas entre as cidades de Sousa (04 e 144 crianças), Santa Rita (03 e 126 crianças), Píripituba (01 e 36 crianças), João Pessoa (07 e 270 crianças), Pombal (03 e 108 crianças), Alhandra (01 e 36 crianças), Areia (03 e 108 crianças), Rio Tinto (04 e 144 crianças), Bayeux (01 e 36 crianças), Cabedelo (01 e 36 crianças), Pilões (02 e 72 crianças), Caaporã (01 e 36 crianças), Esperança (01 e 54 crianças), Pitimbu (03 e 108 crianças), Campina Grande (06 e 216 crianças), Gurinhém (02 e 72 crianças), Alagoa Grande (07 e 252 crianças), Baía da Traição (03 e 108 crianças), Ibiara (02 e 72 crianças), Itabaiana (01 e 36 crianças), e Nazare-sinho (01 e 36 crianças).

Táxis poderão ter recursos para conversão

Financiamentos para a conversão de motores para o uso do álcool hidratado e para a compra de carros movidos a esse tipo de combustível diretamente de fábrica (sem conversão) e um maior número de oficinas credenciadas para as conversões foram as três reivindicações feitas por vários Sindicatos de Motoristas de Táxi do País, inclusive o da Paraíba, aos Ministérios da Fazenda e das Minas e Energias.

Segundo informou ontem o presidente do Sindicato de Condutores Autônomos Rodoviários de João Pessoa, José Anacleto Bastos, essas reivindicações foram feitas através de exposição de motivos enviados às duas pastas ministeriais pela Federação de Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários do Brasil.

A exposição foi enviada há um mês e conta com assinatura de quase todos os Sindicatos da classe no País. De acordo com o documento os motoristas querem um prazo de amortização dos financiamentos não menor que cinco anos.

A solicitação de um credenciamento mais elástico de retíficas, foi explicada pelo presidente da classe local, como sendo um remédio para os autos preços cobrados para as conversões, o que tem, em muito, desestimulado os motoristas a fazê-la.

"Com um maior número de retíficas operando nas conversões, nós teríamos mais opções de escolhas. Atualmente, são escassas as retíficas autorizadas pelo Governo Federal para fazer as conversões e elas estão cobrando muito caro. O aumento das oficinas não daria condições de escolher o trabalho que cobre o menor preço".

Lagoa entra em fase final de conclusão

A recuperação das obras da Lagoa do Parque Solon de Lucena a partir desta semana começam a entrar em sua reta final, pelo menos foi o que informaram operários da Secretaria de Serviços Urbanos que estavam ontem dando os últimos acabamentos nos canteiros reconstruídos naquele logradouro.

O parque Solon de Lucena nestes últimos seis meses vem passando por uma série de reformulação a pedido do prefeito Damásio Franca que desejava ver aquele parque de diversão em sua paisagem original. Os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pela Secretaria de Serviços Urbanos estão dentro das determinações do paisagista Burle Marx, constando ampliação da calçada, construção de mais canteiros e renovação do gramado.

O restante dos trabalhos custarão a Prefeitura municipal pouco mais de 550 mil cruzeiros, sendo que resta ainda concluir 2.500 metros de calçada. Até agora foram executados 4.600 metros quadrados de calçada que circula a Lagoa.

Prefeitura aperfeiçoa transporte

O secretário de Serviços Urbanos do Município, José Ricardo Porto, informou ontem que o prefeito Damásio Franca determinou aos setores competentes da Prefeitura, prioridade absoluta em todos os projetos destinados ao aperfeiçoamento no sistema dos transportes de massa na cidade de João Pessoa.

Na próxima segunda-feira, José Ricardo Porto se reunirá com todos os proprietários de transportes coletivos da Capital, como também com técnicos do Detran, visando a agilização do retorno dos ônibus opcionais nos principais e mais habitados bairros da cidade, como uma medida alternativa para a população, notadamente a chamada classe média, que diariamente vem aderindo aos transportes públicos, em virtude das constantes majorações efetuadas no petróleo e seus derivados.

Segundo ainda José Ricardo, a implantação do sistema táxi-coletivo veio em tempo oportuno atender um anseio da população que passa a ter mais uma opção no atendimento das suas necessidades.

Agências participam de encontro

Francisco Mozart e Vera Lúcia Copesco, da G.F.M. Propeg, escolhida no ano passado a Agência do Ano - maior prêmio nacional conferido a agência de publicidade - serão alguns dos publicitários que participarão, na próxima semana, de uma conferência que será ministrada a alunos do curso de Comunicação Social da UFPE.

"A Comunicação Publicitária", "programação e seus efeitos", "Mídia", "como anunciar", serão alguns dos temas debatidos durante as palestras, que contarão também com exibição de filmes comerciais produzidos por Mozart, dos quais muitos foram premiados.

Mozart, detentor de prêmios inclusive internacionais, como o "Clio", falará sobre a propaganda no Brasil, utilização de veículos, etapas da formação do anúncio, mercado de publicidade, etc. Vera Lúcia Copesco, por seu lado, abordará tudo sobre Mídia envolvendo ainda planejamento e elaboração de anúncios depois de pesquisas de mercado.

A conferência deverá se realizar no auditório da Central de Aulas, mas ainda depende de uma confirmação da Coordenação do Curso de Comunicação Social, o que será feito até segunda-feira.

abertura

ARANHA TELEGRAFA

O superintendente do Inamps, médico Marcus Aranha, dirigiu ontem, ao presidente do Sindicato dos Médicos, Renê Macaúbas o seguinte telegrama: "Não recebendo convite posse Diretoria esse Sindicato e hoje através jornais tomando conhecimento aquela solenidade, dirigimo-nos V. S. apresentando votos profícuos gestão frente essa entidade sindical, extensivos toda Diretoria. Aproveitamos ensejo hoje Dia do Médico lembrar nossa mensagem de integração e engrandecimento classe médica publicada jornal O Norte, foi dirigida também todos sindicalizados vossa liderança. Saudações Marcus Aranha".

CONSUMO CAI

O consumo de petróleo no país (importado e nacional) caiu de 1,13 milhão de barris/dia no início do governo Figueiredo para 928 mil barris/dia atualmente, o que representa uma redução de 21 por cento. Como a produção nacional está em torno de 173 mil barris/dia, o consumo de petróleo importado caiu também de 960 mil barris/dia, no ano passado, para 755 mil barris/dia, representando uma redução de 26 por cento.

FEIJÃO SUBVERSIVO

No Rio, o feijão é caso de polícia. Em Brasília é tema de política. Para o senador gaúcho Paulo Brossard, "o regime não passa pelo teste do feijão". Marcus Freire adverte para o estado de comoção social em gestação no ventre da escassez do feijão.

TÁXIS VELHOS

Mais de 50 por cento dos táxis atualmente em circulação no país têm mais de 5 anos de fabricação. O Ministério dos Transportes quer renovar a frota e aumentar em 2 por cento a participação desses veículos nas viagens urbanas diariamente.

DIRETAS

A emenda constitucional, de iniciativa do Governo, que estabelece as eleições diretas para governadores de Estado e elimina a figura do senador blônico, deverá ser votada pelo Congresso entre os dias 11 e 14 do próximo mês.

PENSÃO AO NOBEL

O governo militar argentino, que recebeu com desagrado a outorga do prêmio Nobel da Paz deste ano ao arquiereito Adolfo Perez Esquivel, deverá pagar-lhe uma pensão vitalícia que equivale a mais de 10 milhões de pesos (cerca de Cr\$ 350 mil). Essa pensão vitalícia corresponde à remuneração de um juiz da Corte Suprema de Justiça.

CONVOCAÇÃO

Um técnico e três atletas da Paraíba foram convocados pela Confederação Brasileira de Atletismo para comporem a Seleção Brasileira que participará dos Campeonatos Sul-Americanos de Juvenis, em Santiago do Chile, de 23 a 26 próximos. São eles: o professor Francisco Martins da Silva, da UFPE, Francisco de Assis Paulo (de Campina Grande), João Batista Eugênio da Silva e Oziel Inocêncio da Silva (do Grêmio Esportivo da Universidade). Ao informar ontem o reitor Bérilo Borba da convocação, a coordenadora do Curso de Educação Física da UFPE, professora Vera Maria Nóbrega de Lucena, salientou que João Batista e Oziel vêm desenvolvendo seus treinamentos na pista de atletismo do Campus de João Pessoa há mais de dois anos, dentro do programa de extensão implantado pelo setor de Educação Física da instituição.

LEILÃO

Duas mil ações da TELPA, Telecomunicações da Paraíba S/A, serão leiloadas no próximo dia 30, na Bolsa de Valores do Recife, através do Fundo de Investimentos do Nordeste, Finor. Comunicação nesse sentido foi feita ontem pelo Banco do Nordeste do Brasil. A carta da TELPA no Pregão sempre foi alta, face a boa aceitação que as ações da empresa de telecomunicações do Estado sempre obtiveram junto aos investidores do país, comprovando, assim, a rentabilidade que o setor vem detendo na Paraíba.

POSSE NA APL

A Academia Paraibana de Letras já está distribuindo os convites para a posse do jornalista Epitácio Soares, editorialista do Diário da Borborema, que ocorrerá no próximo dia 07 de novembro, em solenidade que contará com a presença de inúmeras autoridades, acadêmicos e jornalistas paraibanos. Epitácio foi eleito no dia 06 de maio deste ano para suceder ao escritor e sociólogo Lopes de Andrade, que faleceu em abril último. O novo acadêmico a ser empossado na APL, será saudado pelo desembargador Aurélio de Albuquerque e irá ocupar a cadeira nº 21, que tem como patrono o historiador paraibano Maximiano Lopes Machado.

Bic - Bomfim Incorporações e Corretagens de Imóveis Ltda.
Creci 557 - 21º RG-Pb.

RUA DUARTE DA SILVEIRA Nº 751 - FONE: 222.0061.

VENDEMOS:

CENTRO - Na rua Treze de Maio dispomos de ótima residência, construída em terreno que mede 16x28 metros, contendo dois terraços laterais, abrigo p/auto, duas salas, uma saleta, cinco quartos internos, dois quartos externos, dois WsCs. social, cozinha, etc. Cr\$ 2.000.000,00.

BAIRRO DOS IPÊS - Dispomos de excelente residência situada na Rua Aureliano Barbosa Moreira, contendo: quatro quartos sendo uma suite, sala ampla, copa e cozinha, terraço com abrigo p/auto, dep. completa p/empregada, quarto de despejo, wc. social, terreno medindo 18x30 mts. Cr\$ 2.300.000,00.

JARDIM MIRAMAR - Na Rua Júlio Courseiro dispomos de ampla residência contendo: terraço, abrigo p/auto, garagem, quatro quartos sendo um suite, duas salas, cozinha, wc. social, dep. completa p/empregada, área de serviços, etc. Cr\$ 3.000.000,00.

TAMBAUZINHO - Na Rua Evaldo Wanderley dispomos de moderna residência contendo terraço, sala única, dois quartos internos, wc. social, dep. p/empregada, cozinha, garagem, construída em terreno que mede 18,50x29 metros. Cr\$ 1.300.000,00.

MANAÍRA - Na Av. Sapé, dispomos de excelente residência construída numa área de 525m² de área construída, contendo dois terraços, duas salas, três quartos sendo uma suite, gabinete, lavabo, wc. social, telefone, jardim interno, garagem, dep. completa p/empregada, copa, cozinha, armário embutido na suite e gabinete, quartos entapetados, várias fruteiras, etc. Cr\$ 3.000.000,00.

BAIRRO DOS ESTADOS - Dispomos de ampla e moderna residência situada na Rua Osvaldo Brayner, contendo: terraço com abrigo p/auto, três salas, três quartos sendo uma suite, wc. social, copa-cozinha com armários embutidos, lavabo, dep. p/empregada, etc. Cr\$ 3.200.000,00.

CONJUNTO BRISAMAR - Na Rua Monsenhor Severino Ferreira, dispomos de ótima residência contendo terraço com abrigo p/auto, sala ampla, três quartos, cozinha, wc. social, toda gradeada, etc. Cr\$ 1.000.000,00.

TERRENOS

JARDIM TREZE DE MAIO - Dispomos de dois lotes de terrenos próprios sob os nºs 46 e 47 do Loteamento Boa Vista, com uma casa em alvenaria contendo: três quartos, duas salas, copa-cozinha, wc. social, etc. Cr\$ 800.000,00.

EXPEDICIONÁRIOS - Dispomos de um lote de terreno localizado na Av. Expedicionários, medindo 14x30 metros. Cr\$ 650.000,00.

TAMBAU - Na Rua Monteiro Lobato, dispomos de um lote de terreno próprio sob o nº 13 da Quadra 36, medindo 12x28 mts. Cr\$ 750.000,00.

CABO BRANCO - Na Av. Cairú dispomos de excelente lote de terreno próprio medindo 16x30 metros. Cr\$ 900.000,00.

CENTRO - Na Rua Henrique Siqueira, dispomos de um lote de terreno comercial, medindo 4,50x23,30 metros. Cr\$ 200.000,00.

BAIRRO DOS IPÊS - Na Rua Agripino Neves dos Santos, dispomos de um lote de terreno próprio, próximo ao Mercado do Bairro dos Estados, medindo 13x26 metros, todo murado. Cr\$ 400.000,00.

VENDE-SE OU ALUGA-SE

CENTRO - Dispomos de ampla residência situada na Rua das Trincheiras, contendo amplo terraço em "L", três salas, sete quartos, dois wc. sociais, copa-cozinha, dois quartos externos, terreno medindo 18x97m. Servindo p/clínicas, sindicatos, colégios, etc. Valor de venda Cr\$ 5.000.000,00 - aluguel Cr\$ 30.000,00.

João Pessoa-Pb., 17/outubro/1980.



Incorporações e Corretagens de Imóveis Ltda.
RUA DUARTE DA SILVEIRA, 751
FONE: PABX (083) 222-0061
CRECI 577 - 21º RG-Pb.

CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL
LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

Teste Nº 517

PARAIBA

CO. REV.	Nº. CARTÃO	Nº. CARTÃO
13-00003	0789775	0790992
	0792062	0792228
13-00006	1097527	1097550
	1097702	1097849
	1098052	1098084
	1098493	1098547
	1098980	1099008
	1099669	A 1099670
	1099680	1099682
	1099686	
	1099692	A 1099693
	1099744	1100265
	1100289	1100318
	1101333	1101626
	1102393	
13-00007	0368792	0370701
13-00008	0675604	
13-00010	0764063	0764079
	0764642	0765191
	0765618	0765639
	0765682	0765935
	0766173	0766182
13-00012	0249205	
13-00014	0117159	A 0117160
	0117590	0118023
	0118646	
13-00015	A PARTIR DE	0016556
13-10001	1354388	1354511
	1355261	1355792
	1356562	1356995
	1357084	
	1357218	A 1357220
	1357543	1357620
	1358209	1359487
	1360016	
13-10007	0744138	
13-10028	0143697	0143748
	0144336	0144505
	0145577	

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal aos domingos, a título de "Cartões que não concorrem", são afixadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa - PB.

NOTÍCIAS MILITARES

Maviael de Oliveira

CAPITANIA CONVOCA

Por Edital assinado pelo Capitão de Corveta MAURO MAGALHÃES DE SOUZA PINTO, a Capitania dos Portos do Estado da Paraíba, está convocando os Marítimos abaixo relacionados, para comparecerem a Capitania no prazo de 30 dias IMPROPRORROGÁVEL, no horário de 13:30 às 17:00 horas, a fim de receberem os seus títulos de Habilitação:

- Segundo Piloto: Raimundo Fernando S. Fialho.

- Segundo Condutor-Motorista: Dantes Gomes da Silva, Renato José de Souza, Joel Chaves Pereira Reis e José de Assis do Nascimento.

- Segundo Condutor-Maquinista: Valdemiro Aniceto da Silva

- Primeiro Condutor-Maquinista: Francisco de Assis Botelho Viana.

- Primeiro Condutor-Motorista: Francisco de Assis Botelho Viana

- Contra-Mestre: Manoel Gonçalo da Cruz e Deocleciano Paulo da Silva.

- Eletricista: Omar Lopes de Mendonça, João Ribeiro da Silva e João Domingos dos Santos.

- Mestre de Pequena Cabotagem: Pedro Sabino da Silva e Deocleciano Paulo da Silva.

- Motorista de Pesca: Geraldo Moreira de Lima, Rivaldo Roseno dos Santos, Manoel Ferreira Coutinho, Edmilson Miguel da Silva, Clovis Luis de França, Arlan Oliveira Paulino, José Cabral Sobrinho, Gilberto Alves Bezerra, Marinézio Justino Mendes, Roberto Medeiros de Araújo, Josinaldo de Souza, Manoel Ferreira da Silva, Luiz Gonzaga da Silva, Severino Felipe Cabral, Josias Manguiera dos Santos, Severino Gomes Chaves, Severino Ramos dos Santos, Jonas Vilela de Freitas, Evandro Moraes da Silva, José Costa Neto, Paulo Félix de Carvalho, José Custódio da Silva e Pedro Ferreira da Costa.

XXXXXXX

ALISTADOS DA CLASSE DE 62

O Comandante do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, Cel Ivanilo Fialho, está comunicando aos Atletas da Classe de 62, que, o último dia de sua classe é 31 de Outubro próximo.

Lembra, ainda que: "apresentando-se no último dia, você estará contribuindo para o acúmulo dos trabalhos da Comissão de Seleção e para a perda do seu precioso tempo".

Não deixe, pois, para a última hora. Apresente-se já!

XXXXX

"VIANA DE CARVALHO"

O Centro Espirita VIANA DE CARVALHO, com sede a rua Professor Joaquim, Santiago, 70, no Expedicionários, está convocando por Edital uma Assembléia Geral para eleição e posse da nova Diretoria, Conselho Fiscal e Suplentes para o biênio 1980/82, na forma estabelecida no Artigo 7º e § único dos Estatutos, devendo a mesma realizar-se no dia 26 de outubro de 1980 em sua sede social no endereço acima, às 15:00 horas, em primeira convocação, com metade dos sócios e mais um, e em segunda convocação, 30 minutos após, com qualquer número de sócios presentes.

A nota é assinada pelo Presidente da entidade, Joaquim Antonio Pessoa Silveira.

XXXXX

MINI-MARATONA

Depois da realização ontem, da "II Corrida Feminina Asas do Brasil", em homenagem a Semana do Aviador, a Equipe de Promoções Esportivas Amadoras: A Gazeta Esportiva, Mobral e Correio da Paraíba, juntamente com a Guarnição Federal e a Federação Paraibana de Atletismo, já estão organizando a I Mini-Maratona Proclamação da República, para o dia 15 de Novembro.

Para tanto, a partir de amanhã, os organizadores começarão a se reunir a fim de darem forma ao Regulamento e traçar o percurso de 21.000 metros da grande competição comunitária, que temos certeza marcará mais um êxito do amadorismo da corrida a pé da Paraíba.

O MUNDO MAIOR E A COMUNICAÇÃO

"No altar de nossa fé e no campo da caridade que o Senhor nos deu a lavar, recorda que responderemos pelas imagens que os nossos pensamentos, palavras e atos estabelecem na alma dos outros, tanto quanto os arquitetos se incumbem das construções que lhes obedecem os planos".

"Busquemos sentir e pensar, agir e realizar no bem e saberemos sempre sacar do coração e do cérebro a boa palavra capaz de compreender e amparar, orientar e servir". (EMMANUEL)

Trecho rodoviário será concluído no próximo ano

Itaporanga (A União) - Até março do próximo ano, estará concluído o trecho rodoviário Itaporanga-Conceição, que vem sendo executado pelo Departamento de Estradas de Rodagem, podendo, inclusive, chegar ao limite do Ceará, no município Milagres, daquele Estado, conforme informações do DER que está concluindo, além desta, outras estradas e todo o programa rodoviário do Estado.

Esta estrada está incluída no programa geral de 800 quilômetros de rodovias asfaltadas a que se propõe o Governo do Estado, esperando fazer nesta gestão a integração de todas as regiões da Paraíba, pelo sistema rodoviário, beneficiando desta maneira os centros produtores e consumidores, com interligações das rodovias estaduais e federais.

Por outro lado, a sonhada rodovia de Remigio a Barra de Santa Rosa e a Picuí é outra meta do Governo que

vem sendo trabalhada com o mesmo objetivo, considerando a pobreza do Curimataú e as dificuldades existentes nos municípios ali localizados pela falta de comunicação rodoviária, o que não será mais problema ao final do Governo Tarcisio Burity.

Ainda, no alto sertão, têm sido atacados os trabalhos da rodovia que liga Teixeira à Princesa Izabel, cobrindo os municípios de Desterro, Imaculada, Tavares, Juru e Princesa Izabel, tornando o último município com mais fácil acesso à Capital do Estado pelo município de Patos e pela BR-230, do que tendo de ser feito o percurso por Flores e Pesqueira, em Pernambuco.

Ao terminar, o atual Governo, conforme vê o DER, todos os pontos produtores e consumidores do Estado estarão totalmente ligados pelo sistema rodoviário, havendo, conseqüentemente, mais facilidade na circulação das riquezas internas.

Campus de Areia ainda inscrevendo para curso

Areia (A União) - As inscrições para o curso de Pós-Graduação em Produção Animal já estão abertas desde o dia 1º de outubro, devendo se prolongar até o dia 30 de novembro, no Centro de Ciências Agrárias, no campus de Areia.

O curso de mestrado em Produção animal está oferecendo cinco vagas nas áreas de concentração em "Produção de Monogásticos" e "Produção de Ruminantes" e, no ato da inscrição, o candidato deve apresentar a seguinte documentação: Formulário de inscrição devidamente preenchido; Cópia do diploma de graduação (Zootecnia, Agronomia, Veterinária ou área afim); Histórico escolar; Curriculum Vitae comprovado; Cópia autenticada da Carteira de Identidade.

As inscrições poderão ser feitas nos horários das 7h às 11h e 13h às 17h, na coordenação do curso de Pós-Graduação em Produção animal, no campus de Areia.

RESIDÊNCIA

Também se encontram abertas as inscrições para as provas de seleção da Residência em Clínica Médica, Cirurgia Geral, Medicina Preventiva e Social, Pediatria, Tocoginecologia e Enfermagem Psiquiátrica.

As inscrições para as provas de Residência estão abertas desde o dia 13 do mês e com o encerramento previsto para o dia 07 de novembro. As informações para este concurso deverão ser obtidas na Comissão de Residência do Centro de Ciências da Saúde e no Departamento de Enfermagem da UFPB.

Secretaria de Finanças vai fiscalizar empresa

Sousa (A União) - Com a finalidade de apurar os fatos nos seus mínimos detalhes, objetivando uma melhor conclusão na questão, fiscais da Secretaria de Finanças do Estado, deverão proceder uma diligência à empresa Matias de Araújo dos Santos, que comercializa estivas, na cidade de Sousa.

A informação foi prestada pelo Conselho de Recursos Fiscais, que em sua sessão quando julgava processo referente à essa empresa, resolveu convertê-lo em diligência, com a finalidade de melhor apurar os fatos.

Na mesma reunião, ainda feito o acórdão referente ao processo, já julga-

do, de Dunga Pneus Ltda. Outro julgamento feito foi o da Usina São João, onde o Conselho, resolveu dar recurso voluntário desprovido, o que significa que a empresa perdeu a questão e terá que pagar multa ao Estado. A irregularidade apurada pelos fiscais na Usina, foi a saída de mercadorias sem o recolhimento ICM.

Ao final da sessão houve ainda a distribuição dos processos de José Gomes Pinheiro e Fonseca Irmãos Comércio e Indústria S/A. Esses processos deverão ir a julgamento na sessão da próxima quinta-feira, às 9 horas.

Vereadores aprovam voto de aplausos ao Prefeito

Santa Rita (A União) - Os vereadores de Santa Rita aprovaram, na última terça-feira, voto de aplausos ao prefeito Marcus Odilon pela assinatura do contrato para a construção do Ginásio de Esportes (coberto), já iniciado na cidade alta.

O requerimento foi de autoria do vereador Aníbal Limeira, do PP. A única bancada oposicionista (PDS) tentou rejeitar a proposta, mas não teve condições, pois o voto "minerva" foi do próprio autor do requerimento.

DENÚNCIA

O vereador Aníbal Limeira fez ainda esta semana no plenário da Câ-

mara Municipal uma importante denúncia que mereceu o total aplauso das galerias.

Segundo o edil, o diretor do Colégio Estadual. sr. João da Luz, está obrigando as crianças menores de 10 anos a se deslocarem para a capital para as aulas de Educação Física, sob pena de reprovação por faltas, o que coloca em risco a vida dos menores, que são obrigados a tomar dois coletivos até o Ginásio do DEDE.

Conforme explicações do vereador Aníbal Limeira, o Colégio Estadual dispõe de quadra e espaço bastante para as aulas de Educação Física, não havendo razão para que as crianças tenham que se deslocar para a capital.



Engenheiro Imperiano encarregado da construção do ginásio

Professores encaminham documento

Sousa (A União) - A Escola Agrotécnica Federal de Sousa, através de seus professores, encaminhou um documento aos parlamentares paraibanos solicitando apoio a emenda do deputado Alexandre Machado, do PDS do Rio Grande do Sul, restituindo ao professor o direito de aposentadoria aos 25 anos de serviço, tirado pela Constituição de 1967.

O documento é assinado por 18 professores integrantes da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e encabeçado pela diretora do estabelecimento, professora Rosena Alves Pires.

SANTA CRUZ

Por outro lado, a Câmara Municipal de Santa Cruz aprovou o título de cidadania sancruzeense ao industrial José de Paiva Gadelha, atendendo proposição do sr. Antônio Félix de Sousa.

Na mesma sessão, foi aprovado também o título de cidadania a Orley Fernandes, chefe do DER de Cajazeiras.

Santa Rita implantará destilaria

Santa Rita (A União) - Uma proposta de financiamento de uma nova destilaria foi encaminhada ao Banco do Nordeste, agência de João Pessoa, no total de Cr\$ 1.055.860 mil cruzeiros a ser implantada no município de Santa Rita. As informações foram dos funcionários do setor de Crédito Industrial do banco, acrescentando que o BNB entraria com financiamento de 763, 927 mil cruzeiros, num prazo para pagamento de doze anos, inclusive três de carência.

Com a implantação desta destilaria, a produção de álcool da Paraíba terá um crescimento de mais de 120.000 litros diários. O projeto de financiamento vai entrar em estudo, na carteira industrial do BNB e possivelmente ainda este ano ela esteja aprovada.

CSU dá 4 cursos em Cajazeiras

Cajazeiras (A União) - Mais de duzentos alunos estão frequentando os cursos profissionalizantes promovidos pelo Centro Social nº 2 da cidade de Cajazeiras, onde diariamente assistem aulas, com professores treinados, sobre datilografia, corte e costura, artesanato e trabalhos manuais.

Segundo o diretor da Legião Brasileira de Assistência na Paraíba, Gilvan Navarro, no Centro Social de Cajazeiras mais de 7 mil pessoas carentes recebem assistência médica, odontológica e jurídica, sob a coordenação da assistente social Maria das Graças de Oliveira.

Os duzentos alunos dos cursos profissionalizantes estão distribuídos entre 14 turmas. Somente no primeiro semestre deste ano o setor jurídico da entidade daquela cidade realizou 500 casamentos civis.

Centro Cívico tem programação para seu 2º aniversário

Santa Rita (A União) - O Centro Cívico Escolar Flaviano Ribeiro Coutinho, do Grupo Escolar Flávio Ribeiro Coutinho, promoverá no próximo dia 26 a sua festa de segundo aniversário de fundação. Uma vasta programação foi elaborada pela coordenação do centro, sob a orientação do professor Luís H. do Nascimento, constando sessão solene, shows artísticos e baile.

TELEGRAMAS

Por outro lado, o prefeito Marcus Odilon continua recebendo vários telegramas de apoio e solidariedade ao movimento para se chegar a uma solução no problema Prefeituras e IAPAS, no qual as edificações são acusadas de altas dívidas.

O chefe do executivo municipal já defendeu a tese do endividamento das prefeituras brasileiras em dois congressos, um realizado em Curitiba e outro no Ceará, sendo bastante aplaudido.

A campanha já começa a criar corpo e tomar âmbito nacional, uma vez que já foi divulgada por vários jornais dos mais diferentes estados: no Ceará, O Povo, Tribuna do Ceará e Rádio e TV; em Curitiba, Diário dos Municípios; no Rio, Tribuna da Imprensa.

Entre os telegramas de apoio, destacam-se os paraibanos Aluísio Vinagre Régis, Sinval Gonçalves, respectivamente dos municípios de Conde e Sousa, além de dezenas de outros municípios.

ILUMINAÇÃO

O presidente da Saelpa, Ednaldo Tavares, comunicou ao prefeito Marcus Odilon a inclusão das povoações rurais do município de Santa Rita no programa de iluminação rural da estatal. A solicitação já havia sido feita pelo prefeito santarritense, mas, segundo o sr. Ednaldo Tavares, aguarda-se disponibilidade de verbas.

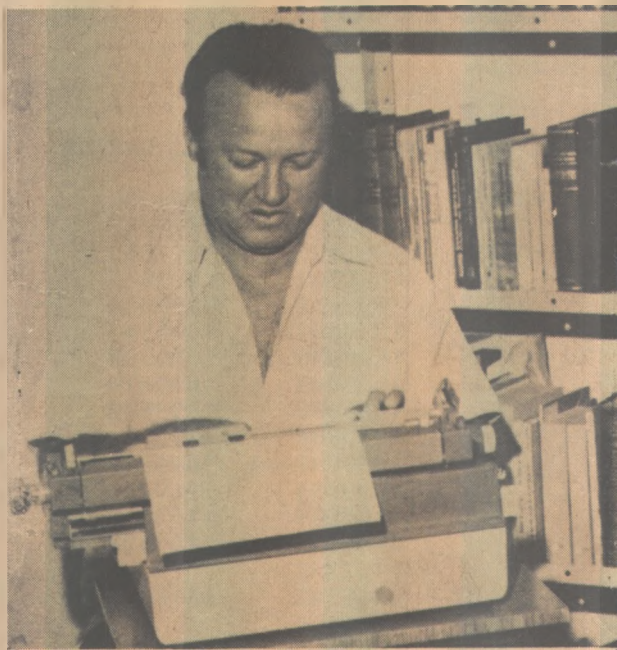
AGRADECIMENTO

O secretário José Ricardo Porto, dos Serviços Urbanos, de João Pessoa, enviou telegrama ao prefeito Marcus Odilon agradecendo o convite para inauguração da praça governador Flávio Ribeiro e parabenizando o edil pelo desempenho que vem alcançando à frente da Prefeitura Municipal de Santa Rita.

Francisco Cardoso lança livro sobre poder legislativo

Sousa (A União) - Hoje, às 20 h, no Forum Municipal, o jornalista Francisco Alves Cardoso vai fazer o lançamento do seu livro intitulado "Perfil Legislativo", que trata da vida e obra de todos os vereadores de Sousa, melhor dizendo a história da Câmara Municipal, desde a redemocratização do país, em 1945, até a atual legislatura.

O prefácio da obra é do jornalista Natanael Alves e a orelha do deputado Paulo Gadelha. Aproximadamente, cinquenta vereadores serão homenageados, e, por isso, se prevê um comparecimento da sociedade regional, pois representantes das cidades de Sousa, Nazarezinho, São José da Lagoa Tapada, Lastro e Santa Cruz estão presentes no livro do jornalista Francisco Alves Cardoso. Já confirmada a presença do secretário Ananias Gadelha, do Interior e Justiça, Johnson Abrantes, chefe do gabinete do governador Tarcisio Burity, e o deputado Paulo Gadelha.



Jornalista Francisco Alves Cardoso

Estado da Paraíba SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA ASSISTENTE DE MATERIAL

- COMISSÃO DE LICITAÇÕES -

EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº 008/80.

AVISO

1 - A Secretaria da Administração do Estado, através desta Diretoria Assistente de Material, leva ao conhecimento de quem interessar, que fará realizar no dia 23 (vinte e três) de outubro de 1.980, Tomada de Preços para aquisição de Formulários Contínuos DECLARAÇÃO DE RENDIMENTOS e CHEQUE DE PAGAMENTO.

2 - Os interessados poderão obter o Edital e demais informações, na sede desta Diretoria, localizada no Centro Administrativo do Governo do Estado, bloco 3, 4º andar, nesta Capital, no horário normal de expediente das 08:00 às 12:00 e de 14:00 às 18:00 horas dos dias úteis.

João Pessoa, em 13 de outubro de 1.980.
(Manoel Galdino Filho)
Diretor-Presidente da C. L.

Morre Etelvino Lins aos 71 anos

Marco Maciel: “ele dedicou sua vida à causa pública”

Sobre a notícia de sua morte, se manifestou o governador de Pernambuco Marco Maciel: “recebo com profunda tristeza a notícia do desaparecimento do ex-governador Etelvino Lins.

O Brasil guardará de Etelvino Lins - vida inteira dedicada exclusivamente a causa pública - as melhores lições de sua honradez pessoal, de seu grande senso de liderança, exercido sempre retilineamente, a serviço de seu Estado e do país.

Todos nós aprendemos com ele lições verticais e patriotismo nas suas virtudes sertanejas, imunes a inutilidade do desânimo, acostumadas a enfrentar e vencer as asprezas da adversidade.

Homem público em sua integral acepção, como governador do Estado, senador, deputado federal, candidato a presidência da república, ministro do Tribunal de Contas, soube sempre elevar o nome de Pernambuco em todos os mandatos a que se devotou a serviço do país.

Argúcia, habilidade, decisão, caracterizam a liderança afirmativa de Etelvino Lins, cujo caráter exprimia uma personalidade destemida e forte até o seu momento final.

Grande pensador e formulador político - que o fez por isso mesmo um nome nacionalmente respeitado - defendia as suas idéias com tal desassombro que, muitas vezes, despertava incompreensões e polémicas. Isso não significava, todavia, fosse ele adepto de soluções sectárias; pelo contrário, sua palavra, sobretudo nos momentos de crise, sempre foi marcada pela busca de opções que ensejassem a pacificação de toda a nação brasileira. Infenso, portanto, as alternativas radicalizantes, era sempre capaz de tecer fórmulas geradoras de conciliação entre interesses desavidos e capazes de trazer tranquilidade à família brasileira.

Pelos laços de afinidade e de parentesco que a ele se ligavam, pude, desde cedo, receber pelo frequente convívio, suas inoxidáveis lições, e tenho como uma das honras de minha vida, pessoal e públicas, o fato de ser, por gesto de meu pai, seu afilhado de batismo.

Com a morte de Etelvino Lins, perdi um grande amigo e o país um notável político; Pernambuco perdeu um dos seus maiores filhos; o Brasil, contudo, não perdeu o seu exemplo”.

Etelvino Lins de Albuquerque, 71 anos, ex-governador de Pernambuco, constituinte e senador pelo seu Estado, em 1946, um dos articuladores da solução parlamentarista de 1961, fundador e integrante do antigo Partido Social Democrático e considerado como um dos mais expressivos nomes da política nacional nos últimos cinquenta anos, faleceu ontem no Rio de Janeiro, vítima de um aneurisma.

Nascido em Recife (PE), a 20 de novembro de 1908, Etelvino Lins iniciou sua vida pública em 1929, em meio a intensa campanha liberal de apoio às candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa, aos quais dedicou um entusiasmado discurso durante uma visita de estudantes pernambucanos ao Rio Grande do Sul.

Respondendo a saudação que lhe foi feita pelo aspirante da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Perachi Barcelos, Etelvino evitou a formulação de mero agradecimento para dedicar-se, por mais de meia hora, a uma inflamada incitação à resistência armada diante dos insistentes rumores de que o governo se utilizaria da fraude na eleição.

Ligado a Agamenon Magalhães, de quem foi secretário de Segurança Pública do Governo de Pernambuco durante a intervenção em seu estado natal, Etelvino Lins viria a suceder ao velho líder nordestino, primeiro interinamente, por quatro vezes e, posteriormente, como interventor federal durante os últimos nove meses do Estado Novo em 1945.

Afastado do Governo após a queda de Getúlio Vargas, ingressou no Partido Social Democrático (PSD) de quem foi um dos

fundadores, candidatando-se a Constituinte de 1946 e a uma cadeira no Senado, por Pernambuco. Eleito, exerceu seu mandato com intensa participação parlamentar que lhe valeu a consideração dos mais importantes políticos da época que o apontavam como “o mais sério das novas expressões políticas nacionais”, posição que alcançava aos quarenta anos.

Dotado de facilidade de expressão e um intenso ritmo de trabalho, o senador pernambuco foi eleito para a sucessão de Agamenon Magalhães pelo voto direto em 1952, liderando uma coalizão supre-partidária que lhe valeu o apoio de todas as agremiações políticas de importância em sua região.

Em 1954, envolvido diretamente na crise que antecedeu ao suicídio do Presidente Vargas, de quem era amigo pessoal, Etelvino Lins tentou encontrar uma solução conciliadora que repetisse a nível nacional a pacificação política que o levou ao Palácio das Princesas em Recife, numa tentativa de resguardar a pessoa e a autoridade do Chefe do Governo.

Frustrado em seus intentos, voltou a Pernambuco de onde passou a articular a sucessão presidencial pelo PSD do qual seria candidato por dois meses, em 1955, apoiado por uma dissidência que não concordava com o lançamento do então governador mineiro, Juscelino Kubitschek, para a disputa pelo Palácio do Catete. Evitando ampliar a cisão partidária, tentou convencer Juscelino a aceitar a vice-presidência na chapa de Juarez Távora e renunciou a indicação pelo partido.

Nomeado para o Tribunal de

Contas por Juscelino logo após a posse, dali se afastaria em 1958 para ocupar a cadeira de deputado federal por Pernambuco, para a qual fora eleito em voto direto. Sua capacidade de conciliação foi altamente destacada durante a crise política que se seguiu à renúncia de Jânio Quadros, quando assumiu a posição de um dos principais articuladores da solução parlamentarista para a crise institucional por que atravessava o país.

Voltando ao Tribunal de Contas que viria a presidir logo após 1964, defendeu o sistema de eleição indireta para Presidente da República, em iniciativa que, afirma em seu livro “Um Depoimento Político”, lhe repeliu pelo então Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, General Castello Branco.

Em 1970, aposentado pelo tribunal, Etelvino Lins novamente aceita uma disputa eleitoral em busca de novo mandato para a Câmara dos Deputados, para a qual é eleito com uma das maiores votações obtidas em Pernambuco. Disposto a abandonar a vida pública, “para dedicar-se ao mundo das idéias”, deixou definitivamente a luta partidária após o seu mandato, dedicando-se, daí por diante, ao culto das “velhas tradições pernambucanas às quais estou intimamente ligado”, como forma de compensação pelo abandono de uma atividade política intensa e marcante que se iniciou de forma inesperada como um não pronunciado discurso, no local e no momento oportunos, nos primeiros movimentos que antecederam a Revolução de 1930, de quem foi participante e continuador na cena política nacional.

ESTADO DA PARAÍBA PODER JUDICIÁRIO CARTÓRIO “TOSCANO DE BRITO”

JUIZO DE DIREITO DA 5ª VARA DESTA CAPITAL
EDITAL DE CITAÇÃO COM O PRAZO DE 10 DIAS

O Dr. Antônio de Pádua Lima Montenegro, MM, Juiz de Direito da 5ª Vara desta Capital, na forma da lei, etc...

FAZ SABER a todos quantos o presente edital de citação com o prazo de DEZ dias, virem, e dele tomarem conhecimento, que por este Juízo de Direito da 5ª Vara desta Capital no expediente do Cartório do 2º Ofício “Toscano de Brito”, tramita de termos da Executiva Hipotecária promovida pela PROPRIA - Associação de Poupança e Empréstimo contra JÊNIO GOMES DA VEIGA PESSOA e sua mulher CÉLIA SALES DA VEIGA PESSOA, estas, segundo certidão exarada pelo Oficial de Justiça da Diligência, encontram-se em lugar incerto e não sabido, motivo pelo qual ficam CITADOS, para no prazo de 24 horas efetuarem o pagamento do débito objeto da ação acima qualificada, que importa em Cr\$ 1.286.110,06, acrescidas de juros de mora, multa contratual, honorários advocatícios à base de 20% sobre o valor da condenação, estas processuais e demais cominações legais, sob pena de ser o imóvel hipotecário penhorado, ficando, ainda, citados, para responderem aos termos da referida demanda, sob pena de revelia, até final de sentença, ficando aqui a advertência do que dispõe o art. 285 do C.P.C. E, para que mais tarde alguém não alegue ignorância, será o presente publicado uma vez no Diário da Justiça e duas vezes em jornal de circulação do Estado. Cumpra-se. João Pessoa, 13 de outubro de 1980. Eu JOSE ROBERTO DE MELO escrevente compromissado o datilografei e assinou:

Antônio de Pádua Lima Montenegro
Juiz de Direito.



LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS - DO - DR. VALDEVINO GREGÓRIO DE ANDRADE

C.R.F. 0001

- Analista credenciado do INAMPS - A. Patronal - Banco do Brasil, IPEP - ASCB - JOHNSON & JOHNSON - SAELPA - Hospital do Grupamento de Engenharia - ASPLAN - O NORTE - IAA - ASSEX - A UNIÃO
Análises completas de Sangue, Urina, Feces, Teste Imunológico para Gravidez, Provas Funcionais, Culturas com Antibiograma, Etc.
LABORATÓRIO:
Rua Santos Dumont, 145 - Térreo
(Próximo a Lagoa) - Telefone 221-5016

Empresa Municipal de Urbanização

Rua Rodrigues Chaves Nº 65 João Pessoa - Paraíba
Fones 221-3569 - 221-3570 C.G.C. 08.806.838/0001-89

(EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº 01/80)

A V I S O

A Diretoria Técnica da URBAN - Empresa Municipal de Urbanização faz saber aos interessados que mandou afixar no Quadro de Avisos da Empresa, o Edital de Concorrência nº 01/80, com vistas à pavimentação asfáltica de várias ruas incluídas no Projeto CURA/MANAIÁRA.

Os interessados poderão dirigir-se à sede da Empresa, na rua Rodrigues Chaves, 65, onde obterão maiores informações sobre o ato em apreço, inclusive aquisição de cópia do mesmo.

Faz saber, outrossim, que as propostas apresentadas serão abertas no dia 17 de Novembro próximo, na sede da Entidade, às nove horas (09.00h).

João Pessoa, 16 de Outubro de 1980

FRANKLIN ROOSEVELT M. DE SEIXAS
Diretor Técnico

Empresa Municipal de Urbanização

Rua Rodrigues Chaves Nº 65 João Pessoa - Paraíba
Fones 221-3569 - 221-3570 C.G.C. 08.806.838/0001-89

(EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº 02/80)

A V I S O

O Diretor Técnico da URBAN - Empresa Municipal de Urbanização faz saber aos interessados que mandou afixar, no Quadro de Avisos da Empresa, o Edital de Concorrência nº 02/80, com vistas à terraplenagem de várias ruas incluídas no Projeto CURA/MANAIÁRA, nesta Capital.

Os interessados poderão dirigir-se à sede da Empresa, na rua Rodrigues Chaves, 65, onde obterão maiores informações sobre o ato em apreço, inclusive aquisição de cópia do mesmo.

Faz saber, outrossim, que as propostas apresentadas serão abertas no dia 17 de Novembro próximo, à dezesseis horas (16.00h).

João Pessoa, 16 de Outubro de 1980

FRANKLIN ROOSEVELT M. DE SEIXAS

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DAS INDÚSTRIAS

DA EXTRAÇÃO

DE MINERAIS NÃO METÁLICOS DO ESTADO DA

PARAÍBA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A Associação Profissional das Indústrias da Extração de Minerais não Metálicos do Estado da Paraíba, nos termos dos seus Estatutos e na forma da legislação vigente, convoca os Senhores Associados para a Assembléia Geral Extraordinária a realizar-se em sua sede social à Rua Almeida Barreto nº 159 1º andar, sala 12, nesta cidade, no dia 14 de NOVEMBRO do ano em curso às 20:00 horas, em primeira convocação, ou às 21:00 horas, em segunda convocação, com qualquer número de associados presentes, para deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia:

1 - Deliberar sobre a transformação da Associação Profissional em Sindicato;

2 - Aprovar os Estatutos do Sindicato;

3 - Fixação da Contribuição Social.

João Pessoa, 15 de outubro de 1980

Maurício Clóvis de Almeida

Presidente

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

SECRETARIA DAS FINANÇAS

COMISSÃO DE LICITAÇÃO

AVISO DE EDITAL

TOMADA DE PREÇOS Nº 10/80

A Comissão de Licitação, designada pela portaria nº 133/80, do Exmo. Sr. Secretário das Finanças, publicada no Diário Oficial de 27/08/80, funcionando no Bloco IV - 2º andar do Centro Administrativo - faz saber a quem interessar possa, que se acha aberta Licitação na modalidade de TOMADA DE PREÇOS para aquisição de Material Permanente destinado a esta Secretaria.

Os interessados poderão comparecer à sala onde funciona a Comissão de Licitação, no expediente das 14:00 às 18:00 horas, afim de obterem os esclarecimentos necessários e receberem cópia do Edital.

Faz saber, outrossim, que as propostas apresentadas serão abertas às 15:00 horas dia 27 do mês em curso.

João Pessoa, 15 de outubro de 1980.

(Nilo da Cruz Pessoa)
Presidente

Poder Judiciário

Justiça Federal de Primeira

Instância

Seção da Paraíba Edital de Citação com o Prazo de Quinze Dias

O DR. RIDALVO COSTA, Juiz Federal na Paraíba, em virtude da lei, etc.

FAZ SABER aos que o presente edital virem, dele notícia tiverem ou interessar possa que, perante esta Seção Judiciária, se processam os autos de uma ação sumariíssima nº 87, cl. X, movida pelo DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM contra MARIA RIBEIRO DE LIMA, e, como consta dos autos, ter a promovida residência a domicílio desconhecido e não sabido, pelo presidente, fica CITADA a ré MARIA RIBEIRO DE LIMA, brasileira, proprietária, para comparecer à audiência de instrução e julgamento designada para o dia 03.11.80, às 14,00 horas, na sede deste Juízo, Av. Almirante Barroso, 234, nesta Capital, quando poderá oferecer defesa oral ou escrita, e produzir provas, tudo de conformidade com a petição inicial e do despacho proferido pelo MM. Juiz Federal, cujo teor é o seguinte: “Designa-se nova audiência. Cite-se, na forma do pedido. P. João Pessoa: 28.8.80, (a) Ridalvo Costa, Juiz Federal”. E, para que chegue ao conhecimento de todos e ninguém possa alegar ignorância, foi ordenado a expedição do presente, que será afixado no local de costume e publicado no Diário da Justiça e no Jornal “A União”, na forma da lei. Dado e passado nesta cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, aos treze dias do mês de outubro do ano de 1980. Eu, (ass. ilegível) Auxiliar Judiciário, o datilografei, Eu, Bel. Afonso Leite Braga, Diretor da Secretaria deste Juízo, o conferei e subcrevi.

Ridalvo Costa
JUIZ FEDERAL

A grande oportunidade para melhor investir!

Escritórios de alta classe, no ponto mais nobre da cidade:

EDIFÍCIO COMERCIAL

Antonio Cabral

Rua Duque de Caxias em frente ao estacionamento da Urban.



Excelente para profissionais liberais, vizinho a bancos, repartições públicas, magazines, cinemas, etc.

Sinal parcelado e financiamento em 120 meses.

VENIDAS:
BIG Bomfim

Incorporações e Corretagens de Imóveis Ltda.
RUA DUARTE DA SILVEIRA, 751
FONE: PABX (083)222-0061
CRECI 577 - 21º Rg-Pb.

EMPREENDEDIMENTO:

IPÊ

MOBILIÁRIA LTDA.

Financiamento
Garantido pela:

CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL

Receita vai intensificar fiscalização

Em decorrência de diretrizes traçadas pelo órgão central, a Delegacia da Receita Federal na Paraíba dará ênfase a algumas situações especiais constatadas e que demandarão uma atuação intensiva do seu aparelho fiscalizador, sem prejuízo de execução dos programas de fiscalização em andamento.

Segundo informou ontem o delegado da Receita, Guilherme Carlos Nogueira, essas ações fiscais serão devidamente intensificadas com vistas as pessoas físicas e jurídicas que não apresentaram declaração de rendimentos no exercício desse ano, pessoas jurídicas que não apresentaram DIPI (Declaração de Imposto Sobre Produtos Industrializados) nos últimos períodos geradores, pessoas jurídicas que não recolheram o imposto de renda retido na fonte, nos prazos previstos em lei.

Além dessas ações especiais, a fiscalização da Receita Federal, através dos seus setores de revisão de declarações, estão trabalhando intensivamente nas áreas de equiparação de pessoas físicas e jurídicas em razão de loteamentos e incorporações, pessoas jurídicas que apresentaram declarações de rendimentos no formulário III de forma incorreta em razão de sua receita ou de sua finalidade; pessoas físicas, diretores de empresas que apresentaram declarações de rendimentos em formulário III, e não levaram à tributação, em suas respectivas declarações, o percentual previsto na legislação pertinente.

Finalizando, o delegado disse que a Receita já está utilizando o sistema on line (processamento eletrônico de dados), em funcionamento na sede da superintendência em Recife, para detecção de irregularidades fiscais, visando a uma atuação cada vez mais racional de sua fiscalização.

Calixto quer mais apoio ao artesanato

A partir da implantação da Fundação de Apoio ao Artesanato, proposta pela Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais, mereceu aplausos do vereador Sebastião Calisto, do PMDB, na Câmara Municipal de João Pessoa, ao destacar que o artesanato terá, assim, uma legislação que o ampara e o dignifica, retirando-o de uma situação incompatível com sua importância.

O vereador Sebastião Calisto, justificando um requerimento de congratulações ao sr. Adailton Coelho Costa, disse que o secretário do Trabalho por onde passa deixa uma marca administrativa profícua, voltada para os interesses da coletividade. O requerimento foi aprovado por unanimidade. Os aplausos foram extensivos ao governador Tarcísio Burty.

Para o vereador da oposição, o projeto que se acha em tramitação na Assembléia Legislativa, define com clareza o desenvolvimento de programas específicos de financiamento de matéria prima e insumos necessários ao trabalho artesanal, promovendo a comercialização da produção, propiciando condições de organização da classe de mão de obra qualificada.

Mais quatro vereadores - Ernandes Duarte, Gerson Gomes de Lima (PDS), Magdalena Mendes (PMDB) falaram sobre a oportunidade da instituição da Fundação, elogiando o trabalho desenvolvido pelo sr. Adailton Coelho Costa à frente da Secretaria do Trabalho.



Oveiro da Zebulândia é o grande campeão da raça Nelore em exposição em Campina Grande

Polícia evitará desordem em escola de Santa Rita

A Secretaria de Segurança Pública, a pedido da professora Giselda Navarro, secretária de Educação e Cultura, vai designar quatro vigilantes para a escola Maria Honorina Santiago, no Alto das Populares em Santa Rita que, pela segunda vez, foi palco de atos de vandalismo, inclusive com o furto de equipamentos imprescindíveis ao funcionamento do estabelecimento.

Ontem, a Delegacia de Polícia de Bayeux, que tem como responsável o capitão Sansão Paula Homem, informou que já deteve um suspeito e possui os nomes de mais três, que são apontados pela invasão da escola e furto de uma máquina de calcular, jogos do centro cívico, 1.200 cruzeiros da Caixa Escolar e quebra de mate-

rial de expediente, como arquivos e livros.

Para a diretora da Escola Maria Honorina Santiago, que vem, inclusive, recebendo ameaças de morte, pela sua insistência de denunciar o vandalismo às autoridades, que se acham empenhadas em promover a educação, a invasão do estabelecimento deve-se a fatores como baixo nível cultural da população e ausência de policiamento ostensivo.

A diretora Maria Ieda Ferreira faz um apelo à população no sentido de uma maior participação na preservação das escolas públicas. Os funcionários ontem mesmo voltaram às suas atividades, apesar do sábado, para recompor os móveis, a fim de que os alunos amanhã não sintam prejuízos.



Polícia tentará evitar vandalismo contra escola de Santa Rita

Deformação no sistema de ensino é visto por Renô

"Protestamos contra a deformação do sistema de ensino que prepara os profissionais da saúde para a prática sofisticada e altamente medicalizada, prática esta destinada a aumentar o consumo de medicamentos das multinacionais e de equipamentos altamente dispendiosos, em completo desacordo com as necessidades das nossas populações que estão morrendo de doenças infecto-contagiosas como a tuberculose e muitas outras".

As declarações foram do médico Renô Torres Macaúba para uma platéia de 500 pessoas composta de militares, políticos, representantes de entidade e do enviado da DRT que lotava o auditório do IAPAS para assistir sua posse como novo dirigente do Sindicato dos Médicos de João Pessoa, sexta-feira à noite.

A nova diretoria do Sindicato é composta por Guilherme T. Sarinho, José Claudino de Pontes e dos suplentes Antônio G. Viana Chianca, Sebastião V. Barbosa e Kepler I. Meira Sousa. Em seguida o deputado federal Marcondes Gadelha proferiu palestra sobre o tema: O Sindicalismo Hoje no Brasil.

Proseguindo com seu discurso, o novo presidente do Sindicato Renô Macaúba disse ter "aumentado, em muito, o número de médicos nas grandes cidades por falta de condições técnicas e sócio-econômicas mínimas em muitas regiões do país, logicamente aparecem nas metrópoles, o sub-emprego, o múltiplo emprego e a exploração inescrupulosa do médico pela avidez de terceiro".

E aconselha que algumas situações podem ser modificadas pela expansão do progresso. "Certas distorções devem ser alteradas pelo aprimoramento legislativo e social. Existem porém, condições e valores imutáveis, tais como os irrealis, os objetivos e a responsabilidade que há séculos norteiam o exercício da profissão médica".

Renô Macaúba denunciou ainda que existem condições precárias de resistência médica e hospitalar no país. "Estamos presenciando a cada momento a deterioração assistencial, numa constrangedora coerência com a degradação de todas as condições de vida da população, tudo isso é muito lógico, uma vez que o modelo assistencial segue os mesmos parâmetros do modelo econômico imposto ao nosso povo".

Explicando que o Brasil resente ainda a falta da aplicação preventiva de um planejamento global e integrado de saúde preventiva e curativa, o novo dirigente da classe médica disse em seu discurso que "assistimos a multiplicidade de planos que ficam no papel ou pior, no meio do caminho, a superposição e disputa de serviços afins, em diferentes níveis, sem um comando normativo sem traços assegurados a meta pré-fixadas".

"Tudo isso leva aumento de custos e despesas, pulverização de recursos, conflitos de interesses políticos e mercantilistas, diminuição de eficiência, baixa de padrões assistenciais, corrupção e disidria", disse.

HUMILHADOS

Protestando contra o sistema de assistência à saúde, contra a sua estrutura, contra as incoerências contidas entre a estatização da arrecadação e a privatização dos lucros, a socialização do médico e o abandono do povo, o sr. Renô Macaúba acrescentou que "não podemos mais continuar sendo esbucados, humilhados e colocados à execução pública".

"A classe médica necessita urgentemente tomar uma outra posição e passar a exigir respeito. Não podemos mais ser covardes, acomodados, submissos ou oportunistas. Temos condições efetivas de recuperar o prestígio que nos é devido perante a sociedade", finalizou.

Semana prevenirá o coração

Numa promoção da Sociedade Paraibana de Cardiologia e do INAMPS, será realizado nesta capital, no período de 27 a 31 do corrente a "Semana do Coração", que tem por objetivo alertar e prevenir a população pessoense para os perigos da hipertensão arterial e os cuidados a serem adotados a fim de evitar consequências mais sérias.

Durante a "Semana do Coração" será instalada no Ponto de Cem Réis, um posto médico que atenderá gratuitamente a população, inclusive fornecendo de imediato o diagnóstico. Alertam os promotores do evento que a hipertensão pode afetar seriamente o coração, o cérebro, os rins, os olhos e pode causar infarte no miocárdio, como também pode inutilizar a pessoa definitivamente para o trabalho. A Sociedade Paraibana de Cardiologia contará também na realização da campanha com a colaboração do 15 BIMTZ, Polícia Militar e todos os órgãos da imprensa falada e escrita da capital.

BNH dará 403 milhões para o Cura

Está dependendo apenas da liberação da verba de 403 milhões pelo Banco Nacional de Habitação para que as obras do Projeto Cura de Manairá sejam reiniciadas. As informações foram do secretário de Planejamento da Prefeitura Valdecir Barbosa, adiantando que tão logo receba a autorização do banco serão iniciadas as contratações da empleiteras para execução dos serviços de pavimentação e construção das galerias, destinadas ao esgoamento das águas.

Segundo Valdecir Barbosa o Projeto Cura de Manairá não beneficia somente a área de Manairá, pois ele se estende às praias de Tambaú, Besa e Cabo Branco. Nestes locais a maior parte das obras estão concluídas, faltando apenas a pavimentação de alguns lugares nestas artérias.

Em Manairá o Projeto Cura vai realizar a construção de bacia de galerias, ali serão construídas a pavimentação de todas as avenidas Ruy Carneiro, Flaviano Ribeiro, ao lado do Hotel Manairá e suas ruas paralelas.

Bancos investem milhões na Exposição de Campina

Somente os contratos concluídos durante a realização da XXII Exposição Paraibana de Animais e Produtos Industriais somaram cerca de sessenta milhões de cruzeiros, através das agências dos bancos do Estado, Nordeste e Brasil, instaladas no próprio pátio da mostra, além de outros que continuam tramitando em valor superior a vinte e cinco milhões. Para a aquisição de máquinas e equipamentos agrícolas foram fechados também 302 contratos.

A mostra encerrou-se ontem solenemente às 17 horas, com o desfile das raças vencedoras e pronunciamentos do prefeito Enivaldo Ribeiro, do presidente da Sociedade Rural, Edvan Pereira Leite e do secretário José Costa, da Agricultura e Abastecimento.

A noite, um show com a cantora Vanusa, reuniu no parque, diante da concha acústica, mais de dez mil pessoas, concluindo uma série de apresentações de artistas de renome que contou com Gretchen, Trio Nordestino, Genival Lacerda, dentre outros.

O Programa de Tourinhos, que visou o subsídio por parte do Governo no total de 20 por cento do valor do animal, para a sua comercialização com expositores paraibanos, alcançou pleno êxito, movimentando recursos na ordem de 470 mil cruzeiros apenas da parte subsidiada.

OS GRANDES CAMPEÕES

As raças contempladas com os prêmios de Grande Campeões, foram as seguintes: Gir, Nelore, Indubrasil, Guzerá, Cimental, Holandesa e Schwiz. Da Gir foi vencedor o animal Bolero da Linda Flor, da Fazenda Oiteiro, propriedade de Henrique Vieira de Albuquerque, em São Miguel do Taipú.



Pelos 20 anos de serviços prestados à Legião Brasileira de Assistência, esta semana, quatro funcionários da Superintendência Regional foram agraciadas com diplomas e broches em ouro, que foram entregues pelo superintendente Gilvan Amorim Navarro, que destacou as qualidades funcionais de cada à causa legiôndria. As agraciadas foram Maria José de Sousa, Maria Eunice Pereira, Ismênia Antão de Brito e Antonia Ferreira da Silva.

José de Melo não venderá abacaxi para o exterior

Por não ter condições de concorrer com as empresas dos estados da Bahia e de Minas Gerais, a firma paraibana José de Melo & Cia. - Importadora e Exportadora de Abacaxi, não vai vender este ano o produto ao exterior, conforme informou o diretor comercial daquela empresa, João José de Melo.

Segundo ele, "o que mais prejudica o trabalho de nossa firma, é a falta de incentivos por parte da Secretaria das Finanças, que não diminui o Imposto de Circulação sobre Mercadorias (ICM)". Na Bahia e em Minas Gerais explicou João José - o ICM não é cobrado.

O diretor comercial da Importadora e Exportadora de Abacaxi disse ainda que outras empresas exportadoras do produto, na Paraíba, estão enfrentando o mesmo problema. Acrescentou que importadores da Argentina e de outros países preferem comprar o abacaxi produzido na Bahia e em Minas Gerais, "que têm condições de comercializar uma caixa do produto por menos de seis dólares". Na Paraíba - afirmou - só é possível exportar uma caixa por oito dólares.

João José de Melo disse, por outro lado, que, além da vantagem de ter o ICM dispensado, os produtores da Bahia e de Minas Gerais são beneficiados pelas distâncias menores.

SECRETÁRIO

- Quando procurei o secretário Marcos Ubiratan, das Finanças, fiquei estarelecido com o atendimento que me foi dado, comentou João José. Por duas vezes o exportador tentou "reivindicar um melhor tratamento para o Caso do Abacaxi no que diz respeito aos incentivos fiscais, levando em conta a posição que a Paraíba ocupa no comércio deste produto".

João José de Melo está aguardando a visita de dois importadores argentinos, que virão à Paraíba discutir sobre a exportação do Abacaxi.

Vinte e um veículos são leiloados pela Cidagro

A Cidagro leiloou 21 veículos no período de maio do ano passado a outubro deste ano e durante esses 18 meses adquiriu apenas oito unidades. A frota da companhia de desenvolvimento agropecuário do Estado compreende apenas 32 veículos, que servem às sedes regionais de João Pessoa, Campina Grande e Patos, a 67 agências instaladas em várias regiões e à sede localizada em Bayeux.

A maior parte da frota da Cidagro se compõe de veículos utilitários de pequeno e médio porte e de caminhões. Essas viaturas são controladas mediante triagem feita pelo Setor de Transportes, que examina as solicitações de cada divisão para o uso dos veículos. Além disso, há o rigoroso contro-

le através de boletins de circulação dos veículos, relatórios mensais com mapas de racionalização dos serviços, quadro demonstrativo das despesas e o controle da despesa mensal com veículos, por setor.

ÔNIBUS PARA FUNCIONÁRIOS

A Cidagro dispõe de ônibus especial para o transporte de seus funcionários que trabalham na sede, em Bayeux, e 40% dos 60 empregados, aproximadamente, possuem carro próprio. O ônibus especial faz o percurso João Pessoa-Bayeux-João Pessoa, ficando estacionado no parque Solon de Lucena, 20 minutos antes do início do expediente.



Obras do Projeto Cura em Manairá serão reiniciadas quando chegar 403 milhões do BNH.

Anco e as tiradas do seu 1 - Mor

Pag 8

Botafogo joga tudo em Cabedelo

Pag 5

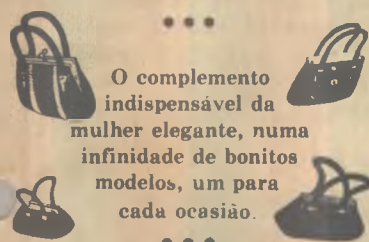
Os últimos lançamentos literários no País

Pag 7

Tecnocracia e Política Econômica

Pag 3

Karine
Colas



O complemento indispensável da mulher elegante, numa infinidade de bonitos modelos, um para cada ocasião.

Praca 1817, Nº 35-B
Fone: 083(221-8746)
JOÃO PESSOA — PB

FAÇA SEU VARILUX E ULTRAVUE COM QUEM ENTENDE

ótica MIAMI

Rua Duque de Caxias, 296-A
Fones: 221-2259 e 221-8729

MOVELARIA PERNAMBUCANA
Uma Loja Com Personalidade

MATRIZ: Praça Pedro Américo, 71 - Fones: 221-4575 e 1031

FILIAIS:

Loja II - Rua Cardoso Vieira, 123 - Fone 221-4488
Loja III - Rua Duque de Caxias, 296 - Fone 221-5205
Loja IV - Rua Duque de Caxias, 275 - Fones 221-4770 e 4068
Loja V - Av. Epitácio Pessoa, 3001 - Fones 224-6381 e 5224

DEPOSITO

Loja VI - R. João Luis Ribeiro de Moraes, 266 Fone 221-6840
Loja VII - Parque Solon de Lucena, 263 - Fone 221-2961

farmácia PADRE ZÉ



UMA ORGANIZAÇÃO
JOSÉLIO PAULO NETO
AGORA TAMBÉM EM TAMBÁU

Rua Carlos Alverga, 23 - Fone: 226-1132

Indicação repercute

• Alcançou a melhor repercussão nos círculos políticos e administrativos a designação de Arnaldo Vieira de Mello Junior para interventor do município de São Miguel de Taiapu.

• Ligadíssimo ao Vice-Governador Clóvis Bezerra, como um dos integrantes do esquema de sustentação do filho deste, deputado Afrânio Bezerra, Arnaldo Junior, que é irmão do jornalista Ottonaldo Lourenço, patriarca da casa, é economista de profissão.

• Junior é alto funcionário da Secretaria da Indústria e Comércio.

Nova idade de Jader

• O tabelião Jader Franca (foto), que gente experiente em política social aponta como um dos mais votados no pleito do dia 9 de novembro, é aniversariante neste domingo. Ele e Zeneide, certamente, concentram amigos em sua casa de verão em Camboinha.

• Sobre seu posicionamento com relação as eleições sucessórias do CB, Jader não se faz de rogado, deixa a modéstia de lado e confessa mesmo que terá uma votação maciça e incontestável.

• Jader festejará sua nova idade e o nascimento de Mariana.



JADER FRANCA

Jessé no late

• Depois de Cauby Peixoto e Altamar Dutra, afora a participação também do Madrigal Paraíba, a diretoria do late Clube da Paraíba está anunciando para o dia 31 outra grande festa para o seu quadro social.

• Com contrato já assinado, na noite daquele dia estará fazendo uma apresentação muito especial para os iatistas o cantor Jessé, laureado como melhor intérprete do MPB-80 da Rede Globo de Televisão.

• A festa será dançante com o conjunto de música ao vivo. As mesas, com quatro lugares, custarão dois mil cruzeiros. E já podem ser reservadas na secretaria do late, em Tambiá.

Maior Dinâmica

• O reumatologista Océlio Cartaxo não esconde de ninguém o seu entusiasmo pelo dimensionamento atingido, em tempo relativamente curto, de sua candidatura a Diretor de Esportes do Cabo Branco. Muito embora reconheça que a luta não vai ser fácil, ainda assim, acredita que sairá vitorioso por boa votação.

• Os planos de Océlio Cartaxo para movimentar ainda mais o setor social do Cabo Branco são surpreendentes. Uns são novos e outros antigos e já desaparecidos do calendário do clube, como as vespers juvenis que sempre enchiam as buates nas tardes

domingueiras. Océlio pretende fazê-las voltar premiando a juventude alvirubra.

• Está também nos planos de Océlio Cartaxo promover mensalmente uma grande festa com uma atração artística, "a exemplo do que vem fazendo o late Clube com sucesso". Garante ele, se eleito, que suas promessas não ficarão apenas no papel. "O quadro social do Cabo Branco fez por merecer uma programação mais dinâmica, digna mesmo da importância e do prestígio da agremiação. Não decepcionarei", disse Océlio.

• Faltam 21 dias para as eleições do Cabo Branco.

UM GRUPO FORTE

• Trinta e um nomes bastante identificados socialmente irão disputar, dia 9, a preferência do eleitorado do Cabo Branco, concorrendo às 21 vagas do Conselho Deliberativo pela chapa da situação, liderada por Assis Camelo. São Eles: Abdias Sá, Abelardo Wanderley, Alemar Luna Freire, Adalberto Soares, Alberto Mororó, Célio Di Pace, Derivaldo Mendonça, Ednewton Cesar (Também).
• Fernando Mousinho, Fernando Vilar, Galvani Muribeca, Ivan Guerra, Jarbas Vinagre, Geraldo Carvalho, José Guilherme Marques, Josélio Paulo Neto, João Batista Mororó, José Gabínio, Jose-ride Lucena, José Barros, José Campos, Gonzaga Rodrigues, Marcone Cavalcanti, Nilton Vilhena, Orlando Figueiredo, Pedro Honorato, Paulo Pedrosa, Patricio Leal, Severino Andrade, Waldere- do Nunes e William Velloso.

Sociedade

IVONALDO CORREIA



ANA LÚCIA RIBEIRO COUTINHO, PRIMEIRA DAMA DE SANTA RITA

PARAÍBA TERÁ A SUA ACADEMIA DE TÊNIS

• Nas imediações da Cidade Universitária, o desportista Eudoro Chaves, presidente da Federação Paraibana de Tênis, está construindo a Academia de Tênis da Paraíba, empreendimento próprio em que ele de imediato transformará numa espécie de clube privativo.

• A idéia de Eudoro em fundar a ATF partiu da impossibilidade de se dimensionar, atualmente, a prática do tênis em João Pessoa, devido a carência de quadras para o seu desenvolvimento. O Cabo Branco tem duas quadras exclusivas dos seus associados e o Jangada tem mais duas, que não atendem as mínimas exigências.

• A Academia de Tênis da Paraíba vai ter 7 quadras, piscina, bar, restaurante e sauna. No dia 10 de novembro, Eudoro Chaves já inaugura duas quadras. Em dezembro abre mais duas e as três restantes ficam para ser inauguradas no começo de 1981.

• Os títulos de sócios da Academia de Tênis da Paraíba estão sendo vendidos a 50 mil cruzeiros, facilitados.



MARIA EMILIA TORRES DE FREITAS

Rápidas

— ESTÁ cada vez mais fortalecida - segundo opinião de experts, a candidatura do bacharel Paulo Maia, que disputará mais uma vez a presidência da Ordem dos Advogados da Paraíba. • • • ENALDO Soares, que foi um dos melhores sub-diretores sociais do Cabo Branco, está aniversariando neste domingo. • • • MARCOS Crispim muito sensibilizado com as inúmeras e importantes adesões recebidas pela sua permanência como presidente do Jangada. Diante de tal fato, esvazia-se a candidatura oposicionista de Gilson Régis Toscano de Brito. • • • GERALDO Melo, figurinista, escolheu Eurides e José Jorge de Lima como um dos casais elegantes para a sua festa de Jubileu de Prata. • • • CRONISTA Alex, quando vier em novembro a João Pessoa ficará hospedado no Hotel Tropicana. • • • JOSAURO Paulo Neto bem que poderia fazer requerimento pedindo reconsideração da pena que lhe foi imposta pela diretoria anterior do late Clube da Paraíba.

Reunião de analistas

• A diretoria da Sociedade Paraibana de Análises Clínicas programou para a manhã do dia 8 de novembro um almoço-assembleia em sua sede administrativa em Água Fria, próxima à Escola Lions Tambaú.

• A regional da SBAC/Nacional convida todos os seus associados.

Assembleia de Lions

• Na Granja dos Magistrados, dia 25 deste mês, Vantuil Leite Chaves, presidente do Lions Clube de João Pessoa Tambaú, reunirá leões, domadoras, filhotes e castores.

• Todos juntos participaram de almoço-assembleia, às 11 da manhã daquele dia.

Almoço para os Torres

• Bernadete e Edisio Souto abrem sua residência nesta manhã de domingo e junto à piscina agrupam gente amiga para almoço em homenagem a Lourdes e Eunápio Torres, chegados de tour europeu.

• Como sempre, as reuniões dos Simões Souto só têm hora para começar.



OCELIO CARTAXO

Suplemento é elogiado

• O cronista Tavares de Miranda, em sua coluna de A Folha de São Paulo, disse o seguinte sobre o suplemento literário Correio das Artes:

• "Sérgio de Castro Pinto está dirigindo em sua nova fase o Correio das Artes, suplemento do Jornal A UNIAO, de João Pessoa, Paraíba. Um ponto avançado na divulgação cultural e merece o aplauso de todos".

Festa da "Fisk"

• A festa para escolha da Garota Fisk-80 está marcada para a próxima sexta-feira nos salões do Jangada Clube. A promoção, a cada ano, ganha maior dimensão e também (o que é importante) maior número de concorrentes.

• Inscritas para o ambicionado título já estão Marília Abath Coutinho, Márcia de Melo Barreto, Célia Oliveira Amorim, Regina Ribeiro Cavalcanti, Sebastiana Virgínia, Elizabeth Cavalcanti Sá de Brito.

• E ainda: Maria Catarina Oliveira, Danielle Van der Linden, Helaybe Isabel Carlos Ribeiro Silva, Maria Cláudia Rodrigues Vieira, Maria da Conceição Gomes e Mauricéa Paulino.

AUTOMOBILISMO



A Ford já iniciou a comercialização da sua nova linha de caminhões pesados

Novos caminhões pesados da Ford estão no mercado

DOIS novos caminhões, nas faixas de 13 a 20,5 toneladas de peso bruto, o aperfeiçoamento técnico dos modelos tradicionais e uma nova nomenclatura, baseada no peso bruto total, para facilitar a identificação dos veículos, são as principais alterações introduzidas pela Ford em sua linha de comerciais pesados para 1981, que está sendo apresentada nos revendedores de todo o Brasil.

De acordo com a nova nomenclatura, os caminhões da Ford mantêm a sigla F acrescida do número correspondente à tonelagem, na seguinte escala de modelos: F-11000, F-12000, F-13000, F-19000 e F-21000. Juntamente com as pick-ups F-75, F-100 e F-1000 e os caminhões leves F-2000 e F-4000 formam a mais completa linha de veículos comerciais do País.

Entre as inovações desenvolvidas, os caminhões receberam o "sleeper" (banco inteiro escamoteável que se transforma em cama); suspensão dianteira recalibrada e suspensão traseira com molas mais longas, para melhor dirigibilidade com cargas pesadas; rodas raiaadas, para maior ventilação dos freios e durabilidade das lonas e troca de pneus mais simples; tanque de combustível cilíndrico, para 140 litros (segundo tanque opcional de 197 litros) e nova bateria de 12 volts (126 placas), montada no chassi.

Os caminhões Ford podem ser equipados com três tipos de motor: MWM 229-6, com potência líquida de 127 cv a 2.800 rpm e torque máximo de 36,8 mkgf a 1.600 rpm; Perkins 6-357, com potência de 114 cv a 3.000 rpm e torque de 32,0 mkgf a 1.350 rpm, e Perkins 6-358, com potência de 123 cv a 3.000 rpm e torque de 35,0 mkgf a 1.500 rpm. Os motores MWM possuem bomba injetora Bosch em linha, enquanto os motores Perkins, de injeção direta ou indireta, são equipados com bomba CAV/PDA rotativas.

AS NOVAS OPÇÕES PARA CARGA

Os caminhões F-13000 e F-21000 surgem como resultado da estratégia da Ford de oferecer ao consumidor o modelo apropriado para cada tipo de trabalho. Com esses produtos, a Ford passa a atender a todas as necessidades do mercado de veículos de cargas pesadas, com uma linha de caminhões que vai de 11 até 20,5 toneladas. Essa diversificação favorece principalmente os grandes frotistas, pela economia de manutenção proporcionada pela padronização de serviços, com peças e componentes intercambiáveis.

O F-13000 pode ser equipado com motor MWM-229-6 ou com o motor Perkins 6-358, ambos com injeção direta. É disponível, também, com capacidade de carga bruta para 8.930 kg, 8.870 kg ou 8.770 kg, dependendo do comprimento do chassi. O eixo traseiro, de dupla velocidade, tem a relação 6.00/8.241:1 (normal de produção com motor MWM) e freios a ar.

O caminhão F-21000, o veículo de maior capacidade de tração da linha, foi homologado para cargas de 15.320 kg, 15.270 kg ou 15.220 kg, de acordo com os três comprimentos de chassi disponíveis: 184, 204 ou 208 polegadas. Esse caminhão é equipado com motor MWM e possui chassi desenvolvido para maior capacidade de carga, além da suspensão traseira do tipo Tandem.

A NOVA NOMENCLATURA

Além das inovações técnicas, os demais caminhões Ford, já tradicionais no mercado, ganharam uma nova nomenclatura que facilita, ao consumidor, a identificação do modelo ideal para cada tipo de aplicação. O F-10000, por exemplo, é resultado de uma combinação dos modelos F-600 e F-7000. O F-12000 também reúne características do F-600 e F-7000 mas incorpora, ainda, freios a ar, eixo dianteiro para 3.500 kg - para melhor distribuição de carga - e caixa de direção tipo "serviço pesado". O modelo F-19000, derivado do FT-7000, possui chassi para aplicações mais severas e pode ser adquirido com a suspensão traseira dos tipos Tandem ou Balancim. O aperfeiçoamento técnico dos caminhões pesados da Ford, para 1981, exigiu também modificações voltadas para o conforto do motorista e dos passageiros. Entre essas inovações estão o quebra-vento, semelhante ao dos automóveis e com maior ângulo de abertura, para melhorar a ventilação da cabina; o novo banco, do tipo sofá-cama, que proporciona o conforto ideal para longas viagens, e a direção hidráulica (disponível nos modelos equipados com motor MWM), que elimina esforço em manobras e proporciona melhor dirigibilidade e maior segurança.

AUTO MOVEIS

João Bosco Gaspar

Chico Landi, 62 anos dedicados ao automobilismo

Desde que começou a lidar com automóveis - aos 11 anos de idade, como aprendiz, numa oficina mecânica em São Paulo - Francisco Landi, o pioneiro "Chico" das vitórias em pistas europeias, não abandonou sua paixão pelas máquinas. Até hoje, com 73 anos, ele participa de corridas, geralmente atendendo a convites, mas declara que sua carreira encerrou-se "oficialmente" em 1974.

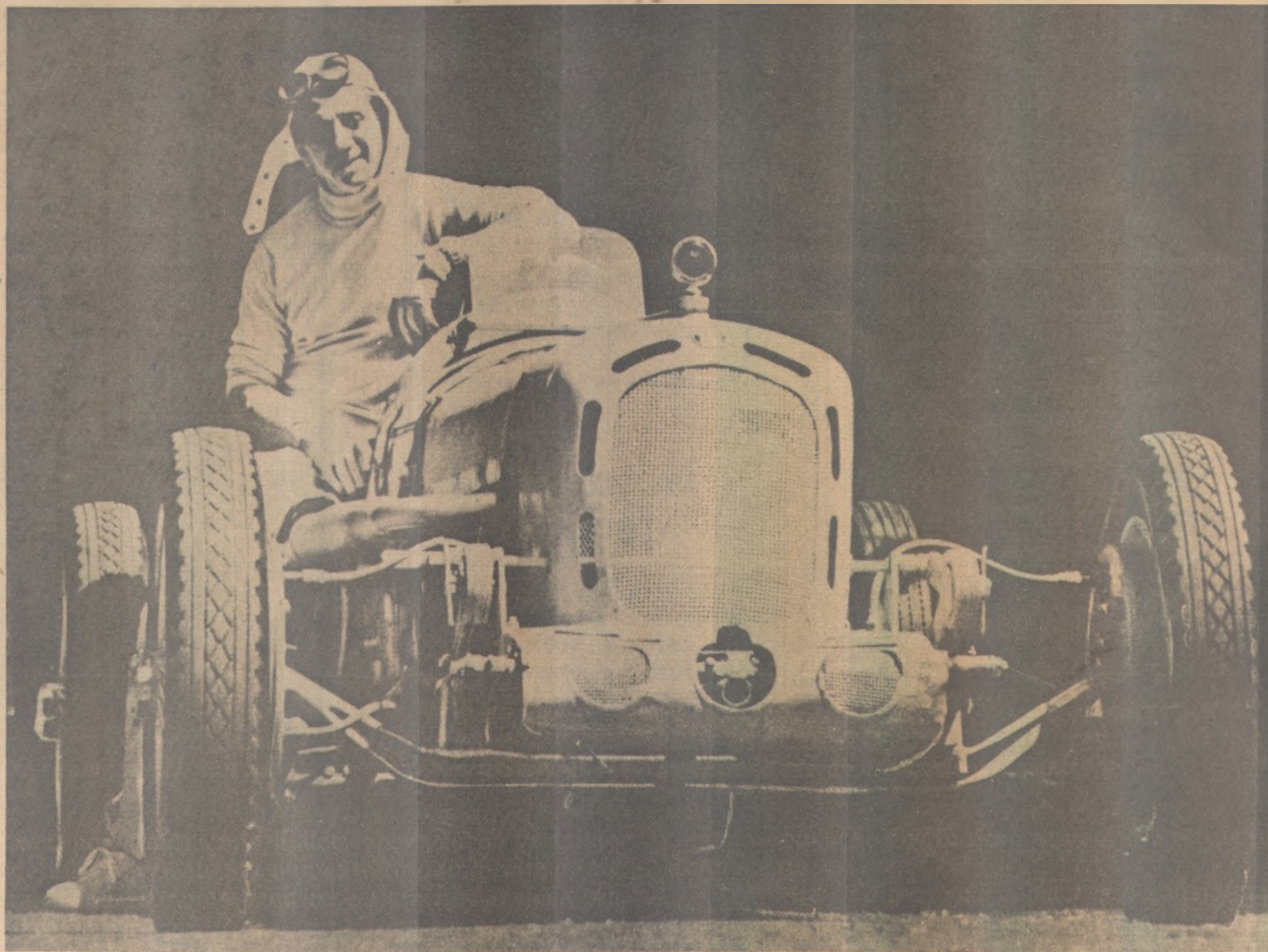
Na realidade, a maioria dos contatos que tem com automóveis, hoje, se dá em sua oficina mecânica, em São Paulo, onde além de preparar carros para competição, fazer regulagens afinadíssimas e outros reparos, principalmente em carros importados, está sempre testando inventos e soluções técnicas, que lhe são apresentados inclusive pelas fábricas. E sua opinião, nesses casos, é extremamente respeitada.

Mas a base desse respeito profissional que lhe é dedicado consiste na experiência que acumulou no trato de automóveis, seja nas pistas - que frequentou assiduamente durante 40 anos - ou na pesquisa de melhoramentos para os carros em que competia. Chico Landi fez sua primeira corrida em 1934, na primeira prova oficial disputada no Brasil, e já no ano seguinte, com um Fiat 525 SS - um monstro com motor turbo-comprimido de seis cilindros, capaz de fazer mais de 240 quilômetros por hora - teve sua primeira vitória. Foi em Campinas, no "Chapadão", onde - ele conta - corria-se sobre terra batida, e a poeira, além de obstruir a visibilidade, ainda depositava-se sobre os óculos.

A velocidade o empolgava cada vez mais. As corridas no País eram poucas, e ele, numa época em que o automobilismo no Brasil era apenas um lazer de jovens ricos, Chico Landi sentia-se um profissional, e por isso decidiu competir também na Argentina e no Uruguai, onde o esporte era mais desenvolvido.

Dai para a Europa foi um pulo. Landi já tinha amigos entre os pilotos europeus que, anualmente, disputavam o Grande Prêmio da Gávea, no Rio de Janeiro, prova incluída no Campeonato Mundial de Grand-Prix, a Fórmula 1 da época. A convite de alguns, resolveu viajar para a Itália onde, para sua surpresa, foi convidado para disputar uma prova em Bari, pilotando uma Maseratti. Pediu, a conselho de um amigo, dois milhões de liras para correr, mas não acreditava que lhe pagassem esta pequena fortuna. Pagaram. E o segundo lugar que obteve compensou o investimento da Maseratti, que há muito tempo não conseguia sequer chegar perto dos Alfa-Romeu, estrelas do campeonato europeu.

Durante os dez anos seguintes (isto aconteceu em 1947) ele passava oito meses por ano na Europa,



Chico Landi, aos 73 anos de idade, dá nome a reportagem sobre automobilismo

onde conquistou duas vitórias importantes, dois segundos e terceiros lugares, e recebia pelo menos 2 mil dólares por corrida extra-campeonato de que participava. Este dinheiro, diz Chico Landi, "dava para me manter e até para trazer alguma coisa quando voltava ao Brasil".

A volta definitiva ao Brasil deu-se em 1957, depois de atingir, na Itália, o status de piloto oficial da Ferrari. Chico já mantinha sua oficina em São Paulo, juntamente com um sócio, e o aumento de volume de serviço - inevitável consequência da fama adquirida - aconselhava a permanência no País.

Aqui, além de correr - e ganhar provas importantes - ele foi um dos grandes incentivadores da rapaziada da época. Dava conselhos, ensinava mancebo, tanto de pilotagem quanto de preparação de carros. Luís Carlos Pace, o Moco, foi um dos que se beneficiaram de seus conhecimentos. Chico tinha uma "escola não-oficial", que não cobrava matrícula nem anuidade, mas formava pilotos. E, com vários deles, Chico Landi participou de provas longas. Moco, por exemplo.

Quando se lembra desta fase, Chico Landi, que nunca guarda datas, e nem recorda o número de vi-

tórias que obteve, lembra a sua própria escola, a que lhe ensinou a correr: "o gosto pela velocidade começou bem cedo, quando em São Paulo eu via o tremzinho atravessar velozmente o meu bairro, Santarém", afirma Landi. Então, entusiasmado pela velocidade e pelos mistérios mecânicos que a tornavam possível, comecei a trabalhar - pagando para isto - numa das raras oficinas que, na época (1917) cuidavam dos carros que traficavam em São Paulo.

Pouco depois - continua Chico Landi - eu aprendia a dirigir, e, com carros de outras pessoas, desafiava motoristas dos carros de praça para "pegas" na avenida Paulista. O dinheiro que ganhava nessas apostas era dividido com o dono do carro. Anos depois eu pude comprar um Bugatti, e foi aí que tudo começou".

Hoje, Chico Landi é considerado uma espécie de símbolo, seja pelos pilotos da atualidade, pelos jornalistas ou por qualquer geração de aficionados do automobilismo. Mas ele contesta o fato: diz que símbolo é uma coisa muito fria, parada, e ele está longe disto. "Minha vida está boa, meus reflexos em dia. E, de vez em quando, eu ainda topo umas corridas por aí".



O esportivo Hatch preenche as expectativas de uma grande parte do mercado consumidor

O esportivo Hatch S/R é leve, ágil e robusto

Leve, ágil e robusto: assim é o Chevette esportivo Hatch S/R, cujas características estilísticas e mecânicas o diferenciam marcadamente das demais versões do modelo Chevette.

A principal característica do Hatch S/R é o motor de 1,6 litro com carburador de duplo estágio progressivo, que lhe dá mais "garra" nas arrancadas, maior velocidade, maiores recursos nas ultrapassagens e retomada de velocidade e melhor desempenho na estrada, sem que haja maior consumo de combustível. Este é mantido nos mesmos níveis das demais versões do Chevette, em função da elasticidade do motor.

CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

Externamente, na parte traseira, o Hatch S/R vem equipado com um "spoiler" em fibra de vidro, colocado na parte inferior da porta traseira e que se destina a melhorar a aderência do veículo ao solo e dar-lhe maior estabilidade. Nas extremidades laterais do "spoiler" estão decalcadas as inscrições "1.6" e "Chevette S/R", na cor vermelha.

O vidro traseiro, igual ao do Chevette Hatch, pode vir equipado opcionalmente com desembaçador elétrico. Os pára-choques dianteiro e traseiro são em lâmina de aço, na cor preto, com borracha protetora em toda sua extensão.

A ponta do escapamento é de dupla saída. A frente do Hatch S/R se diferencia pelo "spoiler" aplicado no painel inferior, sob o pára-choque, onde se destacam também os faróis de neblina que equipam a versão. Os faróis normais, a exemplo das demais versões do Chevette 81, são quadrados e assi-

métricos, permitindo maior concentração de feixes de luz e consequente aumento de luminosidade na pista, sem prejuízos do motorista que trafega em sentido contrário. Seus aros são na cor preta, acompanhando as grades dianteiras, que não sofreram alterações.

O Chevette Hatch S/R se destaca especialmente pela pintura, disponível em duas combinações de cores: prata diamantina metálica nos 3/4 superiores e preto na parte inferior; e preto formal com prata, nas mesmas proporções.

Essas cores estão separadas por faixas em degradê, sobre as quais está aplicada a indicação S/R, em letras grandes e contrastantes, de ambos os lados da carroceria.

O Hatch S/R vem equipado ainda com rodas esportivas, pneus radiais e espelho retrovisor externo também do lado direito.

CARACTERÍSTICAS INTERNAS

O interior do Hatch S/R traz diversas modificações em relação às demais versões do Chevette. O painel de instrumentos foi remodelado, passando a abrigar velocímetro, tacômetro e vacuômetro.

O console também é novo e equipado com relógio elétrico a quartz e indicadores de temperatura, nível de combustível e voltímetro.

Todos os instrumentos do carro têm fundo pre-

to, com aplicação dos indicadores em cor vermelha fluorescente.

O volante de direção e a cobertura da buzina seguem o estilo esportivo. Acrescenta-se ainda ao Hatch S/R, nova e anatômica alavanca de câmbio.

Os bancos dianteiros individuais reclináveis, de encosto alto, são revestidos de vinil e tecido de padrão xadrez preto e branco, extensivo também ao painel das portas.

O acabamento interior é todo em cor preta: vinil no teto e tapetes de nylon no assoalho, inclusive no compartimento de bagagens. As partes pintadas são também pretas: fosco quando a pintura externa for prata diamantina e brilhante com cor externa em preto normal.

O emblema S/R, com as letras em cor vermelha, está aplicado na lateral esquerda do painel de instrumentos.

OPCIONAIS

O Hatch S/R pode, opcionalmente, dispor ainda dos seguintes equipamentos: banco traseiro rebatível com encosto dividido, filtro de ar para regiões poeirentas, embreagem eletromagnética do ventilador, rodas esportivas de alumínio, vidros ray-ban, cobertura escamoteável do compartimento de carga, temporizador do limpador e lavador elétrico do pára-brisa, aquecedor, desembaçador do vidro traseiro e auxiliar a vácuo para freios.

PONTO DE VISTA

O econocrata, espécie híbrida resultante da mistura dos gens do economista com os da burocracia, portador de um instrumental linguístico de pujante poder de convencimento, principalmente como arma para ridicularizar e debochar os menos avisados, compõe o fechadíssimo *clã dos enviados*. Mauro Nunes Pereira analisa as quatro palavras preferidas do clube: distribuição, redistribuição, tecnologia e concentração.

Numa linguagem *chão*, Mauro Pereira explica que em 1960 os 5% mais ricos da população economicamente ativa detinham 27% da renda nacional; dezesseis anos depois, os 5% mais ricos passaram a deter 39% da renda do País. "Significa que, neste curto espaço de tempo, essa pequena parcela da população brasileira ficou 45% mais rica". Mostra, ainda, que cada vez mais as intenções dos governantes e tecnocratas se afastam da realidade, depois de observar o distanciamento crescente entre os países que sofrem do "circulo vicioso da pobreza" e aqueles que gozam do "circulo vicioso da riqueza".

Destaca a marcante concentração industrial. Como exemplos apresenta alguns dados que chegam a ser inquietantes: no setor químico, apenas três empresas detêm 75% do total das vendas; na mineração as três grandes controlam 74%.



TECNOCRACIA

O BRILHANTE DISCURSO QUE NÃO EXPLICA ABSOLUTAMENTE NADA

Mauro Nunes Pereira

A Polemização no Clã da Econocracia

Tema dos mais polêmicos, e, por isso mesmo, recomendado como excelente tratamento terapêutico, a opção entre crescer para depois distribuir ou realizar a distribuição segundo as fatias de crescimento, tem sido, principalmente a partir de 1970 (início de um período de plena expansão e crescimento da economia brasileira), prato dos mais apreciados pelos econocratas, espécie híbrida resultada da mistura dos gens do economista com os gens do burocrata, como diria o professor "Apocalipse".

Na verdade, o índice de polemização vem crescendo vertiginosamente, na medida em que a sofisticação tecnológica, em nome do progresso (palavra, aliás, em desuso), procura introjetar nas comunidades menos desenvolvidas, padrões "convenientes" de consumo. Lendo alguns "escritos" e ouvindo alguns "debates", todos carregados de brilhantes argumentos verbais e de excelentes raciocínios abstracionistas, pode-se observar o impiedoso uso do econocrático (idioma em formação, através de "contatos imediatos de grau desconhecido" e de acesso restrito) na tentativa de demonstrar "linhas de pensamento" que leve o Brasil à integrar o concerto das Nações ricas (assim denominadas) deste mundo, cada vez mais pobre.

Apesar de se tratar de um "invento" recente, o instrumental linguístico utilizado pela econocracia é de rara flexibilidade e de pujante poder de convencimento, principalmente quando usado como arma, para ridicularizar e debochar os menos avisados, ou seja, aqueles que não têm o privilégio de compor o fechadíssimo "clã dos enviados". Contudo, este "idioma" tem efeito apenas auto-

explicativo, servindo tão somente para "afrouxamento" de tensões, frustrações e remorsos daqueles que o usam. É pela tremenda dificuldade de acesso ao "clã", que procuraremos aqui, traduzir numa linguagem "chão", - a partir de agora - e, numa percepção de quem está ao lado de fora do clube assistindo à festa, o que está acontecendo com o crescimento e desenvolvimento de nosso país, principalmente quando são usadas (e como são!) as palavras distribuição, redistribuição, tecnologia e concentração.

Os Concentratistas e os Distributivistas Poderíamos começar por conceituar e definir as palavras em questão (distribuição, redistribuição, tecnologia e concentração). Mas, como elas viajarão conosco daqui por diante, vamos fazer de forma diferente: os esclarecimentos e explicações sobre cada uma delas virão na medida em que forem surgindo. E, vamos tomar como ponto de partida, a interpretação de duas opiniões sobre como distribuir a riqueza, que são claramente diferentes (não esquecer que se trata de um "bolo" para ser cortado em 120 milhões de fatias):

A) "É impossível dividir o que não existe", "primeiro, precisamos compor o bolo e deixar a distribuição das fatias para amanhã, ou, quem sabe, para depois-de-amanhã", "concentrar a riqueza nas mãos daqueles que sabem aplicá-la é a melhor forma de acelerar o crescimento do país", "aumentar salários? Nunca! o aumento salarial gera inflação e é consequentemente prejudicial ao país - o pobre não sabe investir, e além disso é um péssimo consumidor", "precisamos causar boa impressão "vendendo" nossa imagem no exterior, principalmente junto aos países desenvolvidos e de economia avançada". Estas são

frases e afirmações típicas dos ferrenhos defensores da concentração (da renda, do poder político, da decisão, do planejamento, etc...). É a denominada corrente concentratista.

B) "Estamos passando por um processo em que o pobre fica cada vez mais pobre, e o rico cada vez mais rico", "a concentração da renda é um dos principais estigmas da economia brasileira", "o modelo adotado incentiva o uso de capital e desestimula o emprego da mão de obra", "o déficit do balanço de pagamentos e a inflação como fatores impeditivos à uma redistribuição de renda é um falacioso argumento utilizado por economistas ortodoxos", "a concentração impede a formação de um mercado interno, e o modelo volta-se para fora". São frases e afirmações típicas dos que defendem a posição de que a distribuição pode ser realizada segundo as fatias de crescimento da economia. O "campo de visão" dessa corrente, que costumam chamar de distributivista ou redistributivista, não se limita apenas a geração de riquezas do ponto de vista puramente econômico, ou seja, a produção de bens e serviços - existe uma preocupação dominante em termos de equidade, isto é, um desenvolvimento social decorrente de uma justa distribuição da riqueza e da renda. Alguns dados e afirmações encontrada em publicações recentes, representam o melhor testemunho do "eficaz" desempenho da corrente concentratista, bem como indicam o seu forte poder de influência nas decisões governamentais, principalmente na conformação da política econômica do país:

● em 1960 os 5% mais ricos da população economicamente ativa detinham 27% da renda nacional; dezesseis anos depois, ou seja, em 1976 os 5% mais ricos passaram a deter 39% da renda na-

cional. Significa que, neste curto espaço de tempo, essa pequena parcela da população brasileira ficou 45% mais rica;

● em 1960 os 50% mais pobres detinham 17% da renda nacional, e dezesseis anos depois passaram a deter apenas 11% da renda nacional - ou seja ficaram quase 40% mais pobres;

● nesses últimos dezesseis anos, o salário mínimo real médio diminuiu em cerca de 20%, enquanto o "produto real médio diminuiu em cerca de 20%, enquanto o "produto real per capita" cresceu em mais de 150%. Por outro lado, de um total de 35 milhões de pessoas ocupadas em 1976, cerca de 70% encontravam-se na faixa dos que ganhavam até dois salários mínimos por mês (Cr\$ 1.536,00) e desse grupo 20% ganhava menos de Cr\$ 384,00 por mês, além de existir um total de mais de 4,7 milhões de pessoas em idade de trabalhar e sem rendimento algum. E ainda, observem bem, tomado o período de 1972 até 1977, houve um "nítido crescimento do grupo situado entre um e dois salários mínimos, que passou a representar 30% do total contra 24,2%, em 1972";

● no plano do sistema empresarial, particularmente na indústria, o grau de concentração é também marcante. E esta posição é ainda mais grave, quando observamos que essa dominância tende a convergir para os setores estratégicos da economia. Como exemplos apresentamos a seguir alguns dados que chegam a ser inquietantes: "no setor Químico, apenas três empresas detêm 75% do total das vendas das vinte maiores empresas (e a maior empresa concentra 69% deste total); na Mineração, as três maiores controlam 74% das vendas das vinte maiores. Apresentam-se ainda dentro deste quadro, os setores de Automóveis, Siderurgia, Eletricoeletrônico, Serviços

de Transportes, Plásticos e Borrachas, Material de Escritório, e Bebidas e Fumo, onde as três maiores empresas de cada setor detêm de 51% a 61% do total das vendas das vinte maiores;

● por outro lado, em termos da propriedade do aparelho produtivo do país, - a situação constatada inspira atenciosos cuidados por parte das autoridades responsáveis pela elaboração da política econômica, os quais são estratégicos para o desenvolvimento brasileiro, - há um claro predomínio da empresa estrangeira. Tomado como elemento indicador dessa dominância e Patrimônio Líquido, os seguintes setores estão sob controle de empresas alienígenas: Material de Transporte (68% do patrimônio líquido do setor é de propriedade de empresas estrangeiras), Material Elétrico e de Comunicações (72,5%), Mecânica (53,8%), Produtos Farmacêuticos e Veterinários (81,2%), Fumo (99,6%), Borracha (64,0%).

A realidade dos Números e o Conflito do Tecnocrata

Se algum dia, alguém corajosamente se lançar à aventura de escrever um livro sobre a contribuição da tecnocracia ao desenvolvimento brasileiro, vai inevitavelmente se deparar com uma séria dificuldade, qual seja a de captar o verdadeiro sentimento sócio-político do tecnocrata. A dificuldade estará contida no fato de que ele vive em um emaranhado de fórmulas, muitas das quais se negam entre si - de modelos, tão complexos quanto inaplicáveis ao "mundo real", qualquer que seja a estrutura, regime ou época - e, números que se tornam terrivelmente enganosos após sofisticadas elaborações das técnicas estatísticas.

Enquanto os números apresentados no item "II" mostram como a realidade se distancia cada vez mais das intenções dos governantes e tecnocratas, as palavras são usadas de forma brilhantes e loquaz com objetivo - às vezes intencional e às vezes inconsciente de "esconder" os verdadeiros pensamentos e sentimentos dos que manipulam os instrumentos de política do governo. Nós, que vivemos o "doce mundo" da tecnocracia, somos testemunhas de dúvidas e controvérsias que nos empurram para o campo de vítimas do próprio ferramental utilizado. E isto se aplica ao conflito das duas correntes, na opção do modelo econômico mais apropriado a ser adotado pelo país.

Os defensores da distribuição ou repartição "a posterior" argumentam que é impossível dividir o que não existe, enquanto os distributivistas apresentam todo um elenco de riscos em torno do que chamam de "modelo concentrador". Como, os princípios em que se embasam os concentratistas e os distributivistas são claramente antagônicos em toda a sua extensão, é extremamente difícil senão impossível, manter as discussões restritas ao plano econômico - e, é inevitável o resvalamento para os aspectos mais contundentes dos planos sócio-político e ideológicos.

"Na verdade, a questão da distribuição da renda não é um problema técnico, dependente unicamente da imaginação de tecnocratas ou mesmo de candidatos presidenciais bem intencionados". Trata-se de um reconhecimento de prioridade para uma decisão a nível político.

Na verdade, o que se observa é que a excitação da tecnologia moderna (sem uma clara conceituação do que seja "moderno") conduz a uma aparente irresistível tendência concentratista. E isto vem ocorrendo, quer seja em termos de nação, quer seja em termos de organizações empresariais.

No plano das Nações, constata-se um distanciamento crescente entre os países que sofrem do "circulo vicioso da pobreza" e aqueles que gozam do "circulo vicioso da riqueza". Os primeiros, denominados, "cêntricos", centralizadores de riquezas e decisões, tendem para a conquista de hegemonias continentais, enquanto os últimos, "periféricos", caracterizado por profundas dependências, se mantêm como alimentadores de um processo cada vez mais concentrador.

Os fermentos políticos e tecnológicos que compõem as relações entre países nos dias de hoje, constituem a demonstração mais clara da era de gigantismo absorvente em que vivemos. Já está o exemplo já institucionalizado da associação de países fortes da comunidade econômica européia, que objetiva a abertura e conquista de mercados sempre maiores, para serem atendidos preferentemente por organizações também cada vez maiores. Já estão os exemplos de estatização (grande conglomerados), tanto em países ditos socialistas, como em países capitalistas. Já estão as multinacionais e cartéis (ver item II). E, aí estão também os econocratas - técnicos em eficiência - defendendo ferrenhamente essa propensão ao gigantismo, em nome do "progresso" e escudados pelo mito das economias de escala. E, sobre isto, a apologia que se faz às economias de escala, comentaremos no próximo "escrito".

Mauro Nunes Pereira
é professor da UFPB e
diretor do NAI-Pb

GRETA GARBO NA TV

- Nunca tiveram aqui alguém como eu. Mas acho que preciso aprender logo a representar, antes que se cansem de mim.

O final desta frase, escrita por Greta Garbo em carta a seus pais, em 1926, nunca chegou a se concretizar. O mundo não se cansou deste insuperável e enigmático mito do cinema. Quando Garbo a escreveu tinha 21 anos de idade e, recém-chegada aos Estados Unidos, realizara lá apenas dois filmes, não podendo imaginar o que representaria para a história do cinema, como uma de suas maiores legendas. Garbo é, ao lado de pouquíssimos outros (Valentino, Marilyn Monroe, James Dean), um dos maiores exemplos do poder de encantamento dos filmes sobre as pessoas, da magia e do fascínio que fluem da tela para a sala escura do cinema.

A maior parte dos filmes estrelados por Greta Garbo é formada por clássicos do cinema. Muitos, não por suas qualidades, mas simplesmente por ter sua majestosa presença dominando o que ia pela tela. Este não é o caso de *Ninotchka*, o filme preferido da atriz sueca, a primeira comédia da carreira de Garbo, dirigida por um mestre do gênero: o alemão, Ernst Lubitsch. *Ninotchka* é o cartaz do *Cinema Especial*, que a Rede Globo apresenta hoje, às 22h30m.

Em 1930, *Anna Cristina*, o primeiro filme falado estrelado por Greta Garbo foi lançado nos Estados Unidos com o slogan "Garbo Talks!" ("Garbo Fala!"). Nove anos depois, a Metro-Goldwyn-Mayer (empresa que teve a atriz sob contrato durante toda sua carreira cinematográfica nos Estados Unidos) lançava *Ninotchka* com a frase "Garbo Laughs!" ("Garbo Ri!") dominando a campanha publicitária. Se

Garbo há havia sorrido em *Rainha Cristina*, nunca, de fato, dera na tela as gostosas gargalhadas permitidas pelo alegre e engenhoso roteiro escrito por Charles Brackett, Walter Reisch, e, o futuro grande cineasta, Billy Wilder.

A história de *Ninotchka* começa com a ida a Paris de três funcionários do Governo Soviético - Iranoff, Buljanoff e Kopalski; interpretados por Sig Rumann, Felix Bressart e Alexander Granach - que devem vender um lote de jóias para, com o dinheiro, comprar máquinas para colheita agrícola. Mas a Grande Duquesa Swana (Ina Claire), proprietária anterior das jóias, tem uma ação na justiça parisiense proibindo a venda das mesmas. O namorado da Duquesa, o playboy Leon (Melvyn Douglas), toma conta deste assunto legal, ao mesmo tempo em que leva os três camaradas a conhecerem a vida noturna de Paris. Sabendo dos problemas enfrentados pelos três, o Comissário Razinin (Bela Lugosi) envia a agente *Ninotchka* para resolver a questão das jóias. Em Paris, *Ninotchka* encontra seus companheiros aproveitando as delícias da cidade. Os três soviéticos pedem a Leon que os ajude e este passa a se avistar frequentemente com *Ninotchka*. De repente, *Ninotchka* e Leon se encontram mutuamente apaixonados e tendo ainda a resolver o problema das jóias e enfrentar uma provável separação.

Ninotchka foi considerada pela crítica e pelo público como a melhor comédia de 1939, um extraordinário ano para a indústria cinematográfica americana, com grandes filmes sendo lançados (*E o Vento Levou*, *O Mágico de Oz*,

No Tempo das Diligências, *O Morro dos Ventos Uivantes* e muitos outros). Uma das várias razões deste êxito foi a mão leve do diretor Ernst Lubitsch, o homem cujo toque de mestre (o Lubitsch's touch) influenciou toda a história da comédia sofisticada no cinema. Seu gênio brilhante criou esta forma cinematográfica que teria como padrões a beleza visual, aguda inteligência nos diálogos e situações, além de ser picante sem nunca se tornar vulgar. Estas características, Lubitsch imprimiu a vários filmes, como *Uma Hora Contigo*, *Sócios no Amor*, *A Viúva Alegre*, *A Oitava Esposa do Barba Azul* e *A Loja da Esquina*. Numa carreira de tantos sucessos - segundo os críticos, nunca a comédia teve um cultor tão inspirado -, *Ninotchka* tem um lugar especial, pois Lubitsch o considerava seu melhor filme. Assim, é possível imaginar a grande afinidade que unia o diretor e sua atriz protagonista neste que seria o trabalho mais querido de ambos. Garbo declararia mais tarde ter sido Lubitsch "o único grande cineasta com quem trabalhei no cinema americano".

Tudo isso e mais a presença de um excelente elenco de apoio - liderado pelo inimitável Melvyn Douglas - e uma equipe técnica onde se destacava o fotógrafo William Daniels, um especialista em Greta Garbo, diretor de fotografia de 21 dos 27 filmes da atriz sueca nos Estados Unidos, fizeram de *Ninotchka* um sucesso. O que pode ser medido pela crítica assinada por Frank S. Nugent - o futuro roteirista de *Depois do Vendaval* e *Rastros de Ódio* - no New York Times: "A *Ninotchka* de Garbo é uma das mais brilhantes comédias do ano, um alegre, impertinente e malicioso filme que nunca perde a classe. A austera primeira dama dos filmes



A beleza de Greta Garbo faz parte da história do cinema

dramáticos interpreta esta comédia com a segurança de um Buster Keaton. Chega a ser monótona esta perfeição nas interpretações de Greta Garbo. Quase desejamos que um dia ela faça uma cena ruim, para que o crítico tenha a oportunidade de demonstrar que não é membro de um fã clube. Mas ela permanece infalível. Garbo é sempre exatamente o que a situação exige, tão boa quanto o script e o diretor permitem que ela seja".

Ninotchka foi candidato a quatro Oscars da Academia (atriz, filme, história original e roteiro) e permanece, ao lado de *A Dama das Camélias*, como o filme mais visto pelo público que frequentemente assiste, no mundo inteiro, às retrospectivas dos longa-metragens de Greta Garbo. *Ninotchka* foi também o último de uma série de êxitos extraordinários da atriz. Somente no cinema falado, a partir de 30, ela fora protagonista de *Anna Cristina*, *Mata Hari*, *Grande Hotel*, *Rainha Cristina*, *Anna Karenina* e *A Dama das Camélias*, todos veículos para sua posição de maior estrela do cinema mundial. Após

seu trabalho com Lubitsch, Garbo seria descoberta como a atriz que fazia comédia com a mesma facilidade que o drama. Garbo podia rir e fazer rir, e seu próximo filme, realizado em 1941, seria uma comédia. E um fracasso. *Duas Vezes Meu* (*Two-Faced Woman*), dirigido por George Cukor, foi arrasado pela crítica e desprezado pelo público, que não se permitia ver Greta Garbo representando uma mulher sofisticada que se faz passar por sua irmã gêmea para testar a fidelidade do marido - mais uma vez, Melvyn Douglas. A MGM, que americanizara bastante o personagem de Garbo neste filme, decidiu esperar então o final da II Guerra para produzir outro filme com sua maior estrela. Mas para Greta Garbo, aos 36 anos, chegara a hora de parar, de nunca mais pisar num set de filmagem, de levar uma vida particular reclusa e misteriosa como a maior parte de seus personagens. O "I Want to Be Alone" ("Eu quero ficar só") dito pela bailarina Grusinkaya em *Grande Hotel* se transformava agora no lema da vida da genial atriz que a interpretara.

SHOW

LUÍS MELODIA

Entre Bob Marley e o Largo do Estácio

Luis Melodia virá a João Pessoa pela primeira vez na próxima quinta-feira, para apresentar, às 21h30m, no Teatro Santa Roza, o show *Nós*, acompanhado de sua nova banda, numa realização da Solares Produções Artísticas, do Rio de Janeiro. Melodia é um dos autores musicais mais talentosos do país, o que demonstrou em músicas como *Pérola Negra*, *Ébano* e *Juventude Transviada* (a primeira e a última com interpretações antológicas de Gal Costa).

A 7 de janeiro de 1951 nasce Luis Melodia, sob o signo de Capricórnio, entre o Morro de São Carlos e o Lago do Estácio - e ouvindo samba, Elvis Presley, Louis Armstrong, Roberto Carlos e Bob Marley *adoleceu*, mandando os primeiros acordes numa viola emprestada pelo pai, Oswaldo Melodia, respeitado instrumentista das rodas de samba do morro.

Quando o poeta Wally Solomão disse que "no canto de Luis Melodia há uma pantera prestes a saltar" acertou em cheio quanto aos dotes canoros-musicais do compositor do Estácio. Seu canto traz a garra da fera, o salto-blues de uma pantera através da noite. E impulsionada pelo próprio Wally, Gal Costa apresentou-se como a primeira intérprete a gravar Melodia. Gravava num de seus discos *Pérola Negra* justamente a canção que incentivou aquele jovem compositor a gravar o primeiro disco. Mas, mesmo com Gal emplacando a sua *Pérola Negra*, com o primeiro LP (do mesmo nome), gravado em 73, Melodia não aconteceu em termos de vendagens o que acabou jogando-o num breve esquecimento por parte da crítica e público. Mas apenas três anos depois retornava defendendo *Ébano*, música que inscreveu no Festival Abertura, da Globo, que aliás o levou a uma alta bronca de festivais como declarou recentemente: "Acho que o critério competitivo dado não está com nada, pois emperra a renovação para os novíssimos compositores que surgem. Isso eu observei no *Abertura*, porque a música que inscrevi foi a que teve o maior número de pontos e nem foi classificada".

Mas o "boicote" não o intimidou. Colocou nas paradas daquele mesmo ano *Juventude Transviada*, que saiu num compacto pré-LP *Maravilhas Contemporâneas* que mantinha a mesma tendência do primeiro trabalho: a variedade de ritmos. E praticamente após o lançamento de suas *Maravilhas...*, Melodia desapareceu.

Vou para a ilha de Itaparica, na Bahia, onde ficou quase um ano compondo aquelas que seriam as músicas do LP *Mico de Circo*, lançado no ano passado com o maior sururu das Sete Portas de Salvador, meio a farta distribuição de caruru e cachaça com Melô montado num jêgue passeando no meio da massa enquanto alto-falantes dinamitavam o recheio do disco.

As coisas pareciam mais claras. O tempo em que ficou *itaparicando* rendeu frutos quanto a definição de seu trabalho dali pra diante.

De lá veio pro Rio e pousou na Gávea, de onde partiu para um giro nacional com o *Mico* debaixo do braço - shows nos quais já incluía a sua mirabolante versão para *Negro Gato* de Getúlio Cortes. E o sucesso dessa recriação foi tanto que Melodia não pensou duas vezes em gravá-la no seu próximo disco. E o LP já está aí nas bocas.

Após um compacto com o mesmo *Negro Gato* e *Passarinho Viu*, ele já está aí com seu primeiro LP para a Warner, produzido por Sergio Mello (o mesmo de *Mico de Circo*). Para gravá-lo Melo reuniu alguns dos melhores músicos do país, como Perinho Santana, Rubão Sa-

bino, Luis Carlos, Djalma Correa, Mauro Senise, Serginho Trombone, Ardan, Márcio Montarroyos, Lincoln Olivetti, Nivaldo Ornellas e muitos outros.

E o resultado foi surpreendente: mambos, rocks, blues, sambas e tudo o mais que incluiu o balanço-malandro de Melodia. Além das próprias músicas e das regravações de *Negro Gato* e *Segredo* (já gravada por Wanderleia em 74), Melo divide uma com Ricardo Augusto (*Mistérios das Raças*) e duas com Papa Kid (*Psicomania* e *Ilha de Cuba*). Sobre o disco, o próprio abre o verbo: "É um trabalho completamente diferente do *Mico de Circo* e dos outros que já fiz. É um disco que eu gravei muito free. Porque logo que sai da Som Livre e fui para a Warner, queriam que eu gravasse logo um disco. Então topei entrar direto no estúdio, sabendo que eu era uma pessoa que tem uma capacidade, um talento.

É um trabalho que decorre de tudo isso que está acontecendo, tem uma linguagem bem atual, apesar de ter poucas músicas novas. O que eu observo agora é que estou distribuindo melhor as coisas com relação à minha linguagem. Ele (o disco) aconteceu naturalmente, sem ser uma coisa banal, tem um sentido. Como já disse, o disco tem poucas músicas novas. Com exceção de *Mistérios das Raças*, que eu compus especialmente para o disco, as outras músicas eu fiz há muito tempo, como *Feras que Virão* (interditada desde o *Pérola Negra*), que por incrível que pareça tem tudo a ver com o clima de violência de hoje. E uma outra, que eu queria falar, é *Passarinho Viu* que inscrevi no Festival da Tupi e que não entrou porque eu queria que a minha mulher, Jane, cantasse, o que eles não aceitaram, pois queriam era o Luis Melodia.

E quando na verdade eu achava que a Jane cantando ia ser a coisa mais bela. Tanto é que fiz questão de gravá-la com ela.

É isso! O disco está aí... O bom agora é ouvi-lo.



Melodia: balanço-malandro

Contra-ataque

Um domingo
de decisão

Dois jogos hoje, importantes para o destino de Botafogo e Treze. O Supervisor José Santos garantiu que classificar o Galo. O Botafogo promete partir para cima do Nacional a todo vapor e, se houver oportunidade de gols, pode até pintar uma goleada, pois, como dizem os homens: chega de tanto sufoco! Então, como se observa, a rodada na área da Grande João Pessoa, será marcada por muita motivação, exatamente porque somente a vitória interessa aos dois clubes.

Em Cabedelo, um jogo que apresenta opções para o torcedor do Botafogo, que hoje, mais do que nunca, deve prestigiar o time. Não é nada mal curtir a manhã de sol na maravilhosa praia da cidade portuária, secar o suor com a frescura da cerveja geladinha; ficar naquela de curtir as boas mulheres de pele queimada, corpos ondulados e depois, prestigiar a equipe no estádio que fica bem perto daquele mar aconchegante.

Particularmente, mandando o recado para os boas praças de Cabedelo, pois, se é uma opção, vou curtir toda a beleza: mar, sol, mulher, cerveja e futebol, neste bom domingo. Quero ver como é que o Botafogo vai sair dessa situação irritante. Portanto, repito: a torcida tricolor precisa dar todo apoio ao clube e superlotar o campo do tubarão.

No estádio Leonardo da Silveira (Graça), onde será disputado outro grande jogo: Santos e Treze, é preciso que a torcida trezeana se desloque de Campina para dar o seu apoio a equipe, num momento em que sua colaboração servirá como uma injeção de estímulo para um time que está atravessando momentos difíceis no Campeonato Paraibano.

No terceiro jogo, em Guarabira, o torcedor do Brejo poderá assistir um grande encontro, pois, tanto o Nacional como o time guarabirense vem de derrotas e vão lutar pela reabilitação. É um jogo mais para cumprimento da tabela, embora se considere que os patoenses estão lutando com o Santa Cruz pela segunda vaga da chave D. Mas o Santa está aí com sete pontos ganhos e não vai querer abrir mão dessa grande oportunidade.

A música do carnê "Bô-lão Rubro", do Auto Esporte, de autoria de João Camurça e Roberto Machado, vem alcançando grande sucesso, sobretudo que foi gravada pelo Grupo Musical "Os Tuaregs", numa forma de prestigiar a moçada paraibana. Consultando o mercado de pernambuco, eles economizaram muito, gravando com o tradicional conjunto musical pessoense.

O presidente João Maheiros e seus demais assessores estão ultimando os preparativos para festa de lançamento do carnê, que acontecerá neste dia 31 de outubro, bem como a feijoada que será oferecida aos ex-presidentes do clube, no Internacional de Cruz das Armas.

Embora se considere o fracasso do carnê do botinha, que tantas decepções causou ao povo paraibano, João Máximo está confiante e disse que acredita no êxito da promoção, principalmente que o trabalho está sendo organizado por homens sérios, cujo objetivo é lutar pelo engrandecimento do Auto.

Acho muito válido o seu pensamento e digo que o povo paraibano deve colaborar com a grande investida do Auto. Aliás, ele também merece. É aí onde o povo deve ajudar o seu clube.

Tarcísio Neves

DECISÃO EM CABEDELLO

Botafogo
ameaçado
pelo Naça

Geraílton, Deca e Magno são atrações do tricolor, hoje à tarde, em Cabedelo, contra o Naça

Cabedelo vive hoje, um clima de expectativa, não só pela presença maciça das mulheres que vêm de outras cidades para curtir o mar e o sol de verão, mas pelo jogo decisivo que será disputado esta tarde, no estádio Francisco Figueiredo de Lima, entre Nacional e Botafogo, onde somente a vitória interessa ao time da capital, ameaçado de ficar fora das disputas do quadrangular decisivo do segundo turno do Campeonato.

Ameaçado de perto pelo Treze, que também luta pela segunda vaga, no mesmo grupo do Botafogo, o time comandado por Walter Luiz entrará em campo para decidir o jogo logo no primeiro tempo, pois, até mesmo o empate poderá alijá-lo da fase seguinte do certame. Ao contrário dos jogos anteriores, o tricolor contará hoje, com sua força máxima, pois vários titulares retornam a equipe.

O Nacional, por sua vez, através do presidente Luiz Gonzaga, diz que vai jogar para desclassificar o Botafogo. Neste jogo, com certeza será registrado novo recorde de renda. José Frazão é o juiz central, auxiliado por Jordão Moreira e Everaldo Amorim.

Equipes: Botafogo - Hélio, Geraílton, João Carlos, Deca e Fraga; Pedrinho, Danilo e Magno; Jangada, Dão e Porto.

Nacional - Reginaldo, Lúcio, Edir, Cláudio e Edmilson; Roberto, Caio e Ramos; Jarcas, Didido e Gilberto.

Time joga completo

No jogo de hoje, contra o Nacional de Cabedelo, o Botafogo terá o apoio maciço de sua torcida, que promete comparecer ao Estádio Francisco Figueiredo de Lima, a fim de incentivar sua equipe a conseguir um resultado positivo, que significará praticamente a classificação para o quadrangular decisivo do segundo turno do Campeonato Paraibano.

Os treinamentos do time botafoguense foram concluídos ontem, com uma recreação, na Maravilha do Contorno, e os jogadores relacionados pelo treinador Walter Luiz estão concentrados desde às 20 horas.

Não existem mais dúvidas quanto a escalão da equipe, que foi definida por Walter Luiz após o coletivo de sexta-feira com Hélio, Geraílton, João Carlos, Deca e Fraga; Pedro Portugal, Magno e Danilo Menezes; Jangada, Dão e William.

- Vamos garantir a nossa classificação em Cabedelo - disse o diretor Kléber Bonates - e a presença da torcida será de grande importância, pois os jogadores se sentirão mais tranquilos.

Zé Lima alerta atletas

Realizando uma campanha excelente no segundo turno do Campeonato Paraibano, sendo inclusive o primeiro time a garantir sua classificação para o quadrangular decisivo, o objetivo do Auto, agora, é lutar para conquistar o segundo turno, a fim de decidir com o Botafogo o título de campeão 80, conquistado há 22 anos pelo time alvi-rubro.

Aproveitando a folga na tabela, pois, somente voltará a intervir no certame estadual, quarta-feira, contra o Santa Cruz, no jogo que apenas servirá para os automobilistas cumprirem a tabela, o técnico Zé Lima disse que já foi iniciado um trabalho de conscientização com os jogadores, a fim de que eles possam render o mesmo futebol no quadrangular.

Zé Lima admitiu que a equipe está conseguindo um bom entrosamento, principalmente pelo empenho dos atletas nos treinamentos, mas acrescentou que o torneio será uma competição difícil para o Auto. Mesmo assim, garantiu que vai entrar no quadrangular para levantar o turno, "porque, esse é o sonho de todos nós", lembrou o treinador.

Credú lidera certame

O Campeonato dos Gráficos marca hoje, pela manhã no campo da Escola Técnica, mais uma rodada dupla, e envolverá as seguintes equipes: na preliminar jogam Credú - Santa Marta, enquanto que os times J e D de A União fazem a partida principal. A Credú lidera o certame com dois pontos ganhos.

O jogo principal promete ser dos mais disputados, sobretudo pela rivalidade entre ambas as equipes. Na última partida realizada, aconteceu empate de 1 a 1. O time J espera fazer uma melhor campanha este ano, já que decepçou no campeonato do ano passado.

As duas equipes já estão definidas para o clássico e deverão jogar com a seguinte constituição: A União-J - Eduardo, Sebastião, Wellington, Rosalvo e Carlos Vieira, Werneck, Lenini e Varela, Lúcio, Brito e César; A União-D - Milton (Chicão), Tonho da Lua, Paulinho I, Zé Maria e Pirrito; Nido, Josemar e Anselmo; Paulinho II, Beto e Zé Carlos.



Treze ainda na luta pela vaga

Guarabira tem
jogo difícil
com Nacional

Guarabira (Sucursal) - Guarabira e Nacional jogam hoje à tarde no estádio Silvino Porto, em partida decisiva para o Naça uma vez que ainda aspira uma vaga para disputar o quadrangular que vai apontar o campeão do segundo turno. Jair Pereira será o juiz central, sendo auxiliado nas laterais por Antônio Toscano e José Moraes.

O Guarabira está na terceira posição do grupo D com quatro pontos ganhos e ainda terá pela frente o Campinense, no Amigão, podendo chegar aos oito pontos. O time alvi-azulino vem de um resultado negativo, diante do Auto Esporte e tentará reabilitar-se em cima dos patoenses.

O Nacional está em melhor situação, pois apesar de estar na quarta posição, poderá chegar aos 9 pontos. O treinador Virgílio Trindade garante que a equipe está motivada e que todos os jogadores já esqueceram o resultado negativo de quarta-feira passada e, é pensamento de todos partir para a reabilitação no jogo hoje à tarde.

EQUIPES - Guarabira - Lula, Zé Preto, Guri, Lilito e Adilson, Sandoval, Da Silva e Gil Silva, Gilson, Mima e Franca.

Nacional - Aurílio, Pedro Leitão, Teomar, Didi e Nei, Silva, Messias e Clóvis, Milton, Pedrinho e Catê.

Campinense
joga com o
Santa Cruz

Campina Grande (Sucursal) - Aproveitando a folga da tabela, o Campinense joga amistosamente, hoje à tarde, no Plínio Lemos, contra o Santa Cruz de Santa Rita. A ideia inicial dos dirigentes era realizar uma partida com uma equipe de outro Estado. Com os campeonatos regionais estão em pleno andamento, o rubro-negro resolveu convidar o tricolor canavieiro que prontamente aceitou o convite.

O treinador Zezinho Ibiapino realizou na manhã de ontem, um treino recreativo, quando definiu a equipe rubro-negra para o amistoso desta tarde. As dúvidas do técnico Cartola somente foram tiradas, após a revisão médica e, o time para o jogo com o Santa Cruz será o mesmo que empatou com o Botafogo, no último domingo. O Campinense somente voltará a jogar pelo Campeonato Paraibano no próximo domingo, contra o Guarabira, no estádio Amigão.

TREZE BRIGA
POR SUA VAGA

O Treze enfrenta o Santos, hoje à tarde, no estádio Leonardo da Silveira, numa partida em que somente a vitória interessa ao time alvi-negro de Campina Grande, sobretudo que ainda aspira uma vaga para o quadrangular decisivo do segundo turno. José Araújo será o mediador central, auxiliado por José Everaldo e Paulo Santiago.

O time santista não aspira mais nada no certame patrocinado pela FPF, mas fará tudo para melhorar sua posição na tabela de classificação. O diretor-técnico, José Valters Marsicano está otimista quanto a um bom resultado e garante que o Santos poderá surpreender o Treze.

Torcida na expectativa

A torcida do Treze ficou surpresa com as declarações do supervisor José Santos, ao afirmar que "se o Galo conseguir uma vitória hoje, diante do Santos, estará classificado para o quadrangular decisivo do segundo turno, independente do resultado do jogo Botafogo e Nacional de Cabedelo". Ontem, por ocasião do treino recreativo no estádio Presidente Vargas, alguns jogadores procuraram José Santos para sa-

ber qual o fundamento da notícia, e ele apenas respondeu: "ganhem do Santos que logo após eu direi o milagre".

Sabe-se que Santa Cruz de Santa Rita, é um clube que não prima muito pela regularidade dos seus jogadores, como foi observado no Campeonato Paraibano do ano passado.

E baseado neste ponto de vista, que Zé Santos espera tirar proveito, a fim de recuperar os pontos perdidos pelo Galo.

Vasco conquista o 1º
turno se vencer o Fla

Rio - Flamenfo e Vasco da Gama revivem hoje à tarde, no Maracanã mais um clássico dos milhões do futebol carioca, que poderá definir o campeão do primeiro turno do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, caso o time cruz-maltino consiga derrotar os comandados de Cláudio Coutinho. Os dirigentes das duas equipes acreditam que este jogo poderá registrar novo recorde de renda no certame, ainda em poder do Fla-Flu que superou a casa dos 9 milhões de cruzeiros.

O treinador Zagalo não vai alterar a equipe vascaína, sobretudo que ficou bastante satisfeito com a atuação do time no jogo da última quinta-feira, quando venceu o Bangu por 1 a 0. Já o Flamenfo conta com alguns problemas, pois Coutinho não sabe ainda se poderá contar com Ronlineli que dependerá de um teste para avaliar suas condições físicas. Andrade está

fora do clássico e será substituído. Zico tem escalção garantida.

Equipes - Flamenfo - Raul, Carlos Alberto, Rondineli (Marinho), Luis Pereira e Júnior, Vitor, Carpegiani e Zico, Tita Nunes e Adílio; Vasco - Mazaropi, Brasinha, Orlando, Ivan e Jorge Luis, Paulo César, Pintinho e Marquinhos, Guina, Roberto e Silvinho.

FLUMINENSE

O Fluminense enfrenta o Americano, em Campos e somente a vitória interessa aos comandados de Nelsinho, pois qualquer tropeço será fatal. Caso vença este jogo, o Flu terá que torcer por um resultado negativo do Vasco, no jogo do Maracanã. Somente assim poderá manter suas chances de conquistar o primeiro turno. Completando a rodada do certame carioca, o Botafogo joga com o Bangu, em Marechal Hermes; Volta Redonda x Olaria; e Niterói x Campo Grande.



Vasco poderá conquistar 1º turno, caso vença o Flamengo

ARTES

HORÓSCOPO

MAX KLIM

ÁRIES

21 de março a 20 de abril - Período em que estarão beneficentemente influenciadas as posições de mando do ariano. Plano pessoal com indicações negativas. Evite mostrar-se facilmente irredutível e temperamental. Possibilidade de aproximação positiva com nativo (a) de Gêmeos. Plano familiar em posicionamento tranquilo. Amplie seu lazer. Saúde em fase neutra. Bom período para atividades ligadas ao transporte pesado ou de longa distância.

TOURO

21 de abril a 20 de maio - Risco de atritos em seu ambiente de trabalho, provocados por rispida e prepotente atitude. Financeiramente é recomendada cautela com novos investimentos. Possibilidade de perda de dinheiro ou pagamento de título de favor. Plano pessoal em fase favorável a associações duradouras. Evite discussões em família. Saúde boa. Risco de pequenos problemas nervosos. Recomendadas todas as atividades ligadas a agricultura.

GÊMEOS

21 de maio a 20 de junho - Plano altamente favorecido para o geminiano em suas atividades financeiras e profissionais. Possibilidade acentuada de ganhos inesperados. Sorte em jogos e loteria. Favorável à associação com nativo (a) de Áries, Libra ou Sagitário. Sentimentalmente o período aconselha a consolidação de antigos laços. Harmonia com parentes e pessoas íntimas. Saúde boa. Favorecidas as atividades ligadas ao ensino. Predominância positiva para pesquisas de cunho científico.

CÂNCER

21 de junho a 21 de julho - Profissionalmente, bom período com indicações favoráveis ao aumento de seu ganho. Evite atitudes que possam ser interpretadas como contestatórias em seu ambiente de trabalho. Positivamente influenciadas as atividades pessoais e sentimentais. Receptividade afetiva. Carência em seu ambiente doméstico. Saúde boa. Favorecidas as profissões ligadas a relações públicas e publicidade.

LEÃO

22 de julho a 22 de agosto - Organize suas atividades pensando sólida e coerentemente em seu futuro. Plano pessoal com positiva indicação de bons momentos durante a semana. Fase altamente positiva para os assuntos ligados à família. Se casado, o nativo de Leão poderá ter grata surpresa nos próximos dias. Plano sentimental favorável às uniões duradouras, noivado e casamento. Saúde em período em que se recomenda cautela em ambientes frios ou excessivamente refrigerados.

VIRGEM

23 de agosto a 22 de setembro - Boa convivência com colegas de trabalho. Desenvolvimento em suas atividades profissionais. Plano pessoal recomendando tolerância em questões pendentes. Planos frustrados. Bons momentos com amigos e parentes. Plano sentimental indicando possibilidade de brusca alteração em seu relacionamento afetivo. Fase propícia a atividades políticas ou de arregimentação de pessoas. Saúde em fase neutra. Cuidado com os olhos. Favorável a políticos, jornalistas e profissionais de comunicação.

LIBRA

23 de setembro a 22 de outubro - Plano profissional altamente favorecido. Período de consolidação de funções em seu ambiente de trabalho. Pode ocorrer, na semana, positiva associação com nativo de Leão. Uma boa notícia, sobre assunto pendente há muito tempo, poderá lhe ser dada no período. Harmonia com parentes e amigos mais próximos. Saúde em fase de bom posicionamento. Favorecidas as profissões ligadas à criação de moda, engenharia e arquitetura.

ESCORPIÃO

23 de outubro a 21 de novembro - Período de aspectos marcadamente negativos no plano profissional. Condicione-se a um comportamento positivo em todas as suas atividades e iniciativas. Plano pessoal em fase neutra. Possibilidade de apoio de pessoa próxima. Ciúme e inquietação no relacionamento doméstico e sentimental. Bom período para efetiva demonstração de carinho para a pessoa amada. Cuide um pouco mais de sua saúde, em fase não muito propícia. Favorecidas as profissões ligadas a bancos e instituições financeiras.

SAGITÁRIO

22 de novembro a 21 de dezembro - Semana com possibilidade de ocorrência de imprevistos em seu ambiente de trabalho. Procure maior controle de sua vida financeira. Opiniões externadas sem muita reflexão podem trazer-lhe problemas. Busque maior dedicação a atividades que possa cumprir sozinho. Plano familiar em fase neutra. Saúde regular. Desaconselha todas as atividades ligadas a edificações. Bom período para motoristas e viajantes.

CAPRICÓRNIO

22 de dezembro a 20 de janeiro - Bons contatos pessoais com sensíveis reflexos, de caráter positivo, em sua atividade profissional. Plano pessoal indicando crescente afirmação de sua personalidade. Apoio de pessoa experiente. Risco de atrito com pessoa íntima, gerando grande inquietação. Sentimentos carentes de maior persistência. Saúde em fase boa. Evite excessos. Favorável aos profissionais ligados a atividades literárias e bibliotecas.

AQUÁRIO

21 de janeiro a 19 de fevereiro - Excepcional oportunidade para que se afirme sua condição profissional de vencedor. Uma nova atividade deve amparar-se em conceitos já solidificados. Risco de problemas com novas amizades. Plano sentimental propício a grata surpresa. Afetividade e intuição. Bem posicionadas as atividades de caráter místico ou religioso. Saúde em fase neutra. Positivamente influenciadas todas as profissões ligadas ao setor de comunicações.

PEIXES

20 de fevereiro a 20 de março - Esta semana reserva ao pisciano um momento de grande emoção em seu ambiente de trabalho. Promoção ou aumento de ganho. Modere sua tendência a depender excessivamente de outras pessoas em suas atividades pessoais. Relacionamento familiar em fase de progressiva melhora. Risco de desentendimento no plano sentimental com conclusões apressadas de sua parte.

* Ruim
** Regular
*** Bom
**** Ótimo
***** Excelente

O QUE HÁ DE NOVO



Pasolini, ator e diretor de Decameron, no Municipal

NO CINEMA

ACTAS DE MARUSIA (**)** - Numa localidade salitreira do Chile, em 1907, todo um povoado de mineiros é massacrado por forças governamentais. Produção mexicana dirigida por Miguel Lettin. Com Gian Maria Volonté e Diana Obregon. A cores. 18 anos. No Tambau. 18h30m e 20h30m.

DECAMERON (**)** - Produção italiana. Adaptação livre do original de Boccaccio, assinado pelo diretor de Teorema e O Evangelho Segundo São Mateus, Pier Paolo Pasolini, grande cineasta italiano assassinado em 1975. No elenco, Franco Citti, Angela Luce e o próprio Pasolini. O filme foi premiado com o Urso de Prata do Festival de Berlim em 1973, e passou muitos anos interditado pela censura brasileira. A cores. 18 anos. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

SANGUE E VIOLENCIA - Produção italiana. Policial estrelado por Tomas Millian e John Saxon. Sem maiores referências. A cores. 18 anos. No Plaza. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

OS BARBAROS INVADEM O TEM- PLO DE SHAO LIN - Produção dos estúdios de Hong Kong sobre as artes marciais chinesas. Sem referências quanto a enredo, equipe técnica e elenco. A cores. 14 anos. No Rex. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

NA TV

O FALCÃO DOS MARES - As aventuras e romances do Capitão Horatio Hornblower e suas lutas nos mares durante a época das guerras napoleônicas. Direção de Raoul Walsh. Com Gregory Peck e Virginia Mayo. Na TV Globo. 15h.

NINOTCHKA (**)** - Uma agente russa é enviada a Paris onde deverá negociar as jóias de uma duquesa de seu país. Na França, acaba conhecendo um homem por quem se apaixona. Clássico do cinema americano, dirigido por Ernest Lubitch. Com Greta Garbo e Melvyn Douglas. Na TV Globo. 22h30m.

A DEUSA DO SEXO E OS DIAMANTES FATAIS () -** Um roubo de jóias leva ladrões internacionais de Miami a Nassau, sendo perseguidos por um detetive da companhia de seguros que tenta prendê-los. Direção de Tom Gries. Com Donald Shuttelard e Jennifer O'Neill. Na TV Globo. 00h30m.

AMANHÃ

UMA ESTRANHA EM MEU DESTINO - No século passado, uma linda ruiva chega a uma cidade do oeste americano procurando seu irmão e acaba envolvida com um dos homens mais importantes do local. Direção de Mervyn Le Roy. Com Dana Andrews e Cameron Mitchell. Na TV Globo. 14h30m.

ADEUS A MANZANAR - As dramáticas experiências de uma família de emigrantes japoneses nos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial. Direção de John Korty. Na TV Globo. 23h35m.

MALU MULHER - Apresentando o episódio *Uma Coisa Que Não Deu Certo*, escrito por Roberto Freire. Com Regina Duarte, Narjara Turetta e Daniel Dantas. Na TV Globo. 22h10m.

NO TEATRO

SWING, A TROCA DE CASAIS - O resultado do talento irônico e melancólico do autor Luis Carlos Cardoso, que parece destinado a construir uma obra sólida na dramaturgia nacional, está em *Swing*. Empregado e chefe encontram-se numa estrada e ambos estão acompanhados: o empregado com a mulher, o chefe com a amante. Azares da vida colocam os homens em confronto até surpreendente intervenção da mulher do empregado. No Santa Rosa. 21h.

A MENINA QUE PERDEU O GATO PULANDO O FREVO NA 3ª FEIRA DE CARNAVAL - Peça infantil do mineiro Marcos Antônio Rocha. Montagem do Grupo Tenda. Com Angélica Maria, Jandaciária e José Felix. No Lima Penante. 16h30m.

EM DISCOS

PEPEU GOMES AO VIVO (*)** - Apresentado por Claude Nobs como um respeitadíssimo músico que misturou som brasileiro com rock, o guitarrista Pepeu Gomes, integrante do grupo Os Novos Baianos, consegue esquentar a platéia do Festival de Jazz de Montreux, tocando bandolim e guitarra. Tocando rock, Pepeu é tão bom quanto os americanos. No choro - executando Pixinguinha e Jacob do Bandolim - ele mostra que ainda tem muito para aprender. Lançamento WEA.

BABY CONSUELO AO VIVO (*)** - Cantando para os ouvidos no Festival de Jazz de Montreux, a carioca Baby Consuelo apresenta um bom repertório de música popular brasileira: *Brasileirinho*, *Eu e a Brisa*, *Sebastiana* e *Menino do Rio*. Nos trabalhos assinados ao lado do marido Pepeu Gomes e do sanfoneiro Oswaldirinho, pouca qualidade. Lançamento WEA.

DRAMA (**)** - O grupo inglês Yes continua alterando sua formação, sem Patrick Moraz, sem Rick Wakeman, agora sem Jan

Anderson - o ótimo vocalista - o rock clássico do conjunto continua sendo muito bem produzido. No novo disco, um trabalho com muita unidade e belas canções. Lançamento WEA.

NOVO TEMPO (**)** - Quarto disco de Ivan Lins pela Odeon, uma capa excessivamente panfletária: fotografado ao lado dos parceiros, o compositor olha perplexo para um jornal que estampa cruciais problemas brasileiros. Nas letras, o poeta Vitor Martins comenta alguns desses problemas, recorrendo à cansada linguagem das canções de protesto. Boas melodias salvam o disco. Lançamento EMI-Odeon.

ONE TRICK PONY (**)** - É difícil esquecer as belas canções que Paul Simon compôs e cantou com Art Garfunkel na segunda metade da década de sessenta. Agora, beirando os quarenta, fazendo cinema, Simon retorna ao estúdio, depois de longa ausência, e canta seu novo trabalho. Boas letras, músicas agradáveis interpretadas com sensibilidade. Lançamento WEA.



A capa do novo disco do Yes

PAULINHO NO PIXINGUINHA

Na próxima sexta-feira, o público campinense verá, através do Projeto Pixinguinha, um show do grande sambista Paulinho da Viola. Ao lado do autor de Sinal Fechado, estará o violonista Canhoto da Paraíba, considerado um dos mais importantes da música brasileira. Como convidado, o cantor Monarco, especialista em samba.

Acompanhando Paulinho, Canhoto e Monarco, entre outros, estarão o violonista Cesar Faria (pai de Paulinho), grande músico de choro e integrante do grupo Época de Ouro, o flautista Copinha (outro excelente músico de choro) e o baixista Dininho. O show será apresentado sexta e sábado, às seis e meia da noite, no Teatro Municipal Severino Cabral. Os ingressos custam sessenta cruzeiros.



O elenco de Swing, no Sta. Rosa

A UNIÃO

HÁ 50 ANOS

Ivan Lucena

Iniciado em João Pessoa uso de cheque

No dia 19 de outubro de 1930
A União publicou

O movimento revolucionário victorioso em todo o Norte do país se tem feito sem derramamento de sangue. E isso porque o povo cansado de sofrer ergueu-se em massa contra as tyrannias já apodrecidas pelos próprios erros, pelos crimes nefandos praticados contra os interesses da colectividade. Destarte, quando o exercito veio para a rua pugnar pelas idéas de regeneração, encontrou pela caminhada os aplausos das multidões soffregas de liberdade e de justiça. A força material das tropas apparecia, assim, apoiada pela força moral da opinião publica de modo que ás oligarchias nenhum recurso restava além da capitulação.

Ahi temos, sem duvida, a facilidade do movimento, a rapidez com que o despotismo ruiu aqui pelo Norte quasi vertiginosamente, sem que podesse processar no ardor das batalhas os meritos das dedicações, dando á Revolução os sacrificios que revelam a resistencia ideologica através de todas as difficuldades.

Isto não quer dizer, todavia, que não haja um nitido sentimento revolucionario dominando a consciencia dos homens que dirigem este movimento. Apenas, o que é necessario é que esse sentimento seja commum a todos os brasileiros, que cada um delles bem se aperceba da transformação politica e administrativa que nos aguarda sob a victoria da Revolução. Os dias presentes nada significam em relação ao futuro proximo. Ha muito o que fazer. Ha muito crime a castigar. Ha muito serviço a premiar. A Revolução terá de realizar integralmente a sua obra. E é isso que todos precisam compreender para ter fé.

A Revolução, mesmo, depois de derrubado o governo federal, não terá concluida a sua tarefa. Antes, pelo contrario, começará ahi o seu formidavel trabalho de reconstrução, o esforço extraordinario para conseguir o saneamento da Republica.

Até lá precisamos manter espirito revolucionario unido e firme num só pensamento de victoria. Durante esse periodo acabemos de formar a mentalidade revolucionaria emancipando o caracter nacional de todos os prejuizos da velha e retardataria concepção legalista que, em 40 annos de Republica, nos arrastou ao pantano destes dias que ainda está vivendo um pedaço de patria brasileira.

É preciso ter fé, repetimos. É preciso comprehender a Revolução. É preciso confiar mais no seu futuro do que no seu presente ainda incerto nos contratempos da lucta.

A revolução não pára. Consequencia de necessidades imperiosas de um agglomerado humano, ella marchará até o fim.

E eis ahi a melhor razão para que todos que tenham a comprehensão exacta deste movimento, nelle possam confiar serenamente...

000000000

USO DO CHEQUE

São indiscutíveis as vantagens que proporciona o uso do cheque.

Antes de tudo, o cheque facilita as operações e transações mercantis.

Na verdade, o cheque substitui commodamente o dinheiro.

Assim, a pessoa, em vez de pagar directamente com dinheiro, entrega ao credor um cheque, que representa uma importancia em numerario depositado.

Está claro que essa importancia fica á disposição do beneficiário, isto é, do portador do cheque, que é a pessoa em favor ou á ordem de quem é elle emitido.

O cheque é uma ordem de pagamento. A pessoa que o emite sem dispor do necessario numerario pratica o crime de estellionato, ficando sujeita a gravissima penalidades.

O cheque é largamente usado em todos os países civilizados e as vantagens praticas de seu uso estão demonstradas pela sua adopção nos grandes centros commerciaes.



**OS LIVROS
MAIS VENDIDOS**

A Livraria do Bartolomeu informa os mais vendidos da semana. Ei-los:

Paraibanos:

- 1 - Governadores da Paraíba - Benedito Maia - GGS Gráfica.
- 2 - Noções de Jurisprudência - Genival Veloso - Editora Universitária.
- 3 - Rabo Cheio - José Cavalcanti - Editados
- 4 - O sertão canta e geme - Quito Dias - A União Editora

Nacionais:

- 1 - O Coronel e o Lobisomem - José Cândido de Carvalho - José Olympio.
- 2 - Dicionário do palavrão - Mário Souto Maior - Editora Guararapes.
- 3 - A Mesa do Jantar - Laurita Mourão - Nordica.
- 4 - Pais e Padastros da Pátria - Sebastião Nery - Editora Guararapes.
- 5 - Uma escola para o povo - Maria Teresa Nildes - Editora Brasiliense.
- 6 - Vargas - Hélio Silva - L. & PM Editora.

Estrangeiros:

- 1 - A extravagância do morto - Agatha Christie - Nova Fronteira.
- 2 - Profeta do Passado - Erich Von Daniken - Melhoramentos.
- 3 - Traição por amor - Belva Plain - Record.

ESTANTE
JURÍDICA

A Livraria e Editora Universitária de Direito está lançando *Tóxicos*, de J. L. V. de Azevedo Franceschini. Trata-se de uma oportuna coletânea sobre a jurisprudência a legislação referentes aos tóxicos.

Nas referências às fontes, as abreviações são de intuitiva compreensão, dispensando qualquer esclarecimento aos leitores inteligentes, como obviamente o são todos os adquirentes deste trabalho.

Condomínio - Outro oportuno e importante lançamento da Universitária de Direito é *Condomínio de Imóveis*, de Waldemar Leandro, contendo jurisprudência, comentários, legislação e formulários sobre a matéria enfocada.

Trata-se de uma 4ª edição ampliada e melhorada.

O autor é magistrado aposentado e ex-professor de direito, atualmente advogado.

Criminologia - A Editora Sugestões Literárias está lançando: *Criminologia* (biológica, sociológica, mesológica) de Vitorino Prata Castelo Branco em que o autor procurou expor a matéria

LETRAS

GUIA SEMANAL DE LEITURA

Carlos Romero

“Políticos por vocação idealística”

O advogado e ex-deputado federal Bernardo Cabral, hoje secretariando o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, acaba de lançar o livro *A Palavra em Ação*, editado no Rio de Janeiro, onde estão reunidos os discursos e conferências do Autor, considerado um dos mais eloquentes e brilhantes oradores do País.

Nessa coletânea de discursos e palestras, José Bernardo Cabral presta, ao final do volume, uma homenagem a Sobral Pinto, transcrevendo estas palavras do insigne caudilho: “Pela amizade de duas almas se compenetraram e se descobrem. Acontece, muitas vezes, que um homem não toma pleno conhecimento de si mesmo e dos dons que o Céu lhe dá, a não ser através de louvor do amigo. Tal é a virtude natural da amizade”.

A leitura de *A Palavra em Ação* põe o leitor em sintonia com vários aspectos da problemática sócio-brasileira, de que o Autor é um vigilante e inteligente observador e estudiosos.

Interessante esse trecho de um discurso pronunciado por Bernardo Cabral na Câmara dos Deputados em que ele faz uma classificação dos políticos: “Acho que o político o é por vaidade, por ambição ou por vocação idealística. Os políticos por vaidade – a Casa bem os conhece – são aqueles que se empenham na conquista do mandato apenas para fazer jus ao tratamento honorífico do título. Os políticos ambiciosos – que jamais enfrentam os vendavais de uma campanha eleitoral – são os que, a troco de tantos atos reprováveis, conquistam a representação popular. E há os que o são por vocação idealística, onde, Sr. Presidente, se falsa modéstia, me coloco, porque entendo que os homens não valem só pelos privilégios de fortuna ou pelo poder que eventualmente conseguem empalmar, mas pelo trabalho que desenvolvem, pelos ideais que defendem em benefício da vida social”.

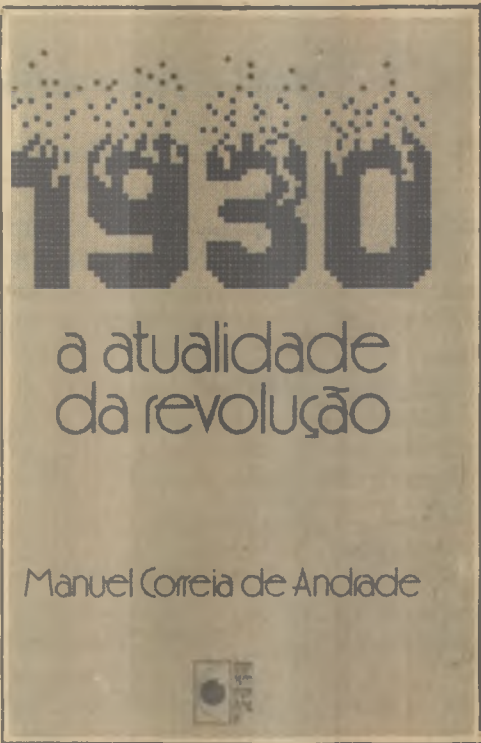
O escritor e jurista Bernardo Cabral esteve recentemente em João Pessoa, oportunidade em que visitou a seção

estadual da Ordem dos Advogados e autografou entre os colegas conselheiros vários exemplares de seu trabalho.

POSTA-RESTANTE
Revolução de 30

De Celso Pedrosa, Supervisor Regional da Editora Moderna no Recife, recebemos a comunicação do lançamento da obra *Atualidade da Revolução de 1930*, do professor Manoel Correia de Andrade. O lançamento é em comemoração do cinquentenário daquela revolução.

Inflação baixará
Mais um número da revista *Comércio & Mercados*, órgão da Confederação Nacional do Comércio, nos chega às mãos. Trata-se do número 156, como



sempre focalizando temas dos mais oportunos no que diz respeito à problemática sócio-econômica brasileira.

Na seção *Vitrine*, informa a Revista que, segundo o presidente da Sharp, Maris Machline, a inflação brasileira cairá para 60% dentro de um ano.

Outro informe: A Fiat Automóveis lançou o seu novo modelo Fiorino. Derivado da perua Panorama, o carro pretende concorrer com a Kombi, da Volkswagen.

Fisco
Pelo correio nos chega o número 81 da revista *Fisco*, editado nesta cidade, sob a responsabilidade da Associação dos Fiscais de Renda e Agentes Fiscais do Estado da Paraíba – AFRAFEF.

A capa estampa a foto de Elinaldo Maurício Magalhães Moraes, secretário de Economia e Finanças, do Ministério da Fazenda.

Fisco insere em suas páginas farto noticiário relativo à nossa vida administrativa e econômica, além de trabalhos especializados sobre finanças.

Raul Pila – Perfis Parlamentares
Editado pelo Centro de Informação e Documentação da Câmara de Deputados, integrando a coleção *Perfis Parlamentares*, recebemos o volume *Raul Pila*, com seleção e introdução do deputado Geraldo Guedes.

Agradecemos a remessa.

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS
Quarta República (1945-1964) – Edgar Carone – Neste volume vive-se o período certamente mais importante e significativo da história do sistema republicano no Brasil.

Com a derrubada do Estado Novo e, consequentemente, da ditadura de Getúlio Vargas em 1945, o País começa a adquirir uma fisionomia nova, particularmente no domínio econômico, enquanto que, socialmente, há um rejuvenescimento dos conflitos sociais.

Sendo, essencialmente, um livro de documentação referente aos principais eventos que culminam com a deposição do Presidente João Goulart em 1964, *A Quarta República* é base indispensável para uma perfeita compreensão da minuciosa e judiciosa interpretação a ser desenvolvida em volume posterior e já em fase final de elaboração.

Quarta República é um lançamento da Difel.

Meu Filho, Meu Filho – Howard Spring – Este lançamento da Record se alinha entre os melhores. É considerado um impressionante romance, de narrativa absorvente, abrangendo um período de 50 anos e contando a história de dois pais e dois filhos.

O romance mostra os dois jovens crescendo como amigos, e os anos gradativa e inexoravelmente os afastando, à medida que os projetos visionários dos pais vão sendo executados.

“É um livro que eu recomendo vivamente. Sua leitura é gratificante. Trata-se de um romance soberbo” – assim se pronunciou A.J.Cronin, o autor de *A Cidadela*.

Os Enterrados Vivos – Dr. Péron-Autret – Este outro lançamento da Record é um livro escrito por um médico de renome, que projeta uma luz nova sobre o mecanismo da morte e sobre os limites ainda mal definidos de suas fronteiras.

Piaget Para Principiantes – Lauro de Oliveira Lima. Eis um livro indispensável para toda pessoa que quiser se enfronhar no pensamento piagetiano, daí evoluindo para uma renovada atuação pedagógica, visando o homem integral.

Como acentua Fanny Abramovich, na apresentação do volume, “Em todos os artigos Lauro é sempre enfático, reclamador, exigente, demolidor, sem fechar os caminhos de procura de cada educador-leitor”.

Trata-se de um lançamento da Summus Editorial.

Diário de Uma Ilusão – Philip Roth – A Francisco Alves está lançando *Diário de uma ilusão*, uma obra contundente na qual a crítica salta de cada página e as noções românticas da vida de um escritor são friamente desmascaradas.

Tendo iniciado o *Diário de uma Ilusão* à maneira de Chekhov, o Autor termina-o com o floreio de Tolstoy.

Português básico para estrangeiros – Silvio Monteiro.

Lançado pela Ibrasa, este livro, já em terceira edição, apresenta um método dentro dos modernos princípios de linguística para o ensino de uma língua a estrangeiros. O aluno começa a falar desde a primeira aula, fazendo uso de vocabulário reduzido e estrutura bastante simples.

Gato na janela – José Guilherme Mendes – O pano de fundo deste romance policial é o café-society carioca e paulista, especialmente em seu apogeu – os anos 50. A primeira parte conserva, como pode ser verificado, a forma consagrada do “folhetim policial”.

Essa forma começa a diluir-se na segunda parte, para assumir feições diversas, própria, na terceira, com o leitor colocado no centro da narrativa – e participando da ação.

Correspondência: Carlos Romero – Av. N.S. dos Navegantes, 792, Tambaú – João Pessoa – Paraíba – Telefone 226.1061.

TÓXICOS: Jurisprudência e legislação

sob uma perspectiva global, superando, com êxito, o enfoque unilateral que caracteriza obras similares, cuja ênfase em aspectos biológicos, psicológicos ou sociológicos da ciência criminológica acarreta necessariamente uma visão mais pobre da sua temática.

Contravenções Penais Controvertidas - Outro lançamento de Sugestões Literárias é *Contravenções Penais Controvertidas* de Paulo Lúcio Nogueira.

A presente obra faz parte de uma série onde se destacam “Questões Cíveis Ontrovertidas”, “Questões Penais Controvertidas”, “Questões Processuais Cíveis Controvertidas” e “Questões Processuais Penais Controvertidas”, todas já com várias edições esgotadas.

Aliando sua experiência como magistrado e como professor, foi possível ao autor selecionar os mais difíceis problemas enfrentados pelos advogados na área das contravenções penais, para sobre eles discorrer com a competência e a segurança de um jurista consumado e com a elegância e clareza de estilo de um escritor de mérito.

Mandato de Segurança - A Forense está lançando a primeira edição de *Mandato de Segu-*

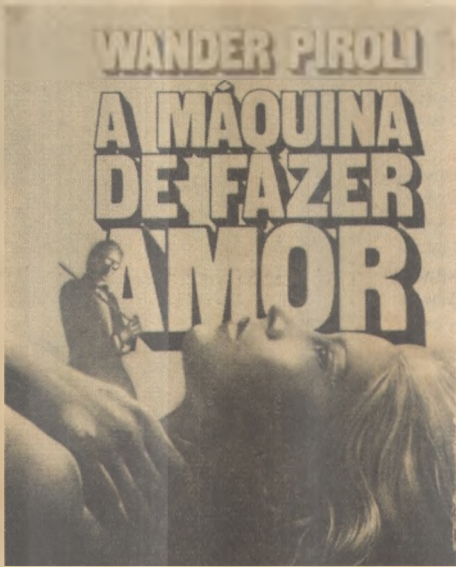
rança de Milton Flaks. A obra objetiva investigar os cinco pressupostos básicos para a impetração do mandato de segurança: ato de autoridade, ilegalidade, direito líquido e certo, inexistência de restrições e observância do prazo legal.

Propõe-se o autor a esquematizar as divergências sobre o tema, simulando os princípios gerais que se podem extrair de conceitos absorvidos, mais recentemente, pela legislação vigente em particular pelo Direito Processual e pelo Direito Administrativo.

A Máquina de Fazer Amor - Wander Pirolí - Já nas livrarias, integrando a coleção “Autores Brasileiros”, o livro *A Máquina de Fazer Amor*, de Wander Pirolí, coletânea de contos do Autor, considerado um dos melhores escritores brasileiros que surgiram na década de 70.

A Máquina de Fazer Amor - reúne oito contos, que apresentam uma temática bastante variada, mas que insinem numa visão-mundo humanista, apesar da violência que predomina nas grandes cidades.

O livro é um lançamento da Editora Ática.



Noções de Direito Agrário

Optando por uma linguagem acessível e escrito num estilo claro, enxuto e conciso como lembra o jurista Orlando Gomes, a Editora Universitária acaba de lançar de autoria do professor Dorgival Terceiro Neto, do corpo docente da UFPB, *Noções Preliminares de Direito Agrário*. O livro aborda todas as fases do Direito Agrário e sobretudo o Estatuto da Terra, que assegura a todos a oportunidade de acesso à propriedade do solo, mas condicionada à função social que a iniciativa deve ter, através do bem estar do proprietário, do trabalhador e das respectivas famílias.

É comum nesses livros especializados autores se perderem em adjetivações desnecessárias, complicando a compreensão do assunto para estudiosos e principalmente para estudantes. Isso não acontece com o livro do professor Dorgival Terceiro Neto, que teve o mérito e a paciente pesquisa de sistematizar com simplicidade as confusas leis que normalizam o Direito Agrário no Brasil.

Provavelmente dirigido aos seus alunos da Universidade Federal da Paraíba, o livro do professor Dorgival agrada por certo ao leitor comum, por ter sido escrito por um jornalista, habituado a manipular a palavra, tornando-a clara e legível ao leitor. Os sete capítulos que compõem o livro são notáveis textos jornalísticos e que tem a vantagem de não cansar o leitor, por expressar *Noções Preliminares do Direito Agrário* uma leitura agradável, apesar do assunto ser técnico e maçante.

Além de contribuir para a compreensão do problema fundiário brasileiro, e livro do professor Dorgival torna-se, portanto, leitura obrigatória para aqueles que pretendem ter uma visão integral do aspecto jurídico do Direito Agrário. O lançamento do livro é salutar sobretudo agora, quando camponeses explorados reivindicam desapropriações de extensas áreas que ocupam, regiões de incrível tensão social, a exemplo de

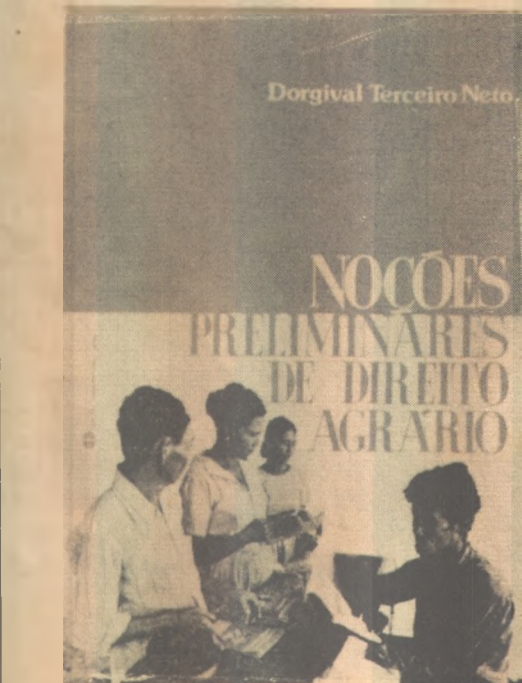
Alhendra, Pitimbu, Conde, Salgado de São Félix e Alagoa Nova, no sítio Geraldo. Aliás, *Noções Preliminares do Direito Agrário* traz no capítulo IV todo cipoal de leis e decretos-leis que regulamentam a desapropriação por interesse social, cujos casos estão indicados no texto da Lei 4.132, de 10 de setembro de 1962.

Noções Preliminares de Direito Agrário analisa, ainda, a problemática Rural, enfocada em artigos publicados nesse jornal, em fins de 1979. No artigo *Tangas para a agricultura*, professor Dorgival Terceiro Neto faz um perfil da agricultura brasileira e denuncia a incapacidade do tecnocrata em legislar e as medidas paliativas do Governo para enfrentar com inteligência o problema fundiário brasileiro. Para o professor Dorgival, o setor primário no País continua carente de estímulos e de apoio, sem o que não terá desempenho a níveis eficientes.

O artigo *Tangas para a agricultura* é significativo em seu segundo parágrafo:

- Ao longo das décadas, surgem planos, programas, projetos, compo- nendo em retalhos as diretrizes políticas para o setor. Criam-se órgãos, comissões, grupos de trabalho, fundos, etc, num esforço para articulação de uma política agrária compatível com as necessidades de crescimento econômico do País e de melhoria do nível social de produção”.

Sobre a agropecuária:
- Estranhamente, o empenho até agora tomado para desenvolver a agropecuária não encontra correspondência nos resultados alcançados. Basta ter em conta a sua decrescente participação na formação do Produto Interno Bruto. De 30,4% em 1950, caiu para 23,8% em 1960, declinou para 17,6% em 1970, e, nessa corrida negativa não deu mais que 13,2% em 1978. E isso ocorre no maior latifúndio do mundo, Brasil, onde não há geleiras, nem furacões e nem terremotos. É um País agrícola, mas que importa milho, feijão, arroz, carne e outros gêneros”.



Remorsos

Tristão de Athayde

Se remorso é pecado terei muito a sofrer, antes de atingir a paz suprema. Não penso apenas naqueles que terei ferido sem intenção, pelo pensamento ou pela palavra. Mas principalmente naqueles que terei atingido pelo meu silêncio. Nos tempos idos, em que ousei praticar a crítica literária militante, o que então chamei de “melancolia da crítica” era a necessidade de dedicar apenas algumas páginas, ou mesmo algumas linhas, a obras que haviam custado dias e noites, meses e anos, de esforço, intelectual, na esperança de uma palavra de compreensão ou de estímulo. Pois afinal, só os maníacos ou os gênios, e esses mesmos são duvidosos, escrevem apenas para si. Ou para se desvencilharem dos seus demônios interiores.

O leitor é sempre nosso íntimo colaborador. Ou nosso maior inimigo. Pois, se nos ajuda a pensar, também nos pode trair se escrevemos apenas para agradar-lhe ou para feri-lo. Mas o silêncio é também uma arma terrível do espírito. Falem mal de mim, mas falem, diz a voz do povo. Antes atacados que ignorados. Embora a verdadeira liberdade de espírito deva sempre colocar-nos acima dessas situações inevitáveis mas absolutamente secundárias em si.

Pensei que, ao abandonar o exercício da crítica, me visse livre dessa meteorologia da opinião pública. Qual o quê. Os livros continuam a chegar. E os remorsos a crescerem. Em muitos casos, basta a capa ou a leitura das primeiras linhas para se dissiparem os escrúpulos de os encaminhar imediatamente a uma biblioteca pública vizinha ou amiga, onde poderão ter ainda sua utilidade.

Se a leitura atrai, mas não há tempo para os ler, ficam penando no purgatório das estantes ou vão povoar de sombras o território do arrependimento. Até o momento em que, pelos desconhecidos meandros do acaso ou das razões irracionais, descem das estantes ou assomam à luz, trazendo-nos desluzes, deslumbros ou remorsos. A não ser a confirmação de que a mocidade morreu. Pois a velhice é a idade das relíquias. Ou da verdadeira cultura, do que ficou em nós, como sedimento das leituras de outrora. Passamos então a ser homens do único livro. Do livro de nós mesmos. Esse em que não há palavras escritas, em páginas, nem capítulos. Quando muito índices. Índices de nomes, de datas, de idéias. Sombras que formam uma só sombra interior, mas que passa a ser a melhor das companhias. E até mesmo o sopro de novas aventuras do espírito.

Mas afinal, não é de remorsos que comecei a povoar estes desvios? Para eles torno a voltar. Alguns são irreparáveis. Os que tocam aqueles que já se foram. Lembro-me de dois, neste momento: Laurita Pessoa Raja Gabaglia e Octávio Tarquínio de Souza.

Queria tanto bem qualquer dos dois, tanto os admirava que só por absurdo silencieei totalmente sobre a primeira e parcialmente quanto ao segundo. Tanto bem sim, mas não tanto que pudesse valer-me daquela razão que Jackson de Figueiredo me invocou em conversa, no próprio enterro de Mário de Alencar: “Queria tanto ao Mário, que não ousei jamais escrever uma linha a seu respeito”. As emoções exageradas paralisam os sentidos e a inteligência.

Com Laurita, cheguei a colaborar, de longe, no livro completo que escrevi sobre nosso grande amigo comum Dom Sebastião Leme. Entreguei-lhe mesmo alguns dos cadernos íntimos em que o grande Cardeal fazia o vago rascunho de seus discursos que sempre improvisava. No entanto, fiquei mudo ao ser publicado o livro. Igualmente, quanto ao que escrevi sobre Epitácio Pessoa, seu grande pai, tão belo como o de Carolina Nabuco sobre o seu. E ao morrer em odor de santidade, como Carmelita, também silencieei. Sem a mínima razão. Nem por excesso de intimidade, nem por qualquer alegação plausível. O silêncio desceu entre nós como uma cortina negra.

Mais absurdo ainda foi o caso de Octávio Tarquínio de Souza, companheiro quase diário, tão admirado quanto querido, nas tardes da Lellet. Sua obra admirável, de historiador e ensaísta, sempre me fascinou. E a sua maravilhosa tradução dos versos de Omar Khayyam, estarei sempre ligado, por um prefácio de puro encantamento. No seu caso, foi ainda mais indesculpável e incompreensível o meu silêncio, quando publicou a edição em oito ou 10 volumes de sua História do Primeiro Reinado. Ele próprio, por um milagre de autêntica discricção de espírito, nunca deixou transparecer qualquer mágoa a respeito. Mas Lúcia se feriu, com toda a razão. E à beira do túmulo, aonde os fui levar, pois tive-ram a graça de carregarem juntos, para a outra vida, o amor que nesta vida os uniu senti o meu silêncio pungir, como um espírito irremovível, a consciência. Desse que nos despertam a revolta contra a irreversibilidade do tempo. A quantos outros terei ferido sem querer, dos que já passaram para o outro lado da vida? Como a tantos vivos cujos livros ali esperam, à minha frente, uma palavra, por mais vã e inútil que seja e têm o direito de esperar. E nunca chega. Ou chega tarde.

Envolto nesta nostalgia da consciência, que é a mortalha do remorso em nossa vida interior, é que chega às minhas mãos o livro mais recente de Ascendino Leite (As coisas feitas jornal Literário, ed. Eda, Rio 1980) Sua leitura, com a afeição de quem descobre um pequeno tesouro escondido à beira da estrada, pela qual passamos indiferentes, levantou o vóo de pássaros adormecidos, em minha gruta interior. Que me lembre, nunca tive motivo algum para que, nos tempos de minha remota presença de crítico hebdomadário, omitisse a leitura de seus romances, artigos e ensaios. Hoje reconheço que sua obra literária é como essas pedras fosforescentes que só brilham na sombra, mas por isso mesmo arriscam a passar despercebidas ou mal interpretadas.

Se os volumes do Jornal Literário do seu autor, que precederam a este, são da mesma qualidade, nele temos um dos nossos memorialistas a ser colocado em companhia de Gilberto Amado, de Afonso Arinos de Mello Franco, de Pedro Nava, de outros de estirpe semelhante, que elevaram a memorialística brasileira a ser, talvez, a mais representativa das espécies literárias do neo-modernismo. Sua linha não é a solar, como a desses autores, mas a noturna como a de um Cyro dos Anjos. É a do poeta interior, que não se traduz em verso, mas em uma prosa translúcida e criadora, de uma atmosfera de sutil emotividade. As páginas que reúne, nesse seu recente volume, depois dos cinco anteriores que formam seu Jornal Literário (Durações, Passado, Indefinido, Os dias duvidosos, O lucro de Deus e A Velha Chama), constituem uma crônica, quase cotidiana, mas de datas incertas entre 1957 e 1970. Paraibano de nascimento, nada tem do nordestino convencional, como Augusto Meyer nada tinha do gaúcho convencional.

Seu espírito é todo feito de entretons, de entrelinhas, de entre-moções. Sua requintada sensibilidade reage ao menor estímulo exterior, mas como as sensitivas que se acolhem ao sol. Apaixonado por literatura, leitor infatigável, sempre a par da produção estética mais recente, nacional ou estrangeira, é perfeitamente imune a qualquer concessão à moda. Muito menos ao simples esteticismo. Atravessou o modernismo, sem alterar em nada o fundamento moral intangível de seus princípios éticos e da sua estética emotiva. Mas tampouco sem voltar às costas a nada que os novos tempos e o gosto renovado vêm trazendo.

Proustiano ou Ameliano, por natureza, vai anotando tudo o que o dia-a-dia lhe fornece de inédito, no contato com os amigos literários ou íntimos, pois coloca a amizade, como o fazia Nestor Victor, no próprio centro do convívio humano. Frequentador assíduo de cafés e livrarias, sem ter o espírito boêmio de um Jackson de Figueiredo, perpassam de leve, por essas páginas aladas de crônica intelectual, algumas das grandes figuras dessa época, um Agripino Grieco, um Manuel Bandeira, um Graciliano Ramos, um Augusto Frederico Schmidt, um Álvaro Lins, um José Américo, seu grande amigo, e tantos outros nomes, ilustres ou apagados, dedicando a cada qual uma palavra de carinho ou de repulsa, pois seus entretons estilísticos brotam, como orquídeas, de um tronco rude, isto é, de uma alma profundamente marcada pelo sentido moral da vida e da primazia do caráter e da honra, como sinais típicos do homem nordestino.

Seu Jornal Literário, estou certo, ficará como um daqueles espelhos que Stendhal fazia, os romancistas passaram, ao longo das estradas da vida. O prazer delicadíssimo, que me proporcionou a leitura de uma parte desse cosmorama carioca, não fez senão realçar o duplo mérito dessa obra requintada e retraída, em que a honestidade congênita do autor e sua receptividade aos entretons da realidade, garantirão a permanência futura. De uma obra, que terá custado ao seu autor, com a sua extrema sensibilidade, noites de insônia e dias de dúvidas cruciantes sobre seu valor ou sua inutilidade. Só lamento ter chegado tarde demais, para melhor saboreá-la.

(Transcrito do Jornal do Brasil)

REPORTI AMADÔ

Com a finalidade de “encher linguíça” em nossas páginas, inventamos o tal do Reporti Amadô, que a gente diz que paga, mas num paga nem nada. Faz só pose no jornal. Vamos publicar a primeira recebida. Se tá boa a gente nem quer saber. O negócio é encher a página. Lai vai:

O MENOR ABANDONADO

Teisto e fotos: Leo Leão

O menô abandonado. Coisa tristi de si vê. O menô só é abandonado pru modi as otoridade com patente num cuida de ele. Existi doz tipu: o menô carente e o menô barata-tente. O menô carente cuma o nomi tá dizenu, é o menô ricu. O menô barata-tente é o menô pobi; (tadi-

nho!!!). Eu como reporti amadô desse consseituadu jorná grito meu brado di alerta pru povo: minha gente! Vê si voceis crai veigonha na cara, e ajudam de qualquer geito o menô abandonado...! Um cubertô de uréia,um cubertô de qualquer geito seuve.

DONDE VEIN

Os menô abandonado vem dos abandonu das rua. Vivi tudim de lado da çociedade, comendo o pau que o cão amaçou. Purisso é neççar-riu que a gente que tem um pouco mais de cumê, faça uma campanha pra resolvê essa coisa do menô abandonado. Termino essas mal traçadas, pedindo a Deus que os homi do Jorná pagi a mim, pois se não quem vai virá menô abandonado sou eu...

Consultal Sentimentório

Professor Ancomar

Querido professor - Quando soube que o senhor havia aberto um consultal, resolvi escrever estas mal traçadas. Seguinte: eu tenho um coelhinho de estimação a quem estimo muito. Mas ultimamente ele anda meio cabreiro pro meu lado, num me liga, num quer as cenouras que eu compro, nada, nada... Que é que eu faço? ANA MARLI / ES

RESPOSTA - Primeiramente, Dona Marli, a senhora devia acabar de uma vez com esse negócio de namorar com coelho. E segundamente procurar um psiquiatra, e não a mim, um pobre vidente. Passar mal...

Estimado Ancomar - Casei-me duas vezes. Na primeira duas brigas

por dia. Eu não suportêi. Pedi desquite. Na segunda, três brigas por dia. Pedi desquite também. Estou no terceiro marido; quatro brigas por dia. Que fazer? JULIA BORBA/RJ.

RESPOSTA - Tenha paciência, e quando arranjar um que brigue dez vezes por dia, torne a me escrever. Chau.

Senhor Ancomar - Estou atravessando um dilema na minha vida. Nada tem sentido. Tudo me parece vazio. Não tenho graça nem pra chupar um pirolote. Que devo fazer nessa vida? JOSUE SANTOS/ CE

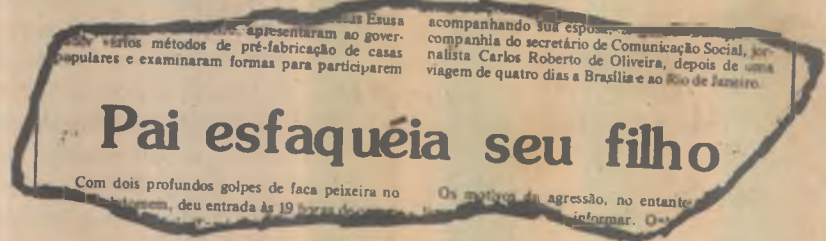
RESPOSTA - Muito simples: pegue o pirolito e guarde. Té mais.

Reportage do menô abandonado: nu de-senho, três me-nô abandonado que vieru a gente num sabe de onde, surindo um surizu fauçô, pois tão moreno de fome de sede e de nanição.



Vemos aí, caros camaradinhos, o mundo do jeito que tá: Se acabando por cima e por baixo. E nós aí, gozando...!

Quero Rárcio
DEU NO JORNAL:



Primeiramente: esfaqueia nunca teve acento. Segundamente: eu num num tive filho nenhum esfaqueado.

EXCLARECIMENTO

Quero avisar aos menos avisados ou mais burros que humor é coisa séria. Eu sou um humorista, não um contador de histórias engraçadas. O humor verdadeiro, o humor autêntico, não faz ninguém “morrer de rir”. Faz você sentir um bem estar enorme! E, como todo humorista que se preza, eu faço humor em cima de coisas sérias. O humor é na verdade, apenas isso. O sério ou trágico, visto do seu ângulo engraçado ou humorístico. A extrapolação do trágico. Soube que algu-

mas pessoas e Empresas por mim criticadas (leia-se satirizadas) aqui no 1 - MOR, estão furiosas comigo, prometendo vingança e etc. e tal. Atestado de burrice pra essa cambada toda !!! Se vocês criticados, não sabem o que é humor, leiam algo sobre o assunto. Me procurem que eu recomendo o que ler. Duas coisas eu quero que fiquem patentes: 1) EU NÃO TENHO MEDO DE NADA NEM DE NINGUÉM; 2) HUMOR NÃO FOI FEITO PRA AGRADAR PICARETA NENHUM. Somente isso.

NUM DÁ MAIS PRA SEGURAR!!!

Seguintão: Há dois anos, mandei dois livros para o Rio. Pelo Correio (me lembrei da Junta!) naturalmente. Encomenda do tipo simples. Nunca que esses livros chegaram. Depois, mandei dois para Campina Grande; porte simples também. Nunca chegaram lá. Depois mandei um jornal praqui pra Praia do Poço. O carteiro num soube distinguir remete-tente de destinatário. O jornal terminou voltando pra mim. Agora, há cerca de um mês, mandei outros livros pro Roger, pruma amiga minha. Simples, também. Não chegaram. Escrevi ao Diretor da EBCT, Dr. Rui de Assis. Como ele não me deu resposta, telefonei pra lá. Disse que estava tomando as providências e que o culpado seria punido. Silencieei esse tempo todo. Agora num dá mais...!

E todas as vezes que eu ia reclamar lá no Correio, os funcionários diziam simplesmente que “a empresa não se responsabiliza por encomenda simples!” Pô !!! Qualé? Tão querendo fazer a gente de palhaço, é? Se não têm condições de se responsabilizar pelas encomendas simples, acabem com elas!!! Recomendo a todos enviarem toda e qualquer correspondência, registrada, e se possível com AR! Até cartão de boas festas! Outro detalhe. Fiz uma assinatura do PASQUIM há dois meses! Deveria ter recebido oito números! Recebi três ou quatro ! Parece que meu carteiro gosta muito de um jornalzinho. Envio-do pra cá, eu sei que ele é. Quem duvidar, telefone pra lá: 287-6846 ou 287-6796. Assim num dá, Dr. Rui...!

M'ANCADAS

Tem gente pensando que carro de boi é transporte de Modess.

Em lugar de escutar certas emissoras de rádio, eu sou mais o Calcigenol Irradiado...

Surfista é uma espécie feita exclusivamente parafina.

Virgindade não se impõe. Se conquista.

O Leão da Metro só vai até 22 centímetros.

O estado de espírito tem uma população de sete mil almas.

Tem calma, César! O Brutus também ama!

Os diabéticos detestam a expressão, “Lar, doce lar...”

Boneca nunca fica na Idade do Lobo. Está sempre na idade do Chapeuzinho Vermelho.

Tem um programa feito exclusivamente para a velhice. Chama-se “Avós do Brasil”.

Os pacientes do legista nunca reclamam da conta.

A irmã do Pai de Santo pode ser chamada de Tia de Santo!

Um amor impossível como uma reunião de papas.

Sempre que quiser chamar os bombeiros, use sinal de fumaça.

Faz um tampão que eu não tenho um tempinho.

Proibem a gente de usar armas e colocam uns desalmados na Polícia.

Pra se fazer sessão espírita, é necessário porte de alma fornecido pela Polícia?

Não, meu filho! Quando eu disse aliviado, num mandei você olhar pra canto nenhum!

TAVA ESCRITO NO MURO:

VAMU DEXA DI INDIRETA
C'AS ELEIÇÔIS, JENTE BOA!
VIVA VOIZ!

No verão cada macacão em sua silhueta

Macacões e macaquinhos, como este modelo da Wrangler Womenswear, de Londres, vão marcar o verão carioca, que este ano, por um capricho da meteorologia, está caindo um dia sim, outro não. De volta da Europa, Marcos Merehi, já em Nova York, informa que a ordem é usar coloridos suaves e estamparias. Fred Ayres dita como devem ser os sapatos femininos: assimétricos, de cetim, pelica e imitação de crocodilo.

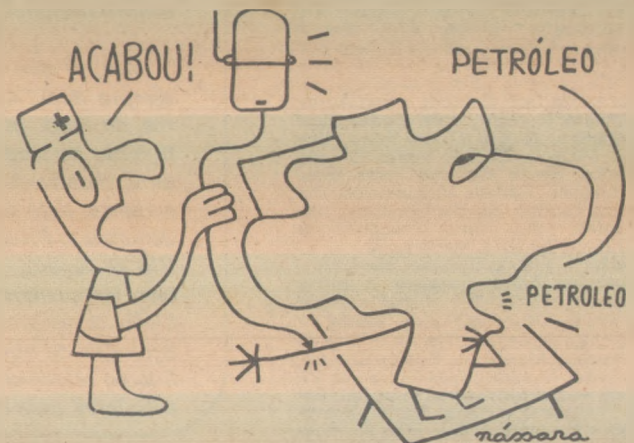


Setor das comunicações não pode ficar parado

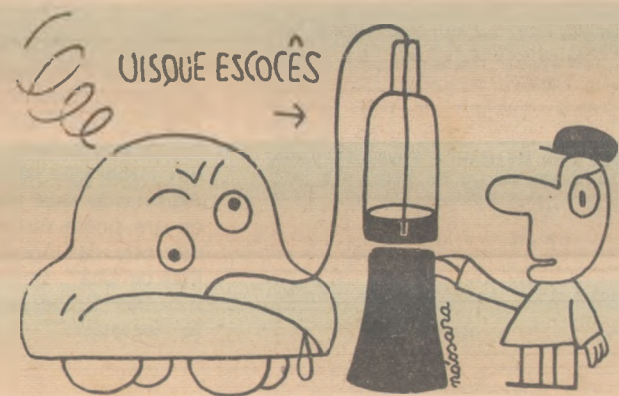
Durante muitos anos um dos homens-chave da IBM, líder de sua classe empresarial, Haroldo Collares Chaves (foto) acaba de ser eleito Presidente do Sindicato da Indústria Eletrônica do Rio. Em texto para a RN, ele se detém sobre a situação em que se encontra esse importante segmento da indústria. Páginas 2 e 4

ÁLCOOL NO MOTOR

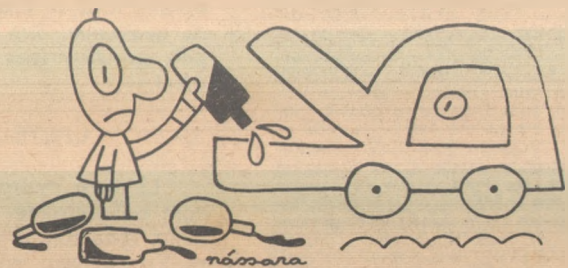
NÁSSARA



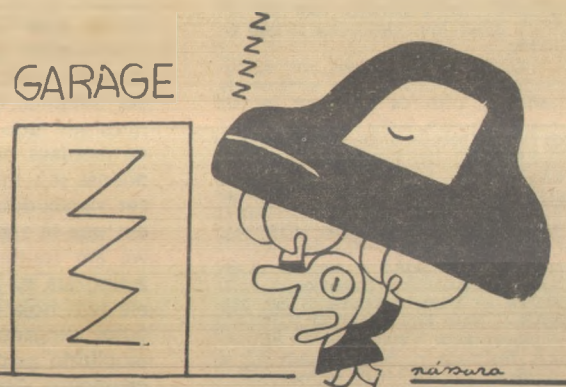
Poema concreto de inspiração abstrata



Sempre as multinacionais, cumprindo o seu negro fado: enchem os carros nacionais de uísque falsificado



Como bebe o pequenino...



Agora é sempre assim: Ele se embriega e eu é que tenho de levá-lo em casa...

Esta revista é uma oferta do seu jornal. Não pode ser vendida separadamente

Revista NACIONAL

Diretor-Editor-Chefe
Mauritônio Meira

Diretor
Clodomir Leite

Publicidade
Elias Vigliano — Diretor; José Murillo de Carvalho, Murilo Gondim e Victor Rodrigues (S. Paulo)

Redação: Lago — Burnett — Editor Executivo; Mário Morel e Stênio Ribeiro; **Arts:** Walter ("Xavier") Machado — Diretor; Appo, Cláudio, Franco e Rogério Delgado; **Seções:** Ary Vasconcelos, Mister Eco, Marcos Merehy, Regina Coelho e Rubem Braga.

Conselho de Redação
Adonias Filho
Antônio Houaiss
Aurélio Buarque de Holanda
Guilherme Figueiredo

Franco e Rogério Delgado; **Fotografia:** Florentino Carneiro; **Seções:** Ary Vasconcelos, Mister Eco, Marcos Merehy, Regina Coelho e Rubem Braga.

Fernando Luís Cascudo, Fred Ayres, Homero Homem, João Condé, José Louzeiro, Nelson Dimas Filho, Nertan Macedo, Octávio Malta, Oliveira Bastos, Paulo Roberto Peres, Raul Giudicelli, Renato Vasconcelos, Roberto Paulino, Sandra Cavalcanti, Sebastião Lobo Neto, Theophilo de Azeredo Santos e Waldo Luís. Belém — Walmir Botelho; São Luís — Cordeiro Filho; Teresina — Mário Soares; Natal — Agnelo Alves e Woden Madruga; João Pessoa — Gonzaga Rodrigues; Recife — Talis de Andrade; Macaé — Noaldo Dantas; Salvador — José Lopes da Cunha; Vitória — Marílio Cabral Perpétuo; Belo Horizonte — Paulo Nacife; Governador Valadares-MG — Elias Antônio da Luz; Nova Iguaçu-RJ — A. Borges de Mello; Bauru-SP — Nilson Costa; e Brasília — José Natal. **Correspondentes no Exterior:** Antônio Olinto (Londres), Jacyrá Domingues (Milão-Itália), Oscar Del Rivero (México), Manuel Olivari (Lima), José Alfredo Palmieri (Guatemala) e Juan Carlos Duque (Panamá). **Revisão:** Marililson Gomes Pinheiro; **Pesquisa:** Luís da Silva Henriques (chefe) e Irene Kantor; **Fotocomposição:** Marino G. Pinheiro (chefe); Alcir Pereira da Silva e Evaristo José Ribeiro da Fonseca; **Fotolito:** Jorge da Cunha Ferreira e Ivan David Guimarães; e **Tráfego:** Reynaldo Chacon.

REVISTA NACIONAL (*)
é uma publicação da

gradus journalisme Ltda.

Diretor-Gerente
Mauritônio Meira
Gerente Administrativo
Haroldo de Carvalho

• **Administração, Redação, Publicidade e Oficinas:** Av. Graça Aranha, 19 grs. 902 e 903 — Tels.: (PABX) 240-2147 e 240-8430 — Telex.: (021) 21013 — CGC. 29.978145/0001-43 — Ins. Est. 00047000 — Rio de Janeiro — CEP. 20.030 — Sucursal Nordeste: Murilo Marroquim — Diretor; Albuquerque Pereira — Diretor Comercial, Rua Engenheiro Ubaldo Gomes de Matos nº 119 — ci. 408 — Tels.: 224-3567 e 224-1042 — Recife-PE.; Alagoas: Jansen Costa — Representante. Av. Pará, 410 — Tel. 223-8004 — Macaé-AL.; Niterói: José Augusto de Holanda — Representante. Rua da Conceição, 13/608. Tel.: 719-5191. Sucursal de São Paulo — Victor Rodrigues — Gerente de Publicidade — Tel.: (011) — 270-7582 A Gradus Journalism se responsabiliza pelas matérias da REVISTA NACIONAL, com exceção das que venham a ser inseridas pelos jornais filiados.

(*) Circula aos domingos, com exclusividades regionais, pelo sistema de franquia, com os seguintes jornais brasileiros aos quais são fornecidos os filmes (fotolitos) para impressão: O ESTADO DO PARA — Belém; O ESTADO DO MARANHÃO — São Luís; JORNAL DA MANHÃ — Teresina; TRIBUNA DO NORTE — Natal; A UNIÃO — João Pessoa; JORNAL DO COMÉRCIO — Recife; TRIBUNA DE ALAGOAS — Macaé; JORNAL DA BAHIA — Salvador; A TRIBUNA — Vitória; DIÁRIO DE MINAS — Belo Horizonte; O JORNAL — Governador Valadares-MG; SEMANA Ilustrada — Nova Iguaçu-RJ; e JORNAL DA CIDADE — Bauru-SP.

Tiragem Nacional:
425 mil exemplares semanais

PONTO DE VISTA

Comunicações interrompidas

Só mesmo um País afoito, por força dos seus compromissos com o futuro de potência, poderia dar-se o luxo de omitir por completo, mesmo nas suas fases de mais intenso desenvolvimentismo, um setor da importância e da abrangência do eletrônico. Nem mesmo o Governo Juscelino Kubitschek, nas 30 metas com que se propôs a acelerar o ritmo do País, na proporção de 50 anos em 5, levou em conta as perspectivas das atividades vinculadas à área das comunicações.

À Revolução de 64 cabe o mérito indiscutível de haver despertado para a realidade dessa verdadeira arma dos tempos modernos. Meta prioritária dos governantes militares, o setor das comunicações, através de uma surpreendente evolução, em pouco tempo iria situar o Brasil entre as nações mais bem equipadas nesse campo. Para o povo, o telefone DDD e DDI, a introdução da televisão a cores, assim como as transmissões via satélite, representaram as conquistas mais palpáveis desse triunfo nacional.

ooo

Mas, se não há mal que muito se ature, bem não há que sempre dure. Apesar das vantagens advindas para os brasileiros, de todos os quadrantes, em decorrência do progresso vertiginoso do setor eletrônico, a indústria de base pouco a pouco seria desativada como reflexo natural de medidas adversas adotadas pelo Governo. Duas delas, em particular, conforme denuncia o Presidente do Sindicato da Indústria Eletrônica do Rio de Janeiro, Haroldo Collares, nesta edição, bastariam para esvaziar qualquer empreendimento de porte idêntico: a proibição às empresas estatais de utilizarem o seu superávit na aquisição de novos equipamentos; e o desvio, para outras finalidades administrativas, das verbas canalizadas, junto aos contribuintes, para o Fundo Nacional de Telecomunicações.

Sem o apoio da empresa pública, que é seu maior cliente, que poderiam fazer os dirigentes do setor eletrônico? Nada, senão seguir o ritmo lógico de uma reação em cadeia: com a redução das verbas orçamentárias, seguiram-se imediatamente os cortes nas encomendas às indústrias do ramo de comunicações; esses cortes por sua vez acarretaram a redução nas linhas de produção; e o limite da produção provocaria, obviamente, um acréscimo nas taxas de desemprego.

ooo

Nenhuma grande potência ou país aspirante a potência, como é o caso do Brasil, poderá prescindir, para afirmar-se, do tripé comunicação-informática-energia, conforme adverte, com muita propriedade, o Presidente do Sindicato da Indústria Eletrônica. Não queiramos que venha a ocorrer, no setor das comunicações, o mesmo que aconteceu no campo energético: de repente, quando dormíamos tranqüilos, na certeza de que o petróleo não nos faltaria jamais, as fontes do ódio milenar iriam jorrar sobre as principais fontes mundiais do produto, deixando todos os países importadores na corrida desesperada em busca de alternativas.

Alcançamos já um grau elevado de evolução tecnológica com o nosso poderoso sistema de comunicações. Os serviços de correios, desacreditados durante décadas e mais décadas, passaram a funcionar com exemplar eficiência, tanto nos grandes centros como nas mais distantes regiões do território nacional.

Esses serviços constituem-se apenas em um, dentre dezenas de exemplos. O Brasil deu o pulo do gato no ramo eletrônico, mas de repente, por deplorável falta de energia das autoridades, o ambicioso projeto brasileiro começou a perder força e, como se lhe faltasse o alento de uma pilha, parou. Que tal, porém, recarregar a bateria?

HOMERO EXCELENTE

"Fora da página de Rubem Braga, na edição de 7 de Setembro, pela primeira vez vi versos publicados em sua vitoriosa REVISTA NACIONAL, aliás excelente, os de Homero Homem. Aplausos, portanto, a um jornal que não proscreve a boa poesia. Admitindo que também possa apreciar a de um poeta municipal, talvez melhor do que este datilógrafo, aqui vai o meu "Folhas de Chá", sendo o outro exemplar para o Rubem Braga, para quem a poesia sempre foi necessária."

Oldegar Franco Vieira
Salvador — BA

Claro, Oldegar, nós não proscrevemos a boa poesia, como você assinala. Os versos do Homero Homem foram uma homenagem à passagem do dia da Independência. Isto não quer dizer que não publiquemos poesia, fora de dias especiais, dependendo da qualidade. Sua poesia está consagrada pela opinião crítica de escritores do melhor nível.

CASTELO VAI BEM

"Li, com muito agrado, a reportagem com o Governador João Castelo, do Maranhão, feita com o jeito do Mauritônio Meira. Eu conheço, embora de longe, o João Castelo por acompanhar a sua vida, pois ele é aqui da nossa cidade, filho de família muito conhecida em todo o Estado do Maranhão e do Piauí. Na verdade, ele está demonstrando que não existe milagre em administração, o que existe é trabalho; e ele trabalha. Nosso Estado é um dos mais ricos em tudo neste País, mas a abundância de recursos naturais faz com que o maranhense seja muito descansado, para não dizer vagabundo para não ofender. Na hora em que se encontra um administrador que vai em frente, todos temos a ganhar e é assim que eu justifico o apoio integral que ele tem hoje no Estado, com exceção dos gatos pingados da Oposição. Castelo foi escolhido pelo Poder Central, mas se fosse candidato direto teria ganho e acho que poucos governadores poderiam, hoje, fazer tal proeza."

João R. Gonçalves
Caxias — MA



Cartas

Depois do João Castelo quem sabe, João, não virá novamente o José Sarney para continuar essa fase de intenso trabalho?

COLABORAÇÃO ACOLHIDA

"Como assíduo leitor da REVISTA NACIONAL — sem outras credenciais — tomo a liberdade de enviar o trabalho anexo, para a cesta ou para publicação. (...) "

Ciro Vieira Machado
Vitória — ES

Sua melhor credencial é a sua colaboração, de boa qualidade. Está na página 4. Volte sempre — sempre com temas de interesse nacional.

TRAÇÃO OU SEQUESTRO?

"No seu artigo "Gabeira, um coração alado" (RN-97), o sr. Raul Giudicelli, falando sobre as mãos do seqüestrador do embaixador Elbrick, afirmou que elas eram mãos que os lírios invejam, mãos eleitas para aliviar, de Cristo, o sofrimento — cujas veias azuis pareciam feitas da mesma essência astral dos óleos bentos. Pelas barbas do aiatolá, sr. Editor! Aqui, D. Evaristo Arns! Help, mineiros de Ouro Preto! Além de estropiar os versos do soneto de Alphonsus de Guimaraens — "As mãos da Virgem" — o sr. Giudicelli ainda teve o desplante de omitir as aspas identificadoras de uma produção alheia que, em realidade, foi assim concebida:

Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas,
Para aliviar de Cristo os sofrimentos,
Cujas veias azuis parecem feitas
Da mesma essência astral dos óleos bentos.
Traição da memória? Comunismo literário? Ou seqüestro?"

André Luiz
João Pessoa — PB
Pedimos ao Raul Giudicelli para se defender, escrevendo sua própria resposta —

que é a seguinte: "O leitor tem razão. Na verdade, eu pratiquei um seqüestro acompanhado de uma desatenção. E explico: minha memória, já que o assunto era o Gabeira, não estava tão fresca como seria de esperar. O resultado foi o que se viu. Comi as aspas. O que atenua meu crime é o fato de saber que no meu seqüestro só feri a literatura. Ninguém morreu. Peço ao leitor que me conceda, como Gabeira já obteve, uma anistia ampla, geral e irrestrita. E que mantenha a eterna vigilância que é o preço da liberdade, segundo um "slogan" de Eduardo Gomes. Que, por sinal, ao lançá-lo em sua campanha eleitoral à Presidência da República, se esqueceu também de colocar as aspas, gesto indispensável de honestidade para com o escritor inglês verdadeiro autor da frase.

QUESTÃO DE ENERGIA

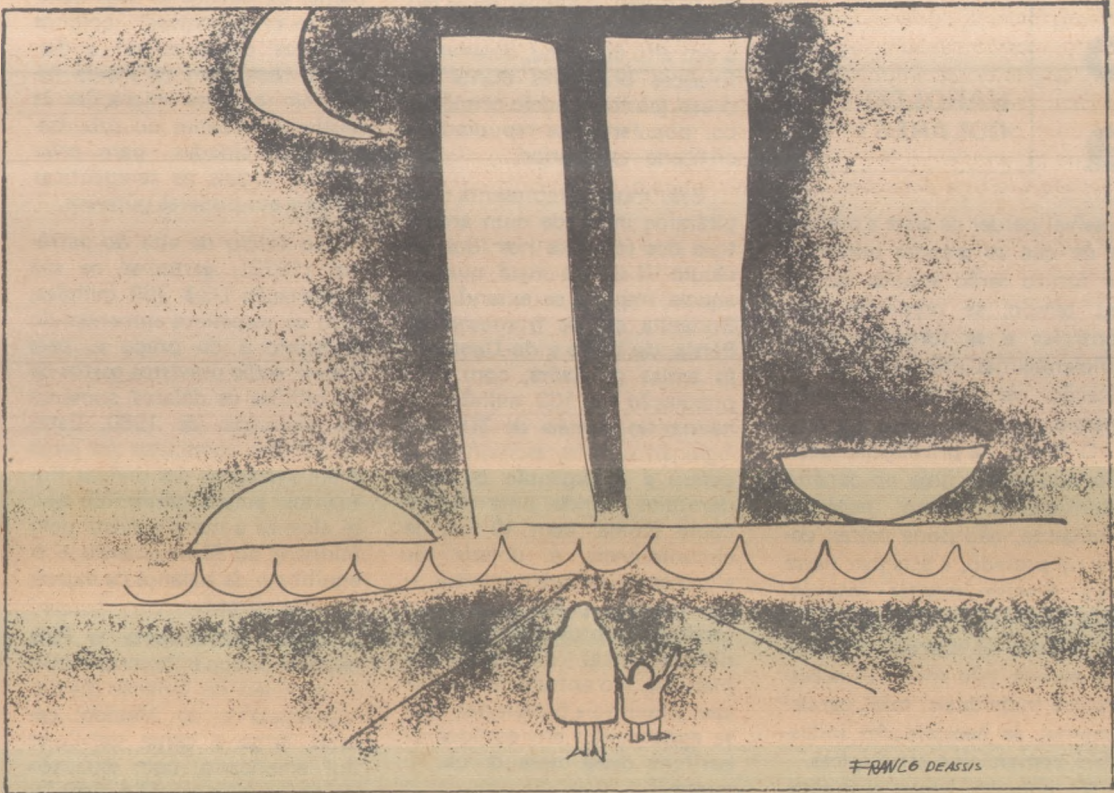
"Li na REVISTA NACIONAL uma nota muito minuciosa, narrando os motivos pelos quais foi derrubado da Eletrobrás o Presidente Maurício Schulman. Fiquei revoltado: afinal todos os motivos eram um só, isto é, a pinimba dele contra o Nordeste. Só queria dar energia para o Sul, insurgindo-se contra a Usina de Tucuruí, já uma realidade, que vai ser a redenção de uma extensa região. É incrível que ainda exista nesta nação pessoas que se encastelam num cargo nacional para fazer política regional, no caso dele política do Sul contra o Norte e o Nordeste. Que a terra lhe seja level!"

Amaro Silveira Ramos
Natal — RN

Para o lugar de Schulman, Amaro, foi o ex-Ministro Costa Cavalcanti que é, como você sabe, cearense-pernambucano, ou pernambucano do Ceará, além de presidente da Itaipu Binacional. Esteja certo de que ele vai fazer a política nacional e não regional.

Cartas: Av. Graça Aranha, 19 grs.: 902 e 903 — Rio.

RUBEM BRAGA



Brasília e Clarice Lispector

Em 1964, Clarice Lispector passou cinco dias em Brasília e fez uma crônica publicada na revista "Senhor". Transcreverei aqui alguns pedacinhos:

"Brasília é construída na linha do horizonte — Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. — Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou como uma simplificação total de ruínas. A hera ainda não cresceu. — Além do vento, há uma outra coisa que sopra. Só se reconhece na crispção sobrenatural do lago. — Em qualquer lugar onde se está de pé, criança pode cair, e para fora do mundo. Brasília fica à beira. — Esperei pela noite como quem espera pelas sombras para poder se esquecer. Quando a noite veio, percebi com horror que era inútil: aonde eu estivesse, eu seria vista. O que me apavora é: vista por quem? — Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. — É uma praia sem mar. — Em Brasília não há por onde entrar, nem há por onde sair. — Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando. (É que morri, meu filho.) — Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. — Se tirassem meu retrato em pé, em Brasília, quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem. A alma aqui não faz sombra no chão. — Nos dois primeiros dias fiquei sem fome. Tudo me parecia que ia ser comida de avião. — A cidade de Brasília fica fora da cidade. — Se há algum crime que a hu-

manidade ainda não cometeu, esse crime novo será aqui inaugurado. E tão pouco secreto, tão bem adequado ao planalto, que ninguém jamais saberá. — Fazem tanta falta cavalos brancos soltos em Brasília. De noite eles seriam verdes ao luar. — Em Brasília estão as crateras da Lua. — A beleza de Brasília são as suas estátuas invisíveis."

Insisto em que a crônica deve ser lida na íntegra; ela está hoje no livro de contos e crônicas. "A Legião Estrangeira", que precisa ser reeditado. Para mim ela explica uma grande parte da angústia que me produz Brasília, e que eu nunca saberia explicar.

Com certeza outras pessoas sentirão o mesmo que senti, e serão gratos à saudosa escritora — porque uma angústia explicada já é meio vencida. A específica, a inevitável angústia brasileira, talvez um dia possa ser vencida. A sensibilidade e a arte de Clarice podem ajudar isso. Outra coisa que ajuda muito é não viver lá, e mesmo, para as pessoas mais delicadas, não ir lá. Os curiosos sempre podem continuar vendo Brasília no cinema, pois a cidade é feita para ser filmada, e não para ser habitada. A prova é que ninguém vive em Brasília: acontece apenas que há indivíduos lotados lá. Ganham em dobro, como se recebessem ao mesmo tempo o ordenado e o próprio montepio... Mas Brasília produzia pelo menos uma obra literária de beleza indiscutível: a crônica da grande Clarice.

A poesia é necessária

SEXAMOROLOGIA

SÉRGIO FONTA

Quero o beijo calmo e pleno
Guardado na memória,
Batido em relatório,
Posterizado em lábios, pele, sexo,
Desencadeado, multiplicado,
Explodido em reflexo.

Não mais a flecha,
Mas o corpo, a mente, as mãos,
Armas humanas e conscientes
Sem ter cupidos
— dourados sonhos da cafonália
escudo pequeno-burguês,
encobridor do amor mais puro
ou da sacanagem.

Vou pronde houver onde,
Na rua ou na cama,
Bem dentro do amor,
Na fome serena,
Vou pronde quiser,
Com quem eu quiser
Morrer de amar

(Do livro "Sangue Central")

Uma coisa e outra

AS VIDEIRAS

Antes de comprar a fazenda ele tinha uma pequena propriedade, e uma vez resolveu plantar uma videira, só para ter uvas à mesa. Comprou um livro especializado, mas o autor fazia tanta exigência que ele desanimou: suas uvas saíam caríssimas se ele fosse fazer sua cultura segundo o figurino moderno. Desistiu filosoficamente. Um dia, amante dos clássicos, estava lendo "As Geórgicas" de Virgílio, e ali encontrou algumas instruções sobre o culto da vinha. Resolveu fazer assim mesmo, como se fazia há dois mil anos. Deu certo...

QUEM É O HERÓI?

Você pega o sujeito de Ipanema que mais badala em Ipanema e pergunta:

— Ali na praça Nossa Senhora da Paz tem um monumento, não tem?

Ele hesita um instante, depois se lembra:

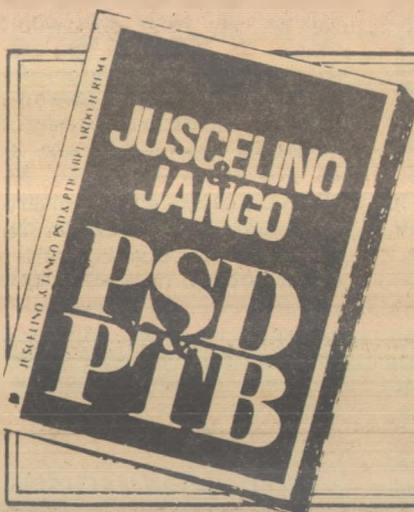
— É, tem...

— De quem é?

O sujeito não sabe. Você, meu desprevenido leitor, também não sabe. Faça um teste, telefone para seus amigos de Ipanema, até mesmo uns que morem ou trabalhem naquela praça. Dou um doce a quem disser.

Aquele feio monumento é dedicado à figura indômita de Pinheiro Machado (1850-1915), gaúcho de Cruz Alta, bacharel em Direito, general honorário do Exército, senador e chefe político de uma fase da Primeira República, quando indicava ministros e até presidentes, homem bom de briga (guerra do Paraguai, combate à chamada revolução federalista) que tomou parte em vários duelos a pistola e revólver, mas foi assassinado a punhal, pelas costas, à saída do Hotel dos Estrangeiros (que era na Praça Jcsé de Alencar) por Francisco Manoel de Paiva.

O leitor perguntará o que a República de Ipanema tem com tudo isso. Bem, houve o seguinte: foi no território então ermo de Ipanema que Pinheiro Machado teve um duelo a pistola com Edmundo Bittencourt, diretor do "Correio da Manhã". "Exímio atirador, levou a melhor no duelo, porém fez questão de consignar, na respectiva ata, a coragem de Edmundo Bittencourt." O trecho entre aspas é da Grande Enciclopédia Delta Larousse, que é muito boa, mas de vez em quando dá sua mancadinha, por exemplo quando diz que Ipanema era "então local deserto da Guanabara", sem se lembrar de que Guanabara em 1915 era apenas o nome da bafa, da qual, por sinal, Ipanema está completamente por fora, como se diria hoje em dia.



ABELARDO JUREMA conta tudo

Líder de JK na Câmara dos Deputados e Ministro da Justiça de Jango, Abelardo Jurema revela uma série de episódios da intimidade de um dos períodos mais ricos da história política brasileira. Você lê e fica por dentro de tudo.
Prefácio de Maurício Meira

Mande seu nome e endereço e cheque ou vale postal de Cr\$ 280,00 para a Editora Artenova
Caixa Postal 2424 — Rio
e receba o livro autografado.

ECONOMIA

A indústria eletrônica não está em festa

HAROLDO COLARES (*)

O setor empresarial da indústria eletrônica não está em festa. Em verdade, há muito que as atividades vinculadas à área de comunicações, deixaram de ter motivação, para qualquer manifestação de júbilo.

Cabe, por oportuno, lembrar palavras por nós proferidas há três anos, quando alertávamos, conscientes da séria situação em que a nossa categoria econômica mergulhava: "Recentemente, com as medidas tendentes à desaceleração da nossa economia implantadas pelo Governo, setores fundamentais da atividade econômica que representamos sofreram inesperadas restrições. Verificaram-se, sem prévia programação, vultosos cortes de encomendas, face à drástica redução das verbas destinadas a essa esfera de atividade governamental, o que, fatalmente, provocou perplexidade nos empresários, obrigando-os a diminuir, sensivelmente, linhas de produção, com as inevitáveis consequências de preocupantes índices de desemprego".

É curioso observar como esse presságio se encontrava impregnado de autenticidade. E é, ao mesmo tempo, de infausta memória constatar quão pouco valor se atribuiu, naqueles tempos, à palavra de um porta-voz de uma classe importante no contexto econômico frente à insensibilidade então dominante da tecno-burocracia.

É evidente que a situação se agravou. Isto, numa esfera vital para o desenvolvimento e para a segurança qual seja a de comunicações. Esdrúxulo o quadro conjuntural da nossa indústria. É válido retroceder. Na justificada ânsia de recuperar longo período de quase irresponsável estagnação nesse campo, entenderam os Governos da Revolução estimular o empresariado do setor a se adequar a um crescimento perfeitamente exequível à época. As empresas se prepa-

raram. Maciços investimentos tiveram lugar. Incentivaram e se integraram ativamente ao programa de formação de recursos humanos em seus diversos níveis. Responderam, enfim, às expectativas oficiais. Ao tempo em que todo o setor se achava em condições de satisfazer a uma demanda de grande porte conforme fora dimensionado, os programas foram desativados. O grande consumidor, que por circunstâncias óbvias é o setor governamental, se retraiu.

O Fundo Nacional de Telecomunicações, constituído por recursos provenientes dos usuários, pagos em cada conta de serviços de telecomunicações, foi desviado para aplicação em finalidades estranhas ao setor, em flagrante desprezo aos objetivos específicos e expressos daquele Fundo. E o que é mais estranho: O "superavit" das empresas estatais, proveniente de suas próprias operações, não pode mais, por determinação superior, ser aplicado na expansão dos respectivos serviços. Em outras palavras: as reservas das companhias de telecomunicações acima de determinados limites acabam por fluir para o mercado de capitais, sendo aplicadas, por tanto, em ORTNs. Jamais nos colocamos em posição antagônica à política econômica, quando visa prioritariamente o combate à inflação e o equilíbrio do Balanço de Pagamentos. Mas é forçoso reconhecer que dentro dessa política de restrições setoriais existem que não devem, por suas características e condições especialíssimas, ser incluídas num tratamento generalizado de contenção.

A área de telecomunicações é de segurança nacional. É base do desenvolvimento. A manutenção do seu índice de atividades não é inflacionária, na medida em que se utiliza a indústria nacional, plenamente capacitada a manter o ritmo indispensável da expansão do sistema. Não é

possível perder de vista a premissa de que as grandes potências do futuro serão aquelas que, a seu tempo, se prepararem para controlar e se tornarem auto-suficientes nas esferas da comunicação, da informática e da energia.

O Brasil, na privilegiada posição que ocupa hoje no cenário internacional como potência emergente, não pode voltar, como no passado, a estagnar nessa área. Precisa manter intenso, ativo, amplo e moderno sistema interno de telecomunicações que atenda, não apenas às necessidades individuais, mas, paralelamente, às necessidades industriais, comerciais e estratégicas.

No entanto, lemos sem alento, a notícia divulgada há dias como alviçareira, no sentido de que teriam sido liberados recursos para a instalação, pela Telebrás, em 1981, de 380 mil terminais. Complementa-se a notícia com a exultante informação de que tal número representa um grande esforço para manter as indústrias funcionando.

Encaramos o problema por outra ótica, menos burocrática e simplista, mas cívica e pragmática. Não se trata de manter as indústrias funcionando, mas de reconhecer que o Brasil, para assegurar um nível condizente com o seu posicionamento internacional precisa instalar, no mínimo, 600 mil terminais por ano. E tem condições de fazê-lo, se se permitir que as empresas do sistema utilizem as suas reservas em planos de expansão e, ainda, se o Fundo Nacional de Telecomunicações tiver respeitada a sua finalidade primordial, inclusive com a reposição dos recursos desviados para outros fins.

(*) — Presidente do Sindicato da Indústria Eletrônica do Rio de Janeiro.

(Leia "Ponto de Vista", na página 2)

Exceção na política, desastre na economia

As constantes valorizações do petróleo, combustível já em escassez e sem alternativa para o seu alto consumo, desativa as finanças brasileiras diante do nosso teórico modelo econômico, popularmente repudiado e criticado no exterior.

Esse modelo representa uma pirâmide invertida num arquétipo dos romanos nos idos do século III da era cristã, quando aquele império se estendia da Bretanha até as fronteiras da Pérsia, do Reno e do Danúbio, às areias do Saara, com uma população de 100 milhões de habitantes e mais de 300 mil legionários, imprescindíveis à defesa e à expansão de seus domínios, tendo uma capital como Roma, com 19 km de circunferência e dotada de alucinantes embelezamentos — um colíseu, palácios de mármore, aquedutos, artísticos banhos, ricas e riquíssimas mansões. No entremeio circulavam miseráveis proletários que se agasalhavam em cortiços da periferia dessa esplendorosa riqueza.

As elites aristocratizadas pelo trono, usufruíam dos braços escravos para as lides domésticas. Os artífices (empresários) utilizavam, por empréstimos ou arrendamentos, os prisioneiros de guerra. Os plebeus — boêmios da corte — eram sustentados pelas proverbiais migalhas imperiais — "pão e vinho". E os agricultores independentes e a laboriosa classe média não subsistiram às orgias palacianas que tudo importavam: vinho da Grécia, cereais do Norte africano e azeite da Espanha. O Império Romano viveu e morreu, como nasceu — pelas armas.

Institucionalizado sob o pálio do cristianismo, com extensão territorial de continente, grande potencial hidráulico, jazidas inigualáveis, agricultura e parque industrial diversificado — com todas essas dádivas da Providência — o Brasil está predestinado, democraticamente e a médio prazo, a ser uma potência mundial, embora sua imagem tenha sido desfigurada pelo Ato Institucional nº 5, que centralizou poderes, amordaçou a imprensa e marginalizou o Parlamento nacional.

Na vigência do Ato Institucional nº 1, sem as manifestações da imprensa e do Parlamento, com a simultânea extinção da Superintendência da Moeda e do Crédito e a criação do Conselho Monetário Nacional (Lei nº 4.595-31/12/64), foi fixado ao Brasil um novo modelo econômico, que floresceu em 71/73 e cujas sementes estão produzindo amargos frutos para 120 milhões de brasileiros.

Com régios e táceis financiamentos, crescendo em número e poder, os latifundiários rurais açambarcam e estendem seus domínios através de ricas e férteis áreas de médios e pequenos agricultores, desassistidos dos preços-tetos para as safras e dos seguros contra as intempé-

ries eventuais. Então, irrisoriamente espoliados de seus bens, os ex-proprietários, colonos (meeiros ou terceiros) e diaristas, desativam os meios rurais em perenes migrações às periferias urbanas ou suburbanas das cidades, para criar quistos sociais de terapêuticas difíceis aos poderes públicos.

No início da alta do petróleo (1973), gastou-se na sua importação US\$ 769 milhões, com os sucessivos aumentos do consumo e do preço e, pela Cacex, estão previstos gastos de 10 bilhões de dólares, somente no exercício de 1980. Estes 10 bilhões, acrescidos dos juros e amortizações das dívidas flutuantes, jamais permitirão que se alcance a meta prevista pelo Ministro do Planejamento — o equilíbrio da balança de exportação do Brasil.

Imprevidamente o País exporta pouco e importa muito — petróleo do Oriente Médio, Venezuela e do México; cereais, trigo e carne do Cone Sul americano, com exclusão do Chile; leite em pó e manufaturados dos EUA e parte da Europa; tecnologia e equipamentos nucleares (malfadada importação!), da Alemanha Ocidental; e da África, o café, produto de maior exportação brasileira. Quanto às exportações, grande parte se destinam ao Japão, faturado em dólar, e contratos de vigências extensivas — o minério de ferro, já em extinção em algumas jazidas, para o consumo interno.

Com déficit de 2.465 milhões de dólares na balança de exportação, neste primeiro semestre de 1980 (dados da Cacex), mais desvalorização e maxidesvalorizações do cruzeiro em favor do dólar-americano (moeda internacionalizada pelo Brasil para seus ajustes comerciais) — aglutinam-se dois fatores inflacionários ao mercado interno, pois dificultam e encarecem os produtos importados, carentes à vida brasileira. Essas desvalorizações são de efeito negativo por muitos princípios, mormente quando filtradas com antecedência por subalternos, como ocorreu há anos com uma portaria da Superintendência da Moeda do Crédito que deu prejuízos de bilhões de cruzeiros ao País.

Dívidas flutuantes, dependentes de reescalamentos, balança de exportação com déficit de US\$ 246.465 mil só num exercício, juros de 6,9 por cento ao mês para tomada de empréstimos, correção monetária agora limitada a 45 por cento e inflação de 200 por cento em 12 meses (setembro de 79 a agosto de 80), para os gêneros de primeira necessidade, necessários aos assalariados — são primados do momento —, jamais vistos ou sentidos no Brasil, que exige de seus dirigentes medidas saneadoras, para evitar maiores males à soberania nacional.

CIRO VIEIRA MACHADO

A LIÇÃO DO RIO PARA TODO O BRASIL

Sandra Cavalcanti mergulha a fundo nos problemas sociais. Ela é polêmica, direta e franca. Por isso a cada dia ganha mais adeptos para suas teses. Primeira Presidente do Banco Nacional da Habitação (BNH), ex-Secretária de Serviços Sociais no Governo Carlos Lacerda, na última eleição ela rompeu a barreira do milhão de votos para Senador no Rio de Janeiro. Neste livro presta um impressionante depoimento sobre o drama urbano da cidade, fazendo um corte profundo nos problemas e apresentando soluções que interessam a todos nós — onde quer que moremos. Você vai ler e vai participar.

Receba o livro especialmente autografado. Envie cheque ou vale postal no valor de Cr\$ 300,00, em nome de Sandra Martins Cavalcanti, para Caixa Postal 2424 — CEP 20.000 Rio de Janeiro — Pedidos também pelo Reembolso Postal.

MANDE SEU PEDIDO HOJE MESMO!

Exposição de Appe atrai grande público

LÉA DE
ANDRADE

A abertura da exposição individual de Anilde Pedrosa, o Appe, no Museu Nacional de Belas Artes, sob patrocínio da REVISTA NACIONAL, constituiu-se em acontecimento de grande ressonância nos meios artísticos e sociais do Rio de Janeiro.

Mais conhecido pelo seu humor, que o tornou popular em todo o País, desde os tempos da antiga revista "O Cruzeiro", dos Diários Associados, até a última página da RN, onde ele comparece pontualmente todas as semanas, Appe não se limita entretanto aos cartuns e charges. Sua exposição, que cobre 35 anos de atividade artística, inclui trabalhos a nanquim, óleos, guache, colagens etc.

Natural do Acre — mais precisamente, do município de Sena Madureira, onde veio ao mundo em 1920 —, Anilde Pedrosa iniciou sua carreira na imprensa de Manaus, de onde se transferiu para o Rio de Janeiro, em 1946. Em 1961, visitou a Europa, África e Oriente Médio. A Europa voltaria em 1973 e 1978, daí só regressando este ano. Tem participado de numerosas exposições individuais ou coletivas dentro do País e obras suas encontram-se na Argentina, Peru, Guatemala, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça e outros países.

Ao "vernissage" na ENBA compareceu grande número de artistas, escritores, jornalistas e admiradores de Appe. O jornalista Mauritônio Meira, Diretor-Editor-Chefe da REVISTA NACIONAL, informou à imprensa na ocasião que inclui em seus planos a promoção de outras exposições de artistas da categoria de Anilde Pedrosa.

LÉA DE ANDRADE



Appe, entre o Diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Edson Motta e o Diretor da REVISTA NACIONAL, Mauritônio Meira



Appe, com sua mulher, Neusa Pedrosa



O Editor-Executivo da RN, Lago Burnett, observa com o expositor e o cartunista Franco, alguns óleos da mostra

Ninguém sabe definir, mas todos louvam o Círio do Pará

Costumeiramente tenta-se classificar todas as manifestações populares, rotulando-as de manifestação religiosa, folclore, atavismo ou qualquer coisa do gênero. No entanto, isso não é possível quando se trata da Festa do Círio de Nazaré, anualmente comemorada em Belém do Pará, sempre no segundo domingo de outubro. Nenhuma definição é bastante abrangente para esse movimento.

Os moradores da região e visitantes, todos se deixam possuir por uma sensação maravilhosa quando presenciam a procissão que desfila pelas avenidas, trazendo a imagem da Virgem de Nazaré, numa berlinda de flores, acompanhada por uma massa de povo que brota de todos os lados. O fluxo deromeiros é tão grande que as autoridades eclesásticas, civis e militares são impotentes para controlar. O mais curioso é que a festa, apesar do involucro de religiosidade, não atende aos preceitos litúrgicos.



A devoção remonta de 1793, quando o então governador da Província do Grão-Pará e Rio Negro, D. Francisco de Souza Coutinho, promoveu o primeiro

Círio, transferindo para Belém uma tradição portuguesa.

Durante muitos anos, a festa foi apenas uma romaria. Acontece, porém, que em decorrência das constantes mudanças na sua apresentação, tornou-se, pouco a pouco, na mais espetacular e empolgante festa da Amazônia. Grande demonstração de fé, ternura e amor, condensados no culto à Virgem de Judá, Senhora Nazaré. Um culto que já atravessa dois séculos, e que a cada ano se fortalece mais, numa eclosão crescente de amor e veneração, retratada nas milhares de pessoas que vão às ruas para fazer "acompanhamento", sem contar com outros milhares que assistem à procissão dos edifícios, janelas, casas, coretos, palanques e arquibancadas armadas nas praças.

Nem mesmo o Natal ou festas e espetáculos profanos, como o carnaval e o futebol, têm para o povo paraense importância e significação como o Círio.

ESTE LIVRO VAI MUDAR A SUA

VIDA SEXUAL

Um guia da sexualidade feminina que vai dar a você, a chave da felicidade conjugal.

"A Arte de Ser Mulher e Amante." Um amigo inseparável à cabeceira da cama.

• O corpo é um instrumento delicado. Saiba tocá-lo

• Aprenda a fazer alguma coisa a mais com as mãos além do jantar de seu marido

• Frigidez não é doença. É medo



Desejo receber o manual **A ARTE DE SER MULHER E AMANTE** (Sigilosamente) pelo qual pagarei a importância de Cr\$ 495,00

Preencha com clareza o cupom abaixo e envie para a Caixa Postal 15190 - Rio de Janeiro - RJ. O pagamento só será feito quando retirar o manual do Correio

Desejo receber ☐ manual(is)

Nome.....

End.....

Cidade.....Bairro.....

Estado.....CEP.....

SE NÃO GOSTAR DEVOLVEREI EM 10 DIAS E TEREI RESTITUÍDA A IMPORTÂNCIA PAGA.

RN

ENERGIA

A guerra do petróleo

Samba do crioulo doido

ADIRSON DE BARROS



O Brasil tem petróleo nos estoques para 110 dias...
... a guerra Irã-Iraque vai acabar logo...

... se faltar petróleo, substituiremos o óleo diesel por óleos vegetais (dendê, amendoim)...

... não haverá racionamento de jeito nenhum ...

... o Brasil não sofrerá com a guerra do Oriente Médio ...

... nosso petróleo sairá pelo Mediterrâneo

... o Estreito de Ormuz não será fechado ...

... o Iraque continuará fornecendo petróleo ao Brasil ...

... iremos buscar petróleo no México, Equador, Venezuela ...

... está tudo sob controle...
... é o auriverde pendão da esperança!

MENINOS, NUNCA VERÁS UM PAÍS COMO ESTE!

NÃO se trata, como pode parecer à primeira leitura, de um dos famosos bestialógicos reproduzidos pelo saudoso Stanislaw Ponte-Preta sobre o Festival de Besteiras Nacionais. Trata-se, senhores, de declarações de altas autoridades da República Federativa do Brasil sobre a crise do petróleo e a guerra do Oriente Médio.

Ignorando, por ignorância, que existe neste País uma rede nacional de televisão; ignorando que existe a Embratel; ignorando que existe um satélite internacional que transmite para nossos vídeos e nossas casas todos os acontecimentos mundiais; ignorando que há repór-

teres brasileiros de câmara em punho no teatro de operações no Iraque e Irã, os nossos tecnoburocratas e oleocratas instalados em seus gabinetes de Brasília, resolvem:

decretar o fim da guerra em poucos dias e mais o bestialógico que se pode ler acima. E tantas outras, como esta pérola de uma autoridade brasiliense, que pede ao povo sugestões para economizar gasolina, e propõe acabar com o estacionamento de carros na calçada de Copacabana... ou fechar os postos das estações turísticas aos domingos (que economial), ou que a dona de casa deixe de fritar seu ovo na frigideira com óleo comestível porque óleo comestível é energético e deve ser posto no tanque do carro e não na frigideira... Bem, idéias é que não faltam à nossa extraordinária burocracia.

Teremos, assim, breve, postos de gasolina com as placas: "Aqui tem dendê.

Aqui tem amendoim". Com vantagens evidentes para o consumidor. Que pode pôr dendê no tanque (30 litros) e uns pingos no seu vatapá (que os postos da Petrobrás fornecerão gratuitamente, como brinde, a quem puser dendê da Dendiebrás no tanque). Os postos que tiverem amendoim (da Amendoimbrás, subsidiária da Petrobrás) oferecerão o amendoim energético para o tanque do seu carro e ainda um pacotinho de amendoim in natura para as crianças. Que maravilha!

Os tecnocratas de Brasília também ignoram que pelo Mediterrâneo não sai petróleo do Iraque, porque os oleodutos que demandam a Turquia e a Síria já foram desativados (e se funcionarem o óleo irá para a França, principal parceiro do Iraque, fornecedor da tecnologia atômica para os iraquianos). Os tecnocratas de Brasília não conhecem geografia; nem sabem onde fica o Mediterrâneo; nem conhecem os contratos do Iraque. Sequer lêem jornais e revistas estrangeiras.

Então também não sabem do satélite e por isso tentam enganar o povo brasileiro que assiste à guerra pela televisão. Dizem: "a guerra vai acabar hoje". De noite, no Jornal Nacional, o repórter da Globo informa, do front, que a guerra continua. E as bombas explodem. Sobre as cabeças de todos nós, menos sobre as cabeças (infelizmente) dos burocratas de Brasília. Virá petróleo do México, dizem eles. Do México não virá uma só gota a mais. Do Equador? O Equador vende seus 220 mil barris no mercado negro de Roterdã. Os burocratas não sabem disso. Da Venezuela? A Venezuela fornece todo seu petróleo às multinacionais americanas. De onde virão esses misteriosos barris que substituirão os 500 mil do Iraque e Irã? De Marte? De Júpiter? De Vênus?

E ainda mais: não sabem os oleocratas e tecnocratas que a solução pela via dos vegetais não tem nenhuma viabilidade. Primeiro porque não há plantações suficientes de amendoim e dendê. Segundo porque o óleo de amendoim e de dendê é muito mais caro do que o diesel. O diesel custa, hoje, 15 cruzeiros o litro. Um litro de óleo de amendoim custa 55. De dendê, 62 cruzeiros. Logo o consumidor ainda optará pelo diesel, caso encontre o dendê e o amendoim nos postos de um produto desaparecido no tempo: a gasolina.

Álcool? Sim, dá certo. Mas o Governo sabota o seu próprio programa do álcool. Não dá maiores cotas aos grandes produtores. Não há produção suficiente (nem haverá) para substituir a gasolina. Mais: uma refinaria produz (é o sistema, perdão) óleo combustível, óleo diesel e gasolina, somando 86 por cento do óleo bruto refinado. Sobram 14 por cento para os demais subprodutos como nafta, querosene iluminante, querosene de jato, etc. Ora, como economizar gasolina apenas, se não se pode economizar diesel ou óleo combustível (porque o programa do carvão, substituto do combustível, está atrasado e não há sistema de transportes para o carvão vegetal). A refinaria de óleo bruto tem uma tecnologia que não pode ser vencida. Se produz óleo diesel e combustível, produz também a mesma quantidade de gasolina. Portanto, se cancelarmos a gasolina dos postos, teremos de armazenar gasolina. E para quê?

O carvão na Europa, EUA, Japão, Rússia é transportado (óbvio) de trem. No Brasil, como não há trem, o carvão (substituto do óleo combustível) será transportado de caminhão (que usa óleo diesel). Trata-se, enfim, do samba do crioulo doido, como diria ainda o nosso saudoso Stanislaw Ponte-Preta.

Mas ainda é tempo para salvar a face da Nação, de o Presidente Figueiredo assinar um decreto. Na impossibilidade de encontrar petróleo no País e anunciar a boa nova, que o Presidente assine um decreto mandando todos os seus auxiliares calar a boca. Definitivamente. Revogadas as disposições em contrário.

Já seria um alívio nacional.

SIGA A ROTA DA NORDESTE.



Voar nos turbo-hélices da NORDESTE é a opção mais vantajosa para se alcançar, com rapidez, localidades mais diferentes da região leste-nordeste do País, como por exemplo SÃO PAULO a JUIZ DE FORA / IPATINGA ou RECIFE / NATAL a CAMPINA GRANDE. Além disso os vôos da NORDESTE permitem conexões com os jatos da TRANSBASIL ou congêneres, para todas as outras Capitais, como por exemplo FORTALEZA para CAMPINA GRANDE através NATAL. Veja o mapa. Siga a rota da NORDESTE.

Consulte seu agente de viagens ou a NORDESTE LINHAS AÉREAS.

NORDESTE LINHAS AÉREAS

SALVADOR: Av. D. João VI, 259 - Fone: 244-7533 e Aeroporto. BELO HORIZONTE: Rua Rio Grande do Sul, 1236 - Fone: 337-1700 e Aeroporto. RIO DE JANEIRO: Aeroporto Santos Dumont - Fone: 220-4366. SÃO PAULO, RECIFE e NATAL: Agência da TRANSBASIL.

TRIBUNAIS

Máximo de tecnologia na justiça do Brasil é máquina de escrever

RENATO VASCONCELLOS

Em nenhum dos quadran-tes deste imenso País há qualquer dúvida quanto aos problemas por que passa o Poder Judiciário, cuja eficiência tem sido constantemente critica-da não apenas por observadores distantes de seus quadros, mas também, e com acentuado senso crítico, pelos próprios magistrados.

A Associação dos Magistrados Brasileiros acaba de divulgar o resultado dos trabalhos da Comissão, composta por eminentes membros da magistratura paulista e fluminense, que se reuniu em São Paulo e no Rio de Janeiro, a fim de elaborar um projeto no sentido de dinamizar e tornar mais eficiente os meios técnicos e administrativos de um sistema judiciário que é pública e notoriamente tido como caro e aquém do dinamismo com que vive a sociedade atual, principalmente nos grandes centros urbanos.

Um dos quesitos deste projeto sugere a eliminação dos Tribunais de Alçada, como meio de instrumentalizar a Justiça, através da centralização administrativa, incorporando os juízes desses tribunais auxiliares ao quadro dos Tribunais de Justiça.

O Poder Judiciário e sua eficiência administrativa de vez em quando vêm à berlinda, sempre por motivos que constatarem um acúmulo processual — decorrente mesmo do aumento populacional que alimenta uma demanda de problemas sociais — e põem em evidência a defasada estrutura dos órgãos da Justiça para atendê-los na mesma velocidade.

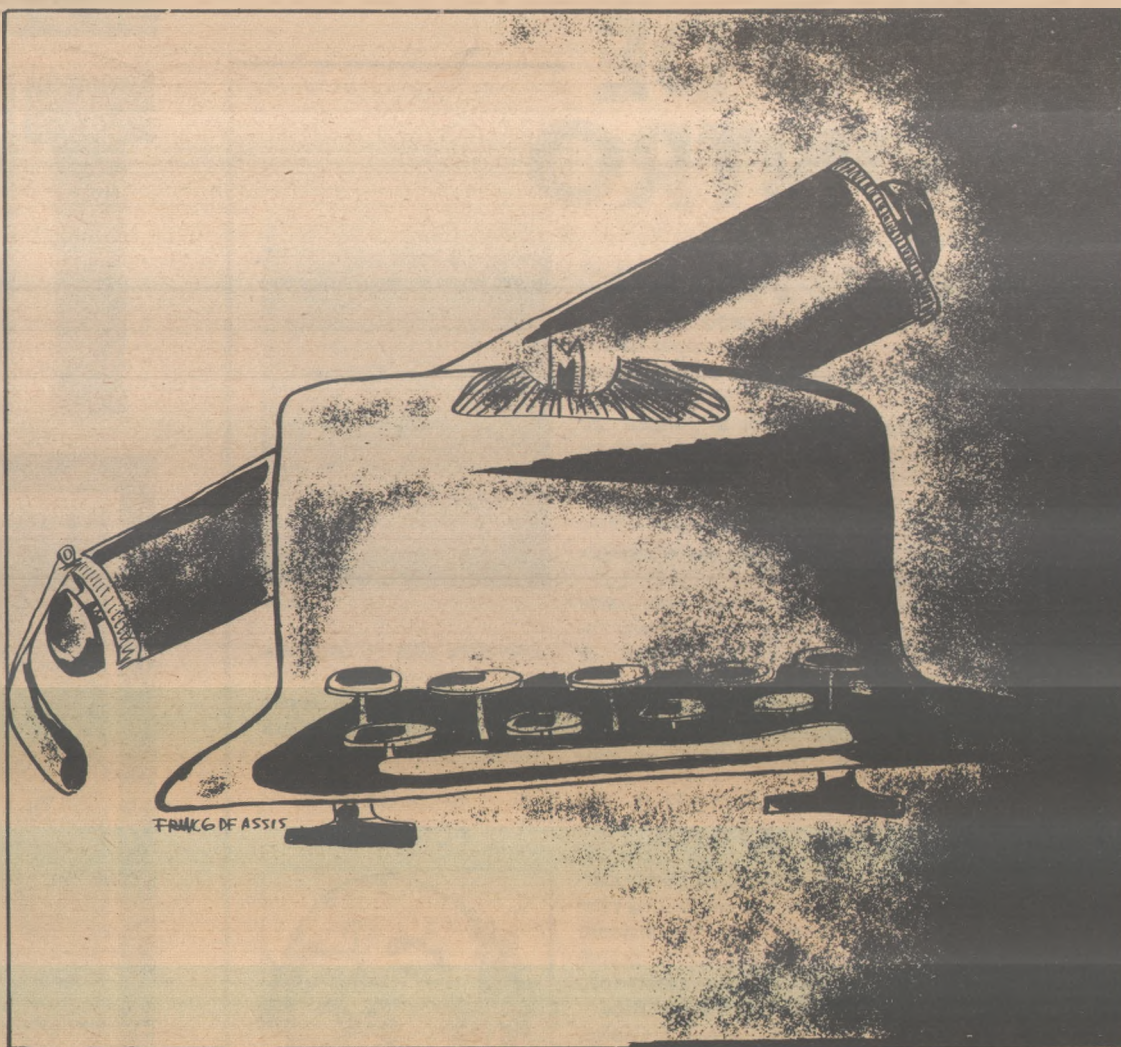
Um dos mais novos desembargadores, que ocupou a presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, Marcelo Santiago da Costa, tornou pública uma amostragem deste contexto, ao declarar à imprensa que o máximo de tecnologia alcançado pelo Poder Judiciário era, em 1979, nada mais nada menos que a máquina de escrever.

Desde que o Presidente Geisel, em visita ao Supremo Tribunal Federal, incentivou meios e modos de prover o País de uma reforma judiciária — que acabou causando profundos transtornos ao Legislativo, colocado em recesso compulsório por ter-se recusado a aprovar o projeto de reforma do Judiciário proposto pelo Executivo —, muito se tem, de fato, trabalhado no sentido de tornar viáveis novos e mais dinâmicos mecanismos que componham uma estrutura ultrapassada.

Mas vê-se, no trabalho elaborado pela AMB, pelo menos uma contradição ao denunciar certa inabilidade estrutural dos que se embrenham, nos tribunais, a promover a reforma. Quando os Tribunais de Alçada foram lançados no País, surgiram em decorrência de uma interpretação das autoridades, segundo a qual, justamente em nome de maior eficiência, criar-se-ia cortes auxiliares, para, descentralizando a mecânica judiciária, ganhar meios mais seguros de administrá-la e apresentar à sociedade uma justiça mais rápida e segura.

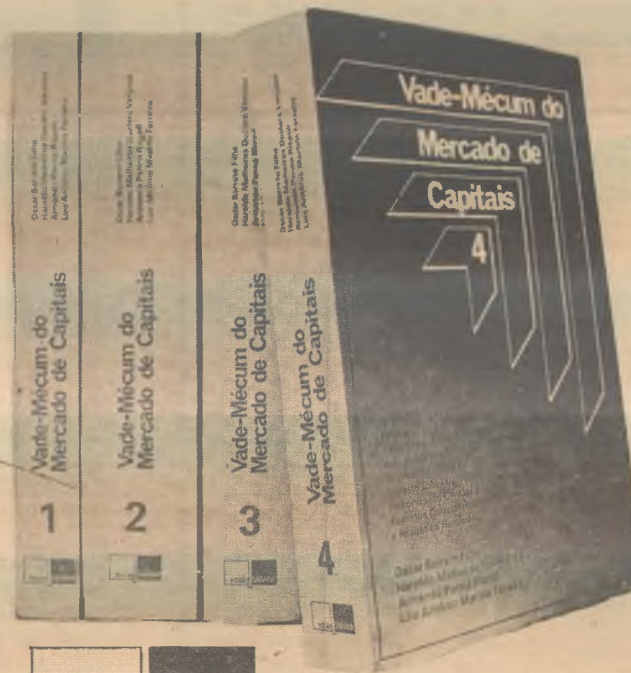
Agora, pelo que se depreende do projeto da Associação dos Magistrados Brasileiros, esses mesmos argumentos se nos apresentam para eliminar os Tribunais de Alçada. Afinal, é preciso que os técnicos no assunto se definam sobre o que, em nome da maior eficiência, é válido para a estrutura dos tribunais. Houve época em que a descentralização, em nome da qual foram criados os Tribunais de Alçada, era tecnicamente o meio mais rápido de se atingir a esse mesmo objetivo que, agora, através da eliminação dessas cortes, pretende-se alcançar.

Enquanto a definição carece de segurança, a sociedade cresce, a população aumenta e seus problemas judiciais desembocam, em forma de processos, nos tribunais.



VADE-MÉCUM DO MERCADO DE CAPITAIS

O investimento certo para quem quer se atualizar



edição

CAIXA POSTAL 2424
RIO DE JANEIRO
CEP - 20000

- LEGISLAÇÃO EM ORDEM CRONOLÓGICA
- LEIS, DECRETOS-LEIS, DECRETOS E TODOS OS ATOS REGULAMENTARES SOBRE A MATÉRIA VERSADA
- PADRONIZAÇÃO CONTÁBIL DAS FINANCEIRAS, DOS FUNDOS FISCAIS (FINAM, FINOR, Fiset) E DOS FUNDOS DE INVESTIMENTOS COM CAPITAIS ESTRANGEIROS
- ÍNDICE ALFABÉTICO REMISSIVO DE TODA A MATÉRIA COM MAIS DE 400 PÁGINAS DE FORMA A FACILITAR QUALQUER PROCURA

NÃO
MANDE
DINHEIRO
AGORA

1 • Agentes Autônomos de Investimentos • Banco Central do Brasil • Banco de Desenvolvimento • Banco de Investimento • B.N.D.E. • B.N.H. • Bolsas de Valores • C.V.M. • Comissões Consultivas junto ao Conselho Monetário Nacional • C.M.N. • Fundos • Registro Nacional de Títulos e Valores Mobiliários • Sociedades Por Ações • Sociedades Anônimas • Sociedades Corretoras • Sociedades de Crédito • Distribuidoras • Sociedades de Investimento

2 • Ações • Bônus de Subscrição • Cadernetas de Poupança • Cédulas Hipotecárias • Cédulas Pignoratícias de Debêntures • Certificados: C.D.B. — C.D.A. — C.D.D. — C.D.P.B. • Debêntures • Debêntures Conversíveis em Ações • Letras de Câmbio • Letras Imobiliárias • L.T.N. • O.R.E. • O.R.T.N. • Partes beneficiárias • Títulos Estaduais e Municipais

3 • FINAME • FINEP • FUNDECE • FUMCAP • Depósitos do Sistema Financeiro da Habitação • Depósitos a Prazo Fixo • (FINAM — FINOR — Fiset) • Padronização Contábil das Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimentos • Padronização Contábil das Sociedades de Investimento — DL N.º 1.401/75 • (ISOF) • Imposto de Renda

4 • Alienação Fiduciária em Garantia • Chance-la Mecânica • Correção Monetária • Dívida Pública (federal, estadual e municipal) • Empréstimos Externos • Intervenção, liquidação Extrajudicial • Falência de Instituições Financeiras • "Open Market" • Operações com o "EXIMBANK" • Registro de Letras de Câmbio e Notas Promissórias • Registro de Emissões e de Sociedades • Responsabilidade de Administradores de Instituições Financeiras • Unidade Padrão de Capital (U.P.C.)

Supervisão do prof.
OSCAR BARRETO FILHO
Compilação, índice e notas por:
HAROLDO MALHEIROS D. VERÇOSA
ARMANDO PENNA RISPOLI
LUIZ ANTÔNIO M. FERREIRA

CUPOM DE PEDIDO

À Editora Saraiva — CEP 20.000 Caixa Postal nº 2424 — Rio
Desejo receber o livro Vade-Mécum
do Mercado de Capitais pelo Reembolso Postal

Nome _____

Endereço _____ CEP nº _____

Bairro _____ Cidade _____ Estado _____

Assinatura _____

Preço de Lançamento Cr\$ 2.500,00

PONTO DE ENCONTRO

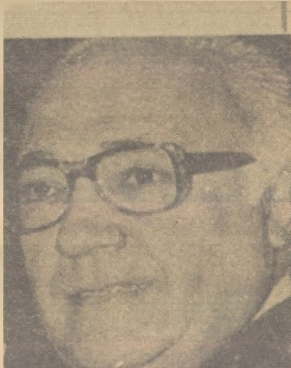
ADEUS, JESSÉ

Sempre risonho, o riso era a marca do otimismo nesse riograndense do norte que ontem perdeu a batalha. Atingido em plena ascensão na vida Jessé Pinto Freire iniciou uma luta corajosa e constante para vencer o mal que acabaria por abatê-lo. Com a pertinácia do nordestino, o presidente da Confederação Nacional do Comércio chegou ao posto que ocupou até morrer, sem atropelar e sem usurpar. Exerceu uma liderança suave que chegaria a reunir em torno do seu nome, cor-

rente e siglas partidárias para as expressivas eleições ao Senado.

No campo social da entidade maior do Comércio, Jessé Pinto Freire deu sentido novo à função do SESC, espalhando, por todo o Brasil, serviços que deram e fazem a assistência social do comerciante maior amplidão e categoria.

Jessé Pinto Freire parte deixando um número incalculável de amigos, de todas as classes, em todas as regiões por onde sua ação se espalhou. Amigo da RN — desde os seus



Jessé

primeiros dias —, os que a fazem somam seu pesar aos sentimentos de todos quantos lamentam a sua morte.

O CANTOR E AS FOTOS

O cantor Roberto Carlos está tomando uma providência que considera fundamental como preparação de seu casamento com a atriz Miriam Rios — do "cast" da TV Globo. Mandou comprar tudo que é foto — de preferência com os negativos — em que a atriz apareceu despiada para as chamadas revistas para homens. Como se sabe, a atriz, como providência para criar notoriedade, posou para tudo que foi revista "ao natural".

Roberto Carlos tem um precedente histórico no mundo artístico: antes de se casar com a atriz norte-americana Heddy Lamar, seu futuro marido mandou comprar todas as cópias do filme em que a atriz aparecia sem roupa numa cena hoje considerada digna de uma moçoila do Sion.

A compra das fotos por um cantor que foi líder da jovem guarda — lá se vão muitos anos — seria, sem dúvida, considerada "careta" pelo Roberto Carlos dos anos 60 quando ele gritava querer que "tudo fosse para o inferno".

Pois não?



Roberto Carlos



Miriam

O QUE SE DIZ

O carioca não faz por menos: dizem que, agora, as mulheres mineiras não casam mais — fazem contrato de risco. E que nenhuma delas morre inocente.

MANOLO VAI EM FRENTE

Enquanto o pessoal da noite do Rio assiste à disputa entre os dois ex-sócios — Manolo ("Antonio's") e Florentino ("Florentino") — pela preferência dos frequentadores, destaque-se a elegância pública com que se conduz o primeiro. Tendo criado uma casa — o "Antonio's" — que, mais do que um bar, é uma filosofia de atendimento, Manolo se mostra muito tranqüilo com a casa cheia, a despeito da natural curiosidade dos primeiros dias que faz muitos de seus clientes andarem duas quadras para conhecer o concorrente. "A concorrência — diz ele, nas entrevistas — é natural e estimulante". Já muitos dos frequentadores não fazem por menos: quem é "Antonio's" fala em tom de comércio. A torcida é de tal ordem que muita gente que estava desaparecida comparece ao "Antonio's" para uma "bicada" de solidariedade.

BRIZOLA: PCR QUÊ?



Brizola

Políticos que debandaram da liderança do ex-governador Leonel Brizola dão, finalmente, a explicação de sua posição irreconciliável com a ex-deputada Ivete Vargas. A parlamentar teria dito palavras duras, certa vez, a D. Neuza Brizola. O ex-governador, como bom caudilho, perdoa tudo mas não há interesse nacional, partidário, ou projeto político que o faça enfrentar uma ira doméstica da irmã de João Goulart.

SERENO

O escritor Haroldo Bru- no acaba de ganhar um novo troféu literário. Ganhou o Prêmio Jabuti para literatura infantil, da Câmara Brasileira do Livro, com "O Misterioso Rapto da Flor do Sereno". A entrega será em São Paulo no próximo dia 28, na Biblioteca Mário de Andrade.



Manolo

TRINTA



Ladeado por companheiros da Junta Governativa, Getúlio assume o Poder

Tomou conta da história com este nome: TRINTA. A Revolução de 30. De caráter eminentemente popular, o movimento envolveu militares e civis. Durante a sua preparação e logo na sua deflagração, começaram a ser conhecidos os tenentes de 30. O Tenentismo. Eram jovens ardorosos como Juracy Magalhães, Nelson de Melo, João Alberto, Juarez Tavora, Cordeiro de Farias, Landry Salles, Jurandir Mamede, Afonso de Albuquerque Lima, Agildo Barata, Ribeiro Junior, Filinto Muller, Carneiro de Mendonça, Aloysio Moura, Mendes de Holanda, que se misturaram com oradores e políticos da categoria de João Neves da Fontoura, Raul Betencourt, Batista Luzardo, Adolfo Bergamini, Lindolfo Collor, Oswaldo Aranha, Maurício de Lacerda, Cândido Pessoa, Carlos de Lima Cavalcanti, Caio de Lima Cavalcanti, Goes Monteiro e os seus irmãos Ismar, Manoel, Edigar e Silvestre, Virgílio de Mello Franco, Olegário Maciel, Antônio Carlos, formando uma valorosa corte que levantou as mais caras reivindicações populares como bandeira: voto secreto, liberdade de imprensa, indústrias de base, combate às oligarquias, autonomia dos Estados, legislação social.

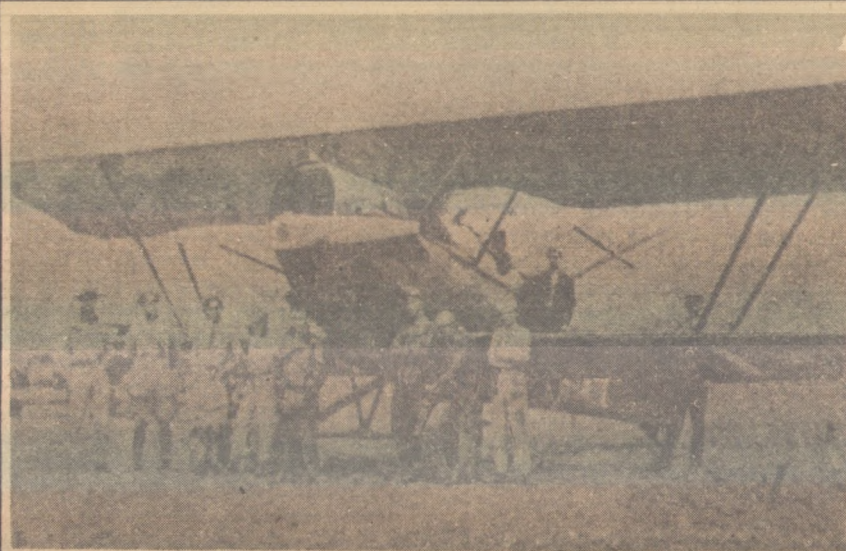
Arthur Bernardes já governou todo o tempo com Estado de Sítio, pois a inconformação do povo brasileiro eclodia aqui e ali, ora com um Tenente Cleto Campelo saindo para morrer lutando na cidade de Gravatá, em Pernambuco; ora com Izidoro Dias Lopes tomando São Paulo por algum tempo; ora com Luiz Carlos Prestes correndo todo o Brasil com a sua famosa Coluna Prestes; ora com os canhões do Forte de Copacabana atirando contra o Palácio do Catete no lendário episódio dos 18 do Forte.

Vem a luta de Princesa na nossa Paraíba. Convulsiona todo o País cuja situação já se torna insuportável para o Presidente Washington Luís que sentiu o Poder lhe fugir das mãos, quando é assassinado no Recife o Presidente João Pessoa. O sangue do presidente paraibano foi o rastilho. O traslado do seu corpo de Cabedelo ao Rio de Janeiro, aportando em todas as Capitais, sublevou toda a Nação que praticamente já estava em estado pré-revolucionário.

Em Recife, estudante pré-revolucionário já ouvia discursos incendiários como o de Batista Luzardo que com a sua voz de trovão dizia:

O apelido carinhoso de uma grande Revolução

ABELARDO JUREMA



Minas estava onde sempre esteve, com aviões Potez prontos para atacar.



1929, Rio de Janeiro: a Aliança Liberal faz comício na Câmara dos Deputados

"Quem vem lá? EH A REVOLUÇÃO DE 1930 que não tem quem a contenha. Já que não quiseram a força das urnas, tem que lutar a força das armas."

E o povo delirava. Por toda parte o estado de espírito das multidões era este. Frustrados nas urnas, recorriam à bala.

Fui testemunha da missa de Siqueira Campos, na Matriz da Boa Vista. Soldados a cavalo procuravam conter a multidão que extravasou do interior da Igreja e se esparramou por toda a Rua do Hospício, Rua da Imperatriz e Praça Maciel Pinheiro, na velha e heróica cidade do Recife onde, como disse Alcides Carneiro em memorável discurso na Assembléia Legislativa, "as suas pedras eram travesseiros de heróis".

Presenciei o entusiasmo popular quando da ida de João Pessoa, em trem, para a cidade de Vitória, em Pernambuco, com o comboio quase não podendo, com tanta gente fazendo a locomotiva resfolegar acima das suas rodas.

No velho Colégio Oswaldo Cruz privava com alunos de 10 a 18 anos e todos eram ardorosos revolucionários e chamavam Prestes de "O Cavaleiro da Esperança".

Aliás nos meus 10 anos, meus brinquedos eram sol-

dados de chumbo que batizava com nomes dos tenentes que integravam a Coluna Prestes.

Meu querido pai, Geminiano Jurema Filho, que foi toda vida oposicionista, para acompanhar o seu Chefe, na Paraíba, Desembargador Heráclito Cavalcanti, pela primeira vez na vida apoiou o Governo Federal. Muitas vezes lhe dizia, vindo da rua, que não havia Governo que pudesse com a onda revolucionária. Papai que tinha sofrido de perto uma oposição de muitos anos, dizia-me sempre que "Governo nunca perdia uma eleição..." E sofreu com a idéia que assimilou ao longo dos anos depois de muito apertar nos prontos civis.

Estava residindo na sua Conde da Boa Vista, na Soledade, quando o bravo Coronel Muniz de Farias, posteriormente

Comandante da Polícia de Pernambuco, tomou o quartel que era um depósito de munições do Exército. A "linha azul" da Tramways, a "Light" de Recife, entrou em ação. Era o operariado de armas na mão contra o Governo de Estácio Coimbra que logo fugiu num rebocador. Vi o povo nas ruas de Recife, armado, atirando, lutando, tomando quartéis, tomando a Casa de Detenção, tomando o Palácio do Governo. Depois, atendendo a convocação de reservistas, apresentei-me para a formação de tropa que iria enfrentar o General Santa Cruz — General "Rapacôco" — que se dizia vir navegando no "Minas Gerais" com numerosa tropa. Passou ao largo e não chegou nem a pisar em qualquer pedacinho do solo nordestino.

E de trinta para cá, apesar de tudo, de todos os erros, de todos os problemas, a Nação, sem dúvida, avançou. Getúlio Vargas começou. Seguiu-se o General Eurico Gaspar Dutra. Vargas de novo, em 1950. Café Filho em sequência ao suicídio de Vargas. Juscelino Kubitschek, o GRANDE. Jânio Quadros, em curtíssimo período. João Goulart por três anos. Revolução de 1964 e Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e João Figueiredo.

Não há dúvida que a Revolução de 30 abriu clareiras à vida brasileira. Antes, a administração pública era ausente aos problemas nacionais. Em 1940 quando fui Diretor do Departamento de Educação da Paraíba, 10 anos depois, ainda os problemas do interior do País estavam em aberto.

Não havia rede de grupos escolares pelos municípios, de postos médicos e hospitais, nenhuma previdência aos servidores municipais, estaduais e federais, nenhuma assistência médico-social à população obreira, não havia nada. A vida era uma pasmaceira só. O sinal de administração só aparecia nas comunas nacionais através do coreto da praça, da Cadeia Pública e da banda de música. Os dinheiros públicos estavam expostos a toda sorte de malversação, pois não existia nem código de contabilidade, nem mesmo contabilidade... Lembro-me de Itabaiana com prefeitos que recebiam a arrecadação dos impostos em casa... sem quaisquer fiscalizações, tudo exclusivamente na dependência da honestidade de cada um.

Mais tarde foi criada a Comissão dos Negócios Municipais, para controle, fiscalização e assistência aos Prefeitos. Posteriormente foi instalada a Comissão dos Negócios Estaduais para o mesmo fim com relação aos Estados.

Em seguida foi posto para funcionar o Conselho Administrativo do Estado, órgão destinado à fiscalização à ação dos Interventores Federais, representando por assim dizer uma assembléia legislativa.

Tomou jeito a administração pública. Nos Estados foram sendo criados os Departamentos Administrativos do Serviço Público para dar forma e conteúdo aos quadros de pessoal e ao próprio desenvolvimento da pública administração.

Pela primeira vez a União ajudava os Estados, sobretudo no setor escolar, com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos a colaborar na construção de prédios escolares por todas as sedes municipais, distritais e vilarejos.

O advento da Justiça do Trabalho foi a grande conquista social de 30. Foi a visão de Getúlio Vargas que amainou tempestades que viriam sem dúvida com a transformação da civilização agropastoril brasileira para a fase industrial. Ajustaram-se os ponteiros e empregados e empregadores passaram a ter quinhões de direitos e obrigações devidamente distribuídos e supervisionados pelas Juntas de Conciliação e Julgamento, pelos Tribunais Regionais do Trabalho e pelo Tribunal Superior do Trabalho.

Volta Redonda — a indústria do aço — Petrobrás (liquidando com o "slogan" do "pe-

tróleo é nosso"), os Institutos assistindo aos trabalhadores com assistência médica e todo o plano da previdência social, A Casa Popular criando condições melhores de vida para o assalariado, as Caixas Econômicas pelos Estados como fator de apoio à bolsa do povo, todas estas medidas deram colaborações muito positivas ao processamento institucional advindo de 1930.

Numa análise sócio-econômico-política, a Revolução de 1930 tem seus saldos relevantes. Até mesmo no campo institucional com os seus hiatos bastante longos, como o Estado Novo e, recentemente, o Novo Estado que Tancredo Neves tão sabiamente denominou do Estado Novo da UDN, avançamos no tempo e no espaço. Getúlio Vargas ao dar o golpe de 1937, não perdeu de todo o sentimento democrático e lá fixou na Constituição de Chico Campos, o prebiscito que aliás nunca se realizou. As amotinadas de 1935, dos Comunistas, e de 1938, dos Integralistas, prolongaram o Estado de fato, a ditadura getuliana.

1945 marcou o restabelecimento da democracia, com eleições livres. 1950 trouxe de volta Getúlio. 1954 marcou o suicídio de Vargas. Juscelino reinou a democracia em toda a sua plenitude. Jânio Quadros descarrilou o trem da democracia. Jango o sucedeu na caudal de uma conspiração que se reativou com as mesmas figuras marcantes de 1945 e 54. A longa noite do arbítrio termina com João Batista Figueiredo.

No cinquentenário da Revolução de 1930, já se respira clima aberto em todo o País. Os lampiões que timidamente alumiam os caminhos já se multiplicaram.

A afirmativa de João Figueiredo — farei deste País uma democracia — toma corpo apesar de todas as críticas radicais, abrindo-se um panorama sem mais presos políticos, sem exílios, com liberdade de imprensa e com a reintegração de todos que foram marginalizados da vida pública.

Evidente que 1930 está presente em toda a vida brasileira. Os seus grandes vultos não inscreveram em vão, com sangue, página da história brasileira de exaltação ao sentimento democrático.

Estas páginas não esmaecerão. São exemplos muito vivos e todo o seu conteúdo dá contexto dos mais preciosos à vida do País.

NORDESTE 80

Prefeito de Fortaleza cria sistema de "Praça Adotada"



Lúcio Alcântara

O Prefeito de Fortaleza, Lúcio Alcântara, vem dando particular atenção às obras destinadas ao lazer, sem, contudo, descuidar das obras urbanas indispensáveis ao bom funcionamento da capital do Ceará.

Agora, quem vai a Fortaleza já pode aproveitar de obras de grande importância turística, como o Pólo de Lazer da Barra do Ceará e o Parque da Lagoa do Opaia, dois pontos já preferidos pela população, principalmente nos fins de semana quando ficam superlotadas de crianças e adultos.

O Pólo da Barra tem mais de 10 mil m², na orla marítima, todo modernamente urbaniza-

do, uma obra que assegura a preservação do verde e das dunas do local. O parque tem desde uma pracinha em linhas modernas, restaurante, jardins, conjunto de barracas padronizadas e muitos equipamentos de lazer. Foram aplicados na obra recursos da ordem de Cr\$ 20 milhões.

O PÓLO DE OPAIA

Já o Pólo de Lazer da Lagoa do Opaia, recentemente inaugurado, é outra realização do Prefeito Lúcio Alcântara, dotado de considerável potencialidade turística. Foi implantado pela Emurf — Empresa de Urbanização de Fortaleza — e seus serviços de drenagem incluem passeios, barracas padronizadas, uma imensa área verde e ainda a vantagem de não ser muito distante, pois fica nas proximidades do Aeroporto Pinto Martins, no bairro Vila União.

A área verde do Parque Lagoa do Opaia, com seus 43 hectares (430 mil m²), é a maior área verde urbana do País, de uso público. Para isso, a Prefeitura fez um investimento superior a Cr\$ 90 milhões, "um esforço para preservar uma bonita e natural paisagem da região de Fortaleza", como observou o Prefeito Lúcio Alcântara. No Opaia estão "playgrounds", restaurantes, blocos administrativos, pequenos trens para passeios inter-



As novas praças já foram adotadas pelas crianças

nos, uma área enorme para estacionamento de veículos. O parque contribui também para a preservação do Rio Cocó, um dos principais cursos d'água da capital do Ceará.

"PRAÇAS ADOTADAS"

Dentro da linha de estímulo ao lazer da população, o Prefeito Alcântara acaba de adotar um eficiente sistema de preservação e conservação das praças de Fortaleza. Ao invés de enormes despesas com esse trabalho, Lúcio Alcântara idealizou o sistema que recebeu a denominação de "Praças Adotadas". Isto quer dizer o seguinte: uma empresa particular "adota" uma praça e fica responsável pela sua manutenção. O sistema vem

produzindo resultados os mais excelentes. Na verdade, algumas praças não estavam precisando somente de manutenção, mas de reformas completas, como foi o caso da Praça José de Alencar, uma das mais tradicionais, por onde passam milhares de pessoas todos os dias, já que ali estão vários terminais de ônibus. Na reforma da praça foram aplicados Cr\$ 97 milhões.

PULMÃO VERDE

O Prefeito de Fortaleza é médico, especialista em doenças tropicais. Sabe mais do que ninguém da importância da drenagem dos rios como fator indispensável à saúde da população. Nesse particular, merece maior

destaque o projeto do Riacho Pajeú, por ser uma obra essencial para enfrentar o rápido crescimento da cidade. O riacho, ao longo dos anos, sofre de constantes obstruções, inundando muitas ruas e criando problemas para a saúde da população. A obra de drenagem prevê, no curso do riacho, uma avenida-parque, espécie de pulmão verde no centro da cidade, com ocupação adequada das margens do Pajeú.

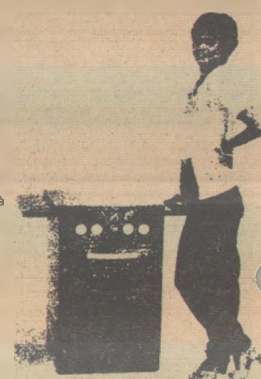
Com o apoio do Governador Virgílio Távora, o Prefeito Lúcio Alcântara, nestes 18 meses de trabalho, já se credencia como um homem público dedicado ao bem estar da população e caminha para se tornar um dos prefeitos de grandes realizações na história de Fortaleza.

CEARÁ UM ESTADO DE ESPÍRITO

ESPÍRITO CRIATIVO

Encontrar os caminhos mais coerentes com a sua realidade, deu ao Ceará uma dose muito grande de criatividade para resolver seus problemas de desenvolvimento. Apoiando-se na vocação natural de seu povo, tecer a fibra de um Pólo Têxtil vigoroso, que começou a disputar ombro a ombro o mercado brasileiro. E

na chegada do Pólo Metal Mecânico, estabeleceu e configurou o apoio decisivo para as indústrias do setor, que daqui fazem seu ponto de irradiação. Da extração de minérios, até estratégias - como o urânio - a indústria turística, tudo tem um toque de originalidade e tratamento especial diferencial e único, que fazem do Ceará um Estado capaz de absorver as ideias carregadas do espírito mais criativo.



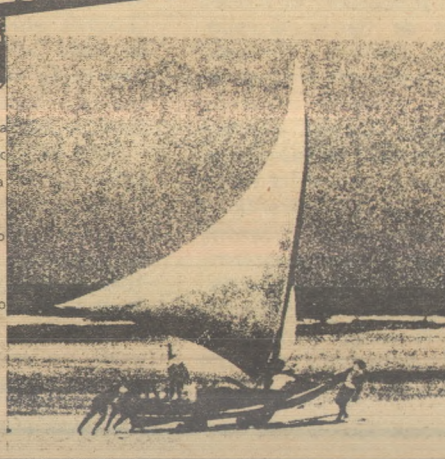
O Ceará percorre caminhos com fibra de pioneiro. Encontrando primeiro as oportunidades de desenvolvimento que se apresentam. Porque está pensando com uma mentalidade bem aberta e seus horizontes são largos. O futuro da realidade turística se aproxima com equipamentos sofisticados e uma natureza pródiga, cuja porta de entrada será o Aeroporto Pinto Martins - agora internacional. E a laminação a frio, que está chegando e vai preencher uma lacuna no fornecimento de chapas à nossa indústria metalúrgica. E o fio fazendo o tecido, o tecido fazendo a roupa da moda, num desenho adequadamente criativo, que bem estejam a capacidade do Ceará em reger a sinfonia de seu próprio desenvolvimento. Um Estado que esta se vendendo agora com uma opção criativa, pioneira e empreendedora. E quem for empreendedor, pioneiro e criativo vai aproveitar muito bem.

ESPÍRITO EMPREENDEDOR



O Ceará sempre traçou seus próprios caminhos. Trilhando a estrada que leva ao desenvolvimento, descobrindo suas potencialidades e a determinação de seu povo. Pensou e construiu, determinou e alcançou, dentro de uma filosofia e uma política onde o lugar comum cede, para a ideia coerente e viável, o seu lugar nos planejamentos. O Ceará prometeu ao Brasil um Estado do momento, com grandes oportunidades, e aí está ele. Com o III Pólo Industrial em implantação, trazendo em seu bojo setores significativos como o têxtil e o metal mecânico. E com uma vocação para as atividades da mineração e turísticas que dão a ele o crédito necessário para absorver os investimentos de todos aqueles que também têm espírito empreendedor.

ESPÍRITO PIONEIRO



PLAMEG II
GOVERNO VIRGÍLIO TÁVORA

Conheça nos Escritórios do Ceará tudo que o Estado é capaz.

Brasília
SOS - Ed. Carioca - Conj. 702/6
Fone: (061) 224-2313

São Paulo
Av. República do Líbano, 904 -
Ibirapuera
Fone: (011) 853-9196

Rio de Janeiro
156 - sala 1018
Fones: (021) 262-4036 e 262-2836

Recife
Av. Caxangá, 1887
Fone: (081) 227-0159

POLÍCIA

Quem matou a milionária da Urca?

JOSÉ LOUZEIRO

Intenções e contradições no assassinato de Déa Cardim

O homicídio de que foi vítima a empresária Déa Gomes Cardim, 51 anos, dia 2 de outubro, na Avenida Portugal, Urca, começa a desaparecer no chamado "mar de mistério", ao mesmo tempo em que vai sumindo do noticiário dos jornais, por ser mais um caso a envolver pessoas ricas e de elevada classe social.

Para disfarçar, o delegado Oscar Soares, da 10ª. DP, diz que a Polícia não tem pistas do crime.

No local onde Déa teria sido morta, pela madrugada, ninguém ouviu disparo ou qualquer movimento que causasse estranheza. Todos sabem, apenas, que a empresária era boa pessoa, querida pela vizinhança, não tinha inimigos...

Em que pese a tendência para o mistério, a mecânica do caso parece simples:

1. Déa foi ao Teatro Maison de France, na quinta-feira, ver "Bodas de Papel", com três amigas, uma das quais é Elizabeth Raja Gabaglia;

2. Do teatro esticou até o Hippopotamus, onde jantaria com a filha Andréa, que vive em companhia do negociante João Carlos Pessoa de Oliveira há seis meses;

3. Quando chegou ao Hippopotamus o jantar fora servido;

4. Andréa e João Carlos estavam em companhia de dois casais amigos;

5. Com a chegada de Déa, desceram para a pista de dança e divertiram-se um pouco;

6. Por volta de 1 hora ou mais, Déa pediu a João Carlos que chamasse um táxi, e ele se ofereceu para deixá-la em casa, no seu carro;

7. "Na Urca, fiquei esperando em frente à casa — diria João Carlos —, enquanto ela abriu o portão e caminhou pela área externa. Perto do elevador, aceitou para mim. Estava alegre."

TIRO NA FRENTE

Segundo levantamentos preliminares da perícia, Déa Gomes Cardim morreu com um tiro de revólver na frente esquerda. O corpo foi localizado por uma patrulha do 2º BPM, ficando as investigações a cargo da 10ª. Delegacia.

Os patrulheiros encontraram Déa caída junto ao portão de serviço da sua casa, que dá para a Rua Iguatu, esquina de Avenida Portugal. O portão estava fechado. A bolsa de Déa desapa-

receu com dinheiro e três talões de cheques. As jóias que usava, no valor aproximado de Cr\$ 400 mil, não foram roubadas.

SUSPEITAS

1ª. Como bem acentuou o delegado Oscar Soares, da 10ª. DP, a primeira suspeita recai sobre João Carlos. Tudo o que ele disse, ao deixar Déa Cardim em casa, confirmou-se exatamente ao contrário. Ela não chegou sequer a abrir o portão.

2ª. Para que se acredite no depoimento de João Carlos, teríamos de admitir o seguinte: o assaltante (ou assaltantes) estaria no elevador. Depois que o carro se foi ele disparou contra a mulher, guardou a bolsa, trouxe o corpo para a calçada, fechou o portão. Tanta manobra, obviamente, é inadmissível em se tratando de um assaltante comum. De outra parte, o local é extremamente silencioso, mas ninguém ouviu o tiro.

3ª. O criminoso estaria usando arma com silenciador, o que elimina a atuação de um pé de chinelito. Mas quem teria interesse em acabar com Déa Cardim? Haveria algum grave problema envolvendo a Imobiliária Agromi, da qual Déa era proprietária?

AÇÃO SIGILOSA

Pelo que sel, as autoridades da 10ª. DP trabalham em silêncio. E já descobriram alguma coisa: sabem do calibre da arma; Déa não saía lá muito bem da boate; houve aborrecimento dela com a filha Andréa.

Paralelamente a esse trabalho sério, registraram-se algumas atitudes lamentáveis. Horas após o crime o motorista particular de Déa Cardim — Fernando Borges de Miranda —, que mora na casa da Avenida Portugal, achou um botão de casaco, perto da porta do elevador, no final da área descoberta. Apresentou o botão ao inspetor Porto e este considerou o achado tão insignificante que jogou o botão fora.

O delegado Oscar Soares esteve pessoalmente na Urca, a fim de localizar o tal botão, pois ao ser morta Déa usava um casaco. É demais!

O segundo aspecto folclórico das investigações diz respeito à busca feita ao traficante de tóxicos conhecido como "Coca", que teria sido visto na Urca, no dia do crime.

Policiais da 10ª. DP procuraram "Coca" nas favelas da Rocinha e na Baixa do Sapateiro. Depois estiveram na 20ª. e na 21ª. Delegacias. Como não pu-

deram apurar nada sobre o paradeiro do marginal, concluíram que ele não está envolvido no crime...

FALHA MAIOR

Até o momento não sabemos se as autoridades da 10ª. DP determinaram perícia no carro em que João Carlos diz ter levado Déa Cardim à Urca.

Um dado, no entanto, é certo: a bolsa da vítima desapareceu, unicamente, para tumultuar as investigações. E está dando resultado.



Estamos todos ameaçados!

Nossa civilização é responsável pela destruição do planeta.

Seremos amanhã julgados pelos nossos filhos?

Formato: 22,5 x 16 cm

Todos os anos milhões de peixes morrem intoxicados.

Na Amazônia, 100.000 Km² são desmatados por ano!

Centenas de pessoas são hospitalizadas todos os dias, em consequência da poluição atmosférica.

Aqui reunidas, vivas e claras, todas as informações!

- aquelas que são oficialmente reconhecidas...
- aquelas que se escondem do público:

Para compreender a importância do problema

Para poder falar com conhecimento de causa, e sobretudo para reagir...

Lêla em família: ECOLOGIA a busca da nossa sobrevivência.

Mais de 500 páginas com inúmeras ilustrações a cores e em preto e branco. Encadernação de luxo.

Apenas 2 parcelas iguais: Cr\$ 410,00 mensais e consecutivas

OS MAIS BELOS ANIMAIS DO MUNDO.

GRÁTIS

Um livreto com fotografias coloridas dos mais belos animais do mundo. Alguns estão se tornando cada vez mais raros!



CUPOM DE PEDIDO

Sem compromisso de compra

Queira enviar-me sem qualquer compromisso de compra o magnífico livro ECOLOGIA: A BUSCA DA NOSSA SOBREVIVÊNCIA. Pagarei esse volume como indicado abaixo (Marque com um X):

☐ A VISTA — Através de Reembolso Postal por apenas Cr\$ 790,00 (com tudo incluído).

☐ A PRAZO — Em duas parcelas iguais, mensais e consecutivas de Cr\$ 410,00 com tudo incluído. (A primeira parcela pelo Reembolso Postal e a segunda através de Banco).

ATENÇÃO: Poderei examinar o volume durante 8 dias e, se não estiver satisfeito, eu o devolverei e serei reembolsado da importância paga.

Na compra dessa obra, ganharei um belíssimo livreto a cores, OS MAIS BELOS ANIMAIS DO MUNDO, inteiramente GRATIS.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA! Favor preencher a máquina ou em letras maiúsculas ECO 0 0 RN 1

NOME _____

END _____

CIDADE _____

CEP _____ ESTADO _____

DATA _____ ASS _____

OTTO PIERRE EDITORES — CAIXA POSTAL 2424 RIO DE JANEIRO RJ

Da primavera ao verão, macaquinho ou macacão

MARCOS MEREHI
de Nova Iorque

Coordenação
Fotográfica
DENIS WRIGHT



A lãzinha riscada para o casaco, a calça em flanela, no máximo do franzido e corte na boca pelas laterais. A blusa em crepe. Style de Giovanna de Cembri para o Milan oven demoda



O Irish Tweed em linhas verticais neste macacão de bolsos aplicados com lapelas. Mangas bem amplas e punhos finos. Abotoamento embutido, gola alta com transpasse. Etiqueta Mix and Match de Londres

Volte aos seus 18 anos num toque de magia



Você já observou? Anualmente, as grandes damas da sociedade desaparecem, alguns dias. Quando retornam, parece que fizeram "o tempo voltar". No lugar das rugas, dos pés-de-galinha, das manchas, das peles fiacidas, ressurgiu UM BELO ROSTO DE MULHER JOVEM. Pergunte-lhes o segredo: foram tratar-se nas águas sulfúreas das termas de Araxá. Esse maravilhoso tratamento de beleza, até há pouco reservado a uma pequena elite, agora chega até você sob a forma de CREME SULFUROSO, em potes. No momento mesmo em que você o aplica, o seu rosto ganha o aspecto dos 18 anos. É estu-pendo, maravilhoso!

Este não é um produto químico nascido simplesmente nos laboratórios. O CREME SULFUROSO surge da natureza, nas fontes famosas de Araxá, em águas examinadas e aprovadas pelas maiores autoridades médicas do mundo. Por isso, você pode aplicá-lo com absoluta confiança.



Araxá é a maior estância hidromineral do continente. Neste conjunto termal, as mulheres mais do mundo vêm tratar-se nas águas sulfúreas - que, agora, sob a forma de MARAVILHOSO CREME SULFUROSO, pode receber em sua casa pelo Correio.

Use o CREME SULFUROSO e depois visite Araxá para ver com os seus próprios olhos a fonte que lhe devolveu a juventude.

Peça hoje mesmo para nosso distribuidor exclusivo.

INTERPOST - INTERCAMBIO POSTAL BRASILEIRO

Caixa Postal n.º 2424 - Rio de Janeiro

Desejo receber pelo reembolso postal.....
pote(s) do CREME SULFUROSO DE
ARAXÁ, ao preço de Cr\$ 700,00 o pote.

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

Cep. _____ Assinatura _____

(Se Você anexar ao pedido cheque ou vale postal pagável no Rio, receberá grátis um sabonete de lama sulfúrea.)

Do frio às flores



Da camurça combinada com lã de carneiro, do jogo da camurça com lã grossa, aqui vai o que se deve calçar de Charles Jourdan para esta primavera. Do solado, o puro crepe ao natural



De Callaghan, made in Italy: a malha de lã lisa e canelada no casaquinho tipo blazer com lapela ao masculino. Da calça, um corte ainda afinado com bolsos embutidos completando o abotoamento.

ticamente nos mesmos moldes dos de pema comprida.

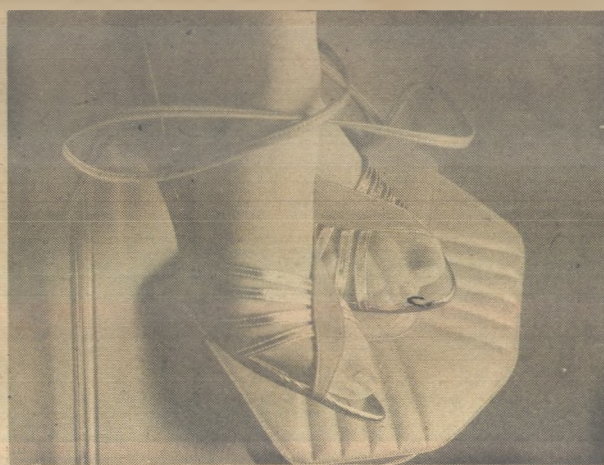
As bermudas são outro fator de grande interesse para o verão 80/81: largas, ligeiramente mais longas e o corte mais chegado ao masculino. As saias-calças começam mais uma vez a despontar para ter alguma aceitação no inverno de 81 e entrar violentas no nosso verão verde e amarelo de 82. Ainda para o sol deste final de ano, além da anarruga já bem divulgada, o linho terá papel importante em blazers e calças.

— Os detalhes bem femininos de bolsinhos aplicados ou embutidos, tipo faca, os cinturões mais largos, as pines muitas vezes usadas dando caimento mais amplo, as mangas longas com punhos finos ou simplesmente os decotados são estas as regras gerais do jogo da próxima saison de calor para quem se dispõe a vestir um senhor macacão.

E os também chamados macaquinhos não ficam a desejar e voltam com a mesma força pra-

Charles Jourdan, na ponta do pé

FRED
AYRES



Em 1980, um acontecimento: o Prêt-à-Porter Charles Jourdan. Desta coleção fabricada no Brasil surge uma certa simplicidade. As linhas são despojadas e estruturadas, porém sempre executadas em material de primeira qualidade. Ao escolher trajes coordenados ou desestruturados, a mulher adaptará seus trajes às necessidades do dia-a-dia.

Ela se envolverá numa segunda pele largamente colorida: *spencer*, *blazer*, *short* ou camiseta, para jogar com a sensualidade de texturas suaves e macias como o couro, ou transparentes e leves como a seda em blusas, em conjuntos de saia e blusa, em calças usadas com bustiers, trajes para o todo o dia ou para festas. Ela encontrará fantasia e conforto nas roupas de algodão. Ela adotará a malha para as roupas mais amplas. Na praia, ao sol, ela ousará vestir a linha *beachwear* mais sofisticada. Ela acrescentará um nota de amor e de poesia nos acessórios: o frescor dos pequenos *bobs* de couro e das luvas cheias de furinhos, de alegria nas écharpes de algodão, o brilho das jóias de ouro, os reflexos insólitos dos óculos escuros.

E os calçados?... em 1980 eles serão assimétricos e se oporão ao conformismo de sempre. Se os vestidos encurtam e as calças se alargam, os calçados seguem a cadência, é o ano do salto médio geométrico ou cônico, com muita personalidade. O salto alto conserva a sua elegância de sempre, e a tendência das sanóalias e esarpins clássicos continua imperando. Materiais trabalhados com muita imaginação como o cetim com reflexos suaves e a imitação de crocodilo.



ACABE COM SUA BARRIGA EM 1 SEMANA!



HOJE... 1 DIA 3 DIAS 7 DIAS

Peça pelo Reembolso Postal a revolucionária
CINTA ABDOMINAL "STETIQUE"

- sucesso em todo o mundo.

Preço: Cr\$ 830,00

Tamanhos: abdomens Pequena (até 1,10 cm) ☐

(Marque Média (de 1,10 a 1,30 cm) ☐

com um X) Grande (Mais de 1,30 cm) ☐

Distribuidor Exclusivo para o Brasil:

INTERPOST

Caixa Postal 2424 - Rio - RJ - CEP 20000

Nome _____

End. _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

(Se Você anexar ao pedido cheque ou vale
postal pagável no Rio, receberá grátis
dois sabonetes de lama sulfurosa)





VILA ROMANA

Moda masculina



Getúlio chega ao Poder ainda sob a influência do tenentismo



Depois do retorno triunfal pelas urnas em 50, o abraço de um futuro sucessor: Juscelino

GABRIEL
ANTERO

ER

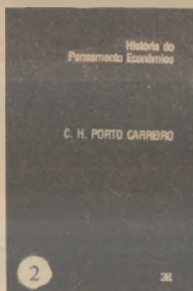
Editora Rio



PROGRAMAS DE DIREITO CIVIL I, II e III — Santiago Dantas

Um dos mais brilhantes professores de Direito Civil que o Brasil conheceu, morreu sem deixar obra publicada. Seus alunos recolheram a reprodução de suas aulas magistrais e deram origem a esta obra, que veio salvar do esquecimento um civilista imortal.

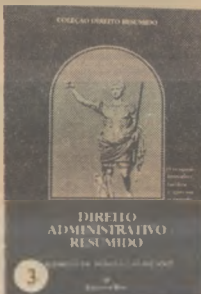
I Cr\$ 765,00 — 406 págs. II Cr\$ 770,00 — 378 págs. III Cr\$ 895,00 — 462 págs.



HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

C.H. PORTO CARREIRO elaborou esta obra pensando no estudante que recebe uma gama de informações e tem dificuldade de situá-las no tempo e no espaço. Através deste livro, o estudante se guiará e entenderá a evolução do Pensamento Econômico desde a Grécia até nossos dias.

Cr\$ 695,00 — 602 págs.



DIREITO ADMINISTRATIVO RESUMIDO

Com uma linguagem fácil, o autor proporciona aos estudantes uma forma de se introduzir na matéria e aos já formados uma maneira rápida de rever o assunto.

Cr\$ 365,00 — 166 págs.



O PRÍNCIPE

Não é necessário que apresentemos essa obra imortal de Maquiavel. O livro vale não só pelo seu conteúdo digno de reflexão, mas também pelos comentários da Rainha Cristina da Suécia, Napoleão Bonaparte e Benedito Mussolini. Ler Maquiavel com estes comentaristas é reviver a história em três épocas distintas.

Cr\$ 220,00 — 130 págs.



O MODELO PERT/CPM APLICADO A PROJETOS

Esta obra apresenta um conjunto de técnicas para planejamentos, coordenação, programação e controle de projetos. Os conceitos são apresentados de forma clara, com exercício resolvidos a fim de permitir a auto-avaliação, finalizando com um projeto, onde se visa a globalização do assunto exposto.

Cr\$ 517,00 — 250 págs.

EDITORA RIO — SOCIEDADE — Sociedade Cultural Ltda.

Caixa Postal 2.424 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.261

Nome:

Endereço:

Bairro: Tel.:

Cidade: Estado: CEP:

Ass.:

Assinale o nº da obra desejada

1 2 3 4 5

Não Mande dinheiro agora. Pague somente ao receber a encomenda.

O Brasil de 30 revisitado pela crítica de 80

Depois do sucesso absoluto de "Os Anos JK", um documentário de longa-metragem que lotou os cinemas do Rio e São Paulo, a Embrafilmes lançou "Revolução de 30", do diretor paranaense Sílvio Back e que consumiu quase dois anos de pesquisa em livros, coleta de material fotográfico e filmografia da época para um flagrante da década de 20 — "dos maxixes aos pronunciamentos apocalípticos", segundo o próprio diretor do filme. "Contudo — ressalta — são imagens fragmentárias mas nem por isso menos fantásticas e reveladoras".

UMA AVENTURA

Sílvio Back diz que embora muito se tenha escrito sobre o período, ao espectador moderno a "Revolução de 30" é algo nebuloso, um retrato esmaecido de onde só surge em foco a figura de Getúlio Vargas. "Com "Revolução de 30", afirma, fui ao fundo da década e do próprio movimento resgatando rostos e lembrando fatos importantes, implacavelmente registrados pelos heróicos e anônimos cineastas daqueles tempos. E nada fala mais alto do que reencontrar vivos, em carne e osso, jovens como seu ideal e velhos como seu oportunismo, alguns dos figurões que escreveram o nosso presente. Uma aventura fascinante."

Sem se prender a uma cronologia, nem como pressuposto de roteiro, nem como necessidade episódica do filme, "Revolução de 30" é um painel, uma ciranda. Pronto, o cineasta reconhece nele um filme de ficção, e reside aí a sua grande verdade e a sua inelutável transcendência. Apesar de documental, com pitadas de longas-metragens de enredo da época, o filme consegue reabrir antigas cicatrizes ou feridas mal curadas. Um bisturi.

"De repente, frisa, estou face a face com um Brasil, que nem os melhores memorialistas, narradores ou historiadores captaram com tamanha vida. A década renasce a cada fotograma, com suas revoluções, tentativas de golpe, seu movimento operário ascendente, seus governantes posudos, suas idiosincrasias políticas, ideológicas, sua maneira de viver e encarar o cotidiano.

UMA VISÃO

É um Brasil surpreendente, das primeiras "pacificações do

Índio à eleição de missas, da imitação escancarada e canhestra do cinema americano à devastação de florestas do melodrama às gigantescas manifestações de massa, da industrialização incipiente à urbanização nervosa do Rio e São Paulo, do povo espectador à classe média atuante. Uma lâmpada incandescente que, ao tempo em que cega, ajuda a ver melhor ontem e hoje, eis a visão retrospectiva que "Revolução de 30" suscita, sem outros compromissos que com o imaginário do seu autor. "Na maratona à cata de imagens desse Brasil solenemente enterrado, afirma categoricamente Sílvio Back, cõ seguiu reouvir suas vozes e cantos. O cinema mudo e a gravação em discos, na realidade, eram dois solitários que estavam perdidos no mesmo mundo do audiovisual. Levaram anos para se achar. À distância, meio século depois, provoquei a colagem. Toda a década de 20 ressurgiu em meio a uma carnavalização só. Uma espécie de grande ensaio geral das convulsões futuras dos anos 30, 40, 50 e 60. Dos maxixes aos pronunciamentos apocalípticos, da macaqueação da canção americana às marchas e contra-marchas da "Revolução de 30", são dez anos que, gloriosamente, antecipam as décadas seguintes. O absorvente desfile na avenida onde nem sempre foi possível disfarçar o passo de ganso sob o jingado das sentinelas do poder."

Mais adiante ele crê que é a década de 20 uma adivinhação da melhor estirpe. "Ela, como se fora grande "trailer", com seus estados de sítio, cerceamentos à liberdade de expressão, cópia alegre e despuadora da cultura alienígena, suas intermináveis conspirações, o autoritarismo, a classemedianização galopante, o achatamento do enclave operário, a crescente militarização dos ventos políticos e administrativos, a troca permanente de guarda entre os poderosos, cidade e campo, um convlescote cuja impunidade atravessa os anos e chega aos nossos narizes, olhos e ouvidos."

E conclui na expectativa: "Uma década luminar, a eleita pelo meu filme. É o que desejo para "Revolução de 30": que seja um filme-luz, uma estrela guia, um vôo livre sobre o passado que o presente, se não o repete, ao menos lhe aproveita as mais brilhantes lições."

MUTIRÃO

O Cristo completa quase meio século



O domingo passado prestou-se a duas comemorações: historicamente, a descoberta da América pelo genovês Cristóvão Colombo; comercialmente, o Dia da Criança. Mas há um terceiro significado nesse dia para a memória nacional, sobretudo para a memória carioca: é que, há 49 anos — precisamente em 12 de outubro de 1931 — da cidade de Gênova, onde nasceu o descobridor da América, o italiano Guilherme Marconi acionava um botão para iluminar, no Rio, a gigantesca estátua do Cristo Redentor, que assim era declarada inaugurada oficialmente pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Cardeal Dom Sebastião Leme.

De lá para cá, a imagem do Cristo do Corcovado associou-se para sempre à visão da cidade,

assim como o Pão de Açúcar. Mas a história dessa estátua envolve não somente esplendores e grandezas, como desleixo e abandono por muito tempo. Não fosse a recente visita do Papa João Paulo II ao Brasil e o Cristo não veria uma limpeza tão drástica como a que lhe fizeram.

A lamentar neste quase meio século de existência é que a iluminação discreta acionada pelo grande Marconi — que foi também o idealizador do bordinho do Pão de Açúcar — tenha sido substituída pela luz verde fortíssima, que deu o sinal vermelho a muitas espécies de insetos e plantas, ameaçando-os de extermínio. De nada valerem na época as reclamações dos ecologistas.

NANCY GARCIA

Dercy no canal livre: show de autenticidade

Sem dúvida, a melhor apresentação do programa "Canal Livre", na TV Bandeirantes, foi a da atriz Dercy Gonçalves. Em presença do Curador de Menores do Rio de Janeiro, Carlos Melo, o homem que ficou famoso da noite para o dia porque não suporta mulher pelada, a famosa comediantista não se alterou em nenhum instante e, com seus santos palavrões, deu "show" de autenticidade ou de brasilidade como ela mesma disse, o que, no final do programa, foi saudado pelo magistrado como algo "que se confunde com o auri-verde"...

É pena que nossas emissoras tenham sempre falhas que não podiam ocorrer. Por exemplo: nesse programa, nem todos os

convidados foram devidamente identificados com o letreiro. Ficou-se sem saber quem era quem em muitos casos. O próprio Curador, se não estivesse no cartaz atualmente, passaria incógnito.

Mas, por outro lado, no Canal 4, conforme observou recentemente a companheira Cora Ghunter nesta seção, o novo idioma já oficializou a expressão "difícil". Ninguém diz mais "difícil". E gratuito, como fluído, virou mesmo "gratuito". E tome besteiras como "comprometimento", "gratificante", "posicionamento". Além de expressões em voga como "espaço", que está servindo para tudo. Vamos parar de futilidades aí, sim? BARROS DE LEMOS

Atenção: carros estão invadindo a calçadinha

Com a chegada de uma frente quente, na semana passada, quando o Rio pôde usufruir de um verão provisório, as praias tiveram uma frequência como há muito não tinham. Apareceu tanta gente em Copacabana, por exemplo, que até a calçadinha, que separa o asfalto da praia propriamente dita, foi invadida por uma porção de carros, alguns de São Paulo, criminosamente estacionados a ponto de obstaculizar o livre trânsito dos pedestres e prejudicando os que ali praticam seu "cooper".

Não faz muito, naquele mesmo bairro, a Polícia de Trânsito deu um basta nos egoístas que estacionavam sobre o calçadão. Agora, proibidos de ocupar a pista maior de Copacabana, os infratores decidiram interromper o tráfego na pista menor. Assim é demais! Clemência!

CORA GHUNTER

Vem aí o estatuto do imigrante nativo?

Eu acho que os brasileiros esquecem muito depressa o que acontece no País. Olhem o caso do Estatuto do Estrangeiro. Todo mundo chiou, badalou, malhou. O projeto passou. E mesmo com a boa vontade do Presidente da República, que tem acatado sugestões para aprimorar o documento, ficou a suspeita de que ele se destinaria, particularmente, a combater missionários, em especial da ala progressista da Igreja Católica.

Se continua a dança neste ritmo, não se iludam: em breve vamos ter um instrumento para adoção exclusiva nas grandes metrópoles como Rio e São Paulo, a fim de conter o ritmo migratório das regiões mais pobres do País. Com certeza, saíra logo o Estatuto do Nordeste e, em seguida, o Estatuto do Mineiro, que são, segundo as estatísticas, os recordistas de êxodo.

CARLOS PORTO



A ilusão do consumidor nos cartões de crédito

A política governamental de contenção de crédito e a persistência inflacionária em manter os índices anuais superiores a 100 por cento estão marginalizando os cartões de crédito — atraente opção de facilidade ao consumo — que, em alguns casos, garantem crédito imediato. Por isso, está havendo uma procura muito grande para a aquisição desses cartões, e as empresas que operam com eles não têm encontrado muita dificuldade na obtenção de crédito junto aos bancos, para financiar seus clientes.

Como resultado das restrições impostas pelo Governo, pode-se afirmar que o efeito mais significativo foi a elevação das taxas de juros cobradas aos portadores de cartões. Dessa forma, além de arcar com as consequências aumentistas do mercado, o consumidor, também portador dos cartões, ajuda a encher os cofres das instituições financeiras.

Ledo engano, que só os empobrece e ajuda a manter — se não, a aumentar — o galope alista da inflação.

QUIXARÁ DE SOUSA

UM NOVO LIVRO DE CASSANDRA RIOS



QUE É UM TRIUNFO LITERÁRIO E UMA OBRA-PRIMA DE EROTISMO.

ARIELLA, A PARANÓICA

338 págs.
Cr\$ 500,00
Ref. 1629

Cassandra Rios — a escritora mais proibida do Brasil. Há anos enfrenta a censura, mas segue escrevendo os livros eróticos de maior sucesso no Brasil. Com a mudança de Governo e abrandamento da censura, os seus livros voltam a circular.

LEIA TODOS OS LIVROS DE CASSANDRA RIOS. LER CASSANDRA RIOS É SENTIR PRAZER.

A VOLÚPIA DO PECADO - 368 págs.
Cr\$ 480,00 - Ref. 1549
O BRUXO ESPANHOL - 200 págs.
Cr\$ 350,00 - Ref. 1630
CANÇÃO DAS NINFAS - 196 págs.
Cr\$ 350,00 - Ref. 1605
CARNE EM DELÍRIO - 190 págs.
Cr\$ 220,00 - Ref. 0062
COPACABANA POSTO 6 - 278 págs.
Cr\$ 450,00 - Ref. 1604
O GATO E A GAZELA - 259 págs.
Cr\$ 350,00 - Ref. 1325
GEORGETTE - 216 págs. Cr\$ 300,00 - Ref. 1548
MACARIA - 200 págs. Cr\$ 290,00 - Ref. 1572
MARCELLA - 136 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 0572
MARIA PADILHA - 124 págs. Cr\$ 200,00 - Ref. 1402

MUROS ALTOS - 354 págs.
Cr\$ 450,00 - Ref. 0370
NICOLETA NINFETA - 150 págs.
Cr\$ 200,00 - Ref. 0731
A NOITE TEM MAIS LUZES - 230 págs.
Cr\$ 320,00 - Ref. 0375
PATUÁ - 104 págs. Cr\$ 180,00 - Ref. 1403
A SERPENTE E A FLOR - 190 págs.
Cr\$ 250,00 - Ref. 0471
TARA - 194 págs. Cr\$ 300,00 - Ref. 0642
TESSA, A GATA - 122 págs.
Cr\$ 200,00 - Ref. 1573
UM ESCORPIÃO NA BALANÇA - 252 págs. Cr\$ 380,00 - Ref. 0691
UMA AVENTURA DENTRO DA NOITE - 102 págs. Cr\$ 180,00 - Ref. 1435
AS VEDETES - 344 págs. Cr\$ 450,00 - Ref. 1315
VENENO - 356 págs. Cr\$ 350,00 - Ref. 0638

GRÁTIS:

Um livro-brinde (será um romance de agradável e fascinante leitura) para pedidos no valor ou acima de Cr\$ 1.000,00. E você não paga as despesas postais.

EDITORA RECORD

Caixa Postal, 884 — Rio de Janeiro — RJ — 20000

Preencha o cupom imediatamente. NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Só pague ao retirar seu pedido no Correio. Recorte nosso endereço e cole no envelope.

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos

Desejo receber pelo Reembolso Postal os livros assinalados:

☐ Ref. 1549	☐ Ref. 1630	☐ Ref. 1605	☐ Ref. 0062	☐ Ref. 1604	☐ Ref. 1325
☐ Ref. 1548	☐ Ref. 1572	☐ Ref. 0572	☐ Ref. 1402	☐ Ref. 0370	☐ Ref. 0731
☐ Ref. 0375	☐ Ref. 1403	☐ Ref. 0471	☐ Ref. 0642	☐ Ref. 1573	☐ Ref. 0691
☐ Ref. 1435	☐ Ref. 1315	☐ Ref. 0638	☐ ARIELLA, A PARANÓICA - Ref. 1629		

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

CEP _____

ASSINATURA _____

LEIA O LIVRO. VEJA O FILME.
ARIELLA — NOS CINEMAS DO RIO, COM
CHRISTIANE TORLONI E NICOLE PUZZI.

LEITURA

Os bares dos anos 50 em páginas de bom humor

Muita mulher, muito chope, muita mineirice, eis em resumo o mais novo livro de crônicas do poeta Paulo Mendes Campos. "Os Bares Morrem Numa Quarta-Feira", editado pela Ática, retrata os bares da década de 50, com seus boêmios famosos nos bons tempos em que o carioca dispunha de espaço para esperar sentado o despontador do dia.

Ao todo, são mais de 40 crônicas, naquele estilo leve, engraçado e gostoso de Paulo Mendes Campos, que parece estar conversando com a gente, sem nenhuma pose. Em 150 páginas, Paulo Mendes Campos teria fatalmente de evocar a figura de outro grande poeta e grande boêmio, o carioca Vinícius de Moraes.

BATE-PAPO

A REVISTA NACIONAL bateu um papo com PMC:

Paulinho: você está lançando pela Editora Ática *Os Bares Morrem Numa Quarta-Feira*. Qual é a característica principal desse seu novo livro?

A característica desse livro é ter crônicas que não são crônicas, e sim artigos maiores. Alguns trabalhos têm mais jeito de reportagem. Além disso, al-

guns trabalhos estão agrupados por assuntos e outros pelo enfoque mais ou menos humorístico.

Em que época foram escritas as crônicas coletadas nesse livro?

La me dar uma mão-de-obra saber a época das crônicas. Elas foram escritas nos últimos anos. Engraçado: as crônicas que costumam entrar nos livros dos cronistas são a-crônicas, isto é, aquelas que não ficaram especialmente marcadas pelo momento.

Segundo o crítico Antônio Cândido, a crônica é um gênero com características tipicamente brasileiras. Qual é a sua opinião a esse respeito e, no seu modo de ver, qual é a importância da crônica para a nossa literatura?

O crítico Antônio Cândido tem razão, embora nas literaturas inglesa e francesa, possamos encontrar gêneros bem parecidos com o nosso. A meu ver, o que distingue a crônica brasileira é a sua diversidade, a sua rebeldia contra a formalidade. A crônica do Rubem Braga, para ficar num só exemplo, pode ser artigo político, artigo de crítica social, pequena reportagem, noticiário particular, poema em prosa, humorismo, conto... e outras coisas. Além disso, o Braga criou um gênero no qual é um craque absoluto: o improviso, a

crônica sem assunto, o bate-papo gratuito. E é também verdade que essa liberdade do cronista brasileiro já se encontra no próprio Machado de Assis. Nos seus crônicas, Eça de Queirós partia em geral dum pretexto para o assunto sério, Machado, pelo contrário, quase sempre parte de um assunto sério para os seus pretextos típicos.

Você também participou, juntamente com Drummond, Fernando Sabino e Rubem Braga, de outra experiência de sucesso envolvendo a crônica que foi a coleção *Para Gostar de Ler*, da Editora Ática. Essa coleção, inclusive, foi adotada em centenas de escolas. Na sua opinião, qual é a importância disso?

A importância da coleção *Para Gostar de Ler* pode ser encarada da seguinte maneira: hoje é mais fácil você encontrar uma criança alfabetizada que já leu Drummond, Braga e Sabino, do que um adulto que conheça de leitura esses mesmos autores. Creio que não é preciso dizer mais nada a respeito da importância dessa coleção no Brasil. Acho que livreiros, editores e autoridades da área cultural deviam espalhar pelo País a frase de Mário Quintana: o pior analfabeto é que sabe ler e não lê. Estou citando de memória, a frase po-



Quatro cronistas da pesada: Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga.

de ser um pouco diferente. Pois é: eu estava num sítio numa cidadezinha de Minas quando fui procurado por um bando de crianças pobres, de dez a quatorze anos: queriam conhecer um dos autores de *Para Gostar de Ler*.

Em geral, as crônicas tratam de fatos do cotidiano. Então, como é que surge a inspiração para escrever uma crônica?

Não é da inspiração que surge a crônica, é da experiência aturada, tanto dos acontecimentos quanto do exercício de enfileirar palavras. Nenhum cronista pretende escrever *O Príncipe*, mas todo cronista, como Maquiavel, tem uma longa experiência das coisas passadas e uma lição constante das presentes. Do contrário, acabará escrevendo so-

bre a chuva e a gripe; que, aliás, não são assuntos desprezíveis.

Como era a sua amizade com o poeta Vinícius de Moraes, recentemente falecido?

Uma doce e fraterna amizade, que começou em Belo Horizonte, quando o poeta apareceu por lá para fazer uma conferência sobre poesia inglesa. Não conheço ninguém que tenha tido maior dom da amizade do que Vinícius: não o exercício da amizade — era um distraído —, mas o sentimento da amizade, coisa que transmite num abraço de reencontro, num olhar de compreensão, num cartão-postal. Mário de Andrade regia a amizade como um maestro competente e talentoso; Vinícius criava a amizade com a sua presença.

A melhor maneira de comprar: o menor preço com o maior conforto.



RELÓGIO SLAVA - Modelo super-luxo. Feminino. Charmosíssimo. Acabamento perfeito nos mínimos detalhes. Cromado. Corda manual e pulseira em couro. 17 rubis. Acompanha certificado de garantia.

Cr\$ 1.995,

Ganhe uma belíssima toalha de mesa nas compras acima de Cr\$ 2.000,00.



RELÓGIO RUHLA - Último lançamento. Modelos masculino (foto) e feminino (tamanho menor). Finíssimo acabamento. Mostrador em cor metálica. Corda manual e pulseira em couro. Acompanha certificado de garantia. Oportunidade única e exclusiva. Indique no cupom o modelo de sua preferência.

Cr\$ 895,



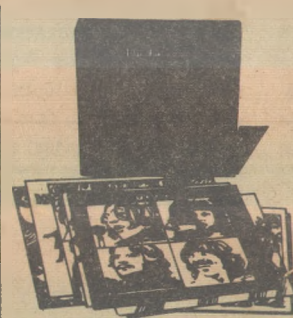
CÂMARA KODAK INSTAMATIC II TIRA TEIMA - Manejo simples e fácil. Com ela, ninguém duvidará de você. Produz fotos belíssimas. Acompanha alça-pulseira para você levá-la a qualquer lugar.

Cr\$ 645,



SECADOR DE CABELOS WALITA 1.000 - O menor e o mais potente secador. Seca a jato. Modelo moderno e avançado. Muito prático. Acompanha lindo estojo para transporte. Funciona em 110 e 220 volts. Indique no cupom a voltagem de sua cidade.

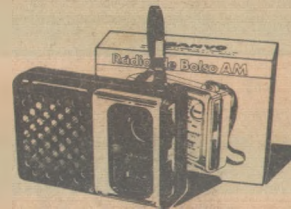
Cr\$ 1.995,



ÁLBUM BEATLES COLLECTION - Peça histórica dos 4 gênios que revolucionaram o mundo. Um álbum com 14 LP's, em caixa de alto luxo, incluindo um LP nunca editado no Brasil: Rarities! Acompanha um belíssimo poster dos quatro e fotos de cada um deles.

Cr\$ 3.289,

Desconto de 5% para os pedidos enviados com cheque ou vale postal anexo.



RÁDIO PORTÁTIL AM SANYO - Ultra sensível. Totalmente transistorizado. Super portátil. Som limpo, claro e nítido. Acompanha alça para transporte. Saída para headphone. Produzido na Zona Franca de Manaus.

Cr\$ 1.460,

Sim, quero receber o quanto antes o(s) produto(s) que assinalo a seguir. Entendi que terei direito a 5% de desconto se enviar junto ao cupom, cheque ou vale postal nominal ao Ponto Frio. Porém, pagarei o preço constante do anúncio se preferir pagar contra-entrega ao receber a(s) mercadoria(s) pelo Reembolso Postal. Enviarei o cupom devidamente preenchido para: Ponto Frio Bonfraz - Caixa Postal 1856 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20000

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Assinatura _____

Atendemos também pelo telefone (021) 296-3122 - Ramal 154

Faça logo o seu pedido. Estas ofertas são por tempo limitado.

Minha opção de pagamento é:

☐ Com 5% de desconto, anexando cheque ou vale postal nominal ao Ponto Frio.

☐ Contra-entrega pelo Reembolso Postal.

Produto	Preço	Quantidade	Total
Relógio Slava	Cr\$ 1.995		
Relógio Ruhla ☐ masc. ☐ fem.	Cr\$ 895,		
Câmara Kodak	Cr\$ 645,		
Secador de Cabelos Walita ☐ 110 V ☐ 220 V	Cr\$ 1.995,		
Álbum Beatles Collection	Cr\$ 3.289,		
Rádio Sanyo	Cr\$ 1.460,		
Valor total do pedido			



Carta de Ignácio de Loyola Brandão



**Paulo
Bruscky
escreve
sobre
Arte-
Correio**

14ª EDIÇÃO



25.000 COPIES IN THE WORLD

**Águia
Mendes
entrevista
Enio de
Oliveira**



**"O Ato
Criador"
por
Mariana
Cantalice
Soares**

A Universidade Federal da Paraíba parece assim um corpo estranho na comunidade de João Pessoa. Encoberta pela mediocridade e pelo elitismo desvaído, os Departamentos que compõem a UFPb vivem noutro planeta, distante da política, da economia e dos debates que consolidam a democracia. Medrosos, professores não se arriscam a emitir opinião sobre o custo de vida, a inflação, minorias humilhadas, energia ou projetos alternativos para a compreensão da sociedade nordestina.

Seria cômico se não fosse trágico o marasmo em que está atolado o corpo docente da UFPb. Consta-se que nem a UFPb como instituição e nem professores, como cidadãos, não fazem da escola um laboratório. Isto é, a comunidade universitária ainda não descobriu sua importância na sociedade pessoense, recusando-se a participar de seus problemas e das soluções. Ninguém melhor que os professores da UFPb para agitar esta cidade jardim.

Paulo Pontes dizia que a UFPb era a segunda carreira do ouro — a primeira teria sido

a seca de 58, quer dizer, a sempre próspera indústria da seca. Um professor de Direito Constitucional da Autônoma assegura que a UFPb só serve para empregar os fracassados. Professores da escola alegam a estrutura repressiva que ainda vigora nos calmos corredores do Campus Universitário.

Que fazer?

Falar que vivemos entre a ditadura e a democracia é pouco. Em todo caso, essas opiniões não chegam às redações de jornais, mesmo porque o professor universitário, em João Pessoa, não aprendeu a discutir tais assuntos pela imprensa e se indagado para declarações sobre o custo de vida, a inflação, nada diz. O feijão sobe para 110 cruzeiros e um repórter procura a universidade para explicar a alta do feijão, simplesmente o mestre pede desculpas.

Seria incapacidade, hein?

A parte as desconfianças, o fato é que a UFPb em João Pessoa não se integra aos problemas da cidade. Empresas imobiliárias pretendem

desfigurar o que resta da antiga cidade, mas os arquitetos da Universidade Federal da Paraíba ficam calados. A Copesbra quer fazer um museu da baleia (não se sabe com que interesse), os professores permanecem mudos. A seca, fenômeno que apavora e embrutece o paraibano, a UFPb, isto é, seus professores, não questionam os mecanismos de apoio aos agricultores. Os departamentos culturais da UFPb brincam de arte, mas editam caríssimos relatórios das "atividades do ano anterior". Quando a Universidade vai saber usar o espaço que os jornais oferecem todos os dias?

Tomara que a atual crise moral e financeira que abala a Universidade Federal da Paraíba motive professores e alunos a questionar a utilidade da própria escola no desenvolvimento da cidade e reafirmem que papel exercem para influenciar comportamentos e projetos políticos do Governo do Estado. É hora de diálogo, de ação. João Pessoa, esta lindíssima cidade, precisa urgentemente do apoio e do estímulo de seus doutores.

Por favor, acordem.

NESTE NÚMERO

Numa carta ao poeta Águia Mendes, Ignácio de Loyola Brandão discorre sobre uma entrevista de Ivaldo Bittencourt publicada neste suplemento e, entre outras coisas, se confessa estupefato diante do teórico para, logo a seguir, propor ao *Correio das Artes* que veicule um debate cujo tema seja "O Criador e o Teórico: Um Abismo?". Este suplemento, além de dar publicidade à carta do Autor de "Zero", endossa a sua idéia e, como não poderia deixar de ser, a partir do próximo número já se compromete a veicular toda e qualquer matéria que aborde o tema acima referido.

Marcos Tavares, partindo do poema "Que País é Este?", de Affonso Romano de Sant'Anna, traça um roteiro para curta metragem de um longo país cujas cenas se revestem de um humor tão corrosivo como se provocado por uma dose de adrenalina que ele parece injetar no seu discurso poético. Ainda neste número, publicamos poemas de Elmano Menezes, Rita Monteiro e Theresia Calvet.

No âmbito da ficção, se fazem presentes Marcos Wagner da Costa Agra e Gustavo Porto, enquanto que Waldemar Duarte, Mariana Cantalice Soares e Hildeberto Barbosa Filho escrevem, respectivamente, sobre o artesanato de Tracunhaém, o *Ato Criador* e "Memórias de Um Sargento de Milícias".

Paulo Bruscky escreve sobre a Arte-Correio e Águia Mendes entrevista o Prof. Ênio de Oliveira Regadas sobre a Editora Universitária da UFPb. José Octávio, por sua vez, passa em revista a Revolução de 30.

Por último, divulgamos uma matéria sobre o filme "Liames: O Mundo Espanhol de João Cabral de Melo Neto", de Carlos Henrique Maranhão, e artigos de Arlindo Almeida e Walter Galvão. A seção sobre livros e a seção *Inéditos* integram esse exemplar de *O Correio das Artes*.

• O EDITOR.

Correio das Artes

(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR

Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR

Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO

Gonzaga Rodrigues

Antônio Barreto Neto

Arlindo Almeida

Walter Galvão

Vilson Brunel Meller

Sérgio de Castro Pinto

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr\$ 150,00
Outros Estados
Cr\$ 200,00

EDITORIA UNIVERSITÁRIA: LEIA OS NOSSOS LIVROS. DESCOLONIZE A CULTURA

Hoje: O Livro, de Herberto Sales - O escritor Herberto Sales proferiu aula magna a alunos de Mestrado em Sistema de Bibliotecas Públicas, que é agora transformada numa excelente plaquete. Segundo Herberto Sales, o livro estaria em vias de extinção, e isso devido ao aparecimento dos audiovisuais e bibliotecas especializadas, onde o livro vai acumulando funções que o desvirtualiza de sua tradicional origem. Visão apocalíptica ou mero devaneio? Saiba tudo a esse respeito e de outras implicações em torno de um veículo cultural que já preocupa aos homens mais sensíveis, e que certamente deixará o leitor da sociedade tecnológica entre a cruz e a espada: livro ou audiovisual?

(Águia Mendes)



Capa de: A. de Araújo

PARA LER DURANTE O ALMOÇO

• MARCOS WAGNER DA COSTA AGRA

O pai-nosso grudava nos dedos já gretados. Ficou agachada, quebrada, dando voltas no corpo franzido, transido. A ave-maria amarrada na língua, descendo no fio de saliva, a custo formada, no canto da boca. Eram tantas e Deus não ouvia. Também, quem ia de ouvir uma desgraçada daquelas? e aquele punhado de ave-marias, pai-nossos eram o seu feijão, seu desalimento. Tanto tempo pedindo de casa em casa, sangrando as ruas com os pés descalços, fazendo cara de choro, cara de sono, cara de fome, e aquela vontade danada de berrar:



Não atendiam à sua glória, quase sempre. Procurava outras rimas, outra cara, outro choro, ensaiava outras lágrimas, e a fome nos olhos aumentava. Era esperar no mundo, fazer greve, ficar trancada sem comer, ouvindo o grito das tripas, que deus ia ouvir. Continuava a debulhar seu feijão - tantas contas! apertando os carcos, quase a quebrar a corrente. Mas era forte, maciça, de ferro. Herança da mãe, da avó, deslizando em seus dedos. Pra que é que a avó dela queria um rosário de ferro? Como tinha arranjado? Não sabia. Tanto pior. Um rosário de ferro, e ela tão fraca, tão pequena, tão nada! Um rosário de ferro. Era certamente hora de almoço pras pessoas que eram gente, mas não pra ela, uma desvalida. Ave-maria, cheia de graça, daí-me feijão; pai-nosso, que estás no céu, rogo-te um pão. Não adiantava misturar reza e poesia, a sua resposta era o ronco das tripas dançando na barriga. Talvez dormir, e no sono, sonhar um sonho de anjo, que anjo vive sem comer. Mas dormir naquelas varas, com as costelas cansadas, doídas, era uma morte. Se tivesse uma rede... O armador na parede. Sim, não tinha rede, não podia dormir em rede, mas tinha um armador, ia dormir nele, quisesse deus. Sim, o armador estava lá chamando, era um dedo acenando

do para ela; por que não tinha pensado antes? era fácil. Amarrar o rosário grande no pescoço, subir no tamborete, pendurar o rosário de suas preces no armador (conhecia uma mulher que fez assim; no outro dia foi aquele alvoroço, uns entrando, outros saindo que nem abelha no cortiço; barulho de festa, vestido novo pra acompanhar a noiva do céu, muita gente se cumpri-



mentando, tirando o chapéu, nunca tinha visto tanta gente junta), dar uma, duas voltas, reparar se ficou forte puxando assim, assim... dar um chute no tam...

Sobremesa: delícia de abacaxi ou torta de maçã com cereja.

A CANÇÃO DA VIDA

• GUSTAVO PORTO

A Dinho e Zeca

"Her majesty a pretty nice girl, a day I gonna make her mine".

Findo disco final na lógica da coleção: encaixado na frase. Ordem cronológica de fã ardoroso, dedicado, e de discografia importada, arrumada em estante fechada a cadeado, com letras discretas e douradas no centro da portinhola - BEATLES - e cons-

tantes avisos e repreensões para quem ousasse ouvi-la; mas era inevitável: cúpidos curiosos bisavavam os bisbilhotos, enervando-o, estorvando-o de incontida raivosidade em mãos em crispar-se e mordiscos nos beijos; punhos fechados, dentes cerrados na pancada na mesa, urro dórdio: de dor e ódio. A doméstica inocência protestada em nunca-bulo-burlo-ordens-do-senhor, encabuladas desculpas entabuladas, buliçosas mãos em recato de regaço e vergonha; promessas vãs, vis premissas descumpridas no vis-à-vis evitado. Sabia disso: passadas já: vezes tantas. Pé-a-pá, cê-i-ci, ên-cia requerida, requerida, requerida..., e por fim finada, exaurida, esgotada, acabada, esvaída..., desabado neurastênico.

(primus)

A formação do conjunto era igual: guitarras rítmicas e solo, baixo e bateria, dois microfones: um para o crooner, outro para os vocais; amplificador Phelpa e o sonho de um órgão Farfisa. Cabelos igualmente compridos, roupas pobremente psicodélicas. A pretensão uma só: transformar toda a cidade numa Liverpool, todos os rapazes em teddy-boys.

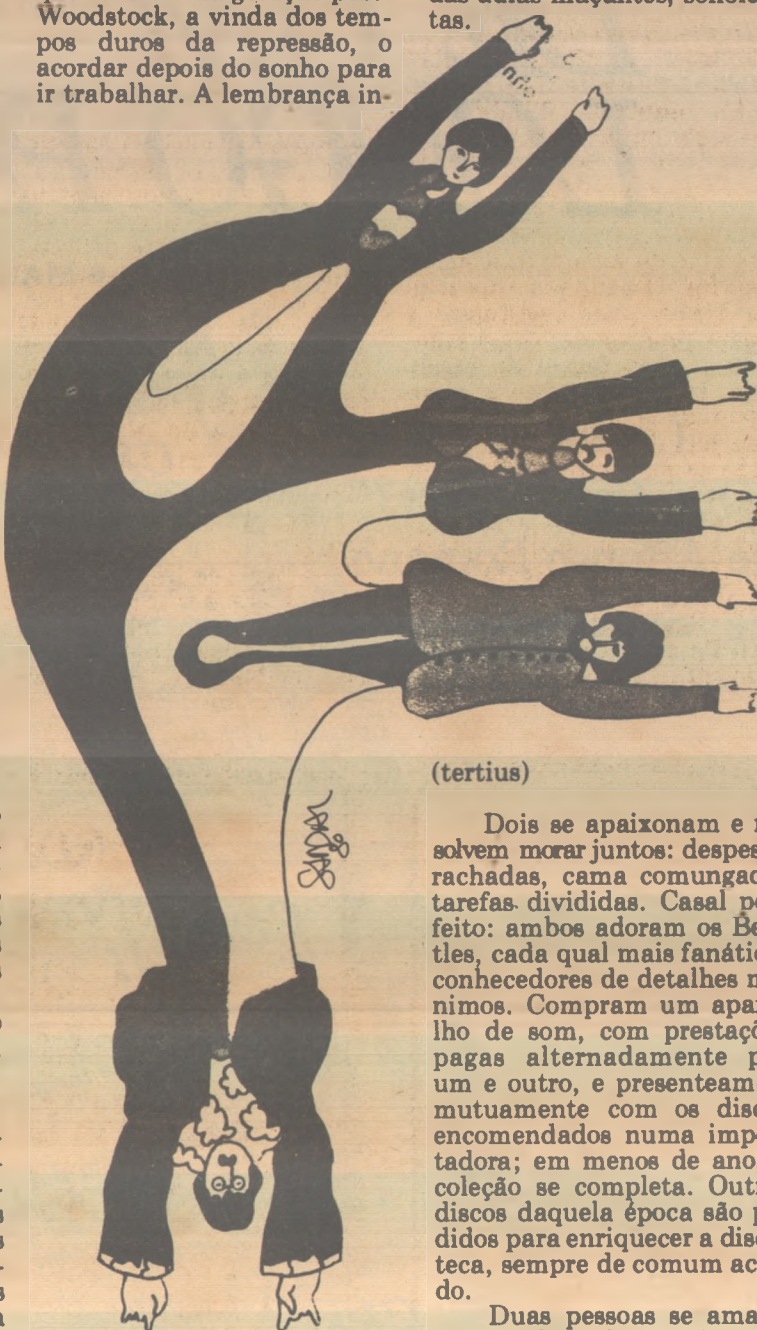
Os ensaios, na garagem do Ringo do grupo, juntavam as garotinhas e os desocupados do bairro, que se debruçavam na grade do portão, berando, pedindo uma canção mais conhecida. Em cada bairro, um grupo beatle diferente, de pequenas diferenças nos repertórios: versões dos Blue Caps, originais no inglês enrolado (de ouvido), Mamas & Papas, Stones (lady Jane), Mutantes e as canções do FIC. Era a arte de imitação, do fingimento.

A chegada de novos discos exigia a renovação do repertório, tardes inteiras perdidas em busca dos acordes corretos, tardes de gazeta às aulas, de cotas e dinheiro emprestado, discos vendidos nas barracas da praça. A grana ganha em festas de debutantes e assustados, parte consumida em litros de rum com coca, fim-de-semana em Tambaú, o restinho para comprar couros, tarraxas, palhetas, cordas, válvulas...

Nas festas, a admiração surda dos pirralhos pelas guitarras, os recados das irmãs e primas ditos sem cerimônia, apenas pelo prestígio de serem amigos de um componente do conjunto, poder mexer nos instrumentos durante o intervalo. Madrugada era serenata, o motivo noturno da cachaca, no outro dia noticiada pela boca da musa e das vizinhas, espalhando-se colégio afora. Ensinar violão era pretexto de namoricos, de convites para visitas e bate-papos; na hora mesmo tocava-se as músicas preferidas com todos os detalhes: o solo da introdução, a segunda voz, dissonâncias..., era o próprio reconhecimento daquele semi-profissionalismo musical.

(secondus)

Como num flash, que revela instantaneamente uma cena obscura, vem a lembrança da separação, do fim do conjunto. Responsabilidades diversas justificavam: o vestibular, ano de maiores estudos; a necessidade de trabalho estável para outro que fugira e casara com a namorada (a turma cantando She's Leaving Home), a apatia que se fizera na geração post-Woodstock, a vinda dos tempos duros da repressão, o acordar depois do sonho para ir trabalhar. A lembrança in-



(tertius)

Dois se apaixonam e resolvem morar juntos: despesas rachadas, cama comungada, tarefas divididas. Casal perfeito: ambos adoram os Beatles, cada qual mais fanático, conhecedores de detalhes mínimos. Compram um aparelho de som, com prestações pagas alternadamente por um e outro, e presenteam-se mutuamente com os discos encomendados numa importadora; em menos de ano, a coleção se completa. Outros discos daquela época são pedidos para enriquecer a discoteca, sempre de comum acordo.

Duas pessoas se amam, vivem felizes, harmônicas entre si.

Album Branco (duplo)

"She's not a girl, who misses much...

... Happiness, it's a warm gun"...

Discutiram como discutem todos os casais: por causa de besteira. Temperamento comum, repelem-se: o som pra um, os discos pro outro; mobília dispersa, lar desfeito. Let it Be

"The long and winding road"...

Despediram-se como dois velhos amigos: um nó na garganta, o peito querendo vazar, o orgulho prendendo o choro. Depois

Depois, a vida tomou-lhes o rumo.

(finale)

"When I get older, losing my hair"...

O segredo vaza quando adentra a sala: seu pai, sentado e olhando pro mundo, canta baixinho a música que vem da radiola.

ROTEIRO PARA CURTA METRAGEM DE UM LONGO PAÍS

• MARCOS TAVARES

(sobre o poema
"Que País é Este?",
de Affonso Romano
de Sant'Anna)

CENA I

(com filtro negro)

Na solidão da sala escura
o censor fura o bolso
e se masturba
em nome da castidade nacional

(Corte Rápido)

A empregada doméstica
faz a iniciação sexual
do patrãozinho,
tão bonitinho com seus cachinhos
de São João,
e uma guimba de fumo na mão.

CENA II

(Áudio)

Um riso cristalino
sai de um porão de tortura.

(Ação)

A mãe, uma comunista dura
apanha tanto para dar o roteiro do pai
que a criança desiste, e sai
para enfrentar o mundo com um sorriso;
e dois dentes de siso.

CENA III

(Em plangêe)

A mãe se entrega ao motorista,
a filha dá a um artista plástico.
O pai dorme com a melhor amiga
do casal e o avô - um imoral -
lé Henry Miller enquanto rega o quintal
com sua mangueira flácida.

(Corte rápido)

Todos de pé
na porta do banheiro
esperam a vez
de usar o bidê

CENA IV

A bola passa do pé de Pelé
para o bolso do juiz.

(Corte rapidíssimo)

CENA V

A filha vê na gravata do pai
um símbolo sexual,
e desenvolve uma tese magistral
sobre o assunto.
(Câmara aproxima e pega pai e filha
rompendo juntos
o hímen da madrugada)

ATENÇÃO PRODUÇÃO: -

Se a censura achar dura esta cena
bota aquela da filha que se envenena
violada pelo pai de bode.
Operário pode!

CENA VI

(Com filtro cor-de-rosa)

Danusa Leão tem quinze anos
e dança a valsa com Ibraim Sued.
Na rua o povo pede a volta
dos generais ao poder,
e ninguém vê um mendigo na rua.
O Cristo Redentor tem um riso clínico
como quem diz: - É a tua.

CENA VII

(Ainda cor-de-rosa)

Ganhamos a copa do mundo
as Olimpíadas
as regatas de verão
o torneio de gamão
a guerra do alemão
o campeonato de palavrão

(Será que tem muito ão
nesta cena,
não acha não?)

CENA VIII

(Tira o filtro cor-de-rosa)

Um atleta gosa
com a cara de um baixinho.
O baixinho que sabe judô, dá um grito
e se caga de dor
atingido no plexo solar
pelo elemento provocador.

CENA IX

(Com filtro azul-degradêe)

Um terrorista rouba as agulhas
de Clovis Bornay
que - ato contínuo - desmaia
e cai de quatro para trás.

Não se levanta mais.

CENA FINAL

Um cego ganha a loteria,
compra dois olhos
de um turista italiano
e se mata com saudade
de Milano.

1. Publicado pela primeira vez, em forma de livro, nos idos de 1855, em primeira pauta reconhecido como o *Naturalismo* e definitivamente pela experiência moderna, o romance “*Memórias de um Sargento de Milícias*” revela-se singular no corpo histórico de nossa ficção literária. Singularidade esta atinente a dois aspectos fundamentais: um textual, inferido da estrutura formal e conteudística da própria obra, como também das múltiplas posições críticas respeitantes às possíveis propostas de seu discurso; outro, aquilatado de certa contemporaneidade do romance, ou mesmo no contextual de seu deslocamento cronológico.

Explico. O primeiro aspecto concerne ao referente interno da narrativa, ou seja, a dualidade indissociável de *forma e substância*, desencadeante das várias interpretações no tocante à natureza classificatória do romance: obra *realista* e *naturalista* avant le lettre, na linha estética do *romance de costumes* (1) - obra *independente* do jugo dogmático das *Escolas* (2) - obra *picaresca* (3) - *romance documental* etc. etc. O segundo aspecto diz respeito ao descompromisso da narrativa em face dos postulados românticos então vigentes, instrumentalizado no sentido de apreender, memorialmente, características peculiares à determinada época - o tempo do rei (Dom João VI).

No presente trabalho, consciente da não superação da ensaística pertinente ao romance de *Manuel Antônio de Almeida*, pretendo desenvolver os aludidos tópicos, retocando-os com minhas observações pessoais, formadas a partir (e ao transcurso!) de uma breve releitura das “memórias de um menino que foi sargento de milícias”, na fórmula de *José Veríssimo* (4).

2. Foi para *José Veríssimo* que “*Memórias de um Sargento de Milícias*” se apresentou como forma antecipada de romance *realista* e *naturalista*, na medida em que, realisticamente a narrativa enfoca “fatos reais e nos fala de coisas, *res*, verdadeiras, com verdade” (5), e, naturalisticamente, “porque na representação dessas coisas cinge-se estreitamente ao natural, sem exagerar ou deturpar, por processos de estilo ou singularidade de concepção, a chata realidade das coisas” (6).

Ora, vamos e convenhamos, para mim o antigo crítico exagera no seu enquadramento classificatório. Simplesmente extrai de alguns dados particulares e isolados uma concepção totalizante e generalizadora, o que me parece pouco científico. Parece-me óbvio que o romance de *Manuel Antônio de Almeida* contenha alguns relances da normativa *realista* e *naturalista*, o que não se afigura suficiente para conferi-lo tal natureza estética. O *Realismo*, além do compromisso com a veracidade dos fatos, entrevistado nas *Memórias*, firma-se essencialmente no engajamento fulcrado nas bases de uma apreensão crítica, combativa e re-constituidora da realidade social, tanto no nível político, como no econômico e eclesiástico. Além, muito além, pois, da criticazinha superficial, roçagante, ligeiramente mordaz das *Memórias de um Sargento de Milícias*. Quanto à relação ou enquadramento com o *Naturalismo*, me parece ainda mais absurda, vez que o “*naturalismo* prolongou e, ao mesmo tempo, exagerou o realismo” (7). A essência do romance *naturalista* reside no princípio da hereditariedade, sob o qual se dá a convocação “de exemplares patológicos de toda espécie, incluindo as teratologias hospitalares ou as nauseantes deformações físicas e psíquicas” (8). Lembro aqui “*Teresa Raquin*” e sobretudo “*A Besta Humana*”, de Zola! Quão distante se situam as veleidades narrativas de *Manuel Antônio de Almeida*!

Inobstante, assiste razão a *José Veríssimo* quando o faz presumir romance de *costumes*, ao identificar, como objetivo do autor, o de pintar “a vida e a sociedade brasileira em uma determinada época” (9). Realmente, as “*Memórias de um Sargento de Milícias*” são um autêntico romance de *costumes*, na medida em que recompõe os hábitos, traços, crenças, comportamentos e atitudes de certa camada social em determinada mensuração de

NOTAS À MARGEM DAS MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

• HILDEBERTO BARBOSA FILHO

espaço e de tempo (o urbanismo embrionário do Rio de Janeiro e a época do Rei). Romance de *costumes* ainda pela criação (ou descrição!) de verdadeiros arquétipos sociais, calcados na irreverência duma linguagem caricaturesca, como por exemplo: a *Dona Maria*, maníaca de demandas - o *mestre de rezas* - a *comadre* - o *teotônio* - o *juca valente* - *Maria regalada* e o indiscutível *Major Vidigal*.

Note-se também a expressiva intencionalidade do autor em referir às múltiplas espécies de festas (funções) daquela época, como no fornecimento de quadros folclóricos típicos daquele tempo, sintomaticamente numa perspectiva nostálgica, o que vem robustecer a teórica do romance de *costumes*.

Num nível, portanto, pode-se classificar o romance como obra de *costumes*. Isto porque noutra perspectiva, se se leva em conta o registro sucessivo de acontecimentos, a variabilidade imensa das histórias encaixadas, o acicate provocador da curiosidade de quem lê, o romance de *Manuel Antônio de Almeida* corresponde perfeitamente ao modelo de *romance de ação*, consoante proposta e terminologia de Edwin Muir, em seu clássico “*A Estrutura do Romance*”. (10). Como se pode verificar, a ação em “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, se desloca frouxamente em vários planos, fugindo sempre a qualquer unidade de rigor concentrativo. O que importa é sobremaneira narrar os fatos, os diversos eventos e episódios num evoluir progressivo, sem aprofundamentos de descrições ou análises psicológicas. Importa contar, rápido e contínuo! E tal necessidade é tanta que, muitas vezes, o narrador interrompe bruscamente a narrativa (principal!) para centralizar sua atenção em outras histórias, naquele afã de pôr o leitor corrente de tudo, satisfazendo sua curiosidade. Só a título de exemplo, observe-se o seguinte período, no Capítulo *Descoberta*:

“*Deixemos agora o Leonardo vítima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras coisas. Há muito tempo que não falamos em Dona Maria e na sua gente*”. (11).

E na esteira deste, multiplicam-se outros parágrafos.

Outro pormenor interessante, através do qual identifico a narrativa de *Manuel Antônio de Almeida*, como *romance de ação*, está no sacrifício inflingido a certas personagens secundárias em proveito da figura central da estrutura narrativa, ou seja, o castigo de danos para alguns, desde que o herói (ou anti-herói!) volte à paz e possa desfrutar de seus anos de prosperidade. A propósito, concretamente sucede isso no Capítulo *A Morte é Juiz*, onde ocorre o falecimento de *José Manuel*, de forma inesperada e conciliatória, romântica por assim dizer, para o bem somente de *Leonardo Filho*, que herda a viúva e parte de sua herança!

Assim sendo, adianto uma conclusão: o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, sem consubstanciar uma autêntica obra *realista* ou *naturalista* (embora apresente algumas notas próprias de tais estéticas), firma-se como *romance de costumes*, por um ângulo, e *de ação*, por outro, escrito na época em que se pontificava o *Cânone Romântico*.

Sem se deter sobre a classificação da *Teoria Literária*, mas apenas jungido ao didaticismo corriqueiro da periodização histórica das escolas, *Ronald de Carvalho*, acertadamente, viu nas “*Memórias de um Sargento de Milícias*” uma obra independente e autônoma, na medida em que não obedece aos ismos inerentes de qualquer escola, conquanto

tenha sido escrita sob o quadro dominante do *Romantismo* (12). Verdade! Não posso dizer que se trata de obra *realista* ou *naturalista*, romântica também não, simbolista ou moderna muito menos! Nesse sentido, *Memórias de um Sargento de Milícias* é um romance controverso, sem natureza própria que o filie a limpidez de alguma estética. Romance isolado, à margem das literaturas como diria *Mário de Andrade* (13), sem se caracterizar, entanto, como *romance picaresco*. Aliás, quem trata bem desse assunto é *Antônio Cândido*, em seu estudo “*Dialética da Malandragem*”.

O aludido crítico, examinando percutientemente a questão, conclui por errônea a proposição de *Mário de Andrade*. A despeito de vislumbrar algumas leves afinidades com o *romance picaresco*, *Antônio Cândido* não o considera como tal, e a meu ver, corretamente. Ora, pondo em revista alguns postulados estéticos do *pícaro*, o crítico demonstra cabalmente a inviabilidade dessa classificação. Em primeiro lugar, afirma *Antônio Cândido*: “Em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito” (14), o que não se dá com o livro de *Manuel Antônio de Almeida*, narrado em terceira pessoa e onde o ângulo da realidade se desconcentra de seu ponto de vista. Por outro lado, assomam outras diferenças relevantes, tais como: aprendizagem pela experiência do herói pícaro não ocorre com *Leonardo Filho* - a variabilidade do espaço físico e social do romance *picaresco* não está presente no livro de *Maneco*, preso apenas à área urbana do Rio de Janeiro e à determinada camada social da população, aquele panorama da pequena burguesia, à margem dos poderosos e dos mais dominados - a limpidez da linguagem das *Memórias* também se distancia do estilo grotesco, cheio de picardia dos romances *picarescos*. As afinidades por conseguinte, cotejadas com as discrepâncias, reúnem um menor peso, insignificante até, para nomear e caracterizar um romance daquela natureza, conforme se vê em: *La Vida de Lazarillo de Tormes* e *Vida y Hechos de Estebanillo González*. Em oposição a idéia de *romance picaresco*, *Antônio Cândido* prefere designá-lo como *romance malandro*!

Em se tratando de caracterização como *romance documental*, o mestre *Cândido* também apresenta irredutível oposição, preferindo-lhe considerar *romance representativo*. A propósito, consulte-se o já citado “*Dialética da Malandragem*”.

Ora, o *romance documental* tem no documento, no registro, na captação imparcial dos principais aspectos da sociedade, como um todo, sua finalidade precípua, seu *leitmotiv*, por assim dizer. Visa, sobretudo, uma descrição completa dos fatos que bem caracterizam uma determinada sociedade. Sua nota ímpar repousa na abrangência e em

certa dose de imparcialidade, na proporção em que o romancista se omite do exercício de qualquer tarefa judicativa, o que me parece demasiado pretensioso. Mas isso é outro assunto.

Em “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, o documento não se faz objetivo capital, em que pese, deveras, o compromisso do narrador no sentido de rememorar uma época já passada: “Era no tempo do rei”, fórmula de localização da ação no tempo e no espaço. Como se pode verificar, tal compromisso se refere apenas a uma específica camada social, não se concebendo, por conseguinte, um painel abrangente do *Rio de Janeiro* de então. Por outro lado, conforme bem ressalta *Antônio Cândido*, apoiado numa observação de *Mário de Andrade*: “Havia, porém, um elemento mais antigo e importante para o cotidiano que formava a maior parte da população e sem o qual não se vivia: os escravos” (15). Somente a visível lacuna desse elemento serve para descaracterizar a natureza documental do romance de *Manuel Antônio de Almeida*. Na verdade, não posso negar a riqueza documental do romance em foco, já entrevista por *Mário de Andrade*, mediante os múltiplos informes a respeito de hábitos e credences daquela época. Isso no entanto não seria o bastante!

3. Analisadas, assim, as diversas colocações teóricas no tocante às “*Memórias de Milícias*”, passarei para o segundo tópico de meu comentário, ou seja, *é este um romance romântico ou não? Por que?*

Analisando-se alguns romances de *José de Alencar*, *Joaquim Manuel de Macedo*, *Bernardo Guimarães*, louzeiros da estética romântica de então, verifico que em “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, pouco ou quase nada há de aplicabilidade dos postulados românticos. O romance de *Manuel Antônio de Almeida*, a despeito de vir à luz em pleno *romantismo*, coevamente às obras dos autores acima referidos, não deve ser considerado como *romance romântico*, como ligeiramente deixa transparecer a seguinte afirmativa de *Afrânio Coutinho*: “Não se esqueça tampouco um traço marcante: a intenção de procurar, pela sátira, a correção dos costumes. Nisso, como em tudo o mais, um romântico, para quem a arte deve ter um propósito de saneamento e reforma”. (16). Creio que tal referência diz respeito à pessoa de *Maneco* e não particularmente à sua obra. Esta não é romântica nem a nível formal nem a nível conteudístico. Mostrarei!

Em primeiro lugar, no âmbito da estrutura formal, desponta a linguagem como elemento distintivo das “*Memórias de um Sargento de Milícias*”. Ao invés de uma linguagem opulenta, eloquente e metafórica (veja-se “*Senhora*”, de *José de Alencar*), verifica-se uma linguagem simples, direta, cheia de chavões comuns, de ditos e expressões populares, inencontráveis no *romance romântico*. Observe-se unicamente a título de exemplo: “e era estranho até não poder mais” - “Deus é assim, escreve direito por linhas tortas” - “E apanhou tudo, como se costuma dizer, com a boca na botija” - “dera tudo em fogo de palha” - “E entretanto aquele lhe viera pôr sal na moleira” - “foi pouco a pouco pon-do barro à sua parede”, etc. etc.

É o aproveitamento do coloquial para o nível sintagmático da narrativa. Atitude avançada e até certo ponto chocante para a época. Como se sabe, a transposição da linguagem coloquial para o texto literário somente angariou importância no *Modernismo*, principalmente com o ciclo do romance nordestino.

Em outro aspecto, a linguagem das "*Memórias de um Sargento de Milícias*" liga-se diretamente à realidade das coisas narradas, fugindo propositalmente ao despotismo corrente da super-imaginação. E é justamente esse senso de realidade que precipitou certas opiniões no sentido de um possível romance *realista* ou *naturalista*. José Veríssimo, por exemplo, lembra a cena de declaração de amor do *Leonardo Filho à Luisinha*, e sobretudo, a cena do parto do segundo rebento de *Leonardo Pataca*. Por mim, eu lembraria o realismo cômico (satírico!) da cena em que se descreve a descoberta do *Mestre de Cerimônias* na casa da cigana, em noite de função.

Ainda no nível da linguagem, se sobressai a lacônica e picante descrição do primeiro encontro de *Leonardo Pataca* com *Maria*, direta, sem rodeios, defalcada dos salamaleques das descrições românticas:

"Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à Borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-lhe como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda" (17).

Em segundo lugar, do ponto de vista estritamente do conteúdo, há várias colocações que julgo relevante enfocar. Naturalmente, essas colocações servem para demonstrar ainda mais a não correspondência das *Memórias de um Sargento de Milícias* com a verossimilhança romântica.

Inicialmente, existe uma diversidade no tratamento das personagens. Ora, no romance de Manuel Antônio de Almeida estão ausentes os personagens aristocráticos, tão abundantes no *romance romântico*. Como já se referiu anteriormente, o elenco de personagens das *Memórias* se compõe de gente do povo, de verdadeiros tipos sociais, onde se impõe a função ou profissão em lugar do nome. Daí, falar-se em: a comadre - o barbeiro - o grana-deiro - o mestre de rezas - o meirinho - a cigana, etc.

Outra questão significativa atinente à diferenciação das *Memórias* para com o *romance romântico*, está na maneira como o narrador aborda a problemática do amor. A propósito, no capítulo "*Empenhos*", há uma passagem bem eloquente a respeito:

"Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a matéria, e acreditamos que não há que fiar em poetas: chegamos por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último" (18).

Trata-se indubitavelmente de uma posição interessante e contrária à perspectiva dos autores românticos, vez que, para estes, o amor verdadeiro é sempre (ou quase sempre) o primeiro. Aliás, quando Manuel Antônio de Almeida se socorre do termo poetas, não o faz gratuitamente. Parece-me um recado aos autores românticos de sua época! Não obstante, o próprio narrador não põe sua teoria em prática na urdidura da narração. O enlace final de *Leonardo Filho* com *Luisinha* vem contradizer às suas elocubrações cupidianas. Talvez a grande solução romântica do livro!

Outro pormenor bastante elucidativo da inverossimilhança romântica das "*Memórias de um Sargento de Milícias*" encontra-se na superação da visão maniqueísta, acentuada-mente decantada no *romance romântico*. Nas *Memórias* não há oposição sistemática entre o Bem e o Mal. Há como que uma unidade dialética de tais entidades. O jogo de interesses apresenta-se de maneira tal que o Bem e o Mal se confundem perdendo seu ca-

ráter de absolutismo. O Bem e o Mal, objetivamente, são relativizados! Quem certamente demonstra isso é Antônio Cândido, em sua "*Dialética da Malandragem*", sobretudo quando trata do problema dialético da ordem e da desordem. Muitas vezes, aqueles que representam a ordem caem na desordem (ou vice-versa), como por exemplo: o *Major Vidi-gal* e o *Mestre de Cerimônias*, ambos chegados às uniões amorosas clandestinas, à revelia da moral oficial e da lei.

Finalmente, devo ressaltar o aspecto crítico (o deboche!) do romance, ao decalcar várias mazelas e ridículos da sociedade, característica, não muito corrente no *romance romântico*, voltado mais para as temáticas subjetivas, onde a imaginação prepondera sobre o senso de realidade. Dentro dessa linha de raciocínio, posso destacar os seguintes tópicos, na qualidade de atitude crítica do narrador em face da estrutura social de então:

1. crítica da atividade forense, da vida jurídica, onde o que menos importa é o Direito frente às propinas e ao desleixo da vida pública;
2. o nepotismo como instituição essencial nos relacionamentos humanos;
3. exposição ridícula do clero, o que me faz lembrar algumas passagens de "*O Crime do Padre Amaro*", de Eça de Queiroz.
4. Concluindo em face do exposto, considero "*Memórias de um Sargento de Milícias*" um típico *romance de costumes*, escrito no período do *Romantismo Brasileiro*. Sua importância principal está no fato de que, fugindo aos parâmetros do *romance romântico*, desencadeou um novo ciclo na ficção nacional, na medida em que veicula um exercício crítico perante os costumes e idiosincrasias da sociedade.

XXXXXX

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. VERÍSSIMO, José - "*Um Velho Romance Brasileiro*" - in. *Memórias de um Sargento de Milícias* - Edição Crítica de Cecília de Lara - Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira - Rio de Janeiro - 1978, pág. 297.
2. ANDRADE, Mário - "*Introdução*" - *Idem*, pág. 303.
3. CARVALHO, Ronald - *Pequena História da Literatura Brasileira* - F. Briguiet e CIA, Editora - Rio de Janeiro, 1957, pág. 256.
4. VERÍSSIMO, José - *Op. cit.* pág. 294.
5. *Idem*, pág. 297.
6. *Idem*, pág. 297.
7. MOISES, Mussaud - *Dicionário de Termos Literários* - EDT. Cultrix - São Paulo, sem data, pág. 356.
8. *Idem*, pág. 356.
9. VERÍSSIMO, José - *Op. cit.* pág. 291.
10. MUIR, Edwin - *A Estrutura do Romance* - Ed. Giobbo, Porto Alegre, 1976, págs. 7, 8 e 9.
11. ALMEIDA, Manuel Antônio de - *Memórias de um Sargento de Milícias* - Edições de Ouro, pág. 231.
12. CARVALHO, Ronald - *Op. cit.* pág. 256.
13. ANDRADE, Mário - *Op. cit.* pág. 313.
14. CÂNDIDO, Antônio - "*Dialética da Malandragem*" in. *Memórias de um Sargento de Milícias* - Edição Crítica de Cecília de Lara - pág. 319. Vide do mesmo autor: *O romance em Moto Contínuo, em sua Formação da Literatura Brasileira 2º Vol.*
15. *Idem*, pág. 326.
16. COUTINHO, Afrânio - *Introdução às Memórias de um Sargento de Milícias* - Edições de Ouro.
17. ALMEIDA, Manuel Antônio de - *Op. cit.* págs. 33 e 34.
18. *Idem*, págs. 255 e 256.

XXXXXX

O ATO CRIADOR

• MARIANA CANTALICE SOARES

O tema do ato criador, eminentemente subjetivo, vem sendo estudado pelos pensadores, no decorrer do tempo. Para alguns, não é possível explicá-lo. Surgem, assim, novas dúvidas e indagações.

Não se deve sentir a arte como exclusivo produto de uma revelação misteriosa ou como resultado preciso de uma difícil realização. Feita, simultaneamente, de meios racionais e técnicos, por um lado, e de intuição e revelação, por outro, a arte implica criação e elaboração.

Inicialmente, o artista se acha estimulado a criar, a exprimir o que sente. Esse estímulo advém, muitas vezes, de uma música, de um fato que o sensibilize, de uma paisagem, uma cena, de um sofrimento. Como num passe de mágica, ele recia a realidade do quotidiano. Alcança uma "outra" realidade, aquela que não é formada por aparências nem falsos valores.

O artista encontra na arte a melhor maneira de revelar-se e de revelação da própria existência. Acredita que, para além de nós próprios, existe alguma coisa pela qual vivemos e sobre a qual só podemos afirmar algo com auxílio de absurdos. Como diria Shakespeare, "O resto é silêncio". O "resto" só é permeável no espírito. É este silêncio que tudo cala e tudo indaga, suscitando dúvidas, motivando ao artista novas criações. O poeta espera, através do seu poema, alcançar o absoluto, havendo a fusão do subjetivo e do objetivo. São, assim, unidos os contrários, eliminando-se, nos instantes mágicos da criatividade, o caótico que impera no mundo.

Passado o "encanto" desse instante, recorre-se aos atos seletivos, buscando dar forma a essa impulsão inicial. Acontece uma espécie de entrelaçamento entre mistério e lucidez.

A criação poética está ligada não só à atividade consciente do homem, pois também se relaciona com o seu dinamismo inconsciente. Num trabalho literário, a retirada, em um nível consciente, daquilo que foi projetado nela em um nível inconsciente, traz, em alguns casos, o seu resultado positivo.

A obra de arte não pode ser considerada, apenas, um estado de inspiração embriagante, da maneira como foi, durante a época do Romantismo. No seu trabalho, o verdadeiro artista não pode excluir a razão. Esta deve estar presente ao lado do sentimento e da sugestão.

O poeta, realmente, é envolvido por um instante indecifrável, em que se dá a "revelação". Esse momento é decisivo para a criação do seu poema. Entretanto, numa outra fase do seu trabalho, ele vai reformular o que fez, "cortar" certas palavras, acrescentar outras, tentar dar mais vida ao que escreveu. Afirmou Simone de Beauvoir: "Se existisse um conteúdo definido, que se poderia embalar nas palavras como se embalam chocolates numa caixa, então a procura da forma não teria nenhum interesse".

O artista precisa saber tratar a sua emoção, transmiti-la, conhecer todos os recursos com que a natureza pode ser dominada.

Em sua origem, a arte assumiu um papel mágico. Paulatinamente, perdeu essa forma primitiva de magia, dando lugar ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social. Dependendo da sociedade, pode, algumas vezes, predominar a sugestão mágica; outras, a racionalidade.

Não se deve conceber a arte como simples descrição do real. Sua função é

também a de levar o indivíduo ao reencontro consigo mesmo e a indetificar-se com a vida de outros.

Vale ressaltar que, na arte, há sempre um pouco de magia. A criação tem um poder mais decisivo do que a elaboração. O artista literário, fazendo o seu trabalho com menos rigidez e ansiedade, libera sua imaginação, dando ao que escreve um certo encantamento envolvente, um certo mistério jamais alcançados por aqueles que, exageradamente, supervalorizam "regras", "técnicas", "modelos". Não é demais lembrar Diderot, no seu artigo *Génie* com que contribuiu para a *Enciclopédia Francesa*, quando diz que "o génio é a força da imaginação, o dinamismo da alma, o entusiasmo que inflama o coração, a capacidade de vibrar com as sensações de todos os seres e de tudo olhar com uma espécie de espírito profético".

Apesar das restrições que devem ser feitas à teoria do génio implantada em França por Diderot, há, também, algo de válido nas suas palavras.

Afirmei, no início, que o estímulo do artista advém, muitas vezes, além de outros fatores, do sofrimento. Gostaria de fazer algumas ligeiras colocações a esse respeito, de tal forma acredito que a Dor exerce indiscutível influência na arte. Diante dos impasses definitivos com que se defronta ao longo da sua existência, o homem veria na criação uma forma de sublimar a "realidade". O artista que toma ciência da tragicidade da condição humana, do absurdo da vida, da inutilidade da existência, dos mistérios da dor e da morte é levado a escrever sobre os problemas mais questionáveis e dolorosos da criatura. Devastado pela preocupação de um sentido para a vida, transfere toda a sua angústia existencial para as suas criações. Surgem, assim, poemas, romances, crônicas, contos, onde a Dor se destaca, em toda a sua extensão de grandeza e de tragédia.

Acredito, como venho afirmando desde o princípio, que a arte é, simultaneamente, criação e elaboração. Mas quero enfatizar que na minha opinião, o fator criatividade se sobrepõe ao fator elaboração, embora ambos sejam de relevante importância para o trabalho artístico.

O artista não alcançará um bom desempenho se ele não se sentir estimulado a criar. Envolvido por aquele momento em que estranha a própria realidade do quotidiano para transcende-la e alcançar o inefável, poderá realizar um trabalho muito mais criativo, onde a marca do seu estilo sobressaia.

Do contrário, se tenta forçar a sua natureza e escreve alguma coisa baseada, apenas, em "rótulos", "normas", "modelos", terá como resultado um trabalho monótono, sem vida, por maior que seja o seu domínio das várias técnicas... Estarão ausentes aqueles aspectos encantatórios e mágicos tão imprescindíveis na arte. "Regras" e "modelos" podem, inclusive, bloquear a criatividade do escritor se não forem utilizados com equilíbrio.

O trabalho artístico é, pois, criação e elaboração, desde que a preocupação com os meios racionais e técnicos seja bem dosada. Conduzindo a criatura a um conhecimento mais amplo da existência e a do Ser, a Arte faz parte dos mistérios do humano e participa da vida no seu contexto social.

INVENÇÃO

• ELMANO MENEZES

(À MARIA IGNEZ AYALA)

- 1- invenção é tudo.
a filosofia morreu de cancrogonosifilis.
não há poder na fala
nem nos cavalos ruminando medo.
não há homens brutos
fornalhados nos combates.
e o cavalo só não é bandeira bélica.
o homem segreda no jantar
seu mistério cavalgar
e um cheiro de complô expreme-se da latrina.
o amanhã não é invenção.
(como todas as coisas)
o retrato colorido na sala
anseia pelo antigamente
numa fuga desesperada.
o sol apaga-se.
o homem vira sério do pênis pra cima.
só marca sua fortaleza
as galáxias indistintas
(na dança dos 7 véus)
- 2- invenção é tudo.
o dia espalha sua espera terrestre
numa canção caduco
sepultada de óbitos.
e não há hora para calar
as idéias entendem-se telepaticamente
nos meses fecundos de inverno
entretanto, o mineral é mais forte.
um poema nem sempre é canção.
- 3- julho nestes verões é cruel.
a poesia está morta de poesia.
entre o assoalho e o espaço
corpos ácidos
vêm estupefatos os
últimos idílios da via-láctea
de súbito o exílio se faz presente
e, "verso charco
é tudo que se pode dizer de um homem
amargo".
corpos incendeiam-se nas prisões
neste tempo futuro presente incógnito.
crianças orfãs procuram
pensar em comer suas vísceras.
sob os automóveis e trópicos o sexo é mais violento.
joão pessoa denoite
é momento silencioso.
seus caminhos são curtos
rosas noturnas
nos últimos noturnos
obumbram
plam-plam-plam-plam-plam-plam
no seu noturno
asfalto
na cisma de um muro
(poeta anônimo)
"adeus à poesia"
o vlate decepado
da lira do poema
do ploeta da anti-musa
do poema ensanguentado
do poem
do poem"
- 4- o dia não se repete.
afoguei minha lógica no sanhaú
e essa vontade de não fazer nada
é o meu museu.
a memória falha
não lembra mais daquelas tardias tardes
onde não falávamos
(mas nossas gastas retinas falavam)
resta uma pútrida lembrança
longínqua.
e uma bossa-nova
(com muito amor).

- 5- poesia é invenção.
todos os mortos estão temporais
presos na pele da kaza.
o pão sobre a mesa mofa.
(no seu lado de trigo e relíquia)
um homem gordo esmaga a cidade.
que passa na cidade
que passa na américa do sul
e com os espíritos de suas baleias
mortos entre câncer e capricórnio.
poesia é repetição
no tempo atemporal atemporal
- 6- ício sempre te quis ócio.
pra ver com olhos teus tudo que passou
tudo que ficou entre o amor e o pânico e
amo,
a tua vulvinha cálida
onde brilham galáxias de sóis
emaranhados de pêlos.
(pêlos que cheiram a masturbação).

UM POEMA DE RITA MONTEIRO

A colcha que teço
numa enorme chama de criar
nasce de ti - fio tênue
com as cores que ferem meu caminhar

O manto este, com que me cubro
embora curto é já quente
nasce de dentro - premente
manifesto do ente com o mundo

As mãos que nele trabalham
cheias de tanta energia
sejam alegres ou tristes
fazem dos calos guarida

Por isto percorrem e percorrem
longas tramas traçadas no ar
e sabendo quanto as solidões corroem
perdem-se a buscar no fio um comprimento que não há

MOMENTO

• THERESA CALVET (A ANDRÉ)

I

Seu corpo me lembra
Uma rua estreita
Numa cidade antiga
Coberta de pedras
à nostalgia

Sua barba me lembra
Uma idéia escondida
Os olhos suas sombras
Me lembram a ternura
perdida

Sua boca me recorda
Sorrisos, um grito
Suas mãos tão finas
Uma nuvem meu corpo
descobrem

Seus braços um encontro
Seu olhar uma espera
Seu silêncio um encanto
Recordo tudo encoberto
desespero



Amanhã, às 20:30 horas, no Teatro Lima Penante, será exibido o filme "Liames: O Mundo Espanhol de João Cabral de Melo Neto", do cineasta pernambucano Carlos Henrique Maranhão.

Economista, 36 anos, nascido em Recife e recém-chegado de Paris, onde passou 9 anos, Carlos Henrique Maranhão trabalha em cinema desde 1970,

como assistente, roteirista, co-produtor e diretor. É primo de João Cabral de Melo Neto com quem, inclusive, discutiu o projeto desse filme cujo roteiro foi escrito com Francisco Lopez, linguista e profundo conhecedor da poesia cabralina.

• • • • •

(Depoimento de Carlos Henrique Maranhão sobre João Cabral e sobre o argumento de "Liames")



O MUNDO DE JOÃO DE MELO

Fotografias: Cenas do filme "O Mundo Espanhol de João Cabral de Melo Neto"

INTRODUÇÃO A JOÃO CABRAL DE MELO NETO

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife em Janeiro de 1920, filho de antigas famílias de Pernambuco e da Paraíba. Passou a infância nos engenhos Poço do Aleixo, município de São Lourenço da Mata, Pacoval e Dois Irmãos, município de Moreno. Estudou em Recife com os Irmãos Maristas. Trabalhou numa companhia de seguros, na Associação Comercial de Pernambuco, no Departamento de Estatística do Estado e, no Rio, para onde foi em fins de 1942, foi nomeado por concurso assistente de seleção do DASP (1943) e diplomata (1945). Em 1947 foi servir em Barcelona, depois em Londres, Servilha, Marselha, Madri, Genebra, Berna e novamente Barcelona. Ministro Conselheiro em Assunção em 1970, é hoje embaixador do Brasil no Equador.

Casou-se no Rio em 1946 com Stella Maria Barbosa de Oliveira e tem 5 filhos. Além de estágios no Rio, viveu em Brasília durante o governo Jânio Quadros, como Chefe de Gabinete do ministro da Agricultura. Em 1969 entra para a Academia Brasileira de Letras por unanimidade de votos de seus membros, decisão sua que provocou consternação em alguns setores da intelectualidade brasileira e compreensão e aprovação em outros.

João Cabral tinha dois anos de idade quando se realizou em São Paulo a Semana de Arte Moderna de 1922. Durante os anos de efervescência cultural e intenso experimentalismo que se seguiram, em que uma geração nascida na passagem do século bora caoticamente o que seria nosso primeiro programa literário nacional, "um menino bastante guenzo" perambulava pelos engenhos de sua infância.

O país vivia os dias agitados do tenentismo, da Coluna Prestes, de Lampião, o mundo ocidental vivia a euforia do pós-guerra e o ciclo de expansão sem precedentes da produção, que desfechou na grande crise de 29. Os gauchos amarravam seus cavalos na principal avenida da capital federal, as crises se sucediam, mas, pelas tardes, sentado "num velho cais roído" do Capibaribe, "na curva mais lenta do caminho pela Jaqueira", o menino pernambucano "olhava o rio como se fosse filme de cinema".

Todas as transformações
todos os imprevistos
se davam sem o meu consentimento.
Todos os atentados
eram longe de minha rua.
Nem mesmo pelo telefone
me jogavam uma bomba.

... reclamaria mais tarde o menino em seu primeiro livro de poemas. O cinema do rio, à força de repetir sempre o mesmo filme, parecia fora da história. O rio e seu eterno "cortejo de coisas vivas, mortas, coisas de lixo e despejo". E acompanhando seu curso, o cortejo de retirantes, como se fosse eternamente o mesmo, passava rumo a Recife.

Durante o dia o garoto ia à escola, a noite costumava ler voz alta, para os trabalhadores de engenho de seu pai, os folhetos de literatura de cordel que estes traziam sempre que iam às feiras.

Foi durante os anos da Segunda Guerra Mundial que João Cabral escreveu seus três primeiros livros: "A Pedra do Sono" (1940), "Os Três Mal Amados" (1943) e "O Engenheiro" (1942/45). Cabral pertence portanto, cronologicamente, ao que se convencionou chamar de "geração de 45" da poesia brasileira, da qual ele é, sem dúvida, a expressão mais importante.

No entanto, com a exceção do contato formal que se pode notar em "A Pedra do Sono", o caminho seguido por Cabral o afastou rapidamente dos padrões estéticos que caracterizaram seus companheiros de geração.

A desconfiança em relação ao mero instinto, sua recusa ao encantamento, ao emocionalismo, sua resistência a grandiloquência simbólica, levaram-no a associar muito cedo sua busca de concreção e depuração formal a uma exigência de nitidez de clareza de imagens. "Eu não fui impressionado pela poesia de Valéry, mas por sua teoria. Eu penso que tudo que é espontâneo é falso" - diria ele em 1966 numa entrevista à "Vida Literária e Artística", de Lisboa. A consciência de que a vivência imediata não é diretamente poética, ou seja, de que a emoção primária sentida pelo autor deve passar por um processo de mediação propriamente estética antes de se realizar na emoção sentida pelo leitor, esteve sempre presente em João Cabral.

Resultado desta consciência foi a preocupação constante do autor de limpar seu estilo de tudo o que "não fosse fato", de cultivar às avessas seu deserto, incinerando a vegetação: embaixo de qualquer folha "pode esconder-se a fraude". Esta preocupação, ao transformar-se em verdadeira obsessão, terminou por conduzir a poética de João Cabral a um momento crítico, o professor espanhol Angel Crespo. Este processo iniciado em "O Engenheiro" culmina com "Psicologia da Composição com a Fábulas de Anífon e Antíode" (1946/47), livros onde o tema central é o próprio processo de construção artística. Uma poesia que se mostra profundamente crítica a si mesma, mas que, a partir de um certo momento se transforma numa poética autofágica. A busca obstinada de depuração, uma vez eliminado todo o supérfluo, ameaça destruir o que purifica.

Era, em certo sentido, a dinâmica real da cal viva para usar uma imagem do próprio Cabral, que não tendo mais o que roer "só roeria os dentes: enfim a autopolicia". Foi depois de chegar a este momento que a obra de João Cabral sofreu sua mais importante mudança de rumo e que este atingiu sua plenitude e maturidade como poeta.

ESPAANHOL CABRAL O NETO

anhof de João Cabral de Melo Neto.

CABRAL DE MELO NETO

A partir de 1947 quando foi servir como diplomata em Barcelona, João Cabral vivera na Espanha, com intervalos esporádicos, um total de quase 20 anos. Durante este tempo ele escreveu a parte essencial de sua obra. Ele chegou à Espanha na hora em que sua poesia enfrentava o momento a que nos referimos acima. E como notam Angel Crespo e Pilar Gomez Bedate, se Cabral optou por recolocar, a partir da raiz, o problema da poesia, “há uma decisiva influência espanhola, que não é possível minimizar” na forma em que isto se deu.

A trilogia do Capibaribe, como é comumente chamado o conjunto de seus três longos poemas narrativos sobre este rio e a epopéia dos retirantes que acompanham seu curso, marcaria a nova ótica de abordagem poética de João Cabral. A trilogia é constituída de “O Cão sem Plumas” (1949-50), “O Rio” (1953), e “Morte e Vida Severina” (1954-55). Comentando os dois últimos, Angel Crespo e Pilar Bedate observam que “O Rio e Morte e Vida Severina” são poemas que o tema, que podemos chamar é-pico, que o autor ataca, é abordado por meio de um procedimento narrativo (e dramático no segundo deles) que guarda estreita relação, tanto com os “romances” brasileiros, nos que sobrevive a antiga tradição do romance ibérico, como com os mesmos poemas medievais de nosso *romancero*, com o poema del Cid. Com os narrativos de Gonzalo de Berceo”. A influência da poesia medieval espanhola, da qual João Cabral é um profundo conhecedor, não só é reconhecida pelo autor como no caso de “O Rio”, trata-se de um efeito conscientemente buscado.

Mas a presença da cultura espanhola na obra de João Cabral de forma alguma se limita a esta influência de sua poesia medieval. Os homens e as coisas da Espanha constituem o tema da quarta parte de seus poemas. A temática espanhola está presente com 11 poemas em “Paisagens com Figuras” (1954-55), em “Quaderna” (1956-59), 5 em “Serial” (1959-61), 8 em “Educação pela Pedra” (1962-65) e 12 em “Museu de Tudo” (1966-74). Sem considerar que vários de seus poemas estariam indiretamente influenciados por sua vivência na Espanha e que inúmeros outros fazem referências diretas e indiretas às situações espanholas. Mas, mais que simples matéria prima temática, a realidade espanhola se reproduz de certa forma no próprio método de elaboração poético de João Cabral. A ponto tal que o que podemos considerar seu “manifesto poético” fundamental, “A Palo Seco”, se refere a uma modalidade do *cante hondo* flamengo por ele tratado como o modelo mesmo do objetivo a ser alcançado pela poesia. Sendo o próprio poema um exemplo perfeito da concepção por ele proposta.

Angel Crespo e Pilar Bedate observam que em “Paisagens com Figuras”, o conhecimento direto da Espanha, por parte de Cabral, esta centrado na Catalunha, enquanto que o conhecimento de Castela parece ser o produto de alguma excursão que o haveria impressionado. Mas neste livro já se enuncia “o tema que dará lugar aos melhores poemas de Cabral sobre a Espanha: a Andalusia”. O poeta ainda não havia morado em Sevilha, o que fará posteriormente, e seu contato com as coisas da Andaluzia são com o *cante flamengo* (expressados em “Diálogos”) e com as corridas de touro (Alguns Toureiros), assistidos em Barcelona. A Andaluzia parecia produzir no poeta um sentimento contraditório. O fascínio se associava a uma visão romântica, que lhe censurava a construção poética. Foi apenas depois de conhecer a Andaluzia mais profundamente e desfazer-se de sua visão romantizada, que João Cabral se deixou seduzir pelo fascínio que produziu poemas como “Sevilha” e “Estudos para uma Bailadora Andaluza”, além do “A Palo Seco”.

É interessante observar que alguns de seus poemas sobre a Andaluzia, sem abandonar a contenção e o despojamento que o caracterizam, apresentam uma atmosfera sensual, que estão ausentes no resto de sua obra “espanhola”. Uma intimidade do autor com a região, principalmente com Sevilha, natural da forte impressão que lhe causou e dos anos que lá viveu e onde, sem dúvida, paisagens e personagens infantis foram reencontrados. Mas esta sensualidade aparentemente infantil assume proporções adultas no caso de “Estudos para uma Bailadora Andaluza”, “A urbanização do Regaço”, “O Regaço Urbanizado” e “O Profissional da Memória”, essa última reforçada de sentimentos nostálgicos.

Outro aspecto importante da poesia espanhola de João Cabral é o que ela tem de marginal sem deixar de ser sólida. Sua obra sobre a Espanha é uma poesia de exílio, no que ela tem de nostalgia quanto à temática e no que tem de distância crítica quanto à abordagem. Ver as coisas de fora, de espectador, com um aguçado espírito crítico, e a nostalgia de não estar dentro, de ver sem viver, de olhar sem comer.

A Espanha tem, portanto, um papel importantíssimo na obra de Cabral. Por outro lado sua poesia é uma poesia visual, onde as situações, as paisagens e os personagens são descritos através de um estudo meticuloso de imagens que dão toda a dimensão destes objetos “segundo uma personalíssima técnica, apresentando sucessivamente cada um dos aspectos que deles descobre, com o que chega a insinuar uma sintaxe poética que se assemelha à montagem cinematográfica...”, como escrevem Angel Crespo e Pilar Bedate.

Se isto pode ser verificado com mais força em “Dois Paramentos” e em “Serial”, e se a construção de “Morte e Vida Severina” foi feita com objetivo de ser montada para o teatro e, eventualmente, adaptada para o cinema, o conjunto de sua obra não se propõe a isso. Ao projetarmos filmar o mundo espanhol de João Cabral, tentamos fazer um estudo desta parte de sua obra (naturalmente intimamente ligada ao conjunto) que queremos propriamente cinematográfico.



INTRODUÇÃO AO ARGUMENTO - TRATAMENTO

A estrutura do filme “O Mundo Espanhol de João Cabral de Melo Neto” terá como características essenciais a de representar cinematograficamente o processo de produção particular da poesia de João Cabral sobre as situações, paisagens e personagens da Espanha, bem como a de situar a presença da Espanha e da literatura ibérica sobre o conjunto de sua obra poética. Formalmente o filme se caracterizara por uma construção que tentara exprimir o caráter específico, seco, despojado, arquitetural da poesia cabralina.

A representação fílmica se dara portanto na procura das situações (conhecidas e desconhecidas do poeta) que ocasionaram a criação desta poesia. Imagens, sons, o momento social, as relações afetivas, personagens que estariam por trás da escolha temática. Esta procura será complementada por uma análise crítica da poesia de João Cabral, pela leitura de um texto do professor Angel Crespo e Pilar Gomez Bedate.

Formalmente o filme terá uma construção semelhante à de um “Auto de Natal” à maneira medieval espanhola, evidenciada na estrutura poética de “Morte e Vida Severina”. Seja, a partir de uma apresentação inicial do poeta, uma viagem imaginária pela Espanha no tempo, de maneira regressiva de 1974 a 54, intercalada por cartazes-letreiros anunciando a sequência seguinte. Estas sequências se situarão numa estrutura formal simétrica e serão cortadas por sequências longas onde se intercalarão as poesias de crítica poética mais importantes de João Cabral. Paralelamente a câmera faz uma viagem pelas margens do rio Capibaribe, no sentido da foz para a nascente, procurando a “curva mais lenta do caminho pela Jaqueira, onde (não mais está) um menino bastante guenzo de tarde olhava o rio como se fosse filme de cinema”.

A luz e a cor no filme estarão diretamente relacionadas com a poesia de João Cabral, na sobreexposição e nas cores pastéis para as sequências que tratam de sua poesia mais contundente, e unicamente nas poesias onde a sensualidade é mais forte como

nos “Estudos para uma Bailadora Andaluza” ou “A Urbanização do Regaço” é que a exposição será exata e as cores exuberantes. As imagens serão cortantes, a maior parte do tempo formada por planos fixos e, nos momentos de danças, tratadas fragmentando os movimentos de maneira a estudar minuciosamente os jogos de pés, de mãos do corpo.

O som será constituído por música, flamenga, particularmente por cantos profundos como o martinete, o solear e as *siguiriras*. Pelos “aboios” de vaqueiros do Nordeste, e pelos diálogos de sequência filmadas frente à mesa de montagem pelos textos lidos diante da câmera: a biografia de João Cabral, a narração dos acontecimentos na Espanha e no Brasil dos anos 1954 a 74, período em que se situa a poesia “espanhola” de João Cabral, e o texto de análise crítica da poesia de Cabral do professor Angel Crespo e de Pilar Bedate.

O trabalho de atores, que serão na maior parte cantores, músicos e dançarinos, não será livre. Ele expressara o rigor nos movimentos, no canto e na coreografia, não se deixando nada ao acaso. Isso será mais evidentes na sequência que representará os “Estudos para uma Bailadora Andaluza”, onde um casal tem uma relação sexual, sequência representada por atores não músicos, nem cantores, nem dançarinos, e na outra que representará discussões frente à mesa de montagem. A outra parte do trabalho de atores será de figuração rápida.

O filme contará ainda com sequências de material de arquivo filmado de cinema e televisões, essencialmente para o referencial histórico e cronológico dos acontecimentos e hábitos na Espanha durante o período de 1954 a 1974. As rodagens serão feitas no Estado de Pernambuco no Brasil, na Espanha, no Senegal e em Londres, e as sequências de interiores em Paris.



• Paulo Bruscky

A ARTE CORREIO surgiu numa época onde a comunicação, apesar da multiplicidade dos meios, tornou-se mais difícil, enquanto que a arte oficial, cada vez mais, acha-se comprometida pela especulação do mercado capitalista, fugindo a toda a uma realidade para beneficiar uns poucos: burgueses/marchanda/críticos e a maioria das galerias que exploram os artistas de maneira insaciável.

A ARTE CORREIO (Mail Art). Arte por correspondência, Arte Postal, Arte à Domicílio ou qualquer outra denominação que receba não é mais um "ismo" e sim a saída mais visível que existia para a arte nos últimos anos e as razões são simples: anti-burguesa, anti-comercial, anti-sistema, etc.

Esta arte encurtou as distâncias entre povos e países, proporcionando exposições e intercâmbios com grande facilidade, onde não há julgamentos nem premiações dos trabalhos, como nos velhos salões e nas caducas bienais. Na ARTE CORREIO a arte retoma suas principais funções: a informação, o protesto e a denúncia.

Os envelopes/postais/telegramas/selos/cartas/etc., são trabalhos/executados com colagens, desenhos, ideias, textos, xerox, postais, carimbos, etc. e enviados ao receptor ou receptores, como é o caso do Postal Móvel, que depois de passar pelas mãos de diversas pessoas/países, retorna para o transmissor. O Correio é usado como veículo, como meio e como fim, fazendo parte/endo a própria obra. Sua burocracia é quebrada e seu regulamento arcaico é questionado pelos artistas. Enviar uma escultura pelo correio, não é arte correio: "quando se envia uma escultura pelo correio, o criador limita-se a utilizar um meio de transporte determinado para trasladar uma obra já elaborada. Ao contrário, na nova linguagem artística que estamos analisando, o fato de que a obra deve percorrer determinada distância faz parte de sua estrutura, é a própria obra. A obra foi criada para ser enviada pelo correio e este fato condiciona a sua criação (dimensões, franquia, peso, natureza da mensagem, etc) este trecho do artigo 'Arte Correio': uma nova forma de expressão", dos artistas argentinos Horácio Zabala e Edgardo Antonio Vigo, define muito bem a utilização/veiculação do correio como arte.

Afora os problemas causados pela burocracia ultrapassada dos correios, existe, quase que exclusivamente na América Latina, a dificuldade com a censura, que fechou, minutos após a sua abertura, a II Exposição Internacional de Arte Correio, realizada em agosto de 1976, no hall do Edifício sede dos correios do Recife (Brasil), que patrocinou a mostra. Esta exposição, que contou com a participação de vinte e um países e três mil trabalhos, só chegou a ser vista por algumas dezenas de pessoas e, além da exposição, os artistas-correio brasileiros Paulo Bruscky e Daniel Santiago, organizadores do evento, foram arrastados para a prisão por três dias, enquanto os trabalhos foram liberados depois de um mês e, afora os danos, várias peças de artistas brasileiros e estrangeiros ficaram retidas até a presente data. Outro fato absurdo ocorrido dentro das "repressões culturais" na América Latina, foi o aprisionamento, pelo governo do Uruguai, dos artistas-correio Clemente Padin e Jorge Caraballo desde 1977 até a presente data. É sempre assim, os que pretendem ser "donos da cultura" tentam impor sempre os seus "métodos".

Torna-se difícil determinar a origem da arte correio. Em seu artigo "Arte Correio: uma nova etapa no processo revolucionário da criação" (1976), o artista-correio Vigo, cita Marcel Duchamp como um pioneiro de Arte Postal: "Nosso propósito é apresentar agora o que consideramos um 'primitivo' da Arte Correio. São duas peças. A primeira se intitula 'Cita do Domingo 6 de fevereiro de 1918', Museu de Arte da Filadélfia (U. S. A.) e consiste em um texto escrito à máquina, sobre quatro cartões postais pegados borda com borda, e a segunda 'PODEBAL DUCHAMP', telegrama datado em Nova York a 1º de junho de 1921 e que fora enviado por Marcel Duchamp ao seu cunhado Jean Crotti. Seu texto é intraduzível. PEAU DE BALIE ET BALAI DE CRIN! e é a resposta ao 'Salão Dada/Exposição Internacional' que se celebrava em Paris na Galeria Montaigne, organizado por Tristan Tzara, previa a negativa de participar no mesmo e que será comunicado por carta enviada com anterioridade ao referido telegrama. E uma vez mais devemos situar a figura de Marcel Duchamp em processos atuais. Esse gerador de 'artetudo' faz-se presente também nas comunicações marginais.

Apesar das experiências de Duchamp e de Malariné (que escreveu em envelopes os endereços dos destinatários em quadras poéticas que contavam com a boa vontade dos empregados dos correios para decifrar seus enigmas poéticos). A Mail Art sur-

ARTE CORREIO :

FORA DOS CIRCUITOS COMERCIAIS E POR DENTRO DE UMA NOVA DIMENSÃO DA REALIDADE



Trabalhos de Fálves Silva

giu na década de 60 e só veio a tomar impulso a partir de 1970. De acordo com as pesquisas realizadas, farei um pequeno histórico de alguns fatos importantes: a) primeiros artistas a utilizarem a Arte Correio:

1960 - O Grupo Fluxus (USA) foi o que pela primeira vez usou a veiculação do postal como elemento de comunicação criativa. Entre os componentes do grupo, destaca-se a atuação do artista Ken Friedman. Armand Fernandez (Arman); utiliza o meio de comunicação postal remetendo, como convite a sua mostra "La plwin" (Galeria Iris Clert) outubro 1960, uma lata de sardinha;

1961 - Robert Fillou: desde Paris envia seu "Estudo para realizar poemas a pouca velocidade" convites a subscrever para receber no futuro uma série de poemas, possibilitando também a realização do tipo de poemas por ele anunciados;

1963 - Ray Johnson: nos Estados Unidos, produz um clássico de tendência, escrevendo no envelope uma carta, tanto no seu verso como no reverso. Quebra assim o conceito de "privado" e produz o "estado público" das suas aparentes intimidades em diálogo com um terceiro que até esse momento era de caráter privado.

1965 - Chieko Shiomi realiza uma proposta postal que deve ser respondida e devolvida pelo receptor. Com estas respostas dará forma a sua obra: "Poema espacial nº 1. O texto da sua proposta é o seguinte:

UMA SÉRIE DE POEMAS ESPACIAIS: Nº 1

Escreva uma palavra (ou palavras) no cartão que fique junto com esta, e deixe-a em algum lugar. Faz-me saber qual é a palavra e o lugar para que eu possa fazer um plano com sua distribuição sobre um mapa do mundo, o qual será enviado a cada participante.

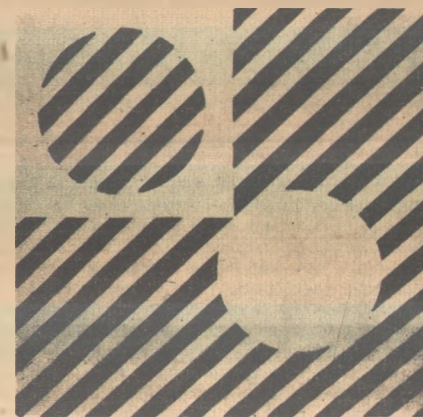
Chieko Shiomi.

b) Devido à grande quantidade de exposição de Arte Correio realizadas atualmente em todo mundo, citarei apenas as mais antigas e algumas das atuais: "N.Y.C.S. Show", organizada por Ray Johnson, USA/1970; Bienal of Paris", organizada por J. M. Poinot, França/1971; "Image Bank Postcard Show", 1971 & touring Fluxus; Fluxus West na Inglaterra, 1971 e 1973; "One Year - One Man Show", organizada por Ken Friedman, USA/1972; "Omaha Flow Systems", organizada por Ken Friedman, USA/73; "An International Cyclopedia of Plans and Occurrences", organizada por David Det Hompeon, USA/1973; "Artists Stamps and Stamp Images", organizada por James Felter, 1974; "Art and Marginal Communication", organizada por Herve Fischer, Suíça/1974; "Festival de La Postal Creativa", organizada por Clemente Padin, Uruguai/1974; "Inc Art", organizada por Terry Ried & Nicholas Shill, Nova Zelândia/1974; "I st New York City Postcards Show", organizada por Fletcher Copp, USA/1975-76; "Last International Exposition of Mail Art", organizada por E. A. Vigo & Horacio Zabala; "1ª Exposição Internacional de Arte Postal", organizada por Paulo Bruscky & Ypiranga Filho, Brasil/1975; "International Rubber Stamps Exhibition", organizada por Carl Loeffler,

14ª EDIÇÃO



25.000 COPIES IN THE WORLD



Jean-Marc Poisot (1971), o artista norte-americano Mike Crave está preparando o livro "A Breve História da Arte Correio" que será editado ainda esse ano e uma das introduções é do artista brasileiro Paulo Bruscky.

Na arte por correspondência o Museu cede lugar aos arquivos (parachute Center for Cultural Affairs/Canadá, Small Press Archive/Bélgica, etc) e as Caixas Postais, Boletins Informativos sobre eventos e publicações em geral são editados e remetidos aos artistas de todo o mundo, como é o caso do INFO, editado por Klaus Groh do International Artist Cooperation/Alemanha.

Além dos boletins, existem as "correntes" nas quais você faz novos contatos, remetendo um trabalho de Arte Postal para o 1º nome da lista que é automaticamente excluído, sendo o 2º passado para o 1º, o 3º para o 2º, etc., e inclui seu nome em último lugar, tira cópia, geralmente em número de dez e envia a outros artistas, quando seu nome chega no 1º lugar, você começa a receber trabalhos de vários artistas de diversos países que você nunca havia contactado. Existem ainda os slogans criados pelos artistas, como é o caso do artista-correio alemão Robert Rehelt: "Arte é contato, é a vida na arte".

O número de artistas-correio aumenta dia a dia: o subterrâneo estourou, tornando a arte simples. É lamentável que alguns artistas quebrem esta corrente, deixando de responder alguns trabalhos recebidos.

A Arte Correio é como a história da história não escrita.

USA/1976; "Mail Art Show" organizada por Mike Nulty, Inglaterra, 1977: Mail Art Exhibition International, organizada pelo Studio Levi Espanha/1977; "Gray Matter, Mail Art Show", organizada por S. Hitchcock, USA 1978; etc.

c) A partir de 1972 vários artigos começam a ser publicados, destacando-se entre eles: Albright, Thomas, "Correspondence: New Art School" Rolling Stone Magazine, USA/1972; Alloway, Lawrence, "Send Letters, Postcards, Drawings, and Objects..." Art Journal/1977; Bowles, Jerry G., "Out of the Gelerry, into the Malibox", Art in América; USA 1972; Zack David; "An Authentik and Histotikal Discourse on the Phenomenon of Mail Art, Art in America; USA/1973; "Arte Correio: uma nova etapa no processo revolucionário da criação", de Edgardo Antonio Vigo, Argentina/1976.

d) Várias publicações de Arte Correio surgem: OVUM, Ephemera, Runing Dog Press, Stamps in Praxis, VILE, Internedia, Cisoria Arte, Cabaret Voltaire, OR, Geiger, Orgon, Super Vision, Doc (k)s, Heut Kunst, Soft Art Press, Buzon de Arte, Front, entre várias outras que são publicadas em diversos países. Além do livro "Mail Art: Comunicação à Distância/Conceito" do francês

Fomos encontrar o país numa encruzilhada. De um lado, crise econômica, inflação, crise de combustível. De outro, a erupção de uma guerra no oriente médio.

E no melhor estilo do romance latino-americano, o Brasil absorve o dia-a-dia desses difíceis acontecimentos e põe o termômetro sob o braço para saber o avanço de sua febre, e até que ponto terá condições de resistir.

Será que submergimos num pé-lago profundo e não sabemos exatamente a que grau de malefícios chegaremos?

Neste sentido não faltam sinais, e não faltará certamente quem aponte saídas mirabolantes.

E aí entra obrigatoriamente o elemento místico, e indaga: Apocalipse? Mas somos meio céticos para responder a essa indagação, senão para dizer que estamos às portas de uma Terceira Guerra Mundial.

E não adianta dá uma de avestruz não, pois podemos esconder e proteger apenas a cabeça, nunca o corpo todo. E este, pode apostar, não será mais nosso. A guerra levará os seus destroços.

Amealhadas criaturas sem estilos essas que andam pelas ruas a ameaçar o nosso telhado com dias sem esperanças e noites com rugir de sirenas. Mas tudo bem, se há uma coisa que sabemos fazer com perfeição, essa coisa é morrer. Nessa arte, somos insuperáveis. E até assimiremos com empáfia o fim de tudo e bendiremos a nossa morte com orgulho.

Só pedimos, por enquanto, uma coisa: deixem-nos concluir essa pequena entrevista, depois, façam de nossos corpos um holocausto que eles merecerem. É tudo.

O professor Ênio de Oliveira Regadas, da Editora Universitária da UFPb, concedeu-nos esta entrevista onde aborda os pontos mais cruciais que afetam o avanço técnico e produtivo das Editoras Universitárias do país, sobretudo de sua congênere em nosso Estado. Tivemos a oportunidade de falar com um homem que entende tudo sobre livros e que esteve recentemente em Fortaleza participando do 5º Engraf - Encontro de Diretores de Gráficas Universitárias - para nos fazer familiarizados com os problemas que o país se depara e as Editoras Universitárias do país sofrem por causa da atual crise brasileira.

- Dívida externa, inflação, crise de combustível, custo de vida são alguns dos principais problemas que têm massacrado a sociedade brasileira e feito abalar um edifício inteiro. E o pior é que esse fato não isola as Editoras Universitárias que andam mal das pernas, com uma série de problemas conflitantes e a procura de respostas urgentes. Que respostas são essas?

- Como você bem disse, o massacre também nos atinge porque ocupamos uma parte nesse edifício. A crise é generalizada e o governo brasileiro se ver forçado a fazer contenções de despesa. Queremos uma dica? Os problemas estão reduzidos a uma dorzinha fina, mas incômoda - falta de material, manutenção de equipamentos, pessoal especializado, etc. Isso surgiu praticamente este ano. Há três ou quatro anos passados a situação era bem gorda visto o número de nossas publicações, então funcionávamos a todo-vapor. Hoje Irã e Iraque brigam, os tempos não são os mesmos.

- É uma situação apocalíptica.

- Ainda não é o fim dos tempos. Enfrentamos isso agora e enfrentaremos sempre. Mas isso não é apocalíptico. Os entraves surgem e não

UM HOMEM CURTIDO NOS LIVROS

• Entrevista de Ênio de Oliveira

Regadas a Águia Mendes



nos tem feito desanimar. Não sei se sou muito utópico, mas quem pode garantir que o Eldorado não exista?

- O senhor esteve no 5º Engraf. E soube também que entregou um Relatório ao reitor Berilo Ramos Borba. O que continha esse Relatório?

- Chamei a atenção do Reitor para alguns dos principais pontos que empancam a boa disposição das Editoras Universitárias do país, em especial da nossa congênere. Alguns desses pontos foram indicados acima, outros entretanto você verá depois. Então, rapaz, existem erros que o pessoal aponta e às vezes fica com as mãos para trás porque falta verba, e sem verba o carrossel não anda.

- Qualquer pessoa pode ter acesso a um Encontro desse tipo?

- Não. E isso não é uma restrição. Para que você entenda bem, lá só vi mesmo uma representante do Mec.

- Quais os aspectos que comumente animam essas reuniões se,

naturalmente, existirem aspectos particulares?

- Além do problema do livro em si, tratamos da questão dos impressos de uso interno em todas as Universidades. No meio de palestras sobre Planejamento, Organização e Método etc., um apelo muito interessante pedia mais afinidade e harmonia entre todas as Editoras Universitárias e Bibliotecas Centrais do país no que respeita à normalização do livro e publicações periódicas.

- Por que a grande maioria dos títulos publicados pela Editora são técnicos e poucos os do romance, da poesia e do ensaio literário?

- Não temos nenhum preconceito, entenda-se, o que não podemos fazer é exigir categorias de livros. Claro está que só podemos publicar os originais que nos caem às mãos, o que tanto pode ser um ensaio literário, um dicionário ou até mesmo um complicado tratado de química.

- A Editora tem algum interesse em editar o novo escritor paraibano?

- O interesse, creio, não é só nosso. Os escritores novos que não ressentam de qualidade são bem aproveitados pelas casas editoriais do Brasil. Veja nesse sentido a Coleção do Pinto, onde a presença da nova geração é a marca mais forte.

- O original deve ser nesse caso encaminhado a quem?

- Ao Conselho Universitário, naturalmente. Este certamente apontará ou recusará a obra. A avaliação é inevitável. Essencial.

- Um problema difícil: a distribuição. Como ela é feita?

- Atualmente temos convênio com a Fename, no Rio de Janeiro, que se encarrega de redistribuir os nossos livros aos seus postos de venda em todo território nacional. E chegamos ao público por outro lado através da Cooperativa Cultural, da UFPb, e livrarias da cidade.

- O que a Editora faz com os livros encalhados?

- Não há livros encalhados. Todas as nossas publicações foram despachadas e não recebemos até agora uma devolução sequer.

- Vocês têm sistema de reembolso?

- Temos. E os pedidos devem ser feitos pelos moldes convencionais de pagamento.

- Falamos em distribuição. E a divulgação?

- A divulgação é patrocinada pela própria Fename e Heydecker Editor, para todo Brasil. Utilizamos também catálogo, a Revista Horizonte e afixamos cartazes.

- Vimos o livro e esquecemos o escritor. A que está reservado os seus direitos autorais?

- A pouca coisa, 10% em livros. Em outras palavras, de mil livros editados, 100 exemplares sobejam para o seu autor. Mas essa invenção não é nossa, afinal não existem profissionais de literatura no Brasil.

- Muitos livros para este ano?

- Temos cerca de 42 títulos para serem publicados, mas não agora. Negócio de 2 anos e meio, pois como você deve estar lembrado, insere-se aqui aquela mesma metáfora do edifício. E preciso tempo. Crise é crise.

E a situação da Editora entre as suas similares no país?

- Para te dizer a verdade, só conheço a Editora de Fortaleza, e o que sei é que desenvolvemos mais e arrebata-mos um maior número de equipamentos. É uma boa situação como se depreende, contanto precisarmos conquistar mais coisas.

- Que conquistas seriam essas?

- Precisariamos ampliar o espaço físico, adquirir mais impressoras, plastificadoras - a nossa atualmente está quebrada - dobradora de papel, etc.

- Pra finalizar, ainda no Relatório que entregou ao reitor Berilo Ramos Borba o senhor dizia que havia paternalismo de reitores com ingerência nas publicações das Editoras Universitárias. Que paternalismo é esse?

- Isso foi discutido no 5º Engraf, pois essa ingerência estaria caracterizando o verdadeiro trabalho das Editoras Universitárias quando, efetivamente, elas dispõem de um corpo especializado que por direito está reservado à tarefa de apontar que trabalho merece publicação ou o que deve ser, com efeito, devolvido ao seu legítimo dono. A questão é essa, não é uma grande questão, pois outras se apresentam mais sérias e reclamando respostas urgentes. Contudo, a garrafa está lançada no oceano para que alguém a destampe, ou para que seja devorada semipternamente pelos peixes perplexos. Vamos ver quem pega nela primeiro?

EM TORNO DA REVOLUÇÃO DE 30

• JOSÉ OCTÁVIO

A recente presença, entre nós, do escritor pernambucano Paulo Cavalcante - patriarca das lutas sociais nordestinas, como o tenho denominado - reacendeu o debate sobre alguns pontos essenciais da Revolução de 30, cujo cinquentenário agora se comemora: qual o alcance e significado da chamada jornada de outubro? - Tivemos ali uma autêntica Revolução, um movimento apenas de modernização sem mudanças, ou uma revolução com "r" minúsculo, como o sustentou Amaro Quintas em *João Pessoa, a Paraíba e a Revolução de 30*?

Qual a sua base social: nela tivemos um mero dissídio de oligarquias ou será que, porventura, esse inegável dissídio não abriu caminho para a participação de setores novos da sociedade, tais como as classes médias e pequena burguesia urbana, os tenentes, os intelectuais e um agrupamento radical, muito ativo no eixo Paraíba-Pernambuco?

Qual o significado da experiência de governo João Pessoa dentro da Revolução de 30: porventura, ele não teria antecipado, pelo fortalecimento do poder público a que se dedicou, a primazia do Estado, com os primeiros passos da estrutura autoritária corporativista (Raimundo Faoro, Bóris Fausto, Vamireh Chacon), típica da Revolução de 30? Qual a composição e articulação estrutural das forças (potentados sertanejos, burguesia compradora dos escritórios das praças do Recife e Fortaleza, Governos de Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, usineiros do vale do Paraíba) que se opuseram ao Governo Pessoa e que interesses esse contrariou?

Qual a influência da grande crise do capitalismo, em 1929, sobre a Revolução de 30, no Brasil, sabido como esta não se isola do contexto histórico latino-americano que assinalava, à mesma época, golpes, "pronunciamentos" e movimentos de inegável inspiração populista-caudilhesca, na Argentina, Bolívia, Peru e Chile?

Tais questões, discutidas por nomes da categoria de Pedro Nicodemos, Octacílio Queiroz, Plauto de Andrade, Ronald Queiroz, Lindenbergh Farias, Lauro Xavier, Aurélio Albuquerque, Terezinha Pordeus, Wellington Aguiar, João Bernardo de Albuquerque, Antônio Freire, e um auditório jovem e entusiasmado, concedeu à sessão de sexta-feira passada no Instituto Histórico clara reafirmação das possibilidades críticas e vivenciadoras da História que desemboca no presente para converter-se num instrumento de discussão/ compreensão deste.

Aliás, é nessa perspectiva que se deve colocar a Revolução de 30, em torno de cujas análises a Paraíba possui responsabilidade tanto maior pelo relevo de sua participação.

Isso de ficar discutindo se João Dantas suicidou-se ou foi assassinado, se João Pessoa estava ou não armado na Confeitaria Glória, se a poetisa Anaide Beiriz era noiva, namorada ou amante de João Dantas, e, ainda, o número de passos que medeavam entre a sede do Governo e o escritório de Dantas, é absolutamente irrelevante e corresponde a um tipo de debate que, não levando a nada, não mais possui razão de ser.

Com sua habitual veemência, Wellington Aguiar fulminou essas questiúnculas, evocando o grande historiador inglês Macaulay e lembrando que tal constitui "o lixo da História", isto é, o acidental, o circunstancial, o que só pode ser colocado pelos que, não possuindo da História, compreensivelmente mais alta, se deixam embair pelas aparentes novidades de suas "pesquisas" como se estivessem descobrindo a pólvora...

Ora, se nós estamos diante de um acontecimento que reflexo ou causa pouco importa, do dinamismo dos anos vinte, mudou a face do Brasil, estabelecendo seu perfil atual, o que nos cumpre é levantar, em termos de

processo, a extensão das transformações que aí se verificaram - claramente maiores que em qualquer outra época da História do Brasil - nos campos político-institucional, econômico-social, militar, cultural e religioso. Essa, por sinal, tem sido a tônica do grande curso que a Secretaria de Educação vem promovendo juntamente com o Instituto Histórico, entidade que, se já vinha colocada no rumo dessa História crítica e interpretativa, hoje possui razão ainda maior para acentuar essa direção - a presença, em sua presidência, de um cientista social da força e atualidade de Lauro Xavier, tão ligado à Revolução de 30, que a testemunhou no Rio de Janeiro.

Eu entendo que, em primeiro lugar, se deve só pesara importância da Revolução de 30, no quadro geral da História do Brasil. Nesse particular, vale a pena discutir o *porquê* de sua classificação como "parteira do Brasil moderno", como a ela se referiu autorizado historiador brasileiro.

Para mim, isso tem muito a ver com o caráter essencialmente conservador da História do Brasil, cuja estrutura é uma *rocha granítica, d'onde os reduzidos ganhos obtidos pelo povo, sempre maior que a sua minoria dirigente, ao longo de quase quinhentos anos de existência.*

Quer dizer, as grandes realizações deste país, como a unidade da língua, a integração territorial e a miscigenação, não foram realizações da minoria dirigente, caída e consorciada com os colonizadores, ou uma doação dos portugueses, como se tem propalado por aí, mas genuínas conquistas populares. O povo, todavia, beneficiou-se muito pouco das conquistas de sua própria História, d'onde o caráter bastante limitado e modesto das transformações que aqui se processaram, sempre travadas e desencaminhadas pelos "donos do poder".

A Independência constitui caso típico porque, se é verdade que ela avança, na primeira hora, sob a liderança do maior estadista brasileiro de todos os tempos que é José Bonifácio, não é menos verdade que os colonistas se reaglutinam em torno de Pedro I que destrói a Independência pela supressão das liberdades individuais, dissolução da Constituinte, banimento dos que esposavam orientação nacionalista - e José Bonifácio com seu jornal *O Tamboi* é o primeiro banido da História do Brasil - e comprometimento com os grupos internacionais que começam a se beneficiar; exatamente aí, dos lesivos empréstimos celebrados contra os interesses nacionais.

O resultado é que a Independência muda apenas a superfície da organização política e a submissão do Brasil aos centros dirigentes do capitalismo mundial (a Inglaterra, que já desfrutava dessa condição desde o Tratado de Methuen em 1703, oficializa essa condição) - porque a estrutura baseada no latifúndio monocultor, escravismo e na exportação de produtos tropicais, continua a mesma.

Com a Abolição e a República as coisas não se passam diferentemente e eu chego a achar graça nos que desmerecem a Revolução de 30, apelando para o caráter revolucionário (sic) dos acontecimentos de 1888 e 1889.

Onde esse revolucionarismo? - Na abolição, perde-se simplesmente a grande oportunidade de realização da reforma agrária no país e o resultado é que, libertos mas sem terra, os escravos não se beneficiam da nova condição jurídica, sancionada pela lei Auréa.

Com a República, o avanço é ainda menor, tanto que alguns historiadores salientam que a um Império... republicano, sucedeu uma República... imperial, pela maneira como nela se enquistam, beneficiadas pelo federalismo, as oligarquias agrárias do café-

com-leite que concedem apenas limitadas concessões formais no campo institucional da estruturação do novo regime, da organização da família, do ensino leigo e da redução dos privilégios das confrarias religiosas, essas últimas afetadas pela secularização dos cemitérios que, todavia, em Estados como a Paraíba, só se implantaria... em 1930 com os primeiros decretos de inspiração radical do interventor Antenor Navarro.

Dentro desse contexto, o único momento de aceleração de nossa História - sempre mais outonal que primaveril - é a Revolução de 30, conjugada nesse particular com a transição rural-urbana que já se observa no bojo da política de substituição de importações deflagrada pela 1ª Guerra Mundial; com a ascensão das classes médias, motoras de movimentos que renovam as nossas pautas culturais como o tenentismo e o modernismo, e, sobretudo, com a intensa fermentação das massas populares que, desde 1917 em São Paulo, passando pelo Recife de 1919, 21 e 22, e Rio de Janeiro de 1920, encetam vigorosas greves dentro das quais avulta não apenas a amarga pendência entre anarquistas e comunistas; mas uma nova problemática - no caso social - para a modorrenta sociedade brasileira.

A importância da Revolução de 30 decorre daí. Quer dizer, se é bem verdade que a plataforma dos "revolucionários" é modesta, e se muitos deles provinham das oligarquias - cuja fissura possibilitará a emergência de novas expectativas impulsionadas sobretudo por vigorosa liderança radical-urbana, no eixo Paraíba-Pernambuco - não é menos verdade que a Revolução de 30 se entrosa com uma sociedade em franco processo de urbanização onde, para situarmos o caso do Nordeste, novas culturas como o babaçu, a carnaúba, o sal e o cacau, sem falar no impulso renovador das obras contra as secas, adquiriam condição de mercado, contrapontando, nesse particular, com a predominância do capital financeiro sobre o açúcar e o algodão, onde as usinas e as grandes empresas de beneficiamento da fibra e processamento do óleo aparecem ou se consolidam nos anos vinte.

Nesse quadro, é evidente que o Estado já não pode permanecer o nosso e veja-se a propósito a força com que o poder público emerge, institucionalmente, da Revolução de 30, com os institutos reguladores da produção e a modernização do estatuto militar, impulsionada pelo Gal. Góes Monteiro. Esse Estado pode não ser necessariamente progressista - e entendo que só parcialmente o seja - mas é modernizador, pela maneira como avoca a si as principais atribuições da sociedade brasileira, até então nas mãos dos coronéis. No campo operário, é claríssima sua intenção de, pela abundante legislação trabalhista que culminará com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943, satisfazer os mais urgentes reclamos do operariado urbano, em troca da liberdade deste, subordinada ao aparelho estatal, pela sindicalização corporativa que se estabelece com sua filiação ao nascente Ministério do Trabalho e fiscalização do Estado à aplicação das verbas derivadas do fundo sindical.

Isso é que me parece fundamental na Revolução de 30. Ela se situa numa encruzilhada da História do Brasil, d'onde sua vinculação aos planos político, econômico-social, militar e cultural.

Se, no plano político, a Revolução precipita-se, formalmente, pelo problema da sucessão presidencial, em 1929, d'onde a formação da Aliança Liberal que se caracteriza, desde a primeira hora, pela predominância, dentro dela, de um agrupamento político armado que é a Frente Única do Rio Grande do Sul, no plano sócio-econômico-financeiro o processo histórico se acelera visivelmente, já que a um país em industrialização sobreveem o problema maior da contradição representada pela política monetarista de Washington Luiz em face de uma crise internacional que exigia o financiamento dos cafeicultores pelo Governo, e uma política emisionista que compensasse os empréstimos que já não tinham como obter nos mercados mundiais, afetados pelo crack da bolsa de Nova Iorque.

É evidente que esses fatores permeiam a cena e os revolucionários tinham plena consciência deles - basta ler os artigos de Joaquim Pimenta, Cristiano Cordeiro e Djacy Menezes, no Recife, e Café Filho, Rafael Corrêa e João Santa Cruz de Oliveira, na capital paraibana, ao nível da imprensa pasquieira da época.

Sem a crise econômico-financeira é evidente que a rutura política, em si, não produziria maiores efeitos, tanto mais que a fermentação também alcançava, a nível regional e nacional, a área social, d'onde o lançamento, pelo Bloco Operário-Camponês (BOC) de candidato próprio à Presidência da República, em 1930 (operário marmoeiro Minervino de Oliveira, da linha obreirista do Partido Comunista, com 534 votos no Distrito Federal e 21 na Cidade da Parahyba).

Ao lado disso, a Revolução canalizava águas das vertentes militar, cultural e paraibana.

Na área militar, a inquietação dos tenentes vinha de longe e balisa todo o quadro político-militar brasileiro de 1922 a 27, quan-



João Pessoa

do a Coluna Prestes se interna na Bolívia. Nos anos 1929/30 a movimentação militar contestatória ressurgiu em novas bases porque os tenentes buscavam articulação com os políticos gaúchos da frente unida (Assis Brasil, Batista Luzardo e principalmente Osvaldo Aranha), o que explicará a defecção de Prestes, mas, por outro lado, a liderança de oficiais reformistas, e de sólida preparação militar, como Miguel Costa, cavalheiro argentino naturalizado brasileiro e chefe nominal Coluna Invicta.

No plano cultural, embora sejam válidas algumas observações procedidas sexta-feira última por Octacílio Queiroz, é evidente o caráter renovador do modernismo que atrai a problemática social de encontro às letras e artes, mesmo quando seus propósitos são tradicionalistas como ocorre com o movimento nordestino nucleado em Recife, sob a liderança conservadora de Gilberto Freyre.

Enfim, o caso da Paraíba, objeto de excelente capítulo de Barbosa Lima Sobrinho no seu livro *A Verdade sobre a Revolução de Outubro* adquire significado porque é aqui que, pioneiramente, a nova ordem estamental-urbana, a ser proposta pela Revolução de 30, se atrita com a velha estrutura do coronelismo, que a jornada outubrista não erradicará, mas neutralizará e debilitará, pela sobreposição do poder público a um mandonismo cuja base agrária se encontrava em declínio com o colapso do modelo econômico agro-exportador.

É sob esse ângulo que se deve considerar a experiência político-administrativa João Pessoa, em comparação, principalmente, com a administração Suassuna que a precedeu. Isso de ficar sabendo dos dois quem é taidista e melhor ou pior, não faz sentido algum. São frascarias subjetivistas que podem levar aos equívocos de certo paraibano radicado em Recife - felizmente de menor quilate - que em 1978 apareceu exaltando João Pessoa no centenário deste e, no ano seguinte, apoiado em livro preparado por mãos amigas, já se voltava contra João Pessoa para exaltar "o estadista João Suassuna". Como fazer História dessa maneira?

O Grupo José Honório, pelo qual falo, com todos os companheiros, não, pensa assim. Para nós, a questão paraibana dos anos 1928/30 deve ser enfocada em termos institucionais onde a *clivagem* se fará total. E por que? - Porque, enquanto João Suassuna fazia-se partidário de uma organização política com acento na área privada, d'onde a transferência das funções de segurança, crédito construção de estradas, arrecadação fiscal e aplicação da justiça para os particulares, João Pessoa surge em cena, vigorosa e autoritariamente, reclamando o monopólio dessas funções pelo Estado que aí se constituía... antes da Revolução de 30.

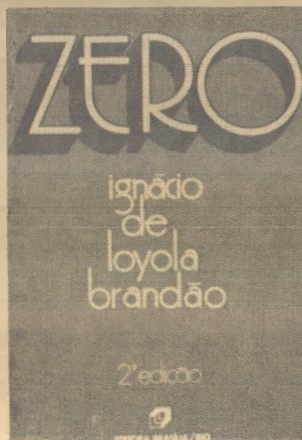
Isso, e não cogitações subjetivas dos que entendem mais de Proust que de realidade brasileira, é que levou a historiadora Aspásia Camargo, da Fundação Getúlio Vargas, a considerar que João Pessoa se situa bem mais nas origens da Revolução de 30 do que se pensa.

Da Revolução de 30, aliás, não derivará um neo-oligarquismo urbano como se tem proclamado, com superficialidade e preconceito. Da Revolução de 30 derivam, isto sim, os elementos fundamentais que dominarão a sociedade brasileira até os nossos dias - o populismo e a tecnocracia.

Isso poderia até fomentar um novo estudo e o Grupo José Honório não fugirá a ele!

**Carta de Ignácio
de Loyola Brandão a Águia
Mendes, onde o autor de
"Zero" discorre
sobre uma entrevista
de Ivaldo Bittencourt
publicada
no "Correio das Artes"**

"... como é que a gente pode fazer para ligar mais este país inteiro? não acha que chegou a hora de dar um basta ao eixo rio-sp? provar que as coisas não acontecem mais só por aqui?"



O CRIADOR E O TEÓRICO, UM ABISMO

são paulo, 6 de outubro de 1980

Águia Mendes

recebi, através de uma amiga, escritora mineira, a Alciene Ribeiro Leite, *O Correio das Artes*. estranho país em que vivemos. as coisas acontecem dentro dele, sem que saibamos. enquanto, por um lado, a comunicação parece correr velozmente (vide tevê globo e etc), por outro, a marcha continua na era pré-histórica. eu não conhecia o *Correio*. e te garanto que pouquíssimos escritores de são paulo, ou do sul, o conhecem. e no entanto, está no número 130 e inaugurando nova fase. incrível! cultura no brasil é isto: bloqueio, isolamento. por este número, o *Correio* se mostra à altura ou superior a uma série de suplementos do rio e são paulo, ou do rio grande do sul. como é que a gente pode fazer para ligar mais este país inteiro? não acha que chegou a hora de dar um basta ao eixo rio-sp? provar que as coisas não acontecem mais só por aqui. ou necessariamente em função daqui? hoje em dia, os escritores não precisam mais sair da "provincia" e vir para as "capitais". márcio souza realizou sua obra em manaus. e se firmou como um dos melhores do brasil. anos atrás, márcio conseguiria o que, no fundo do amazonas? acho que, num futuro próximo, este seria um assunto a ser levantado. principalmente por gente batalhadora como essa que faz o *Correio*, jornal de nível, graficamente e do ponto de vista do conteúdo. aproveito e pergunto, desde já: como fazer para recebê-lo? assinatura? ou o que?

como se vê, este é mais um bilhete, para a gente travar conhecimento, começar a se comunicar. li a sua entrevista com Ivaldo Bittencourt (não se preocupe não com o sistema de maiúsculas ou minúsculas; quando vejo, saíram minúsculas, quando percebo, saíram maiúsculas; mas nenhuma conotação de importância ou desimportância em relação a pessoas, cidades; também não é bossa). Há uma série de referências curiosas em relação ao meu livro *Zero*. Num determinado trecho, me parece que houve embananamento. empastelou. faltou frase. "O estruturalismo e o pós-estruturalismo quando, por exemplo, é a postura de análise de textos de CL, RF, OL, ILB, etc, não perguntem de jeito nenhum, ou indagam, se os autores mencionados são melhores ou piores do que Joyce". realmente, não deu para entender direito, existe uma falha em alguma parte. ou eu é que não consegui penetrar na resposta? agora, mais para a frente, confesso a você, o autor fica estupefato

diante do teórico, espantado, atônito, abismado. pensativo. e até mesmo me indagando: será que estamos de um lado e os teóricos do outro, profundamente distanciados? o que leva o teórico a emitir juízos como este: "Zero é a instância zerificante da literatura, pois a função imaginativa está eivada de pulverizações como a escatofilia, a desintegração paginal, a desintegração da ficção pelo elemento plástico. Também é de se realçar que uma ideologia impotente antitécnica, assegura a instância de tal texto"?

o que indago, meu caro amigo (posso começar a te chamar assim?) Águia, é: aonde se quer chegar? os teóricos não estão se constituindo numa super elite intelectual, possuidora inclusive de um-jargão próprio e inacessível? algo como os antigos sacerdotes dos egípcios? a cultura e a compreensão e a revelação são privilégios deles? penso que estamos também diante de outra discussão a ser sustentada no futuro pelo *Correio*: o criador e o teórico, um abismo. algum dia, haveremos de conversar sobre *Zero*. aliás, tenho feito através do país uma série de bate-papos com estudantes, a respeito de livros e criação. então, você entenderá uma série de coisas: como foram feitas e porque foram feitas. é preciso desmistificar (ou é desmitificar?) certos fatos. o curioso é que *Zero*, aparentemente complicado, é um livro que tem atingido muito a geração que vai de 15 a 25 anos. como eles curtem o livro, penetram com facilidade em sua (aparente) dificuldade gráfica, entendem o caos, a fragmentação! porque viveram dentro deste caos e desta fragmentação desde que nasceram, praticamente.

não nego o trabalho teórico. apenas acho que ainda não encontramos um de pé no chão, em acordo com a realidade brasileira. funcionamos dentro de padrões importados, continuamos colonizados.

como se vê, este foi mais um bilhete para estabelecer contacto. meio na porrada, mas muito sincero, amigo. queria que você me mandasse seu endereço pessoal, porque não confio em redações de jornais. trabalhei vinte e dois anos numa e sei o que significa pacotinhos de livros. vou te mandar, primeiro, um estudo feito na Itália, no instituto oriental de nápoles, a respeito de zero: chama-se o duplo signo de zero, é uma interpretação de sua estrutura.

era isso, um grande abraço do
Loyola

são paulo, 6 de outubro de 1980

recebi, através de uma amiga, escritora mineira, a Alciene Ribeiro Leite, *O Correio das Artes*. estranho país em que vivemos. as coisas acontecem dentro dele, sem que saibamos. enquanto, por um lado, a comunicação parece correr velozmente (vide tevê globo e etc), por outro, a marcha continua na era pré-histórica. eu não conhecia o *Correio*. e te garanto que pouquíssimos escritores de são paulo, ou do sul, o conhecem. e no entanto, está no número 130 e inaugurando nova fase. incrível! cultura no brasil é isto: bloqueio, isolamento. por este número, o *Correio* se mostra à altura ou superior a uma série de suplementos do rio e são paulo, ou do rio grande do sul. como é que a gente pode fazer para ligar mais este país inteiro? não acha que chegou a hora de dar um basta ao eixo rio-sp? provar que as coisas não acontecem mais só por aqui. ou necessariamente em função daqui? hoje em dia, os escritores não precisam mais sair da "provincia" e vir para as "capitais". márcio souza realizou sua obra em manaus. e se firmou como um dos melhores do brasil. anos atrás, márcio conseguiria o que, no fundo do amazonas? acho que, num futuro próximo, este seria um assunto a ser levantado. principalmente por gente batalhadora como essa que faz o *Correio*, jornal de nível, graficamente e do ponto de vista do conteúdo. aproveito e pergunto, desde já: como fazer para recebê-lo? assinatura? ou o que?

como você vê, este é mais um bilhete, para a gente travar conhecimento, começar a se comunicar. li a sua entrevista com Ivaldo Bittencourt (não se preocupe não com o sistema de maiúsculas ou minúsculas; quando vejo, saíram minúsculas, quando percebo, saíram maiúsculas; mas nenhuma conotação de importância diante do teórico. espantado, atônito, abismado. pensativo. e até mesmo me indagando: será que estamos de um lado e os teóricos do outro, profundamente distanciados? o que leva o teórico a emitir juízos como este: "Zero é a instância zerificante da literatura, pois a função imaginativa está eivada de pulverizações como a escatofilia, a desintegração paginal, a desintegração da ficção pelo elemento plástico. Também é de se realçar que uma ideologia impotente antitécnica, assegura a instância de tal texto"?

não nego o trabalho teórico. apenas acho que ainda não encontramos um de pé no chão, em acordo com a realidade brasileira. funcionamos dentro de padrões importados, continuamos colonizados.

como se vê, este foi mais um bilhete para estabelecer contacto. meio na porrada, mas muito sincero, amigo. queria que você me mandasse seu endereço pessoal, porque não confio em redações de jornais. trabalhei vinte e dois anos numa e sei o que significa pacotinhos de livros. vou te mandar, primeiro, um estudo feito na Itália, no instituto oriental de nápoles, a respeito de zero: chama-se o duplo signo de zero, é uma interpretação de sua estrutura.

era isso, um grande abraço do

REGISTRO

LANÇAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

"Manuel Bandeira" - Coleção Fortuna Crítica - Direção de Afrânio Coutinho - Seleção de Textos de Sônia Brayner - Neste livro, a obra poética de Manuel Bandeira é vista sob vários ângulos, o que implica dizer que a dicção lírica bandeireana se serve a muitos tipos de abordagens graças à multiplicidade de temas que ela enfoca e, sobretudo, ao domínio dos vários recursos técnicos e estilísticos que o Autor pôs em prática ao longo de toda a sua atividade poética.

Este volume - o 5º da "Coleção Fortuna Crítica", uma vez que os anteriores trataram, respectivamente, de Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Cassiano Ricardo e Cruz e Souza - reúne depoimentos, crítica e ensaios de nomes os mais representativos de nossa literatura como Gilberto Mendonça Teles, Paulo Mendes Campos, Gilberto Freyre, João Ribeiro, Alceu Amoroso Lima, Mário de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, Carlos Drummond de Andrade, Franklin de Oliveira, Walmyr Ayala, Haroldo de Campos e, além de outros, da própria organizadora desse volume, Prof. Sônia Brayner que, com bastante argúria, procede a uma análise do poema "Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá".

X-X-X-X-X

"Via Sacra de Jesus Hoje", de José Paulo Moreira da Fonsêca - José Paulo Moreira da Fonsêca, além de pintor, é um dos mais representativos poetas da geração que se convencionou chamar de 45. E a essas duas atividades, ele ainda soma a de teatrólogo, conforme podemos verificar na peça "Via Sacra de Jesus Hoje", montada na Sexta-Feira Santa de 1980, no Rio de Janeiro, e que agora a "Civilização Brasileira" a edita com capa de Douné.

Observe-se, contudo, que "Via Sacra de Jesus Hoje" não se desloca a um tempo pretérito, mas antes afixa-se no presente, a cada vez que o utiliza como uma espécie de pano de fundo às Quinze Estações que compõem essa peça visceralmente compromissada com "o confuso mosaico final deste século XX".

X-X-X-X-X

"Colarinho de Padre", de Jonas Neves Rezende - O título desse livro se reveste de uma conotação essencialmente metonímica. Ou seja, o colarinho "confunde-se com a carne, com o corpo e o Organismo (a Igreja) e, naturalmente, com a liberação (ou salvação) desse corpo", além de ser uma espécie de símbolo da opressão, do jugo, do impedimento da ação (...). Ou, como diz Ariel Marques, "entre o corpo e a cabeça, o Organismo e seus líderes, o colarinho, estrategicamente situado, controla tudo que vem do coração para o cérebro e vice-versa. Ele é o filtro moderador, símbolo do conservadorismo e do jugo das instituições".

X-X-X-X-X

"Sombras de Reis Barbudos", de José J. Veiga - Já na sua 7ª edição, este livro de José J. Veiga representa um marco na ficção nacional. Na verdade, o tom alegórico da narrativa desse Autor serviu - e serve ainda - para denunciar as mazelas de uma realidade mesquinha e caricatural que, mesmo detectada a nível do maravilhoso ou do fantástico, se mantém em toda a sua inteireza nesse excelente "Sombras de Reis Barbudos".

Em suma, "Sombra de Reis Barbudos" implica uma tentativa de apreensão de um mundo fragmentado, de um mundo cujos valores foram subvertidos por conta de uma realidade que o homem não consegue apreender a cada vez que ela lhe nega o corpo.

LANÇAMENTOS DA RECORD

Lincha Tarado, de Dalton Trevisan - Com "Lincha Tarado", um dos mais recentes lançamentos da Record, o contista paranaense Dalton Trevisan volta a esmiuçar o universo degradado dos incriados de Deus com o mesmo tom ora pungente ora corrosivo dos seus livros anteriores. Ainda: a forma elíptica que pouco a pouco ele instaura nos seus textos vem de confirmar uma das promessas que o Autor fizera ainda no início de sua carreira: "Há o preconceito de que depois do conto você deve escrever novela e afinal romance. Meu caminho será do conto para o soneto e deste para o haicai".

X-X-X-X-X

Narrativas, de Herman Hesse - Publicados em jornais e revistas, apenas recentemente as narrativas breves de Herman Hesse foram reunidas e editadas na Europa. No Brasil, são apresentadas pela Record em 2 livros: "Vivências", recentemente publicado, e este volume: "Narrativas".

Estes escritos testemunham o interesse de Hesse pelas várias facetas da vida, tais como a infância, adolescência, amores, tragédias de guerra e outros aspectos que formam a existência humana.



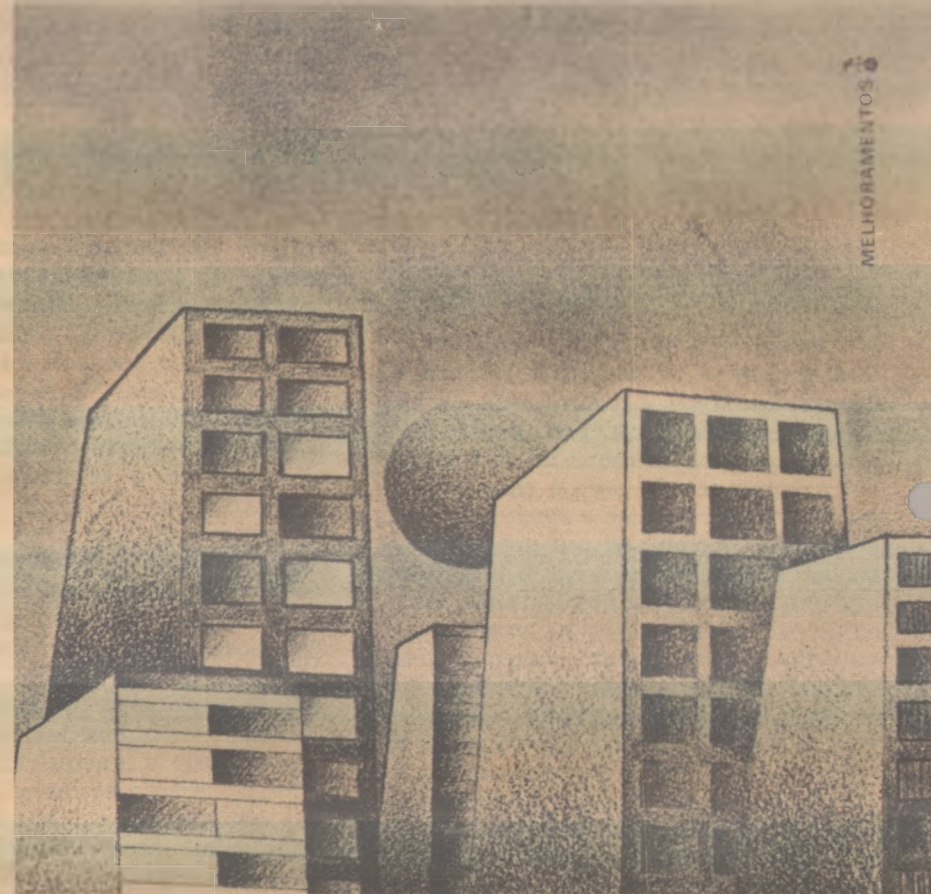
Teatróloga Lourdes Ramalho



STELLA CARR

AFUGANCHOS

Ilustrações de
ELIANA B. BRANDÃO



A história abrange um período de 25 anos e é contada através de monólogos interiores de três personagens: um velho coronel, sua filha Isabel e um menino. Mas a personagem central, o tipo mais forte e marcante, é o cadáver estendido numa sala e que se transforma no núcleo dessa narrativa.

X-X-X-X-X

Atos de Amor de Elia Kazan. Mais conhecido como diretor de cinema e teatro do que como escritor (dirigiu na Broadway *Uma Rua Chamada Pecado*, *A Morte de Um Caiçeiro Viajante* e *Gata Em Teto de Zinco Quente* e recebeu o Oscar como melhor diretor nos filmes *O Sol É Para Todos* e *Sindicato de Ladrões*) Elia Kazan é sem qualquer dúvida, um brilhante romancista. Aos 71 anos, escritor desde os 54, talvez o seu sucesso seja o de considerar-se ainda, com humildade, um principiante na literatura.

Em *Atos de Amor* ele conta uma história de amor que nunca foi contada, apresenta uma heroína que nunca foi apresentada, um moderno e original e não o papel carbono de centenas de heroínas que todos estão fartos de conhecer.

Ethel é uma mulher que, sexualmente, se comporta como um homem. Passa de um amante para outro sem sentimento de culpa, até pelo contrário, consegue sair dessas experiências com certo engrandecimento pessoal e compreensão. Evidentemente seu comportamento choca-se com os valores morais e padrões culturais da sociedade contemporânea. Mas Ethel é autêntica e as milhares de mu-



X-X-X-X-X

O Enterro do Diabo, de Gabriel Garcia Márquez - Com capa de Darell e ilustrações de Carybé, a Record acaba de mandar para as livrarias a quarta edição deste excelente "O Enterro do Diabo", o primeiro livro de Gabriel Garcia Márquez cuja tradução (também excelente) é de Joel Silveira.

A trama desse romance se desenvolve em Macondo, nome que o Autor dá a Arataca, pequena localidade da Colômbia onde nasceu.

nteres que lerão o livro dirão - ainda que apenas para si mesmas - sim, é assim que eu sou, secretamente talvez, talvez apenas em meus desejos e sonhos, mas no íntimo é assim que eu sou.

“Diário de Uma Gueixa”, de Ken Noyle - Michael Cameron é um roteirista cinematográfico americano de 38 anos, que volta ao Japão, depois da guerra, para escrever um livro. Lá se encontra com um velho amigo, Ando Toshiro, professor de História na Universidade de Kyoto, que alugara especialmente para Michael uma casa onde há 157 anos tinha vivido Minori, uma gueixa que deixara um manuscrito hoje em poder de Ando.

Para se ambientar com a vida japonesa a fim de escrever seu livro, Michael conhece antigas e modernas casas de gueixas, a exótica sala de massagem, os “bares de encontros”, num dos quais tem um envolvimento com uma japonesa extremamente sensual, mas quando o professor de História lhe entrega a tradução do manuscrito, *Diário de Uma Gueixa*, Michael passa a receber misteriosamente visitas de uma jovem belíssima, sempre vestida de gueixa, que diz ser a própria Minori.

Sem saber como resolver o mistério dessas visitas, Michael tem a sua vida enleada com outros grandes problemas: a ida ao Japão de sua mulher Ruth, de quem se está divorciando, e se vê implicado em um suicídio e um assassinato... A tradução deste livro é de Haydée Cypriano.

LANÇAMENTOS
DA MELHORAMENTOS

“Afuganchos”, de Stella Carr - Com “Caderno de Capazul”, lançado no início da década de 70, Stella Carr já se revelava uma escritora plenamente identificada com o público infantil.

“Afuganchos”, recentemente lançado pela *Melhoramentos*, apenas vem de confirmar a existência de uma Autora cujos textos estão a exigir uma participação efetiva do público infantil, o que implica dizer que - ao invés de ciceroneá-lo - Stella Carr acredita na capacidade lúdica da criança. Dir-se-ia, então, que a Autora se deixa conduzir pela criança na medida em que se adentra num território cuja ilogicidade (?) serve de suporte à tessitura de um universo essencialmente imagístico.

De Stella Carr, a *Melhoramentos* também editou “Pedrinho Esqueleto”.

x-x-x-x-x-x-x

“Como Viver Só”, de Regina Helena - Com este livro, Regina Helena não pretenuer cantar lóas e tampouco reverenciar a solidão. Não se trata, também, de um livro mágico disposto a solucionar os problemas de todos quantos vivem imersos na solidão coletiva dos grandes centros urbanos ou dos reduzidíssimos quartos deste país. De princípio, Regina

Helena se propôs a distinguir o *viver só* do *viver em solidão*, o que não implica na mesma coisa. E ao mesmo tempo a que procede a essa distinção, a Autora se propõe a ajudar a muita gente “a racionalizar seu tempo, conciliando os trabalhos domésticos com os compromissos profissionais”.

x-x-x-x-x-x-x

OUTROS LANÇAMENTOS

Da DIFEL (Difusão Editorial Ltda.) - “A Quarta República” (1945-1964), de Edgard Carone - Este livro de Edgard Carone alcança um dos períodos mais importantes e conturbados da história do sistema republicano no Brasil, justamente o que se inicia com a metade do Estado Novo e se conclui com a deposição de João Goulart em 1964.

Sendo, essencialmente, um livro de documentação referente aos principais eventos do período acima discriminado, “A Quarta República” é base indispensável para uma perfeita compreensão de minuciosa e judiciosa interpretação a ser desenvolvida em volume posterior e já em fase de elaboração a ser lançado por esta mesma editora.

x-x-x-x-x-x-x

Da GLOBAL Editora - “Carta para Mãe do Tempo”, de Ibiapaba Martins - Para o crí-

tico Nelson Werneck Sodré, (...) depois da extraordinária safra dos documentários nordestinos que marcaram posição nas letras nacionais, nada apareceu na ficção brasileira que merecesse mais atenção do que a série de romances com que Ibiapaba Martins vem procedendo ao levantamento de uma época - a nossa época”.

“Carta para Mãe do Tempo” trata da segunda deposição de Vargas, personagem central de uma intriga que, paradoxalmente, sequer menciona o seu nome. No entanto, a presença de Vargas é sempre constante no fluxo de uma narrativa aparentemente simples mas que procede a um levantamento coerente e coeso - sem perder os seus ingredientes ficcionais - da realidade em que vivemos.

x-x-x-x-x-x-x

“Teatro Nordeste (Cinco Textos para Montar ou Simplesmente Ler)”, de Maria de Lourdes Ramalho, Edição Particular - Neste volume, Lourdes Ramalho reúne cinco de suas peças mais representativas: “A Feira”, “As Velhas”, “Festa do Rosário”, “O Psicanalista” e “Fogo Fátuo”.

Lourdes Ramalho publicou, no início da década de 70, o livro “Flor de Cactus” (poemas), para depois dar lume a uma obra de significativa importância na teatrolgia nordestina. O prefácio deste livro é do Professor Hermano José.

INÉDITOS

Magno Meira, pessoense, é o novo poeta que surge nesta seção. Advogado, chefe de relações industriais de uma companhia que lida com argila e minério, ele encontrou tempo para escrever versos para depois engavetá-los. Agora, “tomou a liberdade” de enviar ao CORREIO DAS ARTES alguns dos seus trabalhos. Se diz um ex-tímido que agora resolveu expor seus sentimentos aprisionados em palavras. Inéditos abre o espaço para a sua poesia inicial, insegura. Os versos de Magno pecam pela imaturidade, são superficiais, mas revelam uma dúvida criativa. Magno Meira se revelou poeta quando assim se sentiu. Negou essa condição quando escondeu seus versos de uma apreciação além daquela passional dos íntimos.

Correspondência para esta coluna deve ser enviada para Travessa das Trincheiras - 40, Centro. João Pessoa - 58.000 - Paraíba.

POEMAS DE MAGNO MEIRA

BAHIA

Salvador
amor
manhã, Itapuã
tobogã
Farol, o sol
o mar, amar
Bahia, havia
calor.
Andante, passante
errante
andei, olhei
gostei
mercado, mercado
estou
partí, saí
chorei.

AUTO

RETRATO

Carnes pretas
negras
sobre ossos
brancos
de um corpo magro
agro
olhos tristes
que espelham
uma alma
cheia de apatia
e uma barriga
vazia.

FOME

Um prato raso
vazio
o melho olhar
de fome
os meus dentes
mastigam
a minha língua
com gosto de sangue
amargo
medo de morrer
a minha.

O ARTESANATO DE TRACUNHAÉM

WALDEMAR DUARTE

“Na arte, como na religião, existem heresias” - Julian Gyarre.

“Panela de formigas” é a significação a que os terráqueos de Tracunhaém emprestam ao seu município. Não conhecemos a origem da denominação, possivelmente indígena. Sente-se, no entanto, embora ignorando o topônimo, a sua razão de ser. Nada mais parecido com uma “panela de formigas” do que Tracunhaém. Pressupõe-se que conservou as origens em seu *modus vivendi*. A pequena “urbs”, com altos-e-baixos, com sua população quase total em busca de barro e modelação de cerâmica, dá a impressão mesmo de uma panela de formigas. Essa semelhança é alentadora, no sentido de preservação de suas origens, no que possui de mais autêntico - seu artesanato. Tracunhaém é hoje conhecida e divulgada em todo o Brasil, graças à novela *Coração Alado*, como o *pueblo* de Juca Pitanga, seu principal personagem. - distante cerca de 120 quilômetros desta capital, oferece motivação aos aficionados da cerâmica, além da paisagem luxuriante da zona da mata e dos canaviais pernambucanos. É uma cidade conservadora, com várias igrejas barrocas - de N. S. do Rosário, de 1857 e de Santo Antonio, de 1927. Certamente para preservar a tradição e estimular as vocações artísticas, o Governo mantém um estabelecimento de ensino específico, para crianças com tendências ao artesanato da cerâmica. Nesse estabelecimento adquire-se peças de arte mais em conta, no intuito mesmo de provocar o apoio público aos “novos” artistas do barro e da palheta. Já que falamos em Juca Pitanga, procuramos ouvir da população se, realmente, existia Juca Pitanga em Tracunhaém, onde foi iniciada a filmagem de *Coração Alado*. Os seus habitantes orgulham-se do fato, mas desconhecem a existência do personagem. Constatamos, finalmente, que o famoso ceramista Tiago expôs suas peças de arte no Rio e em São Paulo. Seus trabalhos, muito procurados, são sofisticados e caros. Veri-

ficamos, em seu sobrado barroco, uma escultura “absurda”, sem qualquer significado humano, com o preço tabelado de trinta mil cruzeiros. Somente assim, sem ajuda de quem quer que seja, identificamos o Juca Pitanga de Coração Alado. Sente-se, em Tracunhaém, que a vida da população gira em torno de seu artesanato. Além do paupérrimo mercado e da padaria, não se encontra qualquer estabelecimento comercial, senão de ceramistas. A cidade está sempre repleta de turistas de Pernambuco e de outros estados, em busca das novidades e do preço mais convidativo oferecido pelos seus artesãos. Os que vão pela primeira vez àquele logradouro, certamente não compram do melhor e nem do menor preço, porque procuram os artesãos estabelecidos comercialmente, muitos deles torreado a sua própria mercadoria. A Prefeitura local mantém 12 garotos *cicerones*, fardados, para guiarem os turistas de primeira mão. Já na segunda viagem, o visitante começa a descobrir as “painelas” particulares em residências. A cerâmica, em suas mais remotas origens, era de cunho utilitário, conforme se verifica nos relatórios arqueológicos e nos tratados de artes antigas. Pelo cunho utilitário da cerâmica é que os estudiosos das antigas civilizações julgam os seus estágios e identificam usos e costumes, além de outras facetas inerentes aos arqueólogos, aos historiadores e aos “experts” em artes. Com exceção da cerâmica doméstica (jarras, painelas, pratos, alguidares etc) para utilidade das populações pobres, a cerâmica hodierna é tida como escultura ornamental para deleite, até certo ponto, da sociedade VIP. É certo que, em virtude dessa preferência, o artesanato comercializou-se, modelando peças para o público consumidor, perdendo aquele élan original de sua destinação. Tanto é assim que em Tracunhaém temos uma cerâmica apocalíptica, com esculturas absurdas (à Juca Pitanga), duendes, monstros, seres disformes e inco-

muns, representada pelo artesanato de Tiago (artesão rico) que traiu a origem dos seus antepassados. Em compensação, vamos encontrar o artesanato indígena (doméstico) sem aquelas sofisticções, composto de figuras de jarros, ânforas, porquinhos, santos, cinzeiros, sapos, trabalhador do campo (canavieiro), pedintes, bois, carreiros, bodes e vários tipos de animais, representado por Tibúrcio, América de Tracunhaém, Jair, Zezinho, Maria, Domingos, Carminha, Antonio, Judith e outros artesãos mais humildes. A arte reflete sempre o estado d'alma do artista e os problemas sócio-econômicos existentes. O que vemos nas tendências dos ceramistas de Tracunhaém é a humildade, a acomodação e enorme simplicidade, uma *quase-parada* no tempo, sem anseio de futuro e de progressos... Essa, a arte dos simples, dos humildes, arte personalista, arte indígena, doméstica. Já a arte comercializada e a arte dirigida dos salões, esta é uma arte diferente. Sua tendência é para o absurdo, o inusitado, arte progressista, embora manietada pelos problemas sociais, refletida nas formas gigantescas, intraduzíveis, num crescendo de anseios presos às adequações para aceitação irreverente do grande consumidor. Não há, assim, uma arte que se possa chamar de autônoma, no sentido estilístico, por ser profissão inerente ao ganha-pão dos habitantes de Tracunhaém, modelada às pressas para retribuição imediata. Para quem conhece a cerâmica de Mafra, nos arredores de Lisboa, a cerâmica grega, notadamente a cerâmica utilitária da ilha de Creta, sente-se, até certo ponto, compensado do artesanato *chão*, mirim e telúrico de Tracunhaém talvez - quem sabe - pela preservação de suas origens pelos oleiros nativos, domésticos, sem a sofisticação dos artistas consagrados, que expõem as suas monstruosidades nos salões dos falsos críticos de artes e dos consumidores ignorantes e donos (monetariamente) das vocações artísticas.

MÚSICA

• Walter Galvão

CÁTIA, CARONA, CARINHO E BANZO

O novo disco de Cátia de França não é Novo. Descartada, então, a discussão sobre ele? Não. O disco existe, ocupa um espaço determinado na MPB, é mais um bloco de vinilite impregnado de sentimentos, esperanças, depoimento de uma criadora que busca identificar as tristezas maiores da nossa passagem pelo Tempo e tem a pretensão de mudar alguma coisa na cabeça de quem escutar o seu apelo.

Ouví pelas esquinas: "esse disco é melhor que o anterior, a produção tá mais cuidada"... *Estilhaços*, concordo, representa a evolução técnica da cantora e compositora Cátia de França, batalhadora, consciente das suas possibilidades. O problema, a questão da técnica existiu em 20 *Palavras Girando ao Redor do Sol*, o que foi superado no disco atual sem que a gente possa dizer que a gravadora teve um cuidado especial. A mixagem é ruim.

Agora, outro lance: Cátia a compositora. Ela está madura. O seu trabalho musical deixou a fase de embrião há bastante tempo e mesmo quando ela se lançou, nacionalmente, com o seu primeiro LP, aquele foi o pique da sua música. Esse novo disco é como aquele. Tem momentos bons e outros ruins e mostra uma cantora mais segura.

Retomando uma idéia: falei que o novo disco não era novo. Júlio Medaglia, recentemente, publicou um longo artigo no qual se lançou no tortuoso caminho de identificar as mazelas e quizumbas da MPB. Qual metralhadora giratória atacou a todos que se encontram "acomodados" neste país, cobrou posições, indicou relaxamentos e burrices sacralizadas.

Conseguiu meter uma colher de fel no pudim conformista de muitos que se acreditavam senhores da situação e com uma contribuição definitiva à cultura nacional com os seus discos bem arranjados. No Brasil da abertura, no entanto, parece que ninguém gosta mais de discutir. Não se falou nada sobre o artigo de Medaglia que é um diagnóstico honesto do embotamento criativo que a sociedade brasileira enfrenta e compositores como Cátia de França, Oswaldo Montenegro, Zé Ramalho, Joana, Raimundo Sodré, Eduardo Dusek, Raul Seixas e todo um bloco que tem seus discos distribuídos de Norte a Sul, acreditam ser a nova palavra, a expressão do moderno, quando representam um exercício



Cátia: disco com arranjos ruins

sentimental do capitalismo que tem seus momentos de desprendimento permitindo que eles gravem para que possam dar uma graninha a mais para a multinacional que vai aprisionar a sonoridade esperançosa de todos.

Estilhaços é um dos produtos desse momento e nós não podemos deixar de falar sobre o disco que já toca nas rádios de todo o país e toca a faixa que eu acho pior: *Ponta dos Seixas*. Nessa música, Cátia joga prá fora um pouquinho do Banzo que lhe machuca os dedos em certas noites cariocas. É uma letra desprezível, como é o disco, mas o arranjo que o sr. Paulo Machado concebeu é ruim paca. Lembra o Wando de *Lamento de Um Capoeira*, entre outros tantos sambas -jóia gravados por esse mundo afora. O cara teve o desplante de sapear um pistão com surdina.

Mas há momentos bonitos que revelam Cátia comprometida com a liberdade, com o abandono do supérfluo, com a sua escalada individual para que alcance um bom nível como instrumento transformador das coisas. Isso se revela sempre no disco quando ela está mais solta, leve, sem as plumas de segunda que o arranjador joga por cima da simplicidade das suas composições.

Panorama é um desses momentos: baião gostoso, muito carinho, ironia a gosto, desenvoltura mesmo dentro de uma linha melódica sacrificada pela repetição, pela pequena investigação que Cátia sempre faz para conceber o trabalho definitivo.

Meu Boi Surubim é outra transa de amor impregnada pela carona que Cátia toma em Guimarães Rosa. É Nordeste, é sertão de qualquer lugar, são dúvidas de tempos de miséria, paixão e fé. A carona é válida? Aqui, uma questão pessoal: não acho. Destaque para Clementina de Jesus, perfeita em qualquer estrutura.

Cátia de França dá o que tem. Só que lhe deram muito pouco e por isso ela luta titanicamente para superar limitações - vencer impasses formais e, tenho certeza, prosseguirá no duelo. Cátia não tentou, de forma alguma, alterar sua linguagem integrando qualquer modismo. Ela é muito paraibana, assume sua formação provinciana sem tentar folclorizar sua emoção Nordestina. Cátia é autêntica. Há quem acuse, sob o calor de João Pessoa, que o seu disco é medíocre. Ele é apenas comum como esse artigo que escrevo. O registro de uma emoção. *Uma poesia e não aquela poesia.*

PENTAGRAMA

14-BIS

O 14-Bis é passarinho novo. Ainda voa baixo. A Odeon resolveu que valia a pena um segundo disco do grupo que faz muito sucesso entre as gatinhas mas que tilinta pouco nas caixas registradoras. Agora, novo trabalho e uma possibilidade.

O pessoal se mostra mais entrosado, com menos cacótes. Não empunha a guitarra como se ela fosse uma lata de doce com uma borracha. O 14-Bis gravou *Bola de Meia*, *Bola de Gude*, de Milton Nascimento e Fernando Brandt, o melhor momento do disco. Há também *Caçador de Mim*, de Sérgio Magrão e Sá. Bonita composição. Acontece que o conjunto ainda não se libertou dos maneios do Terço, aquele som tipo xarope pra tosse, meio morno. Há outro lance: eles lembram os Pholas de *My Mistake*.

MILTON NASCIMENTO

Sentinela na rua, sem Diógenes por trás, transa amorosa de Milton Nascimento. Ainda há pouco a dizer sobre esse novo disco. Muita emoção, misticismo, passeios de barco em crateras de uma terra muito pessoal do criador. Grandes caprichos, muito talento, beleza, uma panaceia curativa.

Sobre esse disco ou se fala muito ou se queda bestificado. Ainda estou ouvindo.

PEDRO OSMAR

Nesta quarta-feira, Pedro Osmar e Paulo Ro, às 20 horas no Teatro Santa Rosa. "Dança Nativa" é o nome do "show" que a dupla vai apresentar. Eles representam a força da música paraibana de agora. Pedro Osmar é o que tenta. Sempre buscando alguma coisa nova. Vamos ver qual o coelho que vai sair da sua moita dessa vez.

CLARA NUNES

O novo disco de Clara Nunes está muito bom. Paulo César Pinheiro, João Nogueira, Sivuca, Chico Buarque, entre outros criadores, garantem a qualidade do trabalho de uma intérprete que vem aumentando o seu prestígio na MPB.

TAPECAR

O selo Tapeçar foi substituído agora, e *Aycha* que chega no mercado com banca de nova gravadora. Tapeçar será, a partir de agora, só nome da fábrica. Os últimos lançamentos do artigo selo serão, talvez ainda este mês, César Costa Filho e Denise Emmer, filha de Dias Gomes e Janete Clair. Ela adora cantar em francês. Ela pode saber francês...

POLÍCIA

A proibição da Música *O Mal é o que Sai da Boca do Homem*, se vingar, será mais um mosaico da sala "dura" que o regime brasileiro quer encerrar os ideais de liberdade de todo mundo. Um padre já foi expulso e agora querem censurar Baby Consuelo e Pepeu. A abertura tá mais fechada do que muita gente pensa.

PIXINGUINHA

O Projeto Pixinguinha continua em Campina Grande. Nesta semana que passou tivemos o Luiz Melodia. Makalé, quando esteve em Campina, também no Pixinguinha, anunciou que vai gravar, em selo independente, um novo disco. E com Naná Vasconcelos. Vem coisa boa por aí.

WARNER

A Warner já distribuiu o novo disco de Naná Vasconcelos, em selo ECM, *Saudades*. Um trabalho incrível desse gênio da percussão que é o Naná. Participação de Egberto Gismonti, orquestra e mil instrumentos que compõem um grande trabalho.



Ró: "show" na quarta-feira